



# *Santa Teresa de Jesus*



Livro da Vida

Santa Teresa de Jesus

# LIVRO DA VIDA





# ÍNDICE

Capa

Rosto

Apresentação

Vida da Santa Madre Teresa de Jesus

JESUS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

1º GRAU DA ORAÇÃO

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

2º GRAU DA ORAÇÃO

Capítulo 14

Capítulo 15

3º GRAU DA ORAÇÃO

Capítulo 16

Capítulo 17

4º GRAU DA ORAÇÃO

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Carta de Teresa

Coleção

Ficha Catalográfica

Notas

## **Apresentação**

*Para facilitar a leitura e compreensão da autobiografia de nossa santa madre Teresa de Jesus, dividimos o livro em cinco partes, correspondentes aos diversos períodos ou assuntos tratados.*

*A 1ª parte refere-se à família e aos primeiros anos de vida religiosa da santa.*

*Na 2ª parte, ela descreve quatro graus de oração, relatando suas experiências místicas.*

*A 3ª parte continua o relatório, e assim passa à 4ª parte, contando a fundação do Convento de São José de Ávila.*

*Na 5ª parte, faz considerações sobre a vida de oração, descrevendo algumas visões e revelações.*

*Em tudo, sua finalidade é esclarecer as profundezas da vida íntima de união com Deus, a que pode chegar uma alma favorecida pela graça, na participação da vida trinitária da Majestade divina, revelando-se como Pai Filho e Espírito Santo. Essas graças inefáveis são concedidas em vista de um valor ou uma obra sempre em benefício da Igreja. Quem não recebe tais favores extraordinários participa da felicidade íntima de viver o mistério da Igreja, rejubilando-se na humildade de uma vida escondida, com Cristo, em Deus. É este um esboço ou resumo da autobiografia de nossa santa madre Teresa de Jesus.*

Carmelitas de Santa Teresa  
Rio de Janeiro  
16 de julho de 1982

Festa de nossa Mãe Santíssima do Carmo, no IV centenário da morte de nossa santa madre Teresa de Jesus.

## Vida da Santa Madre Teresa de Jesus

E algumas das graças que Deus lhe fez, escritas por ela mesma a mando de seu confessor <sup>[1]</sup>, a quem se dirige, dizendo:

IHS

1. Assim como me mandaram escrever, com plena liberdade, o meu modo de oração e as graças que o Senhor me tem feito, quisera eu também me houvessem permitido dizer, detalhadamente e com clareza, meus pecados e minha vida ruim. Dar-me-ia grande consolação. Não permitiram, antes, muito me tolheram neste ponto.

Por isso, a quem ler esta narração de minha vida, peço por amor do Senhor, que tenha diante dos olhos o quanto fui ruim, a ponto de nunca ter achado santo, dos que se converteram a Deus, com o qual me consolar. Vejo, depois de chamados pelo Senhor, que não tornavam a ofendê-lo. Eu, pelo contrário, piorava cada vez mais. Parecia estudar o modo de resistir às graças de Sua Majestade, como que temendo sentir-me obrigada a servi-lo com maior perfeição. Tinha consciência de ser incapaz de pagar o mínimo do quanto já lhe devia<sup>[2]</sup>.

2. Seja bendito para sempre aquele que tanto tempo me esperou! Suplico-lhe dar-me graça para, com toda a clareza e verdade, redigir esta relação que meus confessores me mandaram fazer. O próprio Senhor também o deseja, bem o sei, pois há muito tempo deu-o a entender, contudo, não me atrevia a fazê-lo. Seja este escrito para sua glória e louvor, e para que futuramente meus confessores, conhecendo-me melhor, ajudem minha fraqueza, e eu de algum modo possa retribuir ao Senhor ao menos um pouco do muito que lhe devo. Para sempre o louvem todas as criaturas. Amém.



*Arceade/ps.*





I PARTE

JESUS

# CAPÍTULO 1

**O Senhor começou a despertar esta alma para a virtude em sua infância. Quanto ajuda serem os pais virtuosos**

1. O fato de ter pais virtuosos e tementes a Deus, e de ser tão favorecida pelo Senhor, bastar-me-ia para ser boa, se não fora tão ruim.

Meu pai era afeiçoado a ler bons livros, e assim os tinha em castelhano, para que seus filhos os lessem. Minha mãe tinha o cuidado de nos fazer rezar e de nos ensinar a ser devotos de nossa Senhora e de alguns santos. Começou a despertar-me à piedade na idade de seis ou sete anos. Fazia-me bem ver que meus pais estimavam a virtude. Tinham muitas.

Meu pai<sup>[1]</sup> era homem de muita caridade com os pobres, piedade com os enfermos e bondade com os empregados, tanto assim que jamais se pôde conseguir dele que tivesse escravos, porque lhes tinha grande compaixão. Certa vez, tendo em casa a escrava de um de seus irmãos, tratava-a como filha. Dizia causar-lhe grande dor só de pensar que não era livre. Era homem de grande retidão. Jamais o ouviram jurar ou murmurar. Era honesto em extremo.

2. Minha mãe, que também tinha muitas virtudes, era de grande honestidade; passou a vida com frequentes enfermidades. Era muito formosa, contudo, nunca deu a perceber que fazia caso disso. Morreu aos trinta e três anos, e já se trajava como pessoa idosa. Era de trato muito ameno e bastante, inteligente. Foram grandes os seus sofrimentos durante a vida. Morreu mui cristãmente.

3. Éramos três irmãs e nove irmãos. Pela bondade de Deus, todos se assemelhavam a seus pais em virtude, exceto eu. No entanto, fui a mais querida de meu pai e não era isto sem alguma razão. Lastimo quando relembro as boas inclinações que o Senhor me tinha dado e quão mal soube aproveitá-las, quando comecei a ofender a Deus.

4. Meus irmãos em nada me impediam de servir a Deus. A todos tinha grande amor e eles a mim. Um deles quase de minha idade<sup>[2]</sup> era o meu predileto. Ficávamos juntos a ler vidas de santos. Vendo os martírios que as santas sofriam por amor a Deus, parecia-me que compravam muito barato a sorte de gozarem de Deus. Desejava morrer assim, não tanto por amor, ao que entendo, mas para desfrutar depressa dos imensos bens que os livros diziam haver no céu.

Unia-me com meu irmão para tratarmos dos meios de o conseguir. Planejávamos ir à terra dos mouros, esmolando por amor de Deus, para que lá nos cortassem a cabeça. Creio que o Senhor nos dava ânimo, em tão tenra idade, para o executar se houvesse algum meio. O que mais nos embaraçava era o fato de viverem ainda nossos pais<sup>[3]</sup>.

Impressionava-nos em extremo ler que as recompensas e as penas na outra vida hão de ser para sempre. Acontecia-nos ficar longas horas tratando disto, e gostávamos de

dizer muitas vezes: “Para sempre! Para sempre! Sempre!” Aprouve ao Senhor que nesses tenros anos, pronunciando demoradamente estas palavras, o caminho da verdade me ficasse gravado na alma.

5. Vendo que era impossível ir aonde nos matassem por Deus, decidimos tornar-nos eremitas. Numa horta, que havia em casa, procurávamos como podíamos, fazer ermidas, amontoando pedrinhas que logo desmoronavam. E, assim, não encontrávamos o modo de realizar nosso desejo. Faz-me agora devoção pensar como o Senhor me dava tão cedo o que perdi por minha culpa.

6. Dava esmolas como podia, mas era pouca a possibilidade. Procurava solidão para rezar minhas devoções, que eram bastantes, especialmente o rosário, do qual minha mãe era muito devota, e nos inculcia a mesma devoção.

Quando brincava com outras meninas, divertíamos-nos inventando mosteiros, como se fôssemos monjas. Penso que desejava sê-lo, embora não tanto quanto ser mártir e outras coisas sobreditas.

7. Quando minha mãe morreu, eu tinha doze anos de idade<sup>[4]</sup> ou pouco menos. Ao compreender o que havia perdido, corri aflita a uma imagem de nossa Senhora e supliquei-lhe com muitas lágrimas que me servisse de mãe. Creio que essa prece, feita com simplicidade, me tem valido, pois sempre encontrei essa Virgem soberana cada vez que a invoquei e finalmente converteu-me a si.

8. Aflige-me agora ver e pensar qual a causa de não ter perseverado inteiramente nos bons desejos com os quais comecei. Ó Senhor meu! Ao que parece, tendes determinado que me salve — praza a vossa Majestade assim suceda! Queríeis fazer-me tantos favores, como me tendes feito; por que motivo permitistes que se sujasse tanto a pousada onde com tanta frequência havíeis de habitar? Não o digo em proveito meu, mas em reverência a vós.

Aflige-me, Senhor, dizer isto. Sei que toda a culpa foi minha. Vejo que nada poupastes para que, desde essa idade, eu fosse toda vossa. Queixar-me de meus pais, também não posso, porque neles só via grande virtude e preocupação com o meu bem.

Entretanto, crescendo em idade comecei a entender as graças naturais que o Senhor me havia dado. Diziam que eram muitas; ao invés de ser grata, usei-as todas para o ofender, como agora direi.

## CAPÍTULO 2

**Pouco a pouco foi perdendo o fervor. Quanto importa na infância manter relações com pessoas virtuosas**

1. Creio ter sido o começo de muito prejuízo para mim, o que agora vou dizer. Considero algumas vezes o mal que os pais fazem em não procurar que seus filhos sempre vejam exemplos de virtude. Chegando ao uso da razão e apesar de ter mãe tão virtuosa, pouco ou quase nada aproveitei de suas boas qualidades. O que havia de imperfeição muito me prejudicou.

Ela era afeiçoada a livros de cavalaria, e não usava tão mal desse passatempo como eu, pois não se descuidava de seus deveres. Dava-nos liberdade para os ler. Talvez assim fizesse para distrair-se dos seus grandes sofrimentos e manter os filhos ocupados, para que não andassem perdidos em outras coisas. Isto contrariava tanto meu pai, que era preciso usar de ardis para que não visse.

Comecei a tomar o costume de ler esses livros. Aquele pequeno defeito que nela percebia foi esfriando minhas aspirações e fazendo-me descuidar do restante. Não me parecia mal fazer assim. Gastava horas do dia e da noite em ocupação tão fútil, às escondidas de meu pai. Ficava a tal ponto absorvida, que se não tivesse um livro novo, não encontrava prazer em coisa alguma.

2. Comecei a vestir-me com elegância, a querer agradar e parecer bonita. Cuidava muito das mãos, dos cabelos, de perfumes e de todas as vaidades, que não eram poucas, por ser eu muito exigente nos meus gostos. Não tinha má intenção, pois não quisera que alguém ofendesse a Deus por minha causa. Durou-me muitos anos essa preocupação de demasiado alinho, juntamente com outras coisas que não me pareciam pecado. Agora vejo quão mau devia ser.

Alguns primos-irmãos frequentavam a nossa casa. Outros rapazes não tinham acolhida, pois meu pai era muito recatado, e prouvera a Deus o fosse também com esses primos. Eram quase da minha idade, pouco mais velhos. Andávamos sempre juntos. Tinham-me grande amor. Conversávamos sobre todas as coisas que lhes davam prazer, e eu ouvia as aventuras de suas afeições e levandades, nada boas. Na idade em que se deve começar a cultivar virtudes, vejo agora o perigo que há em tratar com pessoas que não reconhecem a vaidade do mundo e, pelo contrário, a ela nos arrastam. Pior ainda, minha alma começava a se acostumar àquilo que era causa de todo o seu mal.

3. Se me coubesse dar conselhos, diria aos pais que, tenham muito cuidado em escolher as pessoas que convivem com seus filhos nessa idade. O perigo é grande, porque as nossas inclinações naturais pendem mais para o mal do que para o bem. Assim aconteceu comigo.

Tinha uma irmã<sup>[1]</sup> mais velha do que eu, e nada aprendi de sua extrema sensatez e virtude. Aprendi todo o mal de uma parenta que muito frequentava a nossa casa. Era de modos tão levianos, que minha mãe fizera tudo para afastá-la da nossa convivência.

Parecia adivinhar o mal que me causaria. Mas havia tantas ocasiões de estar conosco, que não conseguiu impedir. Afeiçoei-me ao seu trato. Com ela conversava continuamente e me entretinha, porque me ajudava em todos os passatempos de meu agrado e ainda me atraía a eles, tomando-me também por confidente das suas conversas e vaidades.

Até esse tempo em que convivi com ela, por volta de meus quatorze anos e creio que mais (para ser amiga, digo, e ouvir suas confidências), não penso que tenha me afastado de Deus por pecado mortal, nem perdido o santo temor de ofendê-lo. Mais forte que o temor de Deus era o sentimento da honra, o que me deu forças para não a perder de todo. Coisa alguma do mundo me levaria a transigir.

Teria sido muito melhor para mim tanta fortaleza para não ir contra a honra de Deus, do que usar de tanta resistência para não fraquejar no que me parecia ser a honra do mundo, que, no entanto, eu ia perdendo por muitos outros caminhos, até sem o perceber. 4. Tinha extremos nesse vão apego à honra. Quanto aos meios para a conservar, de nenhum modo me inquietava. Só tinha grande circunspecção para não me perder de todo. Meu pai e meus irmãos sentiam muito semelhante amizade. Repreendiam-me frequentemente. Como não podiam tirar-lhe as ocasiões com que esta parenta frequentava nossa casa, seus esforços foram inúteis. Era grande minha sagacidade para o mal. Espanta-me algumas vezes o prejuízo causado pela má companhia, e, se não houvesse experimentado, não poderia crer. Especialmente no tempo da mocidade deve ser maior o mal. Quisera eu que os pais, com o meu exemplo, ficassem advertidos e observassem bem este ponto. Certo é que essa amizade de tal maneira me mudou, que, da natural inclinação à virtude que minha alma tinha, quase nada ficou. Ela e outra, que possuía o mesmo gênero de passatempos, pareciam imprimir em mim seus defeitos.

5. Por aqui entendo o grande proveito que faz a boa companhia. Tenho por certo que, se naquela idade tivesse mantido relações com pessoas virtuosas, não me teria desviado da virtude. Se desde o princípio tivesse tido quem me ensinasse a temer a Deus, minha alma teria adquirido forças para não cair. Aos poucos, perdendo esse santo temor de Deus, só me ficou o de manchar a honra. Era o que me atormentava em todas as circunstâncias. Atrevia-me a fazer muitas coisas bem contrárias à minha honra e à de Deus, julgando que ninguém descobriria coisa alguma.

6. O que ficou dito foi o que me fez mal. Mas a culpa não cabia tanto a essa prima quanto a mim. A minha própria disposição para o mal já era suficiente. As próprias empregadas de casa ajudavam-me para todas as vaidades. Se alguma me houvesse aconselhado para o bem, talvez tivesse aproveitado. Mas cegava-lhes o interesse, como a mim a afeição.

Eu não era inclinada a pecados graves, mas a passatempos de conversas agradáveis. Coisas desonestas me aborreciam, contudo, estava em perigo, exposta a ocasiões arriscadas, e era isto que preocupava meu pai e meus irmãos. De tudo me livrou Deus, e de tal maneira, que bem mostrou como procurava, mesmo contra minha vontade, que não me perdesse inteiramente. Todavia meu procedimento não ficou tão secreto, que não causasse a perda de meu bom nome e despertasse suspeitas em meu pai.

Eu andava nessas vaidades não havia nem 3 meses, quando me levaram-na um

mosteiro<sup>[2]</sup> existente no lugar, onde se educavam meninas de minha condição, embora não tão ruins quanto eu. Tudo foi feito o mais discretamente possível, a fim de não chamar atenção; além de mim, só o soube um parente. Assim sendo, aguardaram ocasião oportuna. Minha irmã havia se casado e não seria conveniente eu ficar sozinha em casa, sem mãe.

7. Era tão excessivo o amor que meu pai me tinha e tanta a minha dissimulação, que ele não podia me julgar mal e assim não perdi sua confiança. Como o tempo dessas minhas levandades foi breve, embora houvesse transpirado alguma coisa, nada se podia afirmar com certeza. De minha parte, com o grande cuidado que eu tinha da honra, fazia todas as diligências para salvaguardar o segredo, sem pensar que não podia ser oculto a quem tudo vê. Ó meu Deus, quão grande mal causa no mundo não levar em conta esta verdade, e imaginar que alguma coisa possa ficar secreta diante de vós! Tenho por certo que se evitariam muitos males se entendêssemos, que o principal não está em nos acautelar contra os homens, mas em nos precaver de descontentar a vós.

8. Nos primeiros oito dias senti muito. Foi mais pelo receio de se haver divulgado minha levandade, do que por estar no convento. Já andava cansada e não deixava de ter grande temor de Deus quando o ofendia, e logo procurava confessar-me. Vivia em desassossego, de modo que no fim de oito dias, e creio que ainda antes, estava muito mais contente do que na casa de meu pai.

Todas gostavam de mim, pois o Senhor me deu esta graça, de agradar a todos, onde quer que estivesse, e assim era muito querida. Eu sentia então grande aversão à ideia de me fazer monja. Contudo gostava de ver tão boas religiosas como eram as daquela casa, observantes, recolhidas e de grande honestidade. Ainda assim o demônio não deixava de me tentar e os de fora procuravam desassossegar-me com recados. Como, porém, não achavam entrada, depressa acabou tudo. Minha alma começou a voltar aos bons costumes de minha meninice, e vi a grande graça que Deus faz a quem se põe em companhia de almas boas. Dir-se-ia que sua Majestade andava estudando e investigando o modo de tomar-me a seu serviço. Bendito sejais, Senhor, que tanto tempo me suportastes. Amém.

9. Se eu não tivesse tantas culpas, penso que uma coisa me poderia desculpar: é que mantinha amizade e conversas que a meu ver, podiam acabar bem, resultando em casamento. Meu confessor e outras pessoas com as quais me aconselhava, diziam-me que em muitos pontos eu não ia contra Deus. Certa monja<sup>[3]</sup> dormia em nosso dormitório de educandas, e por meio dela o Senhor quis, ao que parece, começar a me dar luz, como agora direi.

## CAPÍTULO 3

**Narra como a boa companhia serviu-lhe para reavivar seus ideais e de que maneira o Senhor começou a lhe dar alguma luz sobre o engano em que tinha vivido**

1. Comecei a gostar da boa e santa conversação dessa monja. Agradava-me ouvi-la falar tão bem de Deus. Era muito discreta e santa. Em nenhum tempo, a meu ver, perdi o gosto de ouvir estas coisas. Contou-me que tinha resolvido ser monja só por ter lido as palavras do Evangelho: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos” (Mt 20,16). Falava-me do prêmio que o Senhor dá aos que deixam tudo por ele. Este bom relacionamento começou a dissipar os costumes que a má companhia havia deixado, elevava meu pensamento aos desejos das coisas eternas e diminuía um tanto a grande aversão que eu tinha de ser monja, pois era imensa. Se via alguma religiosa derramar lágrimas, quando rezava ou praticava outras virtudes, invejava muito. Meu coração era tão duro, nesse tempo, que, se lesse toda a paixão, não derramaria uma lágrima, o que me causava muita pena.

2. Estive nesse mosteiro um ano e meio, corrigindo-me bastante. Comecei a rezar muitas orações vocais e a pedir a todos que me encomendassem a Deus, para que encontrasse o caminho em que melhor o havia de servir. Desejava, no entanto, que não fosse o de monja, pois Deus não me dava este desejo, contudo, temia o casamento.

3. No fim do tempo que ali passei, já estava mais afeiçoada a ser religiosa, embora não naquela casa. Havia ali certas práticas de virtude que a mim pareciam exageradas. Algumas das mais novas me ajudavam a pensar assim. Muito me teria valido se todas tivessem o mesmo parecer.

Por outro lado tinha uma grande amiga<sup>[1]</sup> em outro mosteiro e estava resolvida a não ser monja — caso houvesse de ser — senão onde ela estivesse. Deixava-me levar mais pelo que agradava à minha sensibilidade e vaidade do que pelo bem e interesse de minha alma. Vinham-me algumas vezes esses bons pensamentos de consagrar-me a Deus, mas logo passavam e eu não conseguia persuadir-me nem decidir-me.

4. Nesse tempo, apesar de andar descuidada de minha salvação, o Senhor andava mais zeloso, dispondo-me para a vocação que melhor me convinha. Deu-me uma grande enfermidade que me obrigou a voltar para a companhia de meu pai. Quando me restabeleci, levaram-me para casa de minha irmã, que residia numa aldeia, a fim de visitá-la. Era extremo o amor que me tinha, e por sua vontade eu nunca sairia de junto dela. Seu marido também gostava muito de mim, ao menos demonstrava grande afeição. Ter sido benquista, por toda parte onde andei, é uma das grandes graças que devo ao Senhor, e eu lhe correspondia sendo o que sou.

5. No trajeto situava-se a casa de um irmão de meu pai<sup>[2]</sup>. Era ele muito experiente, de grandes virtudes, viúvo, e o Senhor também andava preparando-o para si. Em idade avançada veio a deixar tudo que tinha, fez-se religioso e morreu tão santamente que deve



estar gozando de Deus.

Ele quis que me detivesse com ele alguns dias. Sua ocupação ordinária era ler bons livros em castelhano, e sua conversa era quase sempre sobre Deus e a vaidade do mundo. Fazia-me ler alto a seu lado. Embora eu não fosse amiga de tais livros, dava mostras de gostar, porque nisto de dar prazer aos outros, mesmo à custa de sacrifícios, esforçava-me muito. Em outros fora virtude. Em mim bem sei que era grande defeito: muitas vezes agia sem discrição. Valha-me Deus! por que caminhos sua Majestade andava dispondo-me para o estado em que quis servir-se de mim! Bem posso dizer que foi contra a minha vontade que me levou a fazer violência a mim mesma! Seja bendito para sempre. Amém.

6. Foram poucos os dias que passei em casa desse meu tio. Com a força que as palavras de Deus, tanto lidas como ouvidas, faziam em meu coração e a boa companhia, fui entendendo as verdades que compreendera em menina: o nada de tudo que é transitório, a vaidade do mundo, a brevidade com que tudo acaba. Pus-me a pensar e a temer que iria talvez para o inferno se tivesse morrido. Conquanto, minha vontade ainda não se inclinasse de todo a ser monja, vi que este era o melhor e mais seguro estado. Assim pouco a pouco, determinei-me a abraçá-lo, muito embora fazendo-me violência.

7. Nesta luta estive três meses, combatendo contra mim mesma com o seguinte argumento: os trabalhos e sacrifícios da vida monástica não podiam ser maiores que os do purgatório, e eu bem havia merecido os do inferno. Em consequência, não seria muito passar o restante da vida numa espécie de purgatório, para em seguida ir diretamente ao céu.

Em toda esta deliberação sobre a escolha de estado, creio que mais me movia o temor servil que o amor. O demônio sugeria-me que eu não aguentaria os trabalhos da vida religiosa, sendo tão amiga de comodidades. A isto acudia eu com a lembrança dos sofrimentos padecidos por Cristo. Não seria muito que eu padecesse alguns por seu amor. Pensava também, que ele me ajudaria a levá-los, mas disto não me recordo bem. Sofri muitas tentações.

8. Fui acometida nesse tempo por constantes desfalecimentos acompanhados por febre. Sempre tive bem pouca saúde. Ter ficado amiga de ler bons livros deu-me vida. Li as Cartas de São Jerônimo. Animaram-me de tal sorte, que decidi falar a meu pai. Era quase como tomar o hábito religioso, porque sendo tão briosas, não voltaria atrás por motivo algum, uma vez que o houvesse declarado.

Meu pai me queria tanto que de modo algum conseguiu sua licença. Os rogos de algumas pessoas, às quais pedi que lhe falassem, tiveram o mesmo resultado. O que se pôde arrancar dele foi que, depois de sua morte, eu faria como bem entendesse. Eu sabia que não podia contar comigo mesma. Receava que minha fraqueza me fizesse voltar atrás, e assim não me pareceu acertado esperar. Procurei realizar meu propósito por outro caminho, como direi agora.



## CAPÍTULO 4

**O Senhor ajudou-a a triunfar de si mesma para tomar o hábito. As muitas enfermidades que sua majestade começou a lhe dar**

1. Nesse tempo, andando preocupada com tais decisões, persuadi um de meus irmãos a se fazer religioso, convencendo-o da vaidade do mundo. De comum acordo, resolvemos ir um dia, logo ao amanhecer, ao mosteiro onde estava aquela minha amiga. Para dizer a verdade, naqueles dias eu estava de tal modo determinada a ser monja, que teria ido a qualquer outro mosteiro, se imaginasse nele servir melhor a Deus, ou se com isso, meu pai se contentasse. Já não dava a menor importância à minha própria comodidade.

Lembro-me perfeitamente, e penso ser bem verdade, que ao deixar a casa de meu pai, foi tal o meu sofrimento, que creio, não será maior a dor da morte. Parecia-me que os ossos se apartavam uns dos outros. O amor de Deus não superava o amor a meu pai e à minha família. Foi necessário fazer-me em tudo tanta violência, que se o Senhor não me sustentasse, minhas convicções não bastariam para prosseguir. Chegado o momento, o Senhor deu-me ânimo para lutar contra mim mesma, de modo que realizei o meu propósito.

2. Ao tomar o hábito, Sua Majestade fez-me logo compreender quanto favorece aos que no seu serviço se fazem violência. A que precisei fazer ninguém observou em mim, percebiam somente minha boa vontade. Na mesma hora, deu-me tal alegria de ter abraçado aquele estado, que jamais me faltou até hoje, e Deus transformou a aridez de minha alma em imensa ternura. Deleitavam-me as observancias da vida religiosa. Na verdade, algumas vezes, estando a varrer em horas que antes costumava ocupar com meus divertimentos e vaidades, sentia uma estranha felicidade sem saber de onde me vinha, ao lembrar que estava liberta de tudo aquilo. Quando me recordo dessa satisfação íntima, não há coisa, por difícil e penosa que seja, que hesite em realizar se houver ocasião. Essa experiência fez-me compreender que, em recompensa do esforço inicial, Sua Majestade paga já nesta vida com tais favores que só quem os desfruta pode avaliar.

O próprio Deus quer que no princípio se sintam dificuldades, mas assim o quer para maior merecimento nosso. E tanto maior e mais saboroso será o prêmio, quanto mais difícil terá sido a vitória. Como afirmei acima, tenho experiência disto em vários casos graves. Se eu fosse uma pessoa, que tivesse de dar a minha opinião, jamais aconselharia a deixar de empreender alguma obra quando repetidamente acode uma boa inspiração de fazê-la, receando não ser bem sucedida; se for somente por Deus, não há que temer o fracasso. Poderoso é ele para tudo. Bendito seja para sempre. Amém.

3. Ó sumo Bem e descanso meu, as graças que me havíeis feito até aqui seriam suficientes para que eu fosse crescendo em vosso serviço. Vossa piedade e grandeza me trouxeram por tantos caminhos a estado tão seguro e à casa onde tínheis muitas servas, com as quais eu poderia aprender bons ensinamentos.

Não sei como prosseguir, quando relembro as circunstâncias de minha profissão, a grande determinação, a alegria com que a fiz e o desposório que contrái convosco. Isto não posso dizer sem lágrimas. Justo seria que fossem de sangue e que se me despedaçasse o coração. Não seria demasiado sentimento pelo muito que depois vos ofendi.

Parece-me agora que eu tinha razão de não querer tão grande dignidade, pois tão mal havia de servir-vos nela. Vós, porém, Senhor meu, em quase vinte anos que abusei deste favor, quisestes ser o agravado, o ofendido, para que eu um dia melhorasse. Dir-se-ia, meu Deus, que não prometi guardar coisa alguma do que vos havia prometido. Não era este o meu propósito, mas depois foi tal o meu procedimento, que não sei qual era a minha intenção. Isto revela mais quem sois vós, Esposo meu, e quem sou eu. Verdade é certamente, que a dor de minhas grandes infidelidades é mitigada pela felicidade que sinto, pois elas revelam a multidão das vossas misericórdias.

4. Em quem, Senhor, poderiam estas vossas misericórdias resplandecer como em mim, que tanto obscureci com as minhas más obras as grandes graças, que logo me começastes a fazer? Ai de mim, Criador meu! Se quero encontrar desculpa, nenhuma tenho, nem posso culpar outrem senão a mim! Para pagar alguma coisa do amor que me começastes a mostrar, eu deveria ter empregado o meu amor só em vós. Teria sido o remédio para todo o mal. Não o mereci, nem tive tal ventura. . . Valha-me agora, Senhor, vossa misericórdia.

5. A mudança de vida e de alimentação prejudicou-me a saúde. Ainda que a alegria fosse grande não aguentei. Aumentaram os desmaios, com uma dor tão intensa no coração, que espantava os que me viam, além de muitos outros males.

Assim passei o primeiro ano, bem mal de saúde. Não penso ter ofendido muito a Deus. A doença era tão grave, que eu vivia ameaçada de perder os sentidos, e às vezes chegava a perdê-los. Meu pai procurava algum remédio com muita diligência. Não o tendo encontrado nos médicos daqui, resolveu levar-me a um lugarejo muito afamado para cura de outras enfermidades, onde, como lhe disseram, também eu ficaria livre da minha doença. Como em nosso convento não havia voto de clausura, foi comigo aquela amiga de quem falei, que era antiga na casa.

6. Estive quase um ano naquela localidade. Durante três meses padeci tão insuportável tormento, pelo regime rigoroso a que me submeteram, que não sei como aguentei. Finalmente, apesar de ter resistido, minha compleição delicada ficou abalada, como vou contar.

Fomos para lá nos primeiros dias do inverno, mas o tratamento só devia começar no princípio do verão. Para evitar idas e vindas, ficamos até o mês de abril em casa de minha irmã, que vivia numa aldeia pouco distante.

7. Na ida, aquele meu tio que morava, como contei, no caminho, deu-me um livro que se chamava *Terceiro Abecedario* e ensinava a oração de recolhimento. Nesse primeiro ano eu só li bons livros. Não usei mais de outras leituras, compreendendo o mal que me haviam feito. Não sabendo como proceder na oração, nem como me recolher, aquele livro muito me alegrou. Gostando de ler, determinei-me com todas as minhas forças, a

seguir o método que indicava. Naquele tempo o Senhor já me havia feito o dom das lágrimas. Comecei a ter momentos de solidão, a confessar-me com frequência e a enveredar por aquele caminho, tendo por mestre o referido livro.

Outro guia, quero dizer, algum confessor que me entendesse, não achei, embora procurasse durante quase vinte anos. Isto contribuiu para me prejudicar e fazer retroceder muitas vezes. Poderia ter sido causa de minha total ruína. Se tivesse confessor, ajudar-me-ia a sair das ocasiões em que estive de ofender a Deus.

Pôs-se logo Sua Majestade a fazer-me grandes favores desde o início. Assim continuou a fazer até o fim do tempo que passei nessa solidão, aproximadamente nove meses. Não vivia tão longe de ofender a Deus como o livro me mandava, mas passava por cima dessas coisas, julgando quase impossível evitar todos os perigos. Tinha cuidado de não cometer pecado mortal, e prouvera a Deus o tivesse sempre! Dos veniais não fazia caso, e foi a minha ruína.

O Senhor me concedia tanta consolação por esse caminho, que me fazia a graça de me dar oração de quietude, e às vezes até de união. Eu ainda não entendia nem uma nem outra coisa, nem o quanto devia prezá-las. Creio que me teria feito grande bem entendê-lo. Verdade é que a de união durava muito pouco, talvez nem o tempo de uma Ave-Maria. Deixava-me, porém, tão grandes efeitos que não tendo eu ainda vinte anos de idade, parecia-me trazer o mundo debaixo dos pés. Recordo-me de que tinha lástima dos que seguiam as coisas do mundo, mesmo as lícitas. Procurava, o mais que podia, trazer presente dentro de mim Jesus Cristo, nosso sumo Bem e Senhor. Era este o meu modo de oração.

Se pensava em algum passo da paixão, representava-o no meu interior. Mas preferia a leitura de bons livros, era toda a minha recreação. Deus não me deu talento para discorrer com o intelecto, nem para tirar proveito da imaginação. Tenho-a tão fraca que ainda para pensar e trazer presente em mim a humanidade do Senhor, como procurava fazer, nunca o pude conseguir.

Verdade é que por essa via de não poder agir com o intelecto, os que perseveram chegam à contemplação mais depressa. Mas é a custo de muitos sofrimentos e fadigas. Estando a vontade inativa, e o amor sem objeto em que se ocupe, a alma fica sem arrimo, incapaz de meditar. A solidão em que se sente, acompanhada de secura, dá-lhe grande padecimento e grande combate de pensamentos importunos.

8. Àqueles, que não conseguem agir com o intelecto, é necessária maior pureza de consciência do que aos que podem agir com essa faculdade. Com efeito, quem medita sobre o que é o mundo, o quanto deve a Deus, o muito que Cristo sofreu, o pouco que faz em seu serviço, e o que o Senhor dá a quem o ama, encontra assunto para defender-se das distrações e evitar as ocasiões e os perigos.

Aqueles, porém, que não se podem valer do raciocínio, correm maior risco e muito se devem ocupar em leitura, porque de sua parte não conseguem tirar boas reflexões. Para eles é muito penoso este modo de proceder na oração. A leitura, por curta que seja, lhes é útil e até necessária para se recolherem. Supre a oração mental que não podem ter. Se os confessores obrigam a permanecer longo tempo na oração, sem auxílio de um livro,

será impossível perseverar muito tempo nesse exercício. E se porfiarem, sentirão detrimento na saúde, porque é luta muito penosa.

9. Foi então que providencialmente o Senhor quis que eu não achasse quem me ensinasse. Teria sido impossível perseverar na oração os dezoito anos que passei com semelhantes sofrimentos e grandes securas, incapaz de discorrer com o intelecto. Todo esse tempo, a não ser depois da comunhão, não ousava começar a oração sem livro. Minha alma temia tanto pôr-se a orar sem livro, como se tivesse que lutar contra um exército de inimigos.

O livro, pelo contrário, era uma companhia, ou ainda um escudo em que aparava os golpes dos muitos pensamentos importunos. A secura, a aridez, não era o ordinário, vinha quando me faltava livro. Logo a alma se dissipava. Com livro, os pensamentos iam-se recolhendo como por afagos, o espírito entrava em si.

Acontecia frequentemente, que bastava o fato de ter o livro à mão. Algumas vezes lia pouco, outras muito, conforme a graça que o Senhor me fazia. Nesses primeiros tempos de que estou falando, pensava que, tendo livros e solidão, não havia perigo de perder tanto bem. Com o favor de Deus, assim teria sucedido se tivesse achado mestre ou alguém, que desde o princípio me ensinasse a fugir das ocasiões, ou a sair prontamente quando nelas me visse.

Se então o demônio me atacasse abertamente, penso que de nenhum modo me faria cometer pecado grave. Mas foi tão sutil, e eu tão miserável, que de pouco me serviram todas as minhas determinações. Contudo, aqueles dias que consagrei ao Senhor, servindo bem a Deus, foram muito proveitosos para poder sofrer com tão grande paciência as terríveis enfermidades enviadas por Sua Majestade.

10. Admiro-me por vezes, ao pensar na imensa bondade de Deus, e minha alma fica maravilhada na contemplação de sua grande magnificência e misericórdia. Por tudo seja ele bendito! Tenho visto com a maior clareza que desde esta vida ele não deixa de pagar até um bom desejo. Este meu Senhor ia melhorando, aperfeiçoando e tornando meritórias as minhas ações por vis e imperfeitas que fossem, tratando de ocultar minhas imperfeições. E ainda mais: Sua Majestade permitia que ficassem cegos e perdessem a memória os que tinham visto com seus olhos meus males e pecados. O Senhor doura minhas culpas, faz resplandecer uma virtude que ele próprio põe em mim, fazendo-me violência para que a receba.

Quero tornar ao que me mandaram escrever. Digo apenas que, se fosse contar detalhadamente as delicadezas do Senhor para comigo nesses princípios, seria preciso outro talento que não o meu, talento capaz de encarecer tudo quanto lhe devo, e a ingratidão e maldade com que lhe correspondi, porque tudo esqueci. Seja para sempre bendito por me haver suportado tanto. Amém.

## CAPÍTULO 5

**Narra suas grandes enfermidades e paciência que o Senhor lhe deu para as sofrer, diz como do mal ele tira o bem, como se verá pelo que lhe aconteceu no lugarejo onde foi curar-se**

1. Esqueci-me de dizer como, no ano de noviciado, passei grandes desassossegos, com coisas que em si tinham pouca importância. Culpavam-me às vezes estando inocente, e eu sofria com muito desgosto e imperfeição. Com a grande felicidade que sentia de ser monja, tudo suportava. Vendo-me procurar solidão e chorar meus pecados, pensavam que era descontentamento, e assim o diziam. Eu era afeiçoada a todos os costumes da vida conventual, contudo, não tolerava a mínima aparência de menosprezo. Gostava de ser apreciada, tinha esmero exagerado no que fazia, tudo me parecia virtude. Isto porém não me serve de desculpa. Sabia procurar o que me dava prazer, e assim a ignorância não me escusa. O fato de não estar o mosteiro fundado em muita perfeição, pode diminuir minhas culpas. Eu, por minha ruindade, abraçava o defeituoso, deixando o que havia de bom.

2. Uma das religiosas estava então de cama com grande e dolorosa enfermidade. Em consequência de uma obstrução, ficava com aberturas no ventre, por onde rejeitava tudo o que comia. Morreu em pouco tempo. Eu via que todas temiam aquele mal. Quanto a mim, a sua paciência fazia-me grande inveja. Pedi a Deus que, se me desse igual virtude, me enviasse as enfermidades que quisesse.

De nenhuma tinha medo, ao que me parece, pois desejava ganhar bens eternos ao ponto de me determinar a consegui-los por qualquer meio. Admiro-me agora, porque ainda não tinha amor a Deus como depois de ter oração. Era apenas uma luz que me fazia conhecer o pouco valor de todas as coisas perecíveis e o alto preço dos bens que com elas adquirimos, pois são eternos. O certo é que Sua Majestade atendeu à minha súplica. Em menos de dois anos fiquei tão enferma, que a minha doença, conquanto diferente não foi menos penosa, nem deu menos trabalho. Durou três anos como direi agora.

3. Tive de ir para a casa de minha irmã na aldeia onde ela residia, aguardando o tempo marcado para o tratamento. Fui levada com extremo cuidado por minha irmã, por meu pai e pela monja, minha amiga, que comigo viera e me queria muitíssimo. O demônio começou logo a inquietar minha alma, mas de tudo Deus tirou muito benefício.

Residia no lugarejo onde fui curar-me, um sacerdote que, além de ser pessoa de certa nobreza e inteligência, tinha alguma instrução, não muita. Comecei a confessar-me com ele. Sempre fui amiga de gente culta. Confessores pouco instruídos têm feito grande mal à minha alma. A eles recorria quando não achava outros a meu gosto. Sei por experiência que, tratando-se de homens virtuosos e de vida santa, é preferível serem totalmente ignorantes a serem doutos pela metade. Os ignorantes não se fiam em si, consultam outros mais sábios; os verdadeiramente cultos nunca se enganam, ao passo que os

outros, eles mesmos não sabem mais do que ensinam, ainda que não pretendam enganar.

Eu pensava que os confessores pouco instruídos fossem competentes e não me julgava obrigada a mais, do que a lhes dar crédito. Aliás, a doutrina que me pregavam era larga e de maior liberdade. Se fora apertada, sou tão ruim que iria buscar outros. O que era pecado venial diziam-me não ser pecado; o que era pecado mortal e gravíssimo, afirmavam ser venial. Fez-me isto tanto mal, que não é muito dizê-lo aqui, para precaver outras pessoas contra tão grande mal.

Aos olhos de Deus, bem vejo não ser desculpa. Certas coisas não sendo boas em si, deviam ser o suficiente para que eu as evitasse. Por castigo de meus pecados, creio, permitiu Deus que esses confessores se enganassem. Eu, por minha vez, enganei muitas outras pessoas, repetindo-lhes o que deles tinha ouvido. Permaneci nesta cegueira mais de dezessete anos, até que um padre dominicano, grande teólogo, tirou-me totalmente desse erro. Os da Companhia de Jesus incutiram-me um saudável temor, mostrando-me a gravidade de tão maus princípios, como adiante direi.

4. Comecei, pois, a confessar-me com o sacerdote de quem falei. Estando no princípio de minha vida religiosa, eu tinha então, poucas faltas a confessar, em comparação do que tive depois. Talvez a vista disto aquele sacerdote afeiçãoou-se a mim grandemente. Não era má afeição, mas, em seu excesso deixou de ser boa. Ele percebeu que por motivo algum eu faria coisa grave contra Deus. Assegurava-me o mesmo de si, de modo que era muita a confiança recíproca. Embevecida em Deus, como então vivia, o que me dava maior gosto era falar somente dele em todas as minhas conversas. Tanto fervor numa pessoa ainda jovem causava confusão àquele sacerdote.

Finalmente, pela grande amizade que me tinha, começou a declarar-me a perdição em que vivia. Não era pouca. Havia quase sete anos estava em situação muito perigosa, com afeição e relações com determinada mulher do mesmo lugar. Não obstante dizia missa. Era coisa tão pública que tinha perdido a honra e a fama, e ninguém ousava argui-lo. A mim causou grande lástima, porque lhe queria muito.

Tinha eu a grande leviandade e cegueira de considerar virtude o ser agradecida e pagar na mesma moeda a quem me queria bem. Maldita seja tal lei, que vai a ponto de ir contra a de Deus! É um desatino cuja prática se usa no mundo, mas que me põe desatinada: a Deus devemos todos os benefícios que nos fazem e, entretanto, temos por virtude não romper uma amizade, ainda quando seja causa de ir contra ele. Ó cegueira do mundo! Oxalá fôsseis servido, Senhor, que eu tivesse sido muito ingrata contra todos, porém, não contra vós no mínimo ponto. Mas foi tudo ao revés, por meus pecados.

5. Procurando saber e informar-me das pessoas de sua casa, conheci melhor sua perdição e vi que o pobre não tinha tanta culpa, porque á desventurada mulher pusera feitiço num idolozinho de cobre, rogando-lhe que por seu amor o trouxesse ao pescoço. Ninguém tinha sido capaz de lho arrancar.

Positivamente não creio em feitiços. Digo o que vi, para avisar aos homens que fujam de mulheres que usam de ardis semelhantes. Sendo obrigadas mais do que os homens a guardar honestidade, as mulheres, quando perdem a vergonha para com Deus, não merecem confiança em coisa alguma. São capazes de tudo a troco de satisfazer sua



paixão e aquele sentimento que o demônio lhes incute. Apesar de tão ruim, neste ponto jamais caí, nem pretendi fazer mal ou forçar alguém a ter-me amor. Disto o Senhor me guardou. Se ele me tivesse deixado, eu teria agido mal também nessas coisas, pois não há nada em mim digno de confiança.

6. Quando vim a saber disso, comecei a mostrar-lhe mais afeição. Bom era o fim, má, no entanto a obra, pois não se deve fazer o menor mal, ainda que seja para conseguir um bem por maior que seja. Falava-lhe muito frequentemente de Deus. Isto devia lhe trazer proveito, mas, sobretudo o que o moveu, foi querer-me muito. Para me dar prazer, acabou por entregar-me o idolozinho, que logo mandei jogar ao rio. Mal o tinha tirado, começou como quem desperta de um grande sono, a entrar em si e a ver tudo o que tinha feito naqueles anos. Espantando-se de seu procedimento, doendo-se de sua perdição, começou a aborrecer a causa de seus males.

Nossa Senhora muito lhe deve ter valido. Era muito devoto de sua Conceição e neste dia a festejava com grande fervor. Por fim deixou totalmente de ver a tal pessoa, e não cansava de dar graças a Deus, que o tinha iluminado. Fazia exatamente um ano, desde o dia em que o vi pela primeira vez, quando faleceu. Todo esse tempo perseverou no serviço de Deus. Nunca entendi ser má aquela afeição que me tinha, contudo, poderia ter sido mais espiritual.

Verdade é que houve ocasiões em que, se a lembrança de Deus não estivesse bem presente, poderia haver perigo de o ofender gravemente. Como já disse, coisa que a meu entender fosse pecado mortal, eu não seria capaz de fazer.

Parece-me que esta disposição, que ele via em mim, contribuía para me ter amizade. Creio, que, em geral os homens são mais amigos de mulheres inclinadas à virtude. Elas por este caminho conseguirão melhor suas pretensões, como depois direi. Tenho por certo que este sacerdote de quem falei, está em via de salvação. Morreu muito bem e totalmente afastado daquela ocasião de pecar. Parece que o Senhor quis salvá-lo por estes meios.

7. Estive naquele lugar três meses, com muitos sofrimentos. O tratamento foi mais enérgico do que a minha compleição. No fim de dois meses, à força de remédios, minha vida se acabava. As dores no coração, das quais me tinha ido curar, cresceram tanto, que me parecia às vezes tê-lo rasgado por dentes agudos. Temeram que fosse raiva. As forças me faltavam, nada comia, apenas bebia um pouco; tudo me causava náuseas e a febre era contínua, o organismo estava gasto em consequência de purgativos diários durante quase um mês. Estava tão ressequida, que meus nervos começaram a se encolher com dores insuportáveis. Nem de dia nem de noite tinha algum descanso. Sentia profunda tristeza.

8. Eis o que havia lucrado quando meu pai me trouxe de volta. Fui novamente examinada por vários médicos. Todos me desenganaram, declarando que além de outros males estava tuberculosa. Pouco se me dava. O que me afligia eram as dores contínuas, dos pés à cabeça. No dizer dos próprios médicos são intoleráveis essas dores espasmódicas. Eu sofria duro tormento.

Aprouve a Deus, não ter perdido, por minha culpa, tantos méritos! Nesse sofrimento

mais agudo estive cerca de três meses. Parecia impossível alguém suportar tantos males juntos. Eu mesma agora me admiro e tenho por grande graça do Senhor a paciência que Sua Majestade me deu. Evidentemente vinha tudo dele. Muito me aproveitou ter lido a história de Jó nas *Moralia* de São Gregório. Penso, que o Senhor me tinha preparado e disposto por meio desta leitura, e da oração, que eu já começara a ter, a fim de suportar meus males com tanta conformidade.

Meu pensamento estava fixo no Senhor. Lembrava-me constantemente das palavras de Jó e costumava repeti-las:

“Se das mãos do Senhor recebemos os bens, porque não recebemos também os males?” (Jó 2,10). Isto dava-me novas forças.

9. Veio a festa de nossa Senhora da Glória em agosto. Até então, desde abril, havia durado o tormento, conquanto maior nos últimos três meses. Logo tratei de me confessar. Sempre fui amiga de o fazer frequentemente. Pensaram que o pedia por medo de morrer, e, para não me alarmar, meu pai não consentiu.

Ó amor carnal e demasiado, ainda de pai tão católico e esclarecido, pois o era bastante, e não agiu por ignorância!

Poderia fazer-me grande mal! Naquela mesma noite fui acometida de uma crise tão forte, que fiquei sem sentidos aproximadamente quatro dias. Nesse estado deram-me o sacramento da unção dos enfermos. Pensavam que eu poderia morrer de uma hora para outra. Não faziam senão repetir o Credo, como se eu entendesse alguma coisa. Por vezes, me julgavam já morta. Até cera achei depois nos olhos.

10. Grande foi o pesar de meu pai, por não me ter permitido a confissão. Não se cansava de orar e clamar a Deus. Bendito seja aquele que se dignou ouvi-lo! Havia um dia e meio estava aberta a sepultura no meu mosteiro à espera do corpo. Já tinham sido feitas exéquias num convento de nossos frades fora da cidade, quando o Senhor permitiu que eu recuperasse os sentidos.

Quis logo confessar-me. Comunguei com muitas lágrimas. A meu parecer não eram lágrimas de contrição de ter ofendido a Deus. Isto bastaria para me salvar. Não me serve de desculpa o engano, em que me fizeram cair alguns confessores, afirmando-me não haver pecado mortal onde certamente havia.

As dores que me ficaram eram intoleráveis, de modo que não estava inteiramente em meus sentidos. Contudo fiz a confissão inteira de tudo em que tinha consciência de ter ofendido a Deus. Esta graça me fez Sua Majestade entre outras: depois que comecei a comungar, jamais deixei de confessar coisa alguma em que julgasse haver pecado, mesmo venial. Considero bem duvidosa minha salvação se então tivesse morrido, por serem, de uma parte, tão pouco instruídos os confessores, e de outra, ser eu tão ruim, além de muitos outros motivos.

11. Chegada a este ponto de minha vida, vendo como, de certo modo, o Senhor me ressuscitara, na verdade sinto tão grande espanto que chego a tremer. Parece-me que foi bom para ti, ó minha alma, ponderar de que perigo te livrara o Senhor. Já que por amor não deixavas de ofendê-lo, ao menos por temor dos castigos deixaste de ofendê-lo. Poderia matar-te outras mil vezes em estado mais perigoso.

Creio que não exagero muito em dizer outras mil, ainda que ralhe comigo quem me mandou ter moderação ao contar os meus pecados. E bem aformoseados vão. . . Por amor de Deus, peço a esta pessoa que nada diminua de minhas culpas. Assim brilha mais a magnificência de Deus e a paciência com que tolera uma alma. Bendito seja Deus para sempre! Praza à Sua Majestade que eu antes fique reduzida a cinzas, do que deixar de lhe ter amor.

## CAPÍTULO 6

**Conformidade que o Senhor lhe deu em tão grandes sofrimentos. Como tomou por medianeiro e advogado ao glorioso são José e quanto isto lhe valeu**

1. Passados os quatro dias em que parecia morta, fiquei em tal estado, que só o Senhor sabe os indizíveis tormentos que sentia. A língua estava dilacerada, de tão mordida. Nada tomei naqueles dias; sentia-me muito fraca, quase sem respirar, a garganta seca a ponto de nem poder engolir água. Parecia-me estar desconjuntada, com a cabeça atordoada em extremo.

Após alguns dias de espasmo fiquei encolhida, como que enovelada. Parecia morta, incapaz de mover braços, pés, mãos e cabeça, se outros me não moviam. Ao que me lembro só movia um dedo da mão direita. Não sabiam como tocar em mim. Sentia tantas dores, que não podia suportar. Serviam-se de um lençol, que duas pessoas seguravam, cada uma de seu lado, para me mudarem de posição.

Durou isto até Páscoa florida<sup>[1]</sup>. Sentia-me aliviada somente quando não se aproximavam de mim. As dores então muitas vezes cessavam. Só com esse pequeno alívio já tinha impressão de estar melhor. Receava que me viesse faltar a paciência.

Tive grande contentamento quando me senti sem tão agudas e contínuas dores. Eram insuportáveis quando me vinham os calafrios intensos das violentas febres intermitentes que fiquei padecendo. Todo alimento me causava repugnância.

2. Minha pressa de voltar ao meu mosteiro era tão grande, que mesmo nesse estado fui transportada para lá. A que esperavam morta, receberam viva, mas o corpo em condições piores que da morte. Fazia pena vê-lo. Era impossível descrever minha extrema fraqueza. Só tinha ossos. Assim fiquei mais de oito meses. Embora obtivesse melhoras, fiquei parálitica por quase três anos. Louvei a Deus quando comecei a andar de gatinhas.

Sofri com grande conformidade, e excetuando o início da doença, até com alegria. Tudo me parecia bagatela em comparação com as dores e tormentos do princípio. Estava muito conformada com a vontade de Deus, ainda mesmo que me deixasse sempre naquele estado. Se desejava sarar, era unicamente para ter solidão, como antes, e fazer oração. Na enfermaria não era possível. Confessava-me frequentemente e falava sempre de Deus, de modo que todas se edificavam, admirando-se da paciência que o Senhor me dava. Somente pelas mãos de Sua Majestade seria possível sofrer tanto mal com tanta alegria.

3. De muito me valeram as graças recebidas do Senhor na oração. Esta me fazia compreender em que consiste amá-lo. Só naquele pouco tempo, vi brotarem em mim virtudes novas, como vou dizer, embora não suficientemente arraigadas para me sustentar no caminho da justiça.

Não falava mal de pessoa alguma, por pouco que fosse. Em geral evitava toda

murmuração, porque trazia diante dos olhos não dever dizer de outrem o que não queria dissessem de mim. Guardava isto ao extremo nos casos que se apresentavam. Não com tanta perfeição, que não resvalasse um pouco em maiores ocasiões, mas eram raras. O mesmo persuadia tanto às que me cercavam e tratavam comigo, que se habituaram a praticá-lo. Acabaram todas por entender que, onde eu estava, tinham as costas seguras. O mesmo estilo guardavam minhas discípulas e aquelas com quem eu tinha amizade e parentesco.

Em outras coisas, entretanto, tenho de prestar muitas contas a Deus pelo mau exemplo que lhes dava. Praza a Sua Majestade perdoar muitos males de que fui causa. Minha intenção não era tão má como depois foram os atos.

4. Fiquei desejando solidão. Amiga de falar e de tratar de Deus; se encontrasse alguém com o qual pudesse fazê-lo, experimentava mais alegria e satisfação que todos os requintes ou por melhor dizer, toda a insensatez da conversação do mundo. Comungava e confessava-me ainda com muito mais frequência e sempre com grandes anseios. Era amicíssima de ler bons livros.

Quando me acontecia ofender a Deus sentia grande arrependimento. Lembro-me de que muitas vezes não ousava fazer oração, por temor do profundo pesar que nela ia sentir de o haver ofendido, o que era para mim o pior castigo. Com o tempo essa disposição foi crescendo e chegou a tal ponto, que não sei a que comparar esse tormento. Não era temor, nem muito nem pouco. Isto jamais! O que me afligia era a lembrança dos gostos que o Senhor me fazia na oração e do muito que eu lhe era devedora, e ver quão mal lho pagava. Essa ideia atormentava-me em extremo, com muitas lágrimas chorando minhas culpas. Via como era pouca a emenda. Para não tornar a cair quando me expunha a ocasiões de queda não bastavam minhas resoluções, nem a dor que me vinha. As lágrimas pareciam-me enganosas. Tornavam a culpa maior. Via a grande graça que o Senhor me fazia em me dar juntamente tão grande arrependimento.

Procurava logo confessar-me e de minha parte fazia tudo para recuperar a graça. Todo o mal vinha de não cortar pela raiz as ocasiões e de ter confessores que pouco me ajudavam. Se estes me dissessem que eu andava em perigo e era obrigada a não manter aquelas relações mundanas, sem dúvida tudo se remediaría. De modo algum seria capaz de passar um só dia em pecado mortal, se disto tivesse consciência. Todos estes sinais de temor de Deus vieram-me com a oração. Melhor que tudo, o temor foi envolvido pelo amor, sem lembrança de castigo.

Durante o tempo que passei tão mal de saúde, tive a consciência muito alertada acerca de pecados mortais. Valha-me Deus! Desejava a saúde para melhor servi-lo, e ela foi causa de todo o meu mal!

5. No estado em que me tinham posto os médicos da terra, vendo-me tão tolhida em tão pouca idade, resolvi recorrer aos médicos do céu. Embora sofresse as doenças com muita alegria, desejava curar-me. Imaginava que tendo saúde serviria muito mais a Deus. Por vezes, também refletia que, se ficasse curada, mas fosse para me condenar, melhor seria continuar como estava. É um dos nossos erros: não nos submetemos inteiramente ao que o Senhor faz. Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

6. Comecei a mandar celebrar missas e a recitar orações aprovadas. Nunca fui amiga de outras devoções praticadas por certas pessoas, especialmente mulheres, como cerimônias que lhes causam consolação. A mim parecem insuportáveis. Soube-se depois que não convinham, eram supersticiosas.

Tomei por advogado e senhor ao glorioso são José, e muito me encomendei a ele. Claramente vi que desta necessidade, como de outras maiores referentes à honra e à perda da alma, esse pai e senhor meu salvou-me com maior lucro do que eu lhe sabia pedir. Não me recordo de lhe haver, até agora, suplicado graça que tenha deixado de obter.

Coisa admirável são os grandes favores que Deus me tem feito por intermédio desse bem-aventurado Santo, e os perigos de que me tem livrado, tanto de corpo como da alma. A outros santos o Senhor parece ter dado graça para socorrer numa determinada necessidade. Ao glorioso são José tenho experiência de que socorre em todas. O Senhor quer dar a entender com isto que assim como lhe foi submisso na terra, onde são José na qualidade de pai adotivo, o podia mandar, assim no céu atende a todos os seus pedidos. Por experiência, o mesmo viram outras pessoas a quem eu aconselhava encomendar-se a ele. Hoje há muitas que lhe são devotas e experimentam cada dia esta verdade.

7. Procurava celebrar sua festa com toda a solenidade, levada mais pela vaidade do que pelo espírito. Queria que fosse tudo do melhor e mais primoroso. A intenção era boa, mas tinha isto de mal: quando o Senhor me dava graça para algum bem, tudo fazia com imperfeição e muitas faltas. Para o mal e para os exageros e vaidades, tinha grande es-  
peranza e diligência. O Senhor me perdoe!

A todos quisera persuadir que fossem devotos desse glorioso Santo, pela grande experiência que tenho de quantos bens alcança de Deus. Não conheço pessoa que deveras lhe seja devota e lhe renda particulares obséquios, que não faça progresso na virtude. As almas que se encomendam ao seu patrocínio são muito ajudadas por ele. De alguns anos para cá, no dia de sua festa, sempre lhe peço algum favor especial. Nunca deixei de ser atendida. Se o pedido não é muito conforme à glória de Deus, ele o endireita para meu maior bem.

8. Se eu fora pessoa cujos escritos tivessem autoridade, gostaria de me estender narrando detalhadamente as graças que este bendito Santo tem feito a mim e a outros. Mas, para não ir além do que me mandaram escrever, e muitas coisas direi menos do que desejaria. Em outras, pelo contrário, falarei mais do que seria necessário como quem tem pouca discrição para tudo o que é bom. Só peço por amor de Deus, que o experimente quem não crer no que digo. Verá por experiência a grande vantagem que é encomendar-se a esse excelso patriarca e ter-lhe amor. Em particular as pessoas de oração deveriam ser-lhe afeiçãoadas.

Não sei verdadeiramente como se pode pensar na Rainha dos Anjos, no tempo em que tanto se angustiou com o Menino Jesus, sem dar graças a são José pelo auxílio que lhes prestou. Quem não encontrar mestre que o ensine a rezar tome esse glorioso Santo por mestre, e não errará no caminho. Praza ao Senhor não tenha errado em me atrever a falar nele. Embora apregoando ser-lhe devota, muito tenho faltado no seu serviço e na

sua imitação. E são José mostrou quem era. Fez que me levantasse, andasse e não estivesse mais parálitica. Eu também mostrei quem sou, usando tão mal desta mercê.

9. Quem haveria de pensar que havia de cair tão depressa, depois de tantas dádivas de Deus? Depois de receber de Sua Majestade virtudes que me estimulavam a servi-lo? Depois de quase morta, em perigo de ser condenada, ter sido ressuscitada, alma e corpo, causando admiração aos que me viam? Que é isto, Senhor meu? Havemos de viver em tão perigosa vida? Enquanto isto escrevo, penso que, mediante vosso favor e vossa misericórdia, eu poderia dizer o mesmo que são Paulo, embora sem a mesma perfeição: “Já não vivo eu, senão vós, Criador, viveis em mim” (Gl 2,20).

Há vários anos vossa mão me sustenta, ao que posso entender. Compreendo-o agora pelos meus desejos e determinações de não fazer coisa alguma, por mínima que seja, contra a vossa vontade. Disto tenho dado provas em muitos casos. Não obstante, devo ofender muitas vezes a Vossa Majestade sem advertência. Todavia, creio, não se me oferece empreendimento que eu deixe de executar, por amor de vós, com grande denodo. Com efeito, em algumas circunstâncias, para os levar a cabo, vós me tendes ajudado.

Não quero saber do mundo nem de coisa que proceda dele. Nem acho prazer em parte alguma fora de vós. Tudo o mais é para mim pesada cruz. Bem posso estar enganada em meus sentimentos, talvez fale iludida. Vós, meu Senhor, sabeis que não minto. Temo, e com muita razão, que de novo me abandoneis. Sei até onde vai minha valentia e pouca virtude, quando me deixais de confortar e ajudar para que eu não me afaste de vós. Praza a Vossa Majestade que agora mesmo, sentindo o que acabo de dizer, eu não esteja afastada de vós.

Não sei como se pode desejar viver, sendo tudo tão incerto. Julgo impossível, Senhor meu, deixar-vos de agora em diante tão inteiramente como tantas vezes vos deixei. Não posso ficar sem temor. É que, apartando-vos um pouquinho de mim, logo tudo se desmorona.

Bendito sejais para sempre! Quando eu vos deixava a vós, não me deixastes vós a mim tão inteiramente. Destes-me sempre a mão para que me tornasse a levantar. Muitas vezes, Senhor, eu não a aceitava, nem queria ouvir como de novo me estáveis chamando, segundo agora direi.

## CAPÍTULO 7

**Conta de que modo foi perdendo as graças, que o Senhor lhe havia feito, e a vida ruim que começou a ter. Diz os males que há em não serem muito fechados os mosteiros de monjas**

1. Comecei, de passatempo em passatempo, de vaidade em vaidade, de ocasião em ocasião, a meter-me em grandes perigos e a andar com muitos estragos na alma causados por tantas frivolidades. Eu já tinha vergonha de me aproximar de Deus em amizade íntima como é o trato da oração. Ajudou-me o fato de escassearem os gostos e as alegrias na prática das virtudes, por terem crescido meus pecados.

Via eu bem claramente, Senhor meu, que me faltava o gosto porque eu vos faltava a vós. Foi este o mais terrível engano que o demônio me podia fazer, sob pretexto de humildade: pus-me a ter receio de fazer oração por me ver tão perdida. Estaria melhor andando com a maioria. Em ser ruim eu era das piores. Rezava apenas as orações às quais estava obrigada e mesmo assim, vocalmente. Não era justo ter oração mental e tanto trato com Deus quem merecia estar com os demônios e vivia enganando os outros. No exterior tinha boas aparências. Não se pode culpar o mosteiro onde eu estava. Com minha esperteza, todas tinham boa opinião de mim.

Não era, aliás, com advertência, fingindo piedade, porque em matéria de vanglória e hipocrisia — glória a Deus! — não me recordo de o ter jamais ofendido, tanto quanto posso julgar. Logo ao primeiro movimento, sentia tanto pesar, que o demônio saía perdendo, e eu lucrando. Neste particular, poucas tentações tenho tido. Porventura se Deus permitisse que eu nisto fosse tentada tão intensamente como em outras coisas, também teria caído. Até agora Sua Majestade me tem guardado. Seja para sempre bendito! Pelo contrário, muito me desgostava que me tivessem em boa conta, sabendo eu o que secretamente havia em mim.

2. O motivo de não me julgarem tão ruim era que, embora eu fosse jovem e me achasse exposta frequentemente a tantas ocasiões de pecado, viam que muitas vezes me apartava buscando solidão para rezar e ler muito. Gostava de falar de Deus. Era amiga de fazer pintar sua imagem em vários lugares e de ter oratório, ornando-o de modo a causar devoção. Não murmurava, e ainda havia em mim outros costumes do mesmo gênero aparentemente virtuosos.

Eu, tão vã, sabia prevalecer-me das coisas que o mundo geralmente estima. Com isto, davam-me tanta liberdade quanto às muito antigas, e ainda mais. Tinham grande confiança em mim. Realmente, cometer certas ousadias e fazer coisa sem licença, como falar por alguma fresta ou por cima dos muros, ou de noite, penso que nunca faria num mosteiro. Nem o fiz, porque o Senhor me sustentava com sua mão.

Olhando e ponderando com advertência e atenção essas e outras muitas coisas, parecia-me grande mal de minha parte pôr em perigo, por minha ruindade, a reputação de tantas boas religiosas. Como se fossem louváveis outras coisas que fazia! Embora



fosse verdade, o mal não era propositado como seria o que disse acima.

3. O que muito me prejudicou a meu ver, foi não estar em mosteiro muito fechado. Não tendo prometido clausura, as religiosas observantes podiam sem culpa aproveitar da liberdade. Não estavam obrigadas a mais. Para mim, que sou má, certamente me teria levado ao inferno, se o Senhor por tantos meios, remédios e particulares dons, não me tivera arrancado a esse risco.

Tenho por grande perigo, mosteiros de mulheres com liberdade<sup>[1]</sup>. São portas abertas para o caminho do inferno, para quem quiser ser ruim, do que garantia contra a fraqueza. Isto não se entenda do meu mosteiro. Há nele muitas monjas que servem ao Senhor com sinceridade e perfeição. Sua Majestade, bom como é, não deixa de as favorecer. Não é, aliás, dos muito abertos e nele se guarda toda a observância. Falo de outros que sei e tenho visto.

4. Isto me causa grande lástima. O Senhor precisa fazer particulares chamamentos e apelos, e não uma senão muitas vezes, para que se salvem, a tal ponto estão autorizadas as cortesias e entretenimentos mundanos. As obrigações do estado religioso são tão mal entendidas, que praza a Deus não tenham por virtude o que é pecado, como eu fazia frequentemente. É tão difícil a compreensão destas verdades, que para o conseguir é preciso que o Senhor tome as rédeas com suas próprias mãos.

Há pais que colocam suas filhas em mosteiro onde não encontram meios para seguir o caminho da salvação. Estão em pior perigo que no mundo. Se quisessem seguir meu conselho, seria melhor, para a própria honra das suas filhas, que as casassem, embora em condições humildes, ou tê-las em casa. É preferível a metê-las em tais mosteiros, a menos que tenham ótimas inclinações. E praza a Deus que ainda assim elas saibam conservá-las! Na casa paterna, comportando-se mal, a situação só pode ficar oculta por pouco tempo. Nos tais mosteiros, pelo contrário, dura muito tempo até que o Senhor tudo revele. O prejuízo não é só da culpada, mas de toda a comunidade.

Muitas vezes as pobrezinhas seguem os costumes que encontram. É lástima ver como muitas vezes, apartando-se do mundo e pensando que vão servir ao Senhor e viver preservadas de perigos, acham-se em dez mundos juntos, sem saber como se hão de defender ou remediar. A mocidade, a sensibilidade e o demônio unem-se para convidá-las, inclinando-as a seguir várias tendências do mundo. Veem ali que é tido por bom, por assim dizer<sup>[2]</sup>.

Em parte, assemelha-se ao caso dos desventurados hereges. Querem cegar ensinando ser bom aquilo que seguem, e assim o creem. Na realidade não o creem, porque dentro de si há quem lhes diga que estão errados.

5. Ó grandíssimo mal! grandíssimo mal o dos religiosos — falo tanto de mulheres como de homens — que vivem em casa onde não se guarda a observância religiosa, em mosteiro onde há dois caminhos: o da virtude, da observância e o do relaxamento, ambos igualmente trilhados.

Digo mal: não são igualmente trilhados. Por nossos pecados, o mais imperfeito é o mais frequentado e, como tal, é também mais favorecido. O da verdadeira observância é tão pouco trilhado que o religioso ou a religiosa que deseja realmente começar a viver em

tudo, segundo sua vocação, deve temer os de sua própria casa mais do que todos os demônios. Para falar na amizade que procura travar com Deus, são necessárias maior cautela e dissimulação do que em outras amizades e afeições, introduzidas pelo demônio nos mosteiros.

Não sei, verdadeiramente, porque estranhemos tantos males na Igreja. Os que deveriam ser modelo de virtudes a serem copiadas, trazem tão apagada a imagem primorosa que, com seu grande espírito, os santos passados deixaram nas ordens religiosas! Praza à divina Majestade dar remédio a tanto mal, como vê que é preciso. Amém.

6. Comecei também a ter dessas conversações, vendo que era costume. Não cuidei dos resultados para minha alma, do prejuízo e da distração de semelhantes tratos. Só depois os constatei. Parecia-me, que essas visitas, coisa tão generalizada em muitos mosteiros, não me fariam maior mal que às outras, que sabia serem boas. Não considerava que tinham muito mais virtudes, e onde para elas talvez não houvesse perigo, havia para mim. Duvido que deixe de haver algum perigo, ainda quando não seja mais que perda de tempo.

Estava eu, certa vez, com uma pessoa, pouco depois de tê-la conhecido, quando o Senhor quis dar-me a entender, que não me convinham aquelas amizades, avisando-me e esclarecendo-me em tamanha cegueira. Com efeito, Cristo representou-se diante de mim, com muito rigor, fazendo-me compreender quanto aquilo lhe desagradava. Com os olhos da alma o vi, mais claramente do que poderia ver com os do corpo. Sua imagem ficou-me tão gravada que até agora, passados mais de vinte e seis anos, tenho a sensação de o ver presente. Fiquei muito atemorizada e perturbada, e não quis mais receber a pessoa com quem estava.

7. Muito me prejudicou pensar que não fosse possível ver alguma coisa a não ser com os olhos do corpo. O demônio ajudou-me nessa falsa persuasão, fazendo-me supor que era impossível. Seria imaginação, artifício diabólico, e outras coisas semelhantes. No fundo, guardei a impressão de que era obra de Deus, e não fantasia. Como aquela lembrança não me agradava, tratei de me dissuadir. Não ousei contar o sucedido a pessoa alguma. Instavam muito comigo, assegurando-me que receber tal visita não me prejudicava e não seria perder a boa fama senão aumentá-la, e assim voltei à mesma conversação.

Depois disso, em outras ocasiões e com outras pessoas, passei vários anos nessa recreação pestilencial. Por estar nela metida, não me parecia tão má quanto era na realidade. Algumas vezes parecia claramente não ser boa. Nenhuma amizade causava-me tanta dissipação, como a dessa pessoa, porque eu lhe tinha muito afeto.

8. Estando uma vez entretida em sua companhia, vimos — e outros ali presentes observaram também — vir em nossa direção uma espécie de sapo grande andando muito mais depressa do que essas criaturas costumam fazer. Não posso explicar como, em pleno dia, semelhante animal pudesse estar naquele lugar, pois nunca se viu daquilo. A impressão que me causou não foi sem mistério e jamais me saiu da memória. Oh! grandeza de Deus! Com quanta solícitude e piedade estáveis me avisando por todos os modos, e quão pouco aproveitou!

9. Havia naquele mosteiro uma religiosa antiga, minha parenta, grande serva de Deus e muito observante. Ela também me avisava algumas vezes, e eu não só não lhe dava crédito, mas desgostava-me com ela, parecendo-me que se escandalizava sem razão.

Quis dizê-lo para que se entenda minha maldade e a grande bondade de Deus, e quanto mereci o inferno pela inqualificável ingratidão. Digo-o também para que, se em qualquer tempo, Deus ordenar e for servido de que se leia isto, tirem as monjas proveito de minhas experiências. A todas peço, por amor de nosso Senhor, que fujam de semelhantes recreações. Praza a Sua Majestade, por meu intermédio, tirar desta ilusão algumas das muitas pessoas que enganei sem querer, dizendo que não era má aquela distração, e incutindo segurança em tão grande perigo. Tudo em consequência de minha cegueira, pois não as queria enganar propositadamente. O certo é que pelo mau exemplo, repito, fui causa de bastante mal, sem intenção de agir tão erradamente.

10. Naqueles primeiros tempos, estive doente. Não aguentava comigo mesma, contudo, tinha imenso desejo de fazer bem aos outros: tentação muito frequente nos principiantes. Comigo, no entanto, deu bom resultado. Queria tanto a meu pai, que desejei comunicarlhe o tesouro que me parecia ter achado na oração. A meu ver não existia maior nesta vida. Com rodeios, como pude, comecei a procurar, que também ele adquirisse aquele bem que me causava tanta felicidade. Dei-lhe livros a este propósito.

Sendo muito virtuoso, como já disse, aplicou-se tão acertadamente a este exercício, que em cinco ou seis anos, mais ou menos, fez muitos progressos, e com isso eu sentia grande consolo e louvava muito ao Senhor. Consideráveis provações vieram-lhe de muitos lados. Sofreu todas em perfeita conformidade com a vontade de Deus. Muitas vezes ia ver-me e consolava-se discorrendo sobre coisas do céu.

11. Depois, andando tão dissipada e sem ter oração, percebi que ele me julgava a mesma de antes. Não pude tolerar a situação sem desfazer o engano. Estive, ano e pouco afastada deste exercício, imaginando ser maior humildade. Esta foi a minha grande tentação, e poderia ter acabado no inferno. Com a oração, se às vezes ofendia a Deus, o auxílio, que esta me dava, ajudava a recolher-me e a apartar-me das ocasiões.

Como o bendito homem viesse com os mesmos assuntos, era duro para mim vê-lo tão enganado, pensando que eu continuava a tratar com Deus como costumava. Disse-lhe que já não tinha oração, mas ocultei-lhe a causa. Aleguei minhas enfermidades que me estorvavam, pois, apesar de me ter curado daquela tão grave doença, sempre tenho tido e ainda tenho outros males bem grandes. De uns tempos para cá tenho melhorado, é verdade. As dores não são tão intensas, entretanto, não deixam de me atormentar de muitas maneiras.

Entre outros males, durante vinte anos, todas as manhãs, tinha vômito de modo a não poder alimentar-me antes de meio-dia e, às vezes, mais tarde. Agora, comungando com mais frequência, acometem-me à noite quando vou deitar-me, com muito maior sofrimento, porque sou obrigada a provocá-los com penas ou coisas semelhantes. Se o deixo de fazer, sinto-me muito mal.

Quase nunca estou — penso não exagerar — sem muitas dores, e algumas vezes bem graves, especialmente no coração. Este mal antigamente era contínuo, agora é muito es-

paçado. Da paralisia aguda e das febres que tinha com frequência, estou boa há oito anos. Tão pouco se me dá de todos estes males que muitas vezes chego a alegrar-me, parecendo-me que com isto sirvo ao Senhor de algum modo.

12. Meu pai acreditou nas minhas palavras, porque ele era incapaz de faltar à verdade. Eu, de acordo com o que lhe falava, também não o queria enganar. Para o convencer mais, acrescentei que já fazia muito em rezar o ofício no coro. Isto não me servia de desculpa, pois não era causa suficiente para omitir um exercício que não exige forças corporais, senão somente amor e costume.

O Senhor sempre dá oportunidade para a oração quando a queremos ter. Sempre, repito, porque em certas ocasiões ou em casos de enfermidade, quando não se consegue ter muito tempo de solidão, há outras épocas em que se tem saúde para isto. Na enfermidade e nas ocasiões difíceis, eis a verdadeira oração para a alma que sabe amar: oferecer seus sofrimentos, recordar-se daquele por quem os sofre, conformar-se com seus males, além de mil outros bons pensamentos, que se oferecem.

Tudo isso é exercício de amor. Para a oração não é de tal modo indispensável haver tempos de solidão. Em faltando estes é sempre possível orar. Mediante um pouquinho de boa vontade, granjeiam-se muitos lucros nas épocas em que o Senhor, com sofrimentos, nos tira o tempo da oração. Assim acontecia comigo quando tinha boa a consciência.

13. Meu pai, com a opinião que tinha de mim e o amor que me dedicava, acreditou tudo, e até compadeceu-se de mim. Seu espírito já estava tão elevado que suas visitas se tornaram rápidas. Retirava-se logo depois de me ter visto, dizendo que prolongar a visita seria perder tempo. Eu, que o desperdiçava em outras futilidades, não me dava por achada.

Não foi só ele, mas procurei que várias outras pessoas tivessem oração. Como as via amigas de rezar vocalmente, embora eu andasse metida em vaidades, ensinava-lhes o modo de meditar, dava-lhes livros, e disso tiravam proveito. Sempre, desde que comecei a oração, tive desejo de que outros servissem a Deus dessa maneira. Parecia-me justo que, não servindo eu ao Senhor conforme a minha consciência, não se perdessem as luzes que Sua Majestade me havia dado, e outros o servissem em meu lugar. Digo isto para que se entenda a grande cegueira em que eu vivia, pois me ia perdendo e procurava salvar os outros.

14. Nesse tempo meu pai foi acometido pela enfermidade de que morreu, e que durou algum tempo. Fui tratar dele, estando mais enferma na alma que ele no corpo, e metida em muitas frivolidades. Em todo esse tempo, o mais dissipado de minha vida, não cheguei ao ponto de estar em pecado mortal, pois advertidamente nunca ficaria em mau estado.

Tive muitos sofrimentos na enfermidade de meu pai. Creio que lhe paguei alguma coisa do que ele tinha passado nas minhas. Apesar de me sentir muito mal, esforçava-me para servi-lo. Faltando-me ele, faltava-me todo o bem e consolação com que me cercava. Como se nada sentisse, tive grande coragem para não demonstrar minha dor, e manter-me a seu lado até que expirasse. Parecia-me, entretanto, que me arrancavam a alma ao

ver que sua vida se acabava pouco a pouco, porque o amava muito.

15. É para louvar a Deus a morte que teve, e como desejava morrer. Aconselhou-nos depois de receber a extrema-unção\*, confiou-nos o cuidado de encomendá-lo a Deus e de pedir misericórdia para ele. Recomendou-nos servir sempre ao Senhor, tendo presente que nesta vida tudo se acaba. Dizia-nos com lágrimas o grande pesar que sentia de o não ter servido como deveria. Quisera ser — ter sido — frade e da mais estreita observância.

Tenho por muito certo que o Senhor, com antecedência de quinze dias, deu-lhe a entender que não viveria ainda por muito tempo. Anteriormente não pensava nisso, embora doente, mas a partir de então, nenhum caso fazia de sua melhora e de afirmarem os médicos que ficaria bom. Só cuidava de preparar a alma.

16. Seu maior mal era uma dor muito forte nas espáduas, que jamais o deixava. Tornava-se por vezes tão aguda a ponto de o afligir. Disse-lhe eu que, sendo, como era, tão devoto do Senhor carregando a cruz, pensasse que, com essa dor, Sua Majestade desejava fazê-lo sentir alguma coisa do que havia sofrido naquele passo. Ficou tão consolado que nunca mais lhe ouvi um gemido, ao que me parece.

Passou três dias quase sem sentidos. No dia em que morreu, o Senhor lhe restituiu o conhecimento, de modo tão perfeito, que nos deixou admirados. Assim ficou até que no meio do Credo expirou, dizendo-o ele mesmo. Ficou parecendo um anjo, e bem convencida estou de que o fosse realmente, pois sua alma era tão boa e tais as suas disposições.

Não sei por que motivo contei isto, senão para tornar mais culpada minha vida ruim, depois de ter visto semelhante morte coroar tal existência. Ao menos para me assemelhar um pouquinho com o meu pai, deveria ter melhorado. Seu confessor, um dominicano muito douto, dizia não duvidar de que tivesse ido direto para o céu. Confessando-o havia alguns anos, louvava sua pureza de consciência.

17. Esse dominicano<sup>[3]</sup>, padre virtuoso e temente a Deus, muito me auxiliou. Confessei-me com ele e tomou para si a tarefa de zelar por minha alma e abrir-me os olhos acerca da perdição em que eu vivia. Pouco a pouco, tratando com ele, falei-lhe da minha oração. Disse-me que não a deixasse, pois dela só poderia tirar proveito. Voltei a fazê-la, ainda que sem evitar as ocasiões perigosas e nunca mais a abandonei.

A vida que eu levava era penosa ao extremo, porque na oração percebia melhor as minhas faltas. Por um lado Deus me chamava, por outro, eu seguia o mundo. Apesar de experimentar grande felicidade nas coisas divinas, sentia-me presa às humanas. Procurava conciliar estes dois contrários tão inimigos um do outro: vida espiritual com seus gostos e suavidades e os passatempos dos sentidos. Na hora de oração padecia grande tormento.

O espírito não era senhor, mas escravo. Todo o meu método de oração consistia em recolher-me em mim mesma. Não o fazia, porém, sem encerrar juntamente comigo mil vaidades. Assim estive durante muitos anos e agora me admiro como pode uma criatura sofrer tanto tempo, sem romper com um ou com outro desses dois elementos incompatíveis. Bem sabia que deixar a oração já não dependia de mim. O Senhor me sustentava com as suas mãos para me conceder maiores graças.

18. Valha-me Deus! se pudesse dizer as ocasiões de que Sua Majestade me livrou nesses anos, tornando eu a meter-me nelas! E como me salvou de perder totalmente o bom nome! Eu, porém, nas minhas obras, revelava quem era e o Senhor, encobrindo o mal, fazia brilhar alguma pequena virtude, se é que existia, tornando-a grande aos olhos de todos.

Desta maneira sempre me tinham em boa reputação, embora transparecessem às vezes minhas frivolidades. Vendo outras obras que lhes pareciam boas, não me julgavam mal. O Conhecedor de todas as coisas já via que isso era necessário para me darem algum crédito, quando depois eu viesse a tratar de seu serviço. A soberana Grandeza não olhava meus grandes pecados, senão meus contínuos desejos de o servir e o pesar que sentia por me faltar força para o realizar.

19. O Senhor da minha alma! Como encarecer as graças que nesses anos me fizestes! E como, no tempo em que eu mais vos ofendia, num instante me dispúnheis com grande arrependimento para desfrutar de vossos favores e consolações! Na verdade, Rei meu, escolhiéis para mim o mais delicado e o mais penoso castigo que podia existir, como quem bem sabia o que mais me havia de doer. Com grandes ternuras castigáveis meus delitos. E não creio dizer desatinos, embora fosse justo ficar desatinada ao repassar na memória minha ingratidão e maldade.

Na minha condição era muito mais penoso receber favores, quando havia caído em graves culpas, do que receber castigos. Uma só dessas graças certamente me aniquilava, confundia e afligia mais do que muitas enfermidades, junto com outras provações. Estas, eu bem o via, eram merecidas e de algum modo expiavam um pouquinho meus pecados, por serem estes tão grandes.

Receber, porém, novas graças, pagando tão mal as recebidas, é gênero de tormento indizível para mim e, creio, para todas as almas. Observa-se o mesmo até nas coisas profanas, quando há nobreza de caráter. Logo me vinham lágrimas e aborrecimentos ao ver-me tão sem forças, prestes a cair novamente, embora meus propósitos e resoluções naquela hora fossem firmes.

20. Grande infelicidade é para uma alma achar-se entregue a si no meio de tantos perigos. Quanto a mim, se tivesse com quem me abrir, ter-me-ia valido para não recair nas mesmas faltas, ao menos por vergonha, já que a reverência a Deus não me bastava. Por este motivo, aos que têm oração, especialmente no começo, eu aconselharia a procurar amizade e relacionamento com outras pessoas que se ocupem do mesmo exercício.

É coisa importantíssima, ainda que seja somente para se auxiliarem mutuamente com suas orações, quanto mais havendo muitas outras vantagens. Nas conversações e afeições humanas, mesmo sendo muito boas, é costume buscar amigos com quem espairecer e ter o ensejo e gosto de lhes contar prazeres vãos. Não sei por que não se há de facilitar à alma, que começa deveras a amar e servir a Deus, entreter-se com outras pessoas que tratam de oração, e confiar-lhes suas alegrias e tristezas, pois elas também as sentem.

Com efeito, quem realmente quer travar amizade com o Senhor, não tenha medo de vanglória. Se algum primeiro movimento o acometer, saia-se com mérito. Creio que, indo

com este fim, aproveitará para si e para os que o ouvirem, sairá mais experiente e sem saber como, ensinará a seus amigos.

21. Quem tiver vanglória de conversar sobre esse assunto também a terá em ouvir missa com devoção quando o estiverem olhando, ou em praticar outras coisas que, sob pena de não ser cristão, cumpre fazer e nunca omitir por medo de vaidade. Este ponto é de tão grande importância para as almas que não estão fortalecidas na virtude, que não sei como insistir mais, porque elas têm tantos inimigos e até amigos incitando-as para o mal.

Por ser coisa de tanta importância, o demônio usa desse ardil: faz os bons esconderem que realmente procuram amar e contentar a Deus, e provoca os maus a descobrirem suas afeições desonestas tão em voga. Dir-se-ia que se gloriam delas e chegam a apregoar as ofensas contra Deus.

22. Não sei se digo desatinos. Se forem, rasgue-os Vossa Mercê, senão suplico-lhe que ajude a minha ignorância, acrescentando aqui outros argumentos. As coisas do serviço de Deus já andam tão negligenciadas que é preciso, aos que o servem, apoiarem-se uns aos outros, para irem adiante, a tal ponto se consideram bons os divertimentos e as vaidades mundanas. Para estas, poucos olhos estão atentos. Mas se uma só alma começa a dar-se a Deus, tantos murmuram, que lhe é forçoso buscar defesa e companhia, até fortalecer-se e não ter medo de padecer.

A não ser assim, ficará em grande apuro. Talvez por este motivo muitos santos iam viver nos ermos. Seja como for, é próprio do humilde não confiar em si mesmo, mas crer que o Senhor lhe concederá o seu auxílio em atenção às pessoas com as quais conversa. A caridade cresce pela comunicação, e há mil bens, que eu não saberia dizer, se não tivesse grande experiência de quanto é importante este ponto.

É verdade que sou mais fraca e ruim que todos os nascidos, mas creio que nunca perde quem se humilha e não se julga forte, ainda que o seja. Nestas coisas é preciso dar crédito aos mais experientes. De mim só sei dizer que, se o Senhor não me tivesse revelado esta verdade e dado meios para tratar frequentemente com pessoas que tinham oração, eu, de tanto cair e levantar, acabaria precipitando-me no inferno. Para cair havia muitos que me ajudavam, mas para levantar achava-me tão sozinha que hoje me admiro de não ter caído para sempre. Louvo a misericórdia de Deus. Só ele me dava a mão. Seja bendito para sempre, para sempre. Amém.

\* Hoje, unção dos enfermos

## CAPÍTULO 8

**Diz como, para não perder a alma, foi de muito proveito não se afastar totalmente da oração. Há grande vantagem em fruir de tão grande bem. Persuade a todos a que tenham oração, ou a retomem quando venham a deixá-la. É excelente solução para recuperar o bem perdido.**

1. Não foi sem motivo que insisti tanto no relato dessa época de minha vida. Compreendo bem que a ninguém agrada ver coisa tão miserável. Por certo quisera que me detestassem os que lessem isto, vendo uma alma tão cabeçuda e ingrata para com aquele que lhe tem feito inúmeras graças. Quisera ter licença para dizer as muitas vezes que nesse tempo falei a Deus, por não estar arrimada à forte coluna da oração.

2. Passei nesse mar tempestuoso quase vinte anos, ora caindo ora levantando. Mas levantava-me mal, pois tornava a cair. Tinha tão fraca vida de perfeição que, por assim dizer, nenhuma conta fazia de pecados veniais. Se temia os mortais não era a ponto de me afastar dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que se possa imaginar. Nem me alegrava em Deus, nem achava felicidade no mundo. Em meio aos contentamentos mundanos, a lembrança do que devia a Deus me atormentava. Quando estava com Deus, perturbavam-me as afeições do mundo.

É uma guerra tão penosa que não sei como aguentaria um mês, quanto mais tantos anos! Contudo, claramente vejo a grande misericórdia que o Senhor me fez dando-me ânimo para a oração, enquanto eu lidava com o mundo. Digo ânimo, porque não há coisa na terra que exija mais coragem do que trair o rei, sabendo que ele está a par de tudo, e ser obrigada a nunca sair de sua presença. É certo que estamos sempre diante de Deus, mas, para os que tratam de oração, é de outra maneira. Estes veem que o Senhor os olha, enquanto os demais passam talvez muitos dias sem a mínima lembrança de que Deus os vê.

3. Verdade é que nesses anos houve muitos meses — creio que talvez ano inteiro — em que me guardava de ofender ao Senhor dando-me à oração, fazendo esforços para não o desagradar. Digo isto para que tudo o que escrevo vá com plena verdade. Guardo escassa recordação dessas boas temporadas. Devem ter sido raras, porque as outras foram muito mais numerosas.

Passava poucos dias sem ter longos tempos de oração, a menos que estivesse muito mal de saúde ou por demais ocupada. Quando doente, vivia melhor com Deus. Procurava que fizessem o mesmo as pessoas com as quais conversava, e suplicava o Senhor que as ajudasse. Falava dele frequentemente. Assim, excetuando o tempo de que falei, em vinte e oito anos de oração, mais de dezoito sustentei essa batalha de tratar com Deus e com o mundo. Nos demais, que agora me restam por dizer, mudou a causa da guerra, embora esta não seja pequena. Mas estando eu, ao que penso, a serviço de Deus e conhecendo a vaidade do mundo, tudo me tem sido suave, como direi depois.

4. O fim de me estender tanto, foi para que se veja a misericórdia de Deus e a minha



ingratidão, e para que se entenda o grande bem que Deus faz a uma alma dispondo-a a ter oração com vontade, mesmo não estando totalmente bem disposta. Se perseverar, apesar de pecados, tentações e quedas de mil maneiras que o demônio lhe ocasione, tenho por certo que finalmente o Senhor a conduzirá ao porto da salvação, como ao que agora, parece, me conduziu. Praza a Sua Majestade eu não me torne a perder.

5. Muitos santos e bons escritores já têm falado no grande bem que se encontra no exercício da oração, digo da oração mental. Glória a Deus por esse benefício! Se não o tivessem feito, jamais me atreveria a escrever sobre tal assunto. Embora eu seja pouco humilde, contudo, minha soberba não chega a tanto. Posso dizer apenas o que sei por experiência, isto é: quem começou a se entregar à oração, não a deixe, por mais pecados que faça. Com ela terá meios de se recuperar, ao passo que sem ela será muito mais difícil.

A ninguém tente o demônio como a mim, fazendo abandonar a oração sob pretexto de humildade. É certo que as palavras do Senhor não podem faltar, se nos arrependemos sinceramente com propósito de não o ofender mais. Ele nos acolhe com a mesma amizade, e faz as graças que antes concedia, e às vezes muito mais, se o arrependimento tal merece. A quem ainda não começou, rogo, por amor do Senhor, que não se prive de tanto bem.

Não há que temer aqui, senão que esperar. Suponhamos que não progrida nem se esforce por adquirir a perfeição necessária para merecer as delícias e consolações que o Senhor dá aos perfeitos, pelo menos irá aprendendo o caminho para o céu. Se perseverar neste santo exercício, espero tudo da misericórdia de Deus, sabendo que ninguém o tomou por amigo sem ser amplamente recompensado. A meu ver, a oração não é outra coisa senão tratar intimamente com aquele que sabemos que nos ama, e estar muitas vezes conversando a sós com ele.

Talvez ainda não o ameis, porque para ser verdadeiro o amor e duradoura a amizade, os gênios devem combinar. Sendo a sua condição tão diferente da vossa, não podeis resolver-vos a amá-lo tanto. A do Senhor — já se sabe — é de não incorrer em falta, ser perfeito, enquanto nós, por natureza, somos viciosos, sensuais e ingratos. Contudo, considerando o muito que ele vos ama, e o quanto importa sua amizade, suportai o constrangimento de permanecer muito tempo com quem é tão diferente de vós.

6. Oh! bondade infinita de meu Deus! Desta sorte parece-me estar vendo a vós e a mim! Oh! delícia dos anjos! Quando isto vejo, quisera desfazer-me toda em vosso amor! Como é certo que tolerais a quem não vos quer tolerar junto de si! Que bom amigo sois, Senhor meu! Como tendes paciência acariciando a alma, à espera de que se amolde à vossa condição. Até que o consigais, vós suportais a sua! Levais em conta, meu Senhor, o breve instante em que ela procura amar-vos, e por um vislumbre de arrependimento de sua parte olvidais quanto vos tem ofendido.

Isto claramente vi por mim. Não entendo, Criador meu, o motivo pelo qual o mundo todo não procura chegar-se a vós para travar particular amizade. Até os que são maus e não têm vossa condição, deviam aproximar-se de vós para que os façais bons.

Assim acontecerá se consentirem que, ao menos duas horas cada dia, vós estejais em

sua companhia, muito embora eles não fiquem em vossa companhia, mas agitados com mil preocupações, cuidados e pensamentos do mundo, como eu fazia. Na verdade, devem fazer esforço para estar em tão boa convivência. Nos princípios, e mesmo depois, algumas vezes, é só o que conseguem. Em recompensa, vós impedis os demônios de atacá-los, ao passo que aumentais a força da alma de modo a vencer o inimigo. Sim, vida de todas as vidas! Dos que se fiam de vós e vos querem por amigo, a nenhum matais, antes lhes sustentais o corpo com melhor saúde e dais vida à alma.

7. Não entendo o que receiam os que temem começar a oração mental, nem de onde lhes vem o medo. O demônio o infunde causando-lhes o verdadeiro mal e fazendo com que, atemorizados, não pensem no quanto ofendem a Deus e no muito que lhe devem. Impede que meditem no inferno, na glória do céu e nos grandes sofrimentos e dores que o Senhor padeceu por nós. Eram estes os meus pensamentos quando conseguia recolher-me. Esta foi toda minha oração enquanto andei nesses perigos. Durante alguns anos, frequentemente me ocupava mais em desejar que terminasse o tempo marcado para a oração do que em despertar bons pensamentos. Atenta, escutava o relógio bater.

Muitas vezes abraçaria com maior ânimo qualquer penitência grave, que se me apresentasse, do que recolher-me em meditação. E na verdade, para não ir à oração, era tão insuportável a violência que o demônio me fazia — ou o meu mau costume — e tal a tristeza que me dava ao entrar no oratório, que para me vencer precisava valer-me de todo o meu ânimo, que, dizem, não é pequeno. Com efeito, tem-se visto que Deus me deu coragem superior a das mulheres, mas a tenho empregado mal. Por fim ajudava-me o Senhor. Depois de me ter assim forçado, sentia maior quietude e alegria do que em outras vezes, quando tinha desejo de rezar.

Se, pois, o Senhor tolerou por tanto tempo criatura tão miserável como eu, quem por pior que seja, poderá temer? É fato evidente que pela oração solucionaram-se todos os meus males. Por muito ruim que alguém seja, não o será durante tantos anos quanto eu, depois de ter recebido grandes graças de Deus. E quem duvidaria, sabendo que o Senhor me tolerou, só porque eu desejava e procurava algum lugar e tempo para o ter comigo? E isto muitas vezes sem vontade, fazendo-me grande violência, ou antes, fazendo-a o mesmo Senhor!

Se a oração faz tanto bem e é tão necessária aos que não servem a Deus e até o ofendem, ninguém pode objetar maior dano que o de a não ter. Se assim é, digo: por que hão de deixá-la os que servem a Deus e querem servi-lo? Por certo não consigo entender. Passam penosamente os sofrimentos da vida, fechando a Deus a porta para que não lhes dê a verdadeira felicidade. Causam-me, na verdade, lástima, pois servem a Deus às próprias custas. Quanto aos que tratam de oração, o mesmo Senhor lhes dá ajuda de custo, e, por um nadinha que se esforcem, concede-lhes alegrias para aguentar os sofrimentos.

9. Como adiante se tratará muito das consolações que o Senhor dá aos que perseveram na oração, nada falarei aqui. Só digo que a oração foi a porta para os favores tão grandes que Sua Majestade me tem feito. Fechada esta porta, não sei como poderá conceder esses favores. Ainda que deseje entrar para deliciar-se com uma alma e deleitá-la, não

haverá por onde. Ele a quer sozinha, pura e desejosa de receber suas graças. Se lhe opusermos tropeços e nada fizermos para removê-los, como virá a nós? E depois queremos que Deus nos faça grandes favores!

10. Para todos verem sua misericórdia e o imenso bem que foi para mim não ter deixado a oração e a leitura espiritual, aqui direi como o demônio assalta uma alma para conquistá-la, e os artificios e a misericórdia com que o Senhor procura atraí-la novamente a si. Importa muito que o saibam. Digo-o a fim de se precaverem dos perigos de que não me guardei. E, sobretudo, por amor de nosso Senhor e pela grande misericórdia com que nos vai conquistando para nos trazer a si, peço que evitem as ocasiões. Se nelas nos metermos, não poderemos confiar em coisa alguma, em guerra onde somos tão fracos na defesa e tantos inimigos nos combatem.

11. Quisera saber exprimir o cativo em que andava minha alma nesses tempos. Bem compreendia ser escrava, contudo não chegava a compreender em que consistia a escravidão. Minha consciência me acusava de coisas que eu não acreditava serem tão más, e que os confessores não consideravam graves. Disse-me um deles — indo eu consultá-lo sobre um escrúpulo — que, mesmo atingindo alta contemplação, não me seriam inconvenientes semelhantes relações e conversações.

Isto foi nos últimos tempos, quando, com o favor de Deus, já me afastava dos grandes perigos, embora não me retirasse totalmente das ocasiões. Vendo-me com bons desejos e ocupada em oração, julgavam-me favoravelmente. Eu, no entanto, bem entendia que não cumpria aquilo a que estava obrigada para com um Senhor a quem devia tanto. Lastimo agora o muito que minha alma sofreu pelo pouco socorro que achava, a não ser em Deus, e a grande liberdade que lhe davam para seus passatempos e distrações, garantindo que eram lícitos.

12. Os sermões para mim eram não pequeno tormento. Gostava muito de os ouvir. Se o pregador discorria bem e com fervor, tomava por ele particular afeição, sem saber quem a infundia em mim e de onde provinha. Raramente um sermão me desagradava, embora o pregador não falasse bem, como diziam os ouvintes. Se era bom, servia-me de particular deleite.

Depois que comecei a ter oração, quase nunca me cansava de falar ou ouvir falar de Deus. Por um lado tinha grande consolo nos sermões, por outro, ficava angustiada, porque me faziam perceber que em muitas coisas eu não era o que devia ser. Suplicava então ao Senhor que me ajudasse. Mas, ao que percebo agora, a falta estava em mim, que não punha totalmente a confiança em Sua Majestade. Buscava soluções, fazia diligências. Provavelmente ainda não compreendia que pouco aproveitava não confiar em mim, sem pôr a confiança inteiramente em Deus. Desejava viver, mas entendia bem que não vivia. Pelejava com uma sombra de morte. Não havia quem me desse vida nem eu a conseguia. Tinha razão de não me socorrer Quem me podia dar confiança, pois tantas vezes me tinha chamado a si, e eu sempre o abandonava.



## CAPÍTULO 9

**Trata dos modos pelos quais o Senhor começou a despertar sua alma, dando-lhe luz em tão grandes trevas, e fortalecendo-a nas virtudes para que não o ofendesse mais**

1. Minha alma andava já cansada e, embora quisesse, os maus costumes não a deixavam sossegar. Aconteceu-me, estando um dia num oratório, ver certa imagem trazida e guardada ali para uma festa que se ia celebrar no mosteiro. Representava Cristo muito chagado. Inspirava tanta devoção que, só de vê-lo em tal estado, fiquei muito perturbada. Mostrava ao vivo o que passara por nós. Foi tal o sentimento de ser tão mal agradecida para com aquelas chagas, que se me partia o coração. Lancei-me a seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse para nunca mais o ofender.

2. Era também devotíssima da gloriosa Madalena, à qual costumava encomendar-me para alcançar o perdão. Frequentemente pensava em sua conversão, especialmente quando comungava. Segura de que o Senhor então estava dentro de mim, colocava-me a seus pés, acreditando que minhas lágrimas não haviam de ser desprezadas. Na verdade, ignorava o que dizia. Ele fazia muito em consentir que as derramasse por sua causa, vendo-me esquecer tão depressa aquele sentimento.

3. Desta última vez entretanto, quando vi a imagem, foi maior o resultado. Já andava muito desconfiada de mim e punha toda a minha confiança em Deus. Tenho ideia de haver-lhe então dito que não me levantaria dali até que atendesse o meu pedido. Estou certa de que me valeu esta súplica, pois fui melhorando muito desde esse dia.

Tinha eu este método de oração: não podendo raciocinar com o intelecto, procurava representar Cristo dentro de mim. Sentia-me bem nos passos em que o via mais solitário. É que estando sozinho e aflito, como pessoa necessitada, havia de acolher-me. Destas simplicidades tinha muitas. Em especial achava-me à vontade na oração do Horto, onde lhe fazia companhia. Pensava naquele suor e na aflição, que o Senhor havia experimentado. Desejaria, se fosse possível, enxugar aquele suor tão penoso. Lembro-me, porém, que jamais ousava fazê-lo pela simples recordação de meus pecados tão graves. Ficava com ele o mais que me permitiam meus pensamentos, porque eram muitos os que me atormentavam.

4. Durante longos anos, quase todas as noites antes de adormecer, quando me encomendava a Deus para bem dormir, tinha o costume de pensar um pouco neste passo da oração do Horto, mesmo antes de ser monja. Disseram-me que se lucravam numerosas indulgências. Tenho para mim que por aqui minha alma ganhou muito. Comecei a ter oração sem o saber, e agora que se tornou hábito constante, não deixo de fazer essa reflexão, assim como de me persignar para dormir.

5. Torno ao que ia dizendo sobre o quanto me atormentavam os pensamentos. O modo de orar sem fazer raciocínios tem isto de particular: a alma, ou tira muito proveito, ou anda perdida; digo perdida em distrações. Se aproveita, é grande o lucro, porque é

progredir no amor. Mas para chegar a tal ponto muito lhe custa, salvo se o Senhor se dignar elevar a alma, dentro de muito pouco tempo, à oração de quietude. Isto acontece a certas pessoas das quais conheço algumas.

A quem vai por este caminho é útil um livro para depressa se recolher. A mim aproveitava também ver campos, águas, flores. Nessas coisas achava memória do Criador, porque me despertavam o fervor, recolhiam-me e serviam-me de livro, recordando-me ao mesmo tempo de meus pecados e minhas ingratidões. Coisas do céu ou coisas elevadas, jamais pude imaginar, tão grosseiro era meu intelecto, até que o Senhor por outro modo as representou à minha ideia.

6. Tinha tão pouca habilidade para figurar alguma imagem interiormente, que a imaginação de nada me valia a não ser vendo com os olhos. Outras pessoas conseguem fazer representações quando se recolhem. Quanto a mim, só podia pensar em Cristo como homem. Contudo jamais o pude representar no meu interior, por mais que lesse sobre sua formosura e contemplasse suas imagens.

Acontecia-me como a uma pessoa que está cega ou às escuras. Falando com outra, sente que está com ela, tem certeza da sua presença. Quero dizer: percebe e crê que a outra pessoa está ali, embora não a veja. Desta maneira acontecia comigo quando pensava em nosso Senhor. Por este motivo era tão amiga de imagens. Desventurados os hereges que por sua culpa perdem tão grande graça! Bem parece que não amam o Senhor, pois se o amassem se alegrariam em ver seu retrato. No mundo tem-se prazer em contemplar o retrato de uma pessoa à qual se quer bem.

7. Deram-me nesse tempo as “Confissões de santo Agostinho”. Parece ter sido providência do Senhor. Não as procurei e jamais as tinha visto. Sou muito afeiçoada a santo Agostinho, por ser de sua Ordem o mosteiro onde estive como educanda, e por ter sido pecador. Com efeito, nos santos que o Senhor atraiu a si do meio dos pecados achava muito consolo, parecendo que neles encontrava auxílio. Assim como o Senhor lhes tinha perdoado, perdoaria também a mim.

Só uma coisa me desconsolava: é que a eles o Senhor chamava uma só vez, e não tornavam a cair, e a mim, chamara tantas vezes. Isto me afligia. Contudo, considerando o amor de Sua Majestade para comigo, tornava a animar-me. De mim continuamente desconfiava, mas de sua misericórdia jamais duvidei.

8. Valha-me Deus! Quanto me espanta a dureza de minha alma, apesar de tantos auxílios de Deus! Faz-me temerosa ver quão pouco eu podia comigo mesma, e quanto me sentia presa, sem me resolver a dar-me toda a Deus. Lendo as “Confissões”, pareceu-me ver meu retrato. Comecei a encomendar-me muito ao glorioso santo Agostinho. Quando cheguei à sua conversão e li como no jardim ouviu aquela voz, dir-se-ia que o Senhor era quem me falava, tal a dor de meu coração. Estive muito tempo desfeita em lágrimas, sentindo grande aflição e tormento. Quanto sofre uma alma — valha--me Deus! — por perder a liberdade e o domínio que deveria ter! E que tormentos padece! Admiro-me agora de como pude viver tão angustiada. Seja Deus louvado, que me deu vida para sair de morte tão mortal!

9. Minha alma recebeu grandes forças da divina Majestade, que deve ter ouvido meus

clamores, compadecendo-se de tantas lágrimas. Começou a crescer em mim o gosto de estar mais tempo com o Senhor. Pus-me a fugir das ocasiões, porque, tiradas estas, logo tornava a amar Sua Majestade. Bem entendia que o amava, contudo, não compreendia, como mais tarde havia de compreender, em que consistia amar deveras a Deus.

Por assim dizer, ainda não me tinha decidido totalmente a servi-lo, quando Sua Majestade já recomeçava a deliciar minha alma. As graças que os outros com tanto trabalho procuram adquirir, o Senhor instava comigo para que as quisesse receber, pois nos últimos anos, já me dava gosto e suavidades. Jamais ousei suplicar-lhe que os desse, ou ternura de devoção. Só lhe pedia que me concedesse graça para não o ofender e perdoasse meus grandes pecados. Vendo-os tão graves jamais ousei com advertência desejar consolações e alegrias. Achava que sua piedade já fazia muito consentindo-me permanecer diante de si e trazendo-me à sua presença. Verdadeiramente era usar comigo de muita misericórdia. Bem via que, se ele não me procurasse tanto, só por mim nunca me resolveria.

Apenas uma vez em minha vida recordo-me de ter pedido consolações. Eu estava com muita secura. Mas logo caí em mim e fiquei tão confusa, que a dor de me ver tão pouco humilde, deu-me o que ousara pedir. Sabia ser lícito pedir consolações, mas parecia-me que era para os que estavam bem dispostos, tendo procurado com todas as suas forças a verdadeira devoção. Esta consiste em não ofender a Deus e estar pronta e determinada para todo bem. Considerava que minhas lágrimas eram coisinhas de mulher e sem eficácia, pois com elas não obtinha o que desejava.

Contudo creio que me valeram. Em especial depois dessas duas vezes de tão grande arrependimento, com lágrimas e dor de minha alma, comecei a me entregar mais à oração e a tratar menos das coisas que me prejudicavam. Não as deixei de todo, mas Deus me foi ajudando a desviar-me delas. Como Sua Majestade esperasse apenas alguma correspondência de minha parte, foram crescendo as graças espirituais, da maneira que agora direi. Coisa desusada, pois o Senhor não as costuma dar senão aos que têm maior pureza de consciência.

## II PARTE



## CAPÍTULO 10

**Graças que o Senhor concede na oração. Quanto importa conhecê-las e cooperar de nossa parte. Pede à pessoa a quem envia esta relação, que daqui em diante seja secreto o que escrever, pois lhe mandam narrar minuciosamente as graças recebidas do Senhor**

1. Como já disse anteriormente, eu tinha começado a sentir às vezes, embora muito rapidamente, o que agora direi. Quando interiormente me figurava estar junto de Cristo, ou até mesmo lendo, ocorria-me de repente tal sentimento da presença de Deus, que de modo algum podia duvidar que o Senhor estivesse dentro de mim, e eu, toda mergulhada nele.

Não era uma espécie de visão: creio ser o que chamam teologia mística. A alma fica suspensa de tal sorte que parece estar fora de si. A vontade ama, a memória, a meu ver, está quase perdida, o intelecto não raciocina, contudo, não se perde; entretanto, torno a dizer, não age. Está como que admirado do muito que alcança. Deus lhe dá a compreender que nada entende daquilo que Sua Majestade lhe faz ver e sentir.

2. Antes dessa graça, eu tinha continuamente certa ternura que, em parte, se pode procurar, ao que me parece. Consiste numa satisfação que não é completamente dos sentidos, nem também espiritual. Tudo procede de Deus. Penso, entretanto, que para isto podemos concorrer, pondo-nos a considerar nossa baixeza e nossa ingratidão para com Deus, reconhecendo o muito que fez por nós; sua paixão, em que sofreu tão graves dores; sua vida tão atribulada; e ainda enlevando-nos com a vista de suas obras, de sua grandeza, de seu amor para conosco, além de muitas outras coisas semelhantes. Quem deseja na verdade progredir espiritualmente encontra por toda parte motivos para elevar-se a Deus, ainda que não ande com muita atenção.

Se além disto, houver algum amor, a alma se inebria, o coração se entenece, correm as lágrimas. Algumas vezes parece que as arrancamos à força; outras vezes dir-se-ia que o Senhor nos faz doce violência para não podermos resistir. Ao que me parece, Sua Majestade nos paga aquele cuidadinho<sup>[1]</sup> com um dom tão precioso como é o consolo que dá à alma sentir que chora por tão grande Senhor. Não me admiro, pois tem razão de sobra para se consolar. Ali se inebria e se deleita!

3. Acho boa esta comparação que agora me ocorre: na oração as delícias das almas são como as que no céu devem ter os eleitos. Cada um está contente com o lugar que lhe coube, vendo apenas o que o Senhor lhe permite ver de acordo com seus merecimentos, e reconhecendo como estes são poucos. Entretanto a diferença de um para outro na felicidade do céu é enorme, muito superior à diferença que distingue entre si as satisfações espirituais na terra, por consideráveis que sejam.

E verdadeiramente ainda no início da vida espiritual, quando Deus lhe faz esta graça, a alma fica achando que não há mais a desejar. Julga-se bem paga de todos os seus serviços, e tem razão de sobra para isto. Embora sem Deus nada se faça, tenho para

mim que nem com todos os sofrimentos do mundo se pode comprar uma só lágrima dessas que, por assim dizer, quase procuramos. Muito se ganha com elas. E que maior prêmio do que termos algum testemunho de estarmos contentando a Deus? Quem chega a este ponto, por conseguinte, louve-o muito e considere-se eternamente agradecido. Parece que o Senhor já o quer para sua casa e o escolhe para seu reino, se não tornar atrás.

4. Não queira saber das humildades — sobre as quais pretendo falar — de certas pessoas que imaginam ser virtude não compreender que o Senhor as favorece. Convençamo-nos, bem a fundo, de que Deus nos concede seus dons sem nenhum merecimento nosso — pois assim é realmente, — e demos graças a Sua Majestade. Se não reconhecermos o que ele nos dá, nunca nos sentiremos estimulados a amá-lo.

É coisa muito certa: quanto mais nos vemos enriquecidos, sabendo que por nós mesmos somos pobres, tanto mais proveito tiramos desse conhecimento, inclusive maior humildade. O resto é acovardar o ânimo, pois começando o Senhor a comunicar-lhe seus tesouros, a alma, julgando-se incapaz de grandes bens, retrai-se com medo de vanglória. Tenhamos fé: Aquele que dá os bens, dará também graça para que, no momento em que o demônio principiar a tentar-nos sobre este ponto, logo entendamos e tenhamos força para resistir. Digo isto, bem entendido, dos que andam com retidão diante de Deus, pretendendo agradecer a ele só e não aos homens.

5. É coisa muito sabida que mais amamos uma pessoa quando nos lembramos frequentemente dos benefícios que nos faz. Sendo lícito e tão proveitoso recordarmos que Deus nos deu a existência, nos tirou do nada, nos sustenta, e todos os demais benefícios; lembrarmos seus sofrimentos e sua morte que, muito antes de nos criar, já sofrera em prol de cada um dos que agora vivem, porque não me será lícito reconhecer, ver e considerar muitas vezes, que, antes, costumava falar de vaidades, e agora, por mercê de Deus, não tenho mais vontade de falar a não ser dele?

Suponhamos uma joia. Se reconhecemos que ela nos foi dada e a possuímos, forçosamente somos estimulados a amar quem a deu. Pois então, o amor é fruto da oração fundada na humildade. E que será quando virmos em nosso poder outras joias mais preciosas, de desprezo do mundo e ainda de nós mesmos? Havemos de nos considerar mais devedores e mais obrigados a servir, entendendo que nada disso tínhamos e reconhecendo a liberalidade do Senhor. Bastava a primeira dessas joias, e já seria demasiado para uma alma tão pobre, ruim e de nenhum merecimento como a minha. Entretanto ele quis cumular-me de riquezas maiores do que eu jamais pudera desejar.

6. De tais graças é preciso cada um tirar forças para servir com mais ardor e não ser ingrato, pois o Senhor as dá com esta condição. Se não fizermos bom uso de seus tesouros e do alto estado em que nos põe, ele tornará a tomá-las e ficaremos muito mais pobres. Sua Majestade dará as joias a quem as preze e tire proveito delas para si e para outros. Mas como aproveitará e gastará com largueza quem não entende que está rico?

Dada a condição de nossa natureza, é impossível que tenha ânimo para grandes coisas quem não entende que é favorecido por Deus. Com efeito, somos tão miseráveis e in-

clinados às coisas da terra, que dificilmente terá aversão e desapego ao que é terreno, quem não entende que tem algum penhor dos bens de lá de cima. É por meio desses dons que o Senhor nos comunica a fortaleza, perdida com os nossos pecados.

Como poderá desejar que todos se desgostem dele e o aborreçam, e como se animará a praticar as grandes virtudes dos perfeitos, quem não possui alguma prenda do amor que Deus lhe tem, junto com uma fé viva? Nossa natureza carece tanto de estímulo, que logo nos deixamos levar pelo que vemos diante dos olhos. E são os mesmos favores que alentam e fortalecem a fé. É bem possível que eu, como tão fraca, julgue por mim, e que a outros baste a verdade da fé para fazerem obras muito perfeitas. Mas confesso que, miserável como sou, precisei de todas estas graças.

7. Eles o digam. Quanto a mim exponho o que se passou comigo, conforme ordenaram-me. Se estiver errada, aquele a quem me dirijo rasgará esta relação, pois melhor do que eu saberá entender o que não for acertado<sup>[2]</sup>. A este suplico, pelo amor do Senhor: pode publicar o que até aqui escrevi de meus pecados e vida ruim. Desde agora lhe dou licença, assim como a todos os meus confessores — aquele a quem isso vai endereçado também o é.

Se quiserem, publiquem-no estando eu ainda viva, para que não engane mais o mundo. Pensam que em mim há algum bem, mas pelo que agora sinto, digo e com verdade, que me darão grande consolo. Não lhes concedo, porém, igual licença para o que vou dizer de agora em diante. Nem quero que, no caso de mostrarem a alguém, digam quem o escreveu, quem é, e a quem aconteceu.

Não me nomearei, por conseguinte, nem a pessoa alguma. Escreverei o melhor que puder e de jeito a não me tornar conhecida. Isto peço por amor de Deus. Pessoas tão doutas e graves têm autoridade para aprovar alguma coisa boa, se o Senhor me der graça para a dizer. Se a houver, será do Senhor e não minha, pois não tenho instrução nem boa vida, não sou ensinada por mestres ou por pessoa alguma. Só os que o mandaram escrever sabem que o escrevo, e atualmente não estão aqui.

É quase furtando o tempo, e com pesar que o faço, porque fico impedida de fiar e, estando em casa pobre, são muitas as ocupações<sup>[3]</sup>. Ainda que o Senhor me houvesse dado mais habilidade e memória, poderia com esta valer-me do que tenho ouvido e lido. Mas sou desprovida de uma e de outra. Se, pois, disser alguma coisa boa, será que o Senhor assim quis para algum bem. O que houver de mau será meu, e Vossa Mercê o suprimirá. Em qualquer dos dois casos, nenhuma vantagem vejo em divulgar meu nome. Enquanto eu viver — está claro, — não se há de publicar o bem. Depois de morta, não sei que efeito possa produzir senão o de não darem valor ao bem e recusarem-lhe crédito por tê-lo dito pessoa tão vil e tão ruim. 8. Pensando que Vossa Mercê e os que o lerem farão o que lhes peço por amor de Deus, escrevo com liberdade. De outra maneira teria grande escrúpulo, exceto no tocante aos meus pecados. Estes, pouco se me dá de que os saibam. No mais, basta eu ser mulher para se me caírem as asas, quanto mais mulher sem virtude!

Tudo o que for além da simples narração de minha vida, tome-o Vossa Mercê para si, pois tanto me importunou para que lhe escrevesse alguma notícia das graças que Deus

me faz na oração. Guarde-o se for conforme às verdades de nossa santa fé católica. Caso contrário, queime-o logo, que a isto me sujeito. Direi o que se passa comigo, pois, se estiver de acordo com essas mesmas verdades da Igreja, poderá tra-zer-lhe algum proveito. Senão, Vossa Mercê desenganará minha alma, para que o demônio não ganhe onde eu mesma penso ganhar. Bem sabe o Senhor, como depois direi, que sempre tenho trabalhado por encontrar quem me ilumine.

9. Por mais que me queira expressar com clareza nestas coisas de oração, muitas parecerão obscuras a quem não tiver experiência. Falarei acerca de alguns impedimentos, que, a meu ver, não deixam progredir neste caminho, e sobre outros pontos nos quais há certos perigos, servindo-me do que por experiência tenho aprendido do Senhor. Já discuti também o assunto com grandes mestres e pessoas que de há muito se dão às coisas do espírito. Uns e outros reconhecem que, durante os vinte e sete anos que me exercito na oração, embora andando tão mal nesse caminho e com tantos tropeços, o Senhor me concedeu tanta experiência quanto a outros que o tem trilhado durante trinta e sete, e quarenta e sete anos, sempre na penitência e no exercício das virtudes. Seja por tudo bendito! E, por quem é, Sua Majestade se sirva de mim, pois bem sabe que, com isto só pretendo que seja um pouquinho louvado e engrandecido por haver, em monturo tão infecto e malcheiroso, plantado jardim de tão suaves flores. Praza a Sua Majestade que por minha culpa não torne eu a arrancá-las, voltando a ser o que era. Suplico a Vossa Mercê que, por amor do Senhor, peça-lhe isto, pois sabe quem sou, mais claramente do que me permitiu dizer aqui.

## 1º GRAU DA ORAÇÃO

## CAPÍTULO 11

**Diz o motivo de não amarmos com perfeição a Deus desde o princípio. Mediante uma comparação, descreve quatro graus de oração. Trata aqui do primeiro grau. É muito proveitoso para principiantes e para os que não sentem prazer na oração**

1. Falo agora dos que começam a ser escravos do amor. Consiste apenas em determinarmo-nos a trilhar o caminho da oração e seguir aquele que tanto nos ama, pois não é outra coisa. É uma dignidade tão grande que só de pensar nela, sinto enorme prazer. Se neste primeiro estado vamos como devemos ir, o temor servil desaparece logo.

Ó Senhor de minha alma e meu sumo Bem! Por que razão quisestes que a alma, quando se decide a amar-vos não tenha logo a consolação de possuir o verdadeiro amor em grau perfeito, fazendo ela todo o possível para tudo abandonar e se entregar ao vosso amor? Disse mal. Deveria queixar-me de nós próprios e perguntar por que motivo não o queremos?

Com efeito, se desde o início não fruímos de tão alta dignidade, toda a culpa é nossa. O verdadeiro amor de Deus traz consigo todos os bens quando o possuímos com perfeição. Somos tão mesquinhos e tardos em nos dar inteiramente a Deus, que jamais nos acabamos de dispor. Sua Majestade não quer que desfrutemos de coisa tão preciosa sem a pagarmos por bom preço.

2. Bem vejo que não há valor com que se possa comprar neste mundo tão grande tesouro. Contudo se fizéssemos o que está em nossas mãos, não nos apegando a coisa alguma terrena e pondo todo o nosso cuidado e trato no céu; se não tardássemos em nos dispor e nos entregar completamente a Deus, como fizeram alguns santos, estou certa de que esse bem nos seria dado muito depressa.

Mas julgamos dar tudo oferecendo apenas os rendimentos ou os produtos. Ficamos com a raiz e a propriedade. Abraçamos a pobreza — coisa que é de grande merecimento — no entanto, muitas vezes voltamos a preocupar-nos e a fazer diligências para que não nos falte não só o necessário, como também o supérfluo, granjeando amigos que nos ajudem. Assim, para que nada nos falte, temos maiores preocupações e nos expomos a maiores perigos do que antes, quando éramos proprietários.

Parece que renunciamos à honra pelo fato de nos fazer religiosos ou de começarmos a ter vida espiritual e a seguir o caminho da perfeição. No entanto se nos tocam um ponto de honra, esquecendo-nos de que já a consagramos a Deus, queremos recuperá-la e, por assim dizer, arrebatá-la das mãos. Isto depois de termos dado tudo o que é nosso ao Senhor por nossa livre vontade, ao menos aparentemente. Engraçada maneira de buscar o amor de Deus! E logo o queremos a mãos-cheias, como se costuma dizer!

3. Não dá certo conservarmos nossas afeições, e ao mesmo tempo sentirmos consolações espirituais, uma vez que não procuramos realizar nossos bons desejos, nem acabamos de os levantar da terra. Uma coisa não combina com a outra. O resultado é

que não nos resolvemos a dar tudo de uma vez. Mas também esse tesouro não nos é dado de uma só vez. Praza ao Senhor que, ao menos gota a gota, Sua Majestade nos dê essa riqueza, ainda à custa de todos os sofrimentos do mundo!

4. Ele faz grande misericórdia aos que concede graça e ânimo para se decidirem a procurar esse bem com todas as forças e constância. Se perseverarem, Deus a ninguém se nega. Pouco a pouco lhe vai habilitando o ânimo para que saia vitorioso. Digo ânimo, porque são inúmeras as dificuldades que o demônio apresenta aos principiantes para que não comecem deveras a percorrer este caminho — como quem sabe o prejuízo, que lhe advirá, de perder não só aquela alma senão muitas.

Com efeito, se, com o favor de Deus, o que começa fizer esforço para chegar ao auge da perfeição, creio que não irá sozinho ao céu, levará sempre muita gente atrás de si. O Senhor lhe dará quem vá em sua companhia, pois é bom comandante. Como já ponderei, são tantos os perigos e obstáculos que o demônio lhe põe diante dos olhos, que, para não retroceder, é preciso não pouca, senão muitíssima coragem e constante favor de Deus.

5. Deixando para depois o que comecei a dizer sobre a teologia mística — creio que assim se chama, — falarei dos principiantes, das almas já resolvidas a granjear esse bem e a levar a cabo tal empresa. É então que têm maior trabalho, porque Deus lhes dá o capital, mas são elas que labutam. Nos outros graus, ao invés, predomina a felicidade íntima, o saboroso. Contudo, tanto no começo como no meio e no fim, todas carregam suas cruzes, embora de modo diferente. Pelo mesmo caminho que Cristo trilhou hão de ir os que o seguem, se não quiserem perder-se. Bem-aventurados sofrimentos que, ainda nesta vida, recebem paga tão excessiva!

6. Terei de valer-me de alguma comparação. Mas, por ser mulher, preferiria evitá-la e simplesmente escrever o que me mandam. Contudo nesta linguagem espiritual, para os que não têm instrução, como eu, tenho necessidade de servir-me de uma comparação, que me parece li ou talvez ouvi, não sei onde nem a que propósito, devido à minha pouca memória. Agrada-me para o que agora quero dizer. Servirá para que Vossa Mercê se recreie à vista de tanta ignorância.

Em terreno onde brotam muitas ervas más, o principiante imagine que vai plantar um jardim, onde o Senhor possa deleitar-se. Sua Majestade arranca as ervas más e vai plantando as boas. Suponhamos que isto já esteja feito quando a alma se resolve a ter oração e nela começa a se exercitar. Com o auxílio de Deus, e como bons jardineiros, devemos procurar que cresçam as plantas, cuidando de as regar para que deem flores de perfume suavíssimo, a fim de deliciar a esse Senhor nosso. Assim, ele virá muitas vezes deleitar-se em nosso jardim e espairer entre essas virtudes.

7. Vejamos de quantas maneiras se pode regar para sabermos o que fazer, o trabalho que nos há de custar, calcular se o esforço é maior do que o lucro, e o tempo que levará. Parece-me haver quatro modos de regar: o primeiro é apanhar água a baldes num poço, com grande trabalho. O segundo é tirá-la mediante nora e alcatruzes movidos por um torno (assim o fiz algumas vezes), o que cansa menos e dá mais água. O terceiro é trazê-la de algum rio ou arroio, e por este meio se rega muito melhor, o jardineiro tem menos

trabalho, a terra fica bem molhada e não é necessário regar tantas vezes. O quarto é por chuvas frequentes e copiosas, modo incomparavelmente melhor que tudo que ficou dito. É então o Senhor quem rega, sem nenhum trabalho nosso.

8. Conforme o meu intento, apliquemos agora à oração essas quatro formas de regar com as quais se há de conservar o jardim, pois sem ser irrigado, perecerá. Por esta comparação creio poder explicar quatro graus de oração em que o Senhor, por sua bondade, tem posto algumas vezes minha alma. Praza a Sua Clemência, consiga eu dizê-lo de modo a aproveitar a uma das pessoas que me mandaram escrever<sup>[1]</sup>, pois em quatro meses o Senhor levou-a muito mais adiante do ponto em que me encontrava após dezessete anos de labutas. Essa pessoa correspondeu melhor do que eu. Sem trabalho rega seu vergel com todas essas quatro águas, ainda que a última não se lhe dê senão a gotas. Mas vai de tal sorte que depressa se engolfará nela, com o auxílio do Senhor. Gostarei que se ria, caso lhe pareça disparatado o meu modo de explicar.

9. Dos que começam a ter oração, podemos dizer que são os que tiram água do poço com baldes. É muito penoso, porque se cansam em recolher os sentidos e, como estão acostumados a andar distraídos, têm não pequeno trabalho. Cumpre irem-se habituando a não se importar com o que veem ou ouvem. É preciso que assim façam efetivamente nas horas de oração, buscando soledade, e pensando, apartados de tudo, em sua vida passada. Isto, aliás, todos o devem fazer com frequência, tanto os que começam como os que já estão no fim do caminho, insistindo mais ou menos, como depois direi. Os principiantes ainda sofrem no início, porque julgam não se arrepender suficientemente de seus pecados. Contudo seu arrependimento é sincero, visto estarem realmente determinados a servir a Deus. Procurem ocupar-se da vida de Cristo, e nesta meditação a mente se cansa.

Até aqui podemos chegar por nós mesmos. Bem entendido com o favor de Deus, pois sem este, já se sabe, não conseguimos sequer ter um bom pensamento. Isto é começar a tirar água do poço a baldes, e praça a Deus, não esteja seco! Ao menos fazemos o que é de nossa parte, indo apanhar água e empregando os meios ao nosso alcance para regar as flores. Deus pode permitir que o poço esteja seco por motivos que só ele conhece, e sempre é para nosso maior proveito espiritual. Se fizermos, porém, como bons jardineiros o que está em nossas mãos, ele, sendo tão bom, sustentará as flores e fará crescer as virtudes, mesmo sem água. Chamo água às lágrimas, e na falta delas, refiro-me à ternura e ao sentimento interior de devoção.

10. Neste ponto, o que fará quem, após muitos dias de trabalho, só acha secura, desgosto, dissabor, tédio de ir tirar água? Deixaria tudo se não fosse, por um lado, a lembrança de que presta serviço e dá prazer ao Senhor do jardim, e, por outro, o receio de perder todo o serviço passado, além da recompensa que espera ganhar pelo grande trabalho de lançar muitas vezes o caldeiro ao poço e tirá-lo sem água.

Acontecerá frequentemente que nem poderá levantar os braços, isto é, nem conseguirá formular um bom pensamento, porque esse trabalhar com o intelecto — fique entendido — é tirar a água do poço. Digo pois: que deverá fazer aqui o jardineiro? Alegar-se, consolar-se e ter por enorme favor trabalhar em jardim de tão grande



Imperador. Sabe que com isto dá prazer ao Senhor, e não é seu intento contentar-se a si, senão a ele. Louve-o muito e entenda que Sua Majestade lhe mostra confiança vendo que, sem paga nem jornal, tem tão grande cuidado do que lhe encomendou. Ajude-o a levar a cruz e pense que durante toda a vida o Senhor viveu nela.

Não procure seu reino aqui na terra, e jamais abandone a oração. Determine-se a permanecer toda a vida nessa aridez, e não deixe Cristo cair sozinho sob o peso da cruz. Tempo virá em que tudo lhe será pago de uma só vez. Não tenha medo de que se perca seu trabalho; serve a bom patrão, que o está olhando. Não faça caso de maus pensamentos. Lembre-se de que também o demônio os representava a São Jerônimo no deserto.

11. Tais trabalhos têm seu valor, bem o sei, como quem os passou durante muitos anos. Quando me acontecia tirar uma gota de água desse bendito poço, pensava que Deus me fazia favor. Sei quão penosos são esses trabalhos, e, a meu ver, para superá-los é preciso mais coragem do que para enfrentar muitas outras dificuldades do mundo. Mas também tenho visto claramente que Deus não os deixa sem grande prêmio ainda nesta vida. É certo, em uma só das horas nas quais o Senhor me permitiu alegrar-me nele, considero recompensadas todas as angústias que por muito tempo passei, a fim de perseverar na oração.

Tenho para mim que o Senhor envia esses tormentos e várias outras tentações que se apresentam — muitas vezes no início e outras no fim — para pôr a prova os que o amam, e verificar se poderão beber o cálice e ajudá-lo a carregar a cruz, antes de confiar-lhes grandes tesouros. E acredito que, para nosso bem, Sua Majestade quer conduzir-nos deste modo a fim de compreendermos o pouco que somos. Com efeito, tem reservadas para nós graças de tão alta dignidade, que, antes de as dar; deseja que vejamos por experiência nossa miséria, para não nos acontecer o mesmo que a Lúcifer.

12. Que fazeis vós, Senhor meu, que não seja para maior bem da alma que sabeis já ser vossa, pois entrega-se a vosso poder, resolvida a seguir-vos por onde fordes, até à morte de Cruz, com a determinação de vos ajudar a levá-la e de não vos deixar sozinho com ela? Quem vir em si tal determinação, nada, nada tem a temer! Gente espiritual não tem de que se afligir. Quem já está elevado a tão alto grau, de querer tratar a sós com Deus e deixar os passatempos do mundo, creia que a maior parte está feita. Louve a Sua Majestade. Confie em sua bondade, porque jamais faltou a seus amigos.

Feche os olhos da imaginação, e não fique pensando: por que dá devoção àquele em tão poucos dias, e a mim a nega em tantos anos? Creiamos que tudo é para nosso maior bem. Leve-nos Sua Majestade por onde e como quiser. Não somos nossos, mas seus. Bastante favor nos mostra em dar-nos disposição para cavarmos no jardim onde é Senhor, e trabalharmos junto dele, pois certamente está conosco.

Se permite que vicejem essas plantas e cresçam flores, dando a umas água tirada do poço, e a outras nenhuma, — o que tenho eu a ver? Fazei vós, Senhor, o que quiserdes, contanto que eu não vos ofenda, nem se percam as virtudes que já me destes, só por vossa bondade. Quero padecer, Senhor, pois vós padecestes. Cumpra-se em mim de todas as maneiras vossa vontade e praza a Vossa Majestade que algo de tanto preço

como vosso amor, não seja dado a gente que vos sirva só para ter consolações.

13. É muito de se notar, e assim digo porque o sei por experiência: a alma que nesta via da oração começa decididamente e consegue resolver-se a não fazer caso de aridez, quando lhe faltam delícias e ternuras, ou de consolação quando lha dá o Senhor, já tem andado grande parte do caminho. Não tenha medo de voltar atrás por mais que tropece, porque o edifício está assentado em firmes alicerces. Sim, o amor de Deus não consiste em ter lágrimas, nem tão pouco nesses gostos e ternuras que geralmente desejamos e com os quais nos consolamos, mas em servir a Deus com justiça, fortaleza de ânimo e humildade. O ter gostos mais me parece receber do que dar.

14. Para mulherzinhas como eu, fracas e inconstantes, acho conveniente que Deus as conduza com suavidades, como agora faz comigo para que possa sofrer alguns trabalhos conforme Sua Majestade dispôs que me sobreviessem. Mas servos de Deus, homens de valor, de estudos, de inteligência, dá-me desgosto vê-los preocupados e queixosos de que Deus não lhes concede devoção — como tenho ouvido. Não digo que não a aceitem e tenham em muita conta quando Deus a der, porque então Sua Majestade terá visto ser conveniente para eles. Quando, porém, não a tiverem, não se aflijam. Entendam que não lhes é necessária. Quando Sua Majestade a nega, andem senhores de si. Tenho visto e experimentado. Creiam que é imperfeição não andar com liberdade de espírito e é enfraquecer-se com ânimo irresoluto para qualquer acometimento.

15. Nisto não me refiro tanto aos principiantes, ainda que muito insista com eles neste ponto. Importa muito começarem com essa liberdade e determinação. Falo principalmente para outros, pois haverá muitos que começaram de longa data e não conseguem sair do princípio, devido em grande parte — creio — a não abraçarem a cruz desde o início. Por esta razão andam aflitos, julgando que nada fazem. Não podem suportar se o intelecto deixa de trabalhar, mas a vontade se robustece e cobra forças, embora não o percebam.

Convençamo-nos de que o Senhor não apura estas coisas, que nos parecem faltas e não o são. Melhor do que nós, conhece nossa miséria e baixeza naturais, e sabe que estas almas já desejam amá-lo e pensar sempre nele. Esta resolução, eis o que o Senhor quer. No mais, a aflição que nos acabrunha só serve para inquietar a alma. Se está incapaz de tirar fruto durante uma hora, ficará na mesma quatro horas.

Muitas vezes tudo provém de indisposição corporal. Tenho disto grande experiência e sei que é verdade, pois o tenho considerado atentamente e consultado em seguida pessoas espirituais. Somos tão miseráveis que esta encarceradinha, que é nossa alma, participa das misérias do corpo. As mudanças de tempo e as variações dos humores fazem muitas vezes que, sem culpa sua, ela não possa realizar o que quer e padeça de todos os modos. Em tais ocasiões, quanto mais lhe fazem violência, tanto mais dura o mal. É preciso discrição para ver quando é o caso, e não atormentar a pobrezinha. Entendam que estão doentes; mudem a hora da oração, e às vezes será necessário que assim façam durante alguns dias. Passem este desterro como puderem. É bastante desventura, para a alma, que ama a Deus, ver-se tão miserável nesta vida. Não faz o que quer, pois tem tão mau hóspede como é o corpo.

16. Repito: é necessário ir com discrição, porque em algumas ocasiões será obra do demônio. É bom nem sempre deixar a oração quando o intelecto está muito distraído e perturbado, e nem sempre atormentar a alma obrigando-a ao que está acima de suas forças. Há outras ocupações de obras de caridade e leitura de bons livros, ainda que por vezes nem isto seja possível. Sujeite-se então a servir o corpo, por amor de Deus, para que ele muitas outras vezes sirva à alma. Tome alguns passatempos santos de conversações virtuosas, ou vá ao campo, conforme o conselho do confessor. Em tudo é grande coisa a experiência, que dá a entender o que nos convém. Em tudo se serve a Deus. Suave é o seu jugo. É grande sabedoria não trazer a alma arrastada, como se diz, senão levá-la com suavidade, para seu maior aproveitamento.

17. Torno a avisar, e não importa se eu o repetir muitas vezes, porque é muito importante: por securas, inquietações ou distração nos pensamentos, ninguém fique atormentado ou aflito. Quem quiser adquirir liberdade de espírito e não andar sempre atribulado, comece por não se espantar com a cruz. Verá como o Senhor ajuda a levá-la. Deste modo viverá contente e tirará proveito de tudo. É claro: se o poço está seco, não podemos nós enchê-lo de água. O importante é que não nos descuidemos de tirá-la assim que a água começar a brotar, porque então Deus já quer por meio dela multiplicar as virtudes.

## CAPÍTULO 12

**Fala sobre o primeiro grau de oração. Diz até que ponto podemos chegar por nós mesmos, com o favor de Deus. Há perigo em querer elevar o espírito a coisas sobrenaturais e extraordinárias, antes que o Senhor o faça**

1. No capítulo precedente fiz largas digressões que me pareciam muito necessárias, para explicar até que ponto podemos chegar por nós mesmos, valendo-nos dos nossos próprios recursos.

Com efeito, pensando detalhadamente no que o Senhor sofreu por nós, movemo-nos à compaixão e encontramos sabor neste padecimento e nas lágrimas que dele procedem. A consideração da glória que esperamos, do amor que o Senhor nos teve e de sua ressurreição, infunde-nos uma alegria que nem é de todo espiritual, nem também sensível, mas virtuoso deleite, e o pesar é muito meritório. Desta mesma forma são todas as coisas que causam devoção, quando esta é em parte adquirida pelo intelecto. Contudo, se Deus não a desse, ninguém a poderia merecer nem ganhar. Está muito bem para uma alma a quem o Senhor só elevou até aqui. Não procure subir por si mesma. Note isto muito, porque em vez de lucro só terá prejuízo.

2. Neste estado pode fazer muitos atos, uns para se determinar a realizar grandes coisas por Deus e estimular-se em seu amor. Outros para se animar a crescer nas virtudes, como ensina um livro chamado *Arte de servir a Deus*<sup>[1]</sup> que é muito bom e apropriado para os que estão neste grau em que o intelecto age.

Imagine estar diante de Cristo e tome o costume de se enamorar de sua sagrada humanidade, trazendo-o sempre consigo. Fale a este Senhor: peça-lhe socorro nas necessidades; com ele se queixe nos sofrimentos e se alegre nos contentamentos, jamais o esquecendo por motivo algum. Tudo isto faça sem procurar orações compostas, mas com palavras que expressem seus desejos e suas necessidades. É excelente maneira de progredir, e em pouco tempo. Dou por adiantado quem se esforça por viver nesta valiosa companhia, aproveitando muito dela, e adquirindo um amor verdadeiro por este Senhor a quem tanto devemos.

3. Para isto, como já disse, nenhum caso façamos de não sentir devoção. Agradeçamos ao Senhor, que nos deixa ficar desejosos de o contentar, ainda que as obras sejam fracas. Este modo de trazer Cristo conosco é proveitoso em todos os estados. É meio seguríssimo para irmos sempre progredindo no primeiro grau de oração e chegarmos em breve ao segundo. E também nos últimos para andarmos seguros dos perigos que o demônio pode inventar.

4. Em suma, é o que está em nossas mãos. Quem quiser passar adiante e levantar o espírito a sentir gostos, que não lhe são dados, perderá uma e outra coisa. Esses gostos são sobrenaturais, e, perdido o socorro que lhe vem do intelecto, a alma fica desamparada e com muita secura como todo esse edificio tem por alicerce a humildade,

quanto mais chegados a Deus, tanto mais adiantados estaremos nesta virtude. A não ser assim vai tudo perdido.

Parece, aliás, algum gênero de soberba querermos por nós mesmos subir mais. Pelo que somos, Deus já faz demasiado em nos chegar para junto de si. Não se há de entender com isto que não seja bom elevar o pensamento a Deus e à sua sabedoria, ou a coisas altas do céu e grandezas que existem por lá. Quanto a mim nunca o fiz, por falta de capacidade, como já disse. Achava-me tão ruim, e Deus me fazia a graça de entender esta verdade. Pensar em coisas da terra, não era pouco atrevimento, quanto mais nas do céu! Contudo outras pessoas tirarão fruto, especialmente se tiverem instrução. A ciência é grande tesouro para esse exercício, quando acompanhada de humildade. De uns tempos para cá, tenho-o observado em alguns estudiosos que começaram há algum tempo e têm aproveitado muitíssimo. É o que me faz desejar ardentemente que muitos sejam espirituais, como adiante direi.

5. Isto que digo: — não subam sem que Deus os faça subir — é linguagem espiritual. Quem tiver alguma experiência me entenderá. Se alguém não entender, não o sei dizer por outras palavras. Na mística teologia, de que comecei a falar, o intelecto deixa de agir porque Deus o suspende. Depois explicarei, se o souber dizer e Sua Majestade para isto me der seu favor. Tentar ou presumir suspendê-lo por nós mesmos, deixar de agir com ele, é o que digo não ser conveniente, sob pena de ficarmos atoleimados<sup>[2]</sup> e frios, sem oração e sem contemplação.

Quando o Senhor o suspende e faz parar, dá-lhe com que se ocupe e se impressione, de tal modo que no espaço de um Credo entende mais, sem raciocinar, do que podemos entender em muitos anos com todas as nossas diligências da terra. Mas querermos por nós mesmos atar as faculdades da alma e suspender sua atividade natural é desatino e grande falta de humildade. Embora não o perceba nem haja culpa, haverá prejuízo, pois será trabalho perdido, e a alma ficará um tanto desgostosa, como quem vai dar um salto e sente que o seguram por detrás. Prepara as forças e não consegue seu intento.

Quem quiser verificar verá o pouco lucro que lhe resta, causado por esse pouquinho de falta de humildade a que me refiro. Com efeito, uma das excelências desta virtude é que tudo o que se faz apoiado nela jamais deixa desgosto na alma. Parece-me tudo bem explicado, e porventura o estará só para mim. O Senhor abra os olhos aos que isto lerem, dando-lhes experiência, e por mínima que seja, logo o entenderão.

6. Passei vários anos lendo muita coisa e sem entender coisa alguma. Depois, durante muito tempo, ainda que Deus me concedesse graças, não sabia dizer uma palavra para o dar a entender, o que não me custou pouco sofrimento. Quando Sua Majestade quer, num momento ensina tudo de tal maneira que me espanto. Uma coisa posso dizer com verdade: ainda quando falava com muitas pessoas espirituais, e queriam explicar-me o que o Senhor me dava para que eu o soubesse dizer, era tal minha rudeza que não aprendia, nem muito nem pouco.

Talvez o Senhor quisesse que eu a ninguém fosse devedora neste ponto, pois Sua Majestade tem sido sempre meu mestre. Seja ele bendito por tudo. Bastante confusão é para mim poder dizer isto com verdade. Em seguida, sem que eu o quisesse ou pedisse

— pois neste ponto em que seria virtude ser curiosa, não o fui, senão em outras vaidades, — Deus me deu num instante a graça de compreender e explicar tudo com toda clareza, a ponto de se admirarem meus confessores, e eu mais que eles, porque tinha maior conhecimento de minha rudeza. Recebi esta graça há pouco tempo. As demais que o Senhor não me ensinou, não procuro saber, a não ser o que toca à minha consciência.

7. Torno a avisar que importa muito não levantar o espírito, quando o Senhor mesmo não o levanta. O que isto quer dizer, logo se entende. Em especial para mulheres é mais perigoso. O demônio poderá causar alguma ilusão, conquanto eu tenha por certo que o Senhor não lhe permitirá prejudicar a alma que procura chegar-se a Deus com humildade. Pelo contrário, tirará maior proveito e lucro daquilo mesmo com que o inimigo pensava causar-lhe perda.

Por ser este caminho dos principiantes o mais comum, e porque são muito importantes os avisos que dei, tive de me alargar tanto. Em outros livros estarão escritos de modo muito melhor. Digo também que o escrevi com bastante confusão e vergonha, ainda que não tanta como deveria ter. Seja o Senhor bendito por tudo, pois quer e consente que uma criatura como eu, fale de assuntos tão altos e tão sublimes.

## CAPÍTULO 13

**Prossegue na explicação do primeiro grau e dá avisos para certas tentações que o demônio costuma suscitar. Advertências para elas. É muito proveitoso**

1. Julgo necessário falar de certas tentações muito comuns no princípio, das quais experimentei algumas, e dar avisos oportunos sobre vários pontos.

Os principiantes procurem andar com alegria e liberdade de espírito. Não creiam como certas pessoas, que toda a devoção fugirá se houver um pouquinho de descuido. É bom andar cada um com temor, não se fiando de si, nem muito nem pouco, nem se metendo em ocasião de ofender a Deus. Isto é em extremo necessário enquanto a virtude não está solidamente arraigada na alma.

Não são muitos os que chegam a tão alto grau, e que possam descuidar-se em ocasiões que favoreçam seus apetites naturais. Enquanto estivermos nesta vida, é grande bem conhecermos nossa miserável natureza, mesmo no que toca à humildade. Contudo, há muitas ocasiões em que é lícito espairar um pouco, mesmo para tornar depois à oração com mais fervor. Em tudo é preciso discernimento.

2. É indispensável ter grande confiança. Convém muito não amesquinhar os desejos, e confiar em Deus. Se de nossa parte nos esforçarmos, poderemos pouco a pouco, e com o auxílio do Senhor, atingir o cume aonde tantos santos chegaram, embora não seja imediatamente. Se estes nunca se tivessem determinado a ter desejos e pouco a pouco passado à prática, não teriam subido a tão alto estado. Sua Majestade quer almas corajosas e é amigo delas, contanto que andem com humildade, desconfiando sempre de si mesmas. Nunca vi alguma destas ficar rasteira neste caminho. Nem vi alma covarde, sob pretexto de humildade, andar em muitos anos o que as outras andam em pouco tempo. Impressiona-me a importância capital que tem neste caminho animar-se a grandes coisas. Ainda que a alma não tenha logo forças; como avezinha à qual ainda não cresceram as asas, cansa-se e para muitas vezes, mas de cada voo vence muita distância.

3. Em tempos passados lembrava-me frequentemente do que diz são Paulo: que em Deus tudo se pode (Fl 4,13). Por mim mesma, bem convencida estava de que nada podia. Isto me valeu muito, assim como os dizeres de santo Agostinho: “Dá-me, Senhor, o que me mandas, e manda o que quiseses” (Conf. I, 10, c. 29). Costumava pensar que são Pedro nada perdera por ter-se lançado ao mar, embora depois tivesse medo. Grande coisa são essas determinações logo no começo. Nesse primeiro estado de oração é preciso caminharmos mais lentamente e com prudência, seguindo o parecer de um mestre. Cumpre, porém, tomar cuidado para que seja confessor tal que não ensine a andar como sapos, nem se contente de adestrar a alma a só caçar lagartixas. Tenhamos sempre a humildade diante dos olhos, para entendermos que essas forças não hão de vir de nós.

4. É necessário, entretanto, compreender como há de ser essa humildade. Penso que o

demônio faz muito dano e impede que as almas de oração se adiantem, dando-lhes um falso conceito de humildade, fazendo-lhes parecer soberba ter grandes desejos, querer imitar os santos e aspirar ao martírio. Logo nos diz ou faz entender que os feitos dos santos devem ser admirados e não imitados por pecadores como nós. Isto também digo eu, mas devemos ver bem o que é de admirar e o que é de imitar. Efetivamente não seria razoável uma pessoa fraca e enferma meter-se a fazer muitos jejuns e penitências, indo para um deserto onde não pudesse dormir nem tivesse o que comer, ou coisas semelhantes. Devemos pensar que, com o favor de Deus, podemos esforçar-nos a fim de conseguir grande desprezo do mundo e suas honras, e desapego dos bens terrenos. Temos uns corações tão apertados, que parece nos há de faltar o chão quando nos descuidamos um pouco do corpo para dar mais ao espírito.

5. Logo imaginamos que a fartura de todos os bens contribui para o recolhimento, porque os cuidados perturbam a oração. Muito me pesa que seja tão pouca a nossa confiança em Deus e tanto o amor-próprio, que nos inquietemos com tais preocupações! Acontece então que, onde o espírito está assim tão fraco, umas ninharias nos causam tanto sofrimento quanto grandes coisas e mui importantes a outras pessoas. E no íntimo presumimo-nos de espirituais!

Parece-me agora, a mim, que essa maneira de caminhar significa querermos conciliar corpo e alma, para não perdemos aqui o descanso e irmos lá no céu gozar de Deus. Assim sucederá, de fato, se andarmos com justiça e apegados à virtude. Mas é passo de galinha, com o qual nunca chegaremos à liberdade de espírito. É modo de proceder muito correto para pessoas casadas, que devem viver segundo a sua vocação. Mas para outro estado, absolutamente não desejo tal maneira de aproveitar, nem me farão crer que é boa. Já a experimentei, e se o Senhor, por sua bondade, não me tivesse ensinado outro atalho, teria ficado no mesmo ponto.

6. Verdade é que no tocante aos desejos, sempre os tive grandes, mas procurava fazer como disse: ter oração e viver a meu bel-prazer. Creio que se tivesse quem me ensinasse a voar, ter-me-ia esforçado para pôr em prática os desejos. Por nossos pecados, os que não têm demasiada discrição neste ponto são tão poucos, tão raros, que penso ser esta, em grande parte, a causa pela qual os principiantes não se elevam mais depressa à grande perfeição. O Senhor nunca falta, nem dele vem o impedimento. Somos nós os culpados, e miseráveis.

7. Podemos ainda imitar os santos procurando soledade, silêncio e muitas outras virtudes que não matarão os manhosos corpos, que tão concertadamente querem ser levados para desconcertar a alma. O demônio, aliás, ajuda muito a torná-los incapazes quando vê um pouco de temor. Não lhe é preciso muito para nos fazer imaginar que tudo nos há de tirar a saúde e a vida. . . Faz até evitar chorar por medo de cegueira. Passei por isto, e sei que é assim. Não compreendo que melhor vista nem saúde podemos desejar, do que perdê-la por semelhante causa.

Como sou tão enferma, enquanto não me resolvi a não fazer caso do corpo e da vida, sempre estive amarrada, sem prestar para coisa alguma. E ainda agora, aliás, faço bem pouco. Quis Deus que eu entendesse o ardil, e quando o inimigo me acometia com o



receio de perder a saúde, respondia-lhe: “Pouco importa que eu morra”. Se me sugeria descanso: “Não tenho necessidade de descanso, senão de cruz”. Assim, outras coisas. Vi claramente que em muitíssimas circunstâncias, embora de fato eu seja bem doente, era tudo tentação do demônio ou frouxidão de minha parte. Depois que deixei de ser tão cuidadosa e mimada, sou muito mais sadia. Em suma, desde o princípio, quando se começa a ter oração, importa muito não amesquinhar os pensamentos. Creiam-me nisto, pois digo por experiência. Esta relação de minhas faltas poderá servir ao menos para que vos instruais às minhas custas.

8. Outra tentação muito comum nos que começam a saborear o sossego e a ver quanto lucram com ele, é o desejo de que todos sejam muito espirituais. Desejá-lo não é mau. Procurá-lo poderá não ser bom, se não houver muita sagacidade e discricção para não dar mostras de querer ensinar. Quem neste ponto quer fazer algum bem deve ter as virtudes muito fortalecidas para não causar tentação aos outros.

Aconteceu isto comigo nos tempos em que procurava que outras pessoas tivessem oração, por isso o entendo. Por uma parte, viam-me falar grandes coisas do imenso bem que é tê-la, e por outra viam-me viver com total pobreza de virtudes, embora exercitando-me nelas. Ficavam perplexas e tentadas, como depois vieram a me dizer. Tinham toda razão, porque não compreendiam como era possível conciliar coisas tão opostas. Eu era causa de não terem por mal o que de fato era. Tinham boa opinião de mim e viam-me fazê-lo algumas vezes.

9. Aqui há astúcia do demônio. Vale-se das virtudes e boas qualidades que temos, para autorizar, o mais que pode, o mal que pretende, e, por menor que este seja, lucra bastante, quando é numa comunidade. Tanto mais quanto o mal que eu fazia era muitíssimo. O certo é que em longos anos, só três pessoas aproveitaram-se do que eu lhes dizia. Depois, quando já o Senhor me havia dado mais forças para praticar a virtude, em dois ou três anos, muitas outras progrediram, como adiante direi. Ainda vejo outro grande inconveniente. A alma fica prejudicada. Sobretudo no princípio ela deve cuidar só de si própria e pensar que não há na terra senão Deus e ela. Esta consideração lhe fará grande bem.

10. Outra tentação é termos pena dos pecados e faltas do próximo. Todas essas tentações se apresentam sob a aparência de zelo pela virtude. É preciso saber entendê-las e andar com precaução. O demônio instiga a querer remediar prontamente os males. Faz crer que o único motivo é o zelo da honra de Deus, a vontade de que ele não seja ofendido. In-quieta de tal maneira, que impede a oração. O maior dano é a convicção de ser tudo isso virtude, perfeição e grande zelo da glória de Deus.

Não me refiro à dor causada por pecados públicos e habituais de uma congregação, ou males que vêm à Igreja com as heresias, em que se perdem tantas almas. Esta dor é muito salutar e, como tal, não inquieta. A segurança para a alma, que começa a fazer oração, é descuidar-se de tudo e de todos e só querer saber de si e de contentar a Deus. Isto é muito conveniente, porque se fosse dizer os erros que tenho visto pela demasiada confiança na boa intenção. . .

11. Procuremos, pois, olhar sempre as virtudes e coisas boas que notarmos nos outros, e

encobrir seus defeitos com os nossos grandes pecados! Este modo de proceder, embora no princípio não seja com perfeição, dar-nos-á uma virtude excelente, qual a de termos todos por melhores que nós. Fazendo assim iremos progredindo, com o favor de Deus, que é necessário em tudo, e sem o qual inúteis serão as nossas diligências. Supliquemos ao Senhor que nos dê esta virtude e esforcemo-nos de nossa parte, pois ele a ninguém falta.

Os que raciocinam muito com o intelecto, tirando de cada ponto muitos conceitos e reflexões prestem agora atenção a este aviso. Quanto aos que não podem trabalhar com a mente e raciocinar, como era meu caso, só há uma coisa a dizer: tenham paciência, até que o Senhor lhes dê ocupação espiritual e luz. Por si são capazes de muito pouco e no intelecto encontram mais embaraço do que auxílio.

Tornando aos que raciocinam, digo que não gastem nisto todo o tempo, embora seja muito meritório. Como lhes é saborosa a oração, pensam que não há de haver dia de domingo, nem ocasião para deixar de trabalhar. Logo lhes parece que é tempo perdido, ao passo que tenho por grande lucro esta perda.

Em vez disso, torno a dizer, imaginem estar diante de Cristo, e, dando folga ao intelecto, fiquem falando e alegrando-se com o Senhor, sem se cansar em compor raciocínios. Apresentem-lhe as necessidades, lembrando-se também das razões que ele teria de não admiti-los tão junto de si. Por vezes uma coisa, e por vezes outra, para que a alma não se canse de comer sempre o mesmo alimento. Estes de que falo, são muito gostosos e proveitosos. Se o paladar se acostuma a saboreá-los, trazem consigo grande substância para dar vida à alma, além de muitas outras vantagens.

12. Quero expressar-me melhor, porque estas coisas de oração, são todas difíceis e custosas de entender quando não se acha mestre que as explique. Por esta razão, ainda que eu quisesa ser breve, e bastaria só tocar no assunto para o bom entendimento de quem me mandou escrever, minha tarda inteligência não sabe dizer e explicar em poucas palavras coisa que tanto importa ir bem explicada. Como passei por tantos sofrimentos, tenho pena dos que começam só com livros. Admiro-me ao verificar como se entende, de modo tão diferente do que é na realidade, uma coisa que, depois por experiência, se vem a conhecer tal qual é.

Tornando ao que dizia: ponhamo-nos a pensar num passo da paixão — por exemplo, o do Senhor atado à coluna — e com o intelecto busquemos razões para avaliar as grandes dores e a pena que teria Sua Majestade ali tão só, além de muitas outras coisas que um espírito agudo ou pessoa instruída poderá tirar dessa consideração. Este é o modo de oração própria para todos, quer estejam no começo, quer no meio, quer no fim. É caminho excelente e seguro, até que o Senhor os eleve a favores sobrenaturais.

13. Digo todos, porque há muitas almas que em outras meditações acham mais proveito do que na da sagrada paixão. Há muitos caminhos, assim como há muitas moradas no céu. Algumas pessoas tiram fruto considerando-se no inferno; outras se afligem de pensar nele e preferem meditar sobre o céu; outras cuidam na morte. Algumas, se são ternas de coração, ficando magoadas de pensar sempre na paixão, alegram-se e tiram fruto considerando o poder e a grandeza de Deus nas criaturas, assim como no amor que

nos tem e que se manifesta em todas as coisas. É maneira admirável de proceder. Contudo hão de voltar muitas vezes à paixão e vida de Cristo, que é a fonte de onde nos tem vindo e virá sempre todo bem.

14. O principiante há de andar atento para conhecer o que lhe traz maior proveito. Para isto é muito necessário ter mestre que seja experiente. Se o diretor não for experiente, pode errar muito e dirigir uma alma sem a entender, nem deixar que ela mesma se entenda. Esta não ousará apartar-se do que lhe manda, sabendo que é grande mérito estar sujeita a um mestre. Tenho encontrado almas encurraladas e aflitas, por falta de experiência em quem as dirigia, que me causavam lástima. Uma já não sabia o que fazer de si, porque tais diretores, não entendendo o espírito, afligem alma e corpo, e estorvam o aproveitamento. Outra, com quem tratei, estava há oito anos atada pelo seu mestre, que a não deixava sair do conhecimento próprio, pelo que sofria muito e, no entanto, o Senhor já a havia elevado à oração de quietude.

15. É verdade que o exercício do conhecimento próprio jamais se há de deixar, nem há neste caminho alma tão gigante que não tenha necessidade muitas vezes de tornar a ser criança de peito. Sim, não há estado de oração tão elevado, em que não seja preciso voltar, de vez em quando, ao princípio. Isto jamais se olvide. Talvez o repita outras vezes, porque importa muito. A lembrança dos pecados e o conhecimento próprio, eis o pão com que havemos de comer todos os dias os manjares, por delicados que sejam, neste caminho da oração. Sem ele, não nos poderíamos sustentar. Contudo é preciso não comer desmedidamente.

Depois que uma alma se vê já rendida e entende claramente que nenhuma coisa boa possui, e se sente envergonhada diante de tão grande Rei, então vê o pouco que lhe paga pelo muito que lhe deve. Que necessidade tem de gastar o tempo todo nisso? Melhor será irmos a outras coisas que o Senhor nos põe diante dos olhos e que não é razoável deixarmos. Sua Majestade sabe melhor que nós o alimento que nos convém comer.

16. Assim importa muito que o mestre seja avisado, isto é, que tenha boa inteligência e experiência. Se além disto tiver ciência, será perfeito. Mas se não for possível achar estas três coisas juntas, as duas primeiras importam mais, pois, em caso de necessidade, pode-se recorrer aos teólogos para alguma consulta. No princípio, pouco ajudam os diretores que não têm oração, ainda que sejam sábios. Não digo que os principiantes não tratem com estes, pois espírito que desde o começo não vá fundado na verdade, mais o quisera sem oração. Grande coisa é a ciência! Os que a têm nos instruem, a nós que pouco sabemos, e nos esclarecem de modo que, apoiados nas verdades da Sagrada Escritura, fazemos o que é de nosso dever. De devoções tolas<sup>[1]</sup>, livre-nos Deus!

17. Quero explicar melhor, pois creio que me perco em muitas coisas. Sempre tive esta falta, de não saber explicar-me senão à custa de muitas palavras. Certa monja começa a ter oração. Se um confessor simplório a dirige e lhe vem à cabeça que assim deve ser, far-lhe-á entender que é melhor obedecer a ele do que ao superior. Se não for religioso, talvez pensará deste modo. Isto sem malícia, imaginando acertar. Tratando-se de mulher casada, dir-lhe-á que empregue em oração o tempo destinado ao governo da casa, ainda que descontente o marido. Desta sorte não saberá ordenar o dia nem as ocupações para

que ande tudo conforme à verdade. Por lhe faltar, a ele, a luz, não a dá aos outros, conquanto o deseje. Embora para isto não pareça necessário ter estudos, minha opinião sempre foi e será que qualquer cristão procure tratar, se for possível, com homens doutos, e quanto mais o forem, melhor. Os que vão pelo caminho da oração, maior necessidade têm disto, e tanto maior quanto forem mais espirituais.

18. Ninguém se engane em pensar e dizer que teólogos sem oração não servem para os que a têm. Com muitos tenho tratado, pois, de uns anos para cá, mais os procuro por ser maior a necessidade, e sempre fui amiga deles. Tenho visto que, embora alguns careçam de experiência, não aborrecem o que é espiritual, nem o ignoram, porque no estudo constante da Sagrada Escritura acham a verdade do bom espírito. A meu ver, pessoa de oração que trate com teólogos, se não quiser enganar-se, não será enganada pelos demônios com ilusões, porque, segundo creio, estes temem grandemente a ciência humilde e virtuosa, sabendo que serão descobertos e sairão perdendo.

19. Disse isto porque há quem pense, que teólogos sem espiritualidade não são capazes de dirigir almas de oração. Já disse que é necessário mestre espiritual, mas se este não for instruído, haverá grandes inconvenientes. Ajudará muito tratar com homens doutos, desde que sejam virtuosos. Ainda que não estejam muito adiantados na vida espiritual, farão bem. Deus lhes dará a entender o que hão de ensinar, e talvez os torne espirituais para que nos ajudem.

Isto não o digo sem o haver experimentado: aconteceu-me com mais de dois. Digo que uma alma, resolvida inteiramente a submeter-se à direção de um só mestre, errará muito se não procurar que ele seja tal como digo. Se o discípulo for religioso, há de estar sujeito ao seu prelado. Mas se a este faltarem, porventura, os requisitos indicados, não será pequena a cruz. Não queira, por sua vontade, sujeitar seu juízo a quem não tenha boa inteligência. Pelo menos eu nunca pude me dobrar a isto, nem o acho conveniente.

Se o discípulo for secular, louve a Deus, porque pode escolher a quem há de estar sujeito e não perca tão santa liberdade. Prefira ficar sem diretor até encontrar um que seja capaz. O Senhor lho dará, se for tudo fundado em humildade e desejo de acertar. Muito louvo a Deus por isto; as mulheres e os que não têm estudos sempre lhe devíamos dar infinitas graças por haver quem, com tanto esforço, tenha alcançado a verdade que nós, ignorantes, desconhecemos.

20. Muitas vezes fico espantada ao ver com quanto esforço os teólogos, especialmente os religiosos, adquiriram a ciência da qual me aproveito, sem me custar mais trabalho do que perguntar. E haverá pessoas que não se queiram valer deste meio? Não o permita Deus! Vejo-os vivendo sob os rigores da religião, que são grandes; com penitências e má comida, sujeitos à obediência, a tal ponto que algumas vezes, confesso, me causam grande confusão; além disto, poucas horas de sono, tudo sofrimentos, tudo cruz. Parece-me que seria grande mal se alguém, por sua culpa, perdesse a ocasião de tirar proveito de tanto bem. E poderá ser que alguns entre nós, estando livres desses labores, vivendo à nossa fantasia, e recebendo deles o manjar guisado, como se costuma dizer, pensemos que levamos vantagem a tantos sofrimentos, por termos um pouco mais de oração.

21. Bendito seiais vós, Senhor, que tão inábil e sem proveito me fizestes! Muito e muito

vos louvo, sobretudo por suscitardeis tantos sacerdotes que nos estimulem. Nossa oração seja contínua por esses que nos esclarecem. Que seríamos sem eles, no meio de tantas tempestades que se desencadeiam agora sobre a Igreja? Se alguns maus tem havido, mais resplandecerão os bons. Praza ao Senhor sustentá-los com sua mão e ajudá-los para que nos ajudem. Amém.

22. Apartei-me muito do que comecei a dizer, mas propositadamente, pois tudo é oportuno para que os principiantes, nesse caminho tão elevado, comecem de maneira a seguir sempre o verdadeiro rumo. Tornemos agora ao que dizia sobre o pensar em Cristo atado à coluna. É bom raciocinar um pouco e pensar nas penas que ali teve. Por quem as sofreu, quem é e o que padeceu e com que amor as passou. Mas não se canse a alma em andar sempre buscando raciocínios, antes fique ali com ele, deixando calar o intelecto. Se puder, ocupe-se em ver que o Senhor a está olhando, faça-lhe companhia, fale, peça, humilhe-se, rejubile-se com ele e lembre-se de que não merecia estar ali. Quando puder fazer isto, mesmo que seja desde o princípio da oração, achará grande proveito, pois faz muito bem este modo de proceder. Ao menos assim aconteceu à minha alma. Não sei se acerto em dizê-lo. Vossa Mercê julgará. Praza ao Senhor, acerte eu a contentá-lo sempre. Amém.

## 2º GRAU DA ORAÇÃO

## CAPÍTULO 14

**No segundo grau de oração, o Senhor concede à alma sentir gostos mais particulares. Diz que são favores sobrenaturais. Convém observar**

1. Já foi dito o trabalho com que se rega esse jardim, à força de braços, tirando água do poço. Diremos agora o segundo modo de extrair, que o Senhor do jardim ordenou para que, com indústria, por meio de um torno e de alcatruzes, o jardineiro consiga tirá-la em maior quantidade, com menos esforço e possa descansar, sem estar continuamente trabalhando. Agora quero explicar este modo de regar aplicado à oração que chamam de quietude.

2. A alma começa aqui a recolher-se e já atinge o sobrenatural, que, por si mesma, de maneira alguma pode atingir, por mais diligências que faça. Verdade é que parece ter-se cansado algum tempo em manejar o torno e encher os alcatruzes, trabalhando com o intelecto. A água, porém, já sobe mais, e assim se trabalha muito menos do que tirando-a do poço com baldes.

Digo que a água está mais perto, porque a graça se dá mais claramente a conhecer à alma. Encolhem-se então as faculdades dentro de si para mais a seu gosto alegrarem-se com o contentamento que sentem. Contudo não ficam perdidas nem adormecidas. Só a vontade se ocupa, de maneira que, sem saber como, torna-se cativa, dando apenas consentimento para que Deus a encarcere. Mas ela sabe perfeitamente ser escrava daquele a quem ama. Ó Jesus e Senhor meu, quanto nos vale aqui vosso amor, pois traz o nosso tão atado, que naquela hora não lhe deixa liberdade para amar senão a vós!

3. As outras duas faculdades ajudam a vontade para que se vá tornando capaz de fruir de tanto bem. Algumas vezes acontece atrapalharem muito, mesmo estando a vontade unida a Deus. Então o melhor é não fazer caso delas, e conservar-se a vontade na sua alegria e quietude. Se as quiser re-colher, perder-se-á juntamente com elas.

Essas duas faculdades, o intelecto e a memória, podem ser comparadas, nessas ocasiões, a umas pombas que sem trabalho não se contentam com a comida que lhes dá o dono do pombal, e vão buscar alimento por outras partes. Mas sentem-se tão mal, que voltam, e assim vão e vêm, na esperança de que a vontade reparta com elas o que desfruta. Se o Senhor quiser, lança-lhes migalhas e elas se detêm, senão tornam a voar. Pensam que prestam serviço à vontade, e é o contrário. A memória e a imaginação prejudicam querendo figurar e representar o que a vontade está sentindo. Guarde ela, pois, este aviso e se comporte com estas faculdades do modo como agora direi.

4. Tudo o que aqui se passa é com grande consolo e com tão pouco trabalho, que a oração não cansa, ainda que dure longo tempo. O intelecto age com muita suavidade e tira muito mais água do que apanhava no poço. As lágrimas, concedidas por Deus, já vêm com alegria. Brotam naturalmente, sem esforço nosso.

5. Esta água de grandes bens e graças, que o Senhor dá aqui, faz crescer as virtudes

incomparavelmente mais que no estado precedente. A alma já se vai elevando acima de sua miséria, e recebendo alguma notícia das delícias da Glória. Este conhecimento a faz progredir mais rapidamente e também mais a aproxima da verdadeira virtude, de onde todas as virtudes procedem, que é Deus. Sua Majestade começa a dar-se a esta alma, e quer que sinta de que modo se lhe comunica.

Chegando a este estado, ela vai logo perdendo a cobiça das coisas da terra, o que não é de admirar. Ela vê claramente que aquele gosto não se adquire aqui nem por um só instante. Nem há riquezas, nem prestígio, nem honras, ou encantos que bastem para dar um vislumbre deste contentamento, porque é verdadeiro júbilo que sacia completamente. Quanto aos prazeres terrenos, pelo contrário, é raro entendermos onde está a satisfação: há sempre algum senão.

Já nas alegrias do espírito, tudo é satisfação no tempo em que duram; o senão vem depois, ao vermos que se acaba aquele bem e que não o podemos recuperar, nem sabemos como. De pouco servirão penitências rigorosas, orações e tudo mais, se o Senhor o não quiser dar. Por sua grandeza, Deus quer dar a entender à alma que ela possui Sua Majestade tão perto de si, que já não tem necessidade de lhe enviar mensageiros. Basta falar-lhe e não muito alto, porque, estando tão perto, compreende um simples mover de lábios.

6. Parecerá tolice dizer isto, pois sabemos que Deus está conosco sempre, e nos entende. Não há dúvida de que seja assim, mas este Imperador e Senhor nosso deseja que saibamos que nos ouve na ocasião e que tenhamos consciência daquilo que sua presença produz em nós. Dá a conhecer que pretende agir na alma de modo particular, pela grande satisfação interior e exterior que lhe concede e pela diferença que há entre esta alegria, este contentamento e os prazeres da terra.

Parece preencher o vazio que tínhamos no coração devido a nossos pecados. É muito no íntimo que a alma frui esta satisfação, sem atinar por onde nem como lhe veio. Muitas vezes nem sabe o que há de fazer, querer ou pedir. Parece-lhe ter achado tudo junto e não sabe o que achou. Nem sei como explicar, porque seria necessário ter instrução para várias dessas coisas. Aqui caberia bem, com efeito, explicar em que consistem as graças gerais e as graças particulares, porque muitos o ignoram. Serviria para mostrar como, em relação a essa graça tão particular, o Senhor deseja que a alma veja com seus próprios olhos, como se costuma dizer.

Seria ainda preciso ter ciência para muitas coisas que talvez estejam mal expressas. Mas, como este relato há de ser lido por pessoas que conhecerão os erros, sigo tranquilamente. Destas pessoas estou segura, tanto a respeito de doutrina como de espiritualidade. Sei que, tendo-o em seu poder, saberão corrigir o que não estiver certo.

7. Quisera dar a entender bem estes favores, porque são os primeiros. Quando o Senhor começa a conceder tais graças, a própria alma não as compreende, nem sabe o que há de fazer. Se Deus a leva pelo caminho do temor, como fez comigo, sofre muito, se não houver quem a entenda. Ao contrário, quando lhe dão um quadro fiel de seu estado, alegra-se vivamente, porque reconhece com clareza que vai por um caminho certo.

É muito útil saber o que se deve fazer para progredir em qualquer um destes estados



de oração. Sofri muito e perdi bastante tempo ignorando o modo de proceder. Sinto grande lástima das almas que se veem sozinhas neste ponto. Tenho lido muitos livros espirituais e vejo que, nesta matéria, embora toquem no essencial, explicam bem pouco. Mesmo que explicassem muito, se a alma não for profundamente exercitada, terá que lutar bastante para compreender-se a si mesma.

8. Bem quisera eu que o Senhor me ajudasse a declarar os efeitos que tais coisas produzem na alma. Já começam a ser sobrenaturais. Por estes efeitos se conhece, na medida do possível aqui na terra, quando vêm do Espírito de Deus. Sempre é bom andarmos com temor e cautela. Ainda que os favores provenham de Deus, alguma vez o demônio po-derá transfigurar-se em anjo de luz. Isto não o entenderá a alma, se não estiver exercitada, e tão exercitada que para o entender será necessário já ter chegado ao cume da oração.

Neste trabalho favorece-me pouco a escassez do tempo de que disponho, sendo preciso Sua Majestade fazê-lo por mim, pois tenho de andar com a comunidade e dar conta de muitas ocupações, estando em casa recentemente fundada<sup>[1]</sup> como depois se verá. Assim é que escrevo com muitas interrupções e pouco a pouco, ao passo que desejaria fazê-lo de outro modo. Mas quando o Senhor dá espírito, tudo se faz melhor e com mais facilidade. É como quem tem um modelo diante de si e está fazendo dele um debuxo. Se falta o espírito, não se acham mais os termos, ainda que se tenha tido por muitos anos exercício de oração. É como falar em árabe, a modo de dizer. Parece-me grande vantagem, encontrar-me atualmente no grau de oração que examino, porque então vejo claramente que não sou eu que falo, nem formo os conceitos com o intelecto, nem sei depois como acertei a dizer. Isto me ocorre frequentemente.

9. Tornemos agora ao nosso jardim ou vergel e vejamos como as suas árvores começam a abundar em seiva para dar flores e depois frutos; e como os cravos e outras flores estão prestes a desabrochar para espargir seus perfumes. Alegra-me esta comparação.

Muitas vezes, em meus princípios — e praza ao Senhor tenha eu agora começado a servir Sua Majestade! — digo, nos primeiros tempos do que narrarei daqui por diante sobre minha vida, causava-me grande satisfação considerar minha alma como um jardim e ver o Senhor passando nele. Suplicava-lhe que aumentasse o perfume das florezinhas de virtudes que começavam a querer brotar, de modo que fosse para sua glória. Pedia-lhe que as sustentasse. Nada queria para mim. Cortasse as que quisesse, certa de que tornariam a brotar mais viçosas.

Falei em cortar porque há tempos em que não resta quase vestígio deste jardim. Parece ter secado tudo e não haver esperança de água para o sustentar. Ninguém diria que jamais houve alguma virtude na alma! . . . Passa-se muita aflição, porque o Senhor quer que o pobre jardineiro julgue perdido todo o esforço que teve para o cultivar e regar. Então é o verdadeiro momento de cavar a terra para arrancar pela raiz as más ervas que ficaram, embora pequenas, e de conhecer que não há diligência que baste quando nos tira a água da graça. Assim faremos pouco de nossa miséria e veremos que é menos que nada. Ganha-se aqui muita humildade e logo as flores tornam a crescer.

10. Ó Senhor e Bem meu! Não posso dizer isto sem lágrimas e grande regozijo de minha

alma! Como quereis vós, Senhor, estar assim conosco? Estais no sacramento, onde com toda verdade se crê que permaneceis, pois é de fé! Com muita propriedade podemos fazer a comparação de que me servi. E, se por nossa culpa não perdermos a vossa companhia, poderemos deleitar-nos convosco, e vós folgareis conosco, pois dizeis que as vossas delícias consistem em estardes com os filhos dos homens (Pr 8,31).

Ó Senhor meu! Que é isto? Nunca ouvi estas palavras sem sentir grande consolo, ainda quando estava muito perdida. Será possível, Senhor, que tendo chegado a tal ponto, recebido de vós semelhantes graças e alegrias, e compreendido que vos folgais com ela, uma alma torne a vos ofender? E ainda esqueça tantos favores e tão grandes provas do amor de que não se pode duvidar, pois tão claramente aparecem nos efeitos realizados em si mesma?

Sim, há, por certo, uma alma que assim procedeu, não uma vez senão muitas, e esta alma sou eu! Praza a vossa bondade, Senhor, seja eu só a ingrata e a que tenha feito tão grande maldade e tido tão excessiva perversidade. Ao menos de mim vossa infinita bondade já tem tirado algum bem. Quanto maior foi a ignomínia, mais resplandeceu o grande benefício de vossas misericórdias. Com quanta razão eu as cantarei para sempre! Suplico-vos, Deus meu, assim seja e que eu as cante sem fim, já que haveis tido por bem conceder-me graças tão imensas das quais se admiram os que as veem. Muitas vezes, fico fora de mim, para melhor poder louvar-vos! Sem vós, Senhor meu, nada posso fazer: as flores desse jardim seriam arrancadas, e esta miserável terra voltaria a servir de monturo, como antes. Não o permitais, Senhor, nem queirais que se perca alma que, com tantos sofrimentos, comprastes e tantas vezes tornastes a resgatar, arrancando-a dos dentes do medonho dragão.

11. Perdoe-me Vossa Mercê apartar-me do assunto. Não estranhe que fale de mim mesma. Estas digressões provêm da impressão causada na alma pelo que ela vai escrevendo. Às vezes custa-me deixar de prorromper longamente em louvores a Deus, quando, à medida que vou escrevendo, se me representa o muito que lhe devo. Creio que não desagradará isto a Vossa Mercê, porque ambos, ao que me parece, Vossa Mercê e eu, podemos entoar o mesmo cântico, embora de maneira diferente: devo muito mais a Deus, tendo-me ele perdoado mais, como Vossa Mercê bem sabe.

## CAPÍTULO 15

**Prossegue o mesmo assunto. Alguns avisos sobre o modo de proceder na oração de quietude. Muitas almas chegam a ter esta graça e poucas passam adiante. As coisas que aqui se apontam são muito necessárias e proveitosas**

1. Voltemos agora ao nosso propósito. Tal quietude e recolhimento é coisa que a alma sente muito pela satisfação e paz que nela se derrama, com grande contentamento e sossego das faculdades e suavíssimo deleite. Como nunca foi além, parece-lhe que nada mais resta a fazer, e de bom grado diria com são Pedro (Mt 17,4) que sua morada fosse sempre ali. Não se atreve a se mexer nem se agitar, com temor de que lhe escape das mãos aquele bem. Por vezes nem quisera respirar. A pobrezinha não percebe que, se de sua parte, não teve capacidade para trazer a si aquele bem, menos possibilidade terá para o conservar além do que aprouver ao Senhor.

Já afirmei que nesse primeiro recolhimento não se perdem as faculdades da alma. Esta se sente tão satisfeita com Deus que, estando a vontade unida a ele, não perde a tranquilidade e o sossego durante seu contentamento. Embora o intelecto e a memória possam extraviar-se, pouco a pouco, a vontade torna a recolhê-los. A causa disto é que, embora não totalmente engolfada, a alma está de tal modo ocupada sem saber como, que por mais que as duas faculdades se esforcem, não lhe conseguem arrebatá-la do contentamento e a alegria. Sem trabalho algum, a vontade vai alimentando esta centelha do amor de Deus para que não se apague.

2. Praza a Sua Majestade conceder-me a graça de fazer compreendê-lo bem, porque há muitas, muitas almas que chegam a tal estado e poucas que passam adiante. De quem a culpa, não sei. Deus certamente não falta, pois se Sua Majestade lhes dá a graça de levá-las até este ponto, creio que não cessará de lhes fazer muitos outros favores, a menos que não ache correspondência. É extremamente necessário que, chegando aqui, a alma conheça a grande dignidade em que está e a grande graça que recebeu do Senhor. Veja com quanta razão ela não deveria pertencer mais à terra. Pois, se não desmerecer, já parece que a divina Bondade a faz cidadã do céu. Desventurada será se voltar atrás! Penso que iria sempre para baixo, como teria acontecido comigo, se a misericórdia do Senhor não me tivesse recuperado. Na maior parte será devido a culpas graves, a meu ver. Não é possível deixar tão grande bem sem grande cegueira.

3. Às almas às quais Sua Majestade haja feito tão imenso benefício, elevando-as a essa graça, rogo, por amor do Senhor, que se conheçam e se tenham em muita conta, com humildade e santa presunção, para não retornarem aos manjares do Egito. E, se por sua fraqueza, sua maldade ou seu natural mesquinho e miserável, caírem como eu, tragam sempre diante dos olhos o bem que perderam e andem alarmadas e temerosas. Justo é que temam, pois se não tornarem à oração, irão de mal a pior. Verdadeiramente chamo eu queda a das almas que rejeitam o caminho por onde ganharam tanto bem.

Falando a estas, já não lhes digo que não ofendam a Deus nem caiam em pecados, embora seja muito razoável que deles se guarde quem começou a receber tais favores. Mas, enfim, somos miseráveis. O que lhes recomendo com insistência é que não deixem a oração. Por este meio compreenderão seu estado e alcançarão do Senhor arrependimento e fortaleza para se levantarem. Creiam, que, afastando-se da oração, ficarão, a meu ver, em perigo. Não sei se me explico bem, julgo por mim.

4. A oração de quietude é, pois, uma centelhazinha do verdadeiro amor que o Senhor começa a acender na alma. Quer dar-lhe a compreender que coisa é esse feliz amor. Essa quietação, esse recolhimento, essa centelhazinha, é obra do Espírito de Deus, e não gosto produzido pelo demônio ou procurado por nós. A quem tem experiência é impossível não compreender imediatamente que se trata de algo que não podemos adquirir.

Acontece, porém, que a nossa natureza é tão ávida de manjares saborosos, que tudo quer provar. Mas fica logo completamente fria e, por mais que queira atear o fogo para alcançar esse gosto, antes parece que deita água para o apagar. Quanto à centelhazinha posta por Deus, faz muito ruído, por pequenina que seja. Se a alma não a extingue por sua culpa, é a centelha que começa a atear o grande fogo, lançando labaredas do grande amor de Deus que Sua Majestade faz lavrar nas almas perfeitas, como direi no devido lugar.

5. Esta centelha é um sinal de garantia, que Deus dá à alma, de a ter escolhido para grandes coisas, se ela se dispuser a recebê-las. É dom especial, muito maior do que eu poderia dizer. Sinto grande lástima, porque — repito — conheço muitas almas que chegam até aqui. As que passam adiante são tão raras, que sinto vergonha de dizer. Não afirmo positivamente que sejam poucas: haverá muitas, pois não é debalde que Deus nos sustenta, mas digo o que tenho visto. Quisera com muita instância avisá-las de que procurem não esconder seu talento. O Senhor parece ter querido escolhê-las para proveito de muitas outras almas, especialmente nestes tempos em que os amigos de Deus precisam ser fortes para sustentar os fracos. Tenham-se em conta de tais os que em si reconhecerem essa graça. Saibam corresponder ao Senhor, observando as injunções da boa amizade, que até o mundo exige dos seus. Se não for assim, repito, desconfiem e tenham medo de fazerem mal a si. Praza a Deus não o façam também aos outros.

6. O que a alma há de fazer nos tempos desta quietude, não é mais do que saboreá-la com suavidade sem ruído. Chamo ruído andar com o intelecto buscando muitas palavras e considerações para dar graças por este benefício, e amontoando pecados e faltas passadas a fim de provar que não o merece. Todas essas lembranças aqui se agitam: o intelecto apresenta razões, a memória não sossega. . . Confesso que essas faculdades às vezes me cansam. Tenho pouca memória, não consigo subjugar-lá. A vontade, com paz e discrição, entende que não é à força de braços que se trata com Deus. As reflexões são grandes achas de lenha que, postas sem discernimento sobre essa centelha, só servem para apagá-la. Reconheça-o e diga com humildade: “Senhor, que posso eu aqui? Que tem a ver a serva com o Senhor e a terra com o céu?” Ou mesmo outras palavras de amor que brotam espontaneamente, com grande convicção da verdade que diz. Não faça caso do intelecto que é semelhante a um moinho sempre em atividade. Muitas vezes a alma se

verá neste repouso e união da vontade, mas com o intelecto bastante confuso. Não lhe queira dar parte do que saboreia nem trabalhe para o recolher. Mais vale abandoná-lo. Não vá, isto é, não ande a vontade em seu encaço. Fique desfrutando daquela graça e conserve-se recolhida como sábia abelha. Com efeito, se nenhuma das abelhas entrasse na colmeia e todas fossem à procura umas das outras, como poderiam fabricar o mel?

7. Assim é que a alma perderá muito se neste ponto não tiver cuidado. Especialmente se for do número de certas inteligências agudas, pondo-se a ordenar reflexões e buscar razões, achando belas palavras e pensando ter feito alguma coisa. O que se pode aqui razoavelmente deduzir é que não há motivo algum para que Deus nos faça tão grande graça, a não ser, unicamente, por sua bondade. Estando tão perto de Sua Majestade, havemos de pedir-lhe favores, rogar-lhe pela Igreja, pelos que se recomendaram a nós e pelas almas do Purgatório. Não com ruído de palavras, senão com sentimento e desejo de que nos ouça.

É oração que abrange muita coisa, alcançando mais do que o exercício assíduo do intelecto. A vontade faça despertar algumas considerações para avivar este amor. Vendo-se tão melhorada, produz afetos amorosos, propondo fazer tudo por aquele a quem tanto deve. Isto, como já disse, sem admitir ruído do intelecto, muito amigo de andar à cata de grandes raciocínios. Mais ajudam aqui umas palhinhas postas com humildade — e é menos que palha o que vem de nós servem para mais acender esse fogo, do que uma porção de lenha de razões muito douradas a nosso parecer, que o abafarão no espaço de um Credo.

8. Este aviso é bom para os teólogos que me mandaram escrever, pois, pela bondade de Deus, todos chegam aqui. Sem esta advertência poderá acontecer que passem todo o tempo aplicando textos da Escritura. Ainda que as letras não deixem de ser de grande proveito antes e depois desta oração, pouca necessidade há delas, ao que me parece, enquanto ela dura. Só serviria para entibiar a vontade porque, achegando-se à luz, o intelecto é de tal modo esclarecido que eu mesma, sendo quem sou, pareço outra pessoa. Apesar de não entender quase nada do que rezo em latim, especialmente o Saltério, tem-me acontecido nesta oração de quietude, compreender os versículos como se estivessem em nossa língua. E não só isto, mas alegrar-me ainda com o sentido encerrado nas palavras.

Em relação aos teólogos, excetuo o caso de terem de pregar ou ensinar, porque então será justo que utilizem a ciência em proveito de pobres ignorantes como eu. A caridade é grande coisa, assim como o zelo pelo aproveitamento das almas, contanto que se busque puramente a Deus. Convém, pois, que nestes tempos de quietude mesmo os doutos descansem no seu repouso junto de Deus, pondo de lado as letras. Tempo virá em que o saber lhes será de muita utilidade para o serviço do Senhor. E será tão precioso que por tesouro algum queriam ter deixado de estudar, no intuito único de servirem melhor a Sua Majestade.

Ante a Sabedoria infinita, todavia, vale mais — creiam-me — um pouco de exercício de humildade e apenas um ato desta virtude, do que toda a ciência do mundo. Aqui não cabe argumentar, mas conhecer com franqueza o que somos e com simplicidade

apresentar-nos diante de Deus. Ele deseja que, em sua presença, a alma se faça pequenina e ignorante<sup>[1]</sup>, como na verdade é. Sendo nós o que somos, Sua Majestade muito se humilha suportando-nos junto de si.

9. A vontade, em paz, não ousa sequer levantar os olhos como o publicano. Sabe agradecer melhor que o intelecto dando voltas à retórica, usando belas palavras. Aqui não se há de deixar de todo a oração mental, nem algumas palavras, mesmo articuladas, se a alma o quiser ou conseguir dizê-las. Mas quando a quietude é profunda, mal se pode falar, a não ser com muito esforço. Sente-se, percebe-se, a meu parecer, quando este favor provém do espírito de Deus ou quando é provocado por nós. Neste último caso, havendo um começo de devoção que Deus nos dá, se por nós mesmos quisermos passar à quietação da vontade, nenhum efeito produzirá. Tudo acabará depressa deixando secura.

10. Se tal devoção vem do demônio, qualquer alma exercitada o entenderá, penso eu, porque produz inquietação, pouca humildade e pouca disposição para os efeitos próprios do espírito de Deus. Não deixa luz no intelecto nem firmeza na vontade. Pouco ou nenhum dano daí resulta se a alma atribuir o deleite só a Deus, assim como a suavidade que ali sente, pondo nele seus pensamentos e desejos, como já recomendei. O inimigo nada ganha, antes o Senhor permitirá que perca muito, com a própria doçura que desperta na alma. Esta, julgando que é de Deus; será movida a ir muitas vezes à oração pela avidez de o fruir. Se for humilde e não curiosa nem arrastada pelo interesse de satisfações mesmo espirituais, senão amiga de cruz, não fará caso do gosto originado pelo espírito maligno. Sendo todo mentira, o demônio, quando age, vendo que a alma se humilha com o gosto e a satisfação, não tornará muitas vezes, já sabe que sai perdendo. Se for espírito de Deus, a alma o terá em grande apreço, porque se empenha em sair humilde de todas as graças e consolações da oração.

11. Por esta razão e por muitas outras, tratando do primeiro modo de orar ou primeira água, avisei que era de grande importância, ao começarem a oração, as almas se desapegarem de todo gênero de satisfações e entrarem neste caminho determinadas unicamente a ajudarem Cristo a levar a cruz, como bons cavaleiros que sem remuneração querem servir a seu Rei, porque têm seguro o galardão. Tenhamos os olhos no verdadeiro e perpétuo reino que pretendemos conquistar.

É muito importante trazer isto sempre diante dos olhos, especialmente no princípio. Mais tarde se conhece com toda evidência o pouco que duram todas as coisas e que tudo é nada. Nenhuma conta se há de ter do descanso; é preciso esquecê-lo para poder viver, ao invés de se lembrar dele.

12. Parecem muito rudimentares tais ponderações e na verdade o são. Os mais adiantados na perfeição as teriam por afronta, e se envergonhariam pensando que deixam os bens deste mundo porque se hão de acabar. Se estes durassem para sempre, alegres os deixariam por Deus. Quanto mais perfeitos e duradouros fossem, tanto mais se alegrariam. O amor nestas almas já está amadurecido e é ele quem age, mas, para os que iniciam, é importantíssimo alimentar tais pensamentos. Não os tenham por mesquinhos, pois é grande bem o que se adquire por este meio, razão pela qual o recomendo tanto.

Sei que servirá, e ajudará mesmo aos muito adiantados na oração, em certos momentos em que Deus os quer provar de tal modo, que parecem abandonados por Sua Majestade. Sim, pois como já disse — e quisera que nunca o esquecessem — nesta vida transitória a alma cresce, como costumamos dizer, e é grande verdade, porém, não à maneira dos corpos. Assim, um menino, depois que cresce e adquire pleno desenvolvimento, tornando-se homem, não diminui nem volta a ter corpo de criança. Com a alma, porém, o Senhor permite que se dê o contrário.

Sei pelo que vi em mim, e não por outro modo. Com isso, certamente, ele quer nos manter em humildade para nosso grande bem e é para que não nos descuidemos enquanto vivermos neste desterro. Quem mais alto estiver, mais há de temer e menos fiar de si. Ocasões há em que as próprias almas, cuja vontade já está submetida tão inteiramente à de Deus, a ponto de — para não incorrerem em imperfeição — se deixariam atormentar e afrontariam mil mortes, se veem assaltadas por tentações e perseguições. Para não o ofenderem estas almas têm necessidade de recorrer às primeiras armas da oração, tornando a pensar que tudo acaba e que há céu e inferno e outras coisas semelhantes.

13. Voltando agora ao que dizia, para uma alma livrar-se dos gostos e ardis provenientes do demônio é grande fundamento resolver-se desde o princípio, com determinação, a seguir o caminho da cruz, sem desejar consolações. O mesmo Senhor mostrou ser essa a estrada da perfeição, dizendo: Toma tua cruz e segue-me (Mt 16,24). Ele é nosso modelo. Quem só para lhe dar gosto segue seus conselhos, nada tem a temer.

14. No aproveitamento, que virem em si, estas almas entenderão que as graças recebidas não procedem do demônio. Ainda que tornem a cair, levantam-se prontamente. Isto é um sinal que lhes fica de que ali esteve o Senhor, além de outros que agora direi. Quando é espírito de Deus não é preciso andar atrás de considerações para lucrar humildade e confusão. O Senhor mesmo as dá, de maneira bem diferente da que podemos granjear com as nossas consideraçõeszinhas. Estas nada valem em comparação com uma verdadeira humildade, acompanhada de luz, que aqui o Senhor ensina, causando tal confusão que a alma parece aniquilar-se.

É coisa notória a compreensão que Deus dá, para que entendamos que por nós mesmos nenhum bem possuímos. Quanto maiores são as graças, maior é a compreensão. O Senhor infunde na alma grande desejo de progredir na oração e de não a deixar por nenhum sofrimento que possa vir; faz que ela a tudo se ofereça; inspira-lhe segurança, com humildade e temor, de que se há de salvar. Livrando-a do temor servil, dá-lhe temor filial muito maior. A alma percebe que inicia um amor com Deus sem interesse próprio algum. Deseja momentos de solidão para fruir mais desse bem.

15. Enfim, para não me cansar, digo que é um princípio de todos os bens. Um abotoar das flores, às quais falta um quase nada para desabrochar. A alma vê-lo-á muito claramente. De nenhum modo poderá então convencer-se de que Deus não esteve com ela, até que, voltando a se ver com faltas e imperfeições, tudo teme. E é bom que tema. Certas almas aproveitam mais com a crença inabalável de que foram favorecidas por Deus, do que com todos os temores que se lhes possam incutir. A que é naturalmente

amorosa e agradecida mais se move a voltar a Deus com a memória da graça que dele recebe, do que com a lembrança de todos os castigos do inferno. Ao menos com a minha, apesar de tão ruim, acontecia isto.

16. Os sinais do bom espírito se irão dizendo mais adiante, por isso não os direi agora. Quanto trabalho me custou para tirar a limpo todos esses sinais! Creio que, com o favor de Deus, nisto atinarei um pouco. Além da experiência, que me tem feito aprender muito, o tenho sabido de vários teólogos doutos e de pessoas de grande santidade, às quais é justo dar crédito. Mediante esses avisos, as almas que, pela bondade do Senhor, chegarem até aqui, não passarão pelas aflições pelas quais eu passei.



### 3º GRAU DA ORAÇÃO

## CAPÍTULO 16

**Ensinamentos sublimes. Explica o que a alma pode fazer quando chegam a esse ponto. Os efeitos produzidos por essas tão grandes graças do Senhor. É muito próprio para arrebatá-lo o espírito em louvores de Deus e para dar grande consolação a quem chega ao referido grau**

1. Vamos agora falar da terceira água com que se rega nosso jardim. É água corrente de rio ou de fonte e rega com muito menos trabalho, embora seja preciso algum esforço para canalizá-la. O Senhor quer aqui ajudar o jardineiro de maneira que praticamente é ele o próprio jardineiro e quem faz tudo. É um sono das faculdades, que nem de todo se perdem, nem entendem como agem. O gosto, a suavidade e o deleite são incomparavelmente maiores que na oração passada. É que a alma, estando quase totalmente submersa na água da graça, já não pode, nem sabe, ir adiante ou voltar atrás. Queria regozijar-se com a grandíssima glória.

É como um agonizante que está com a vela na mão, pouco lhe falta para morrer e deseja a morte. Alegra-se naquela agonia com o maior deleite que se pode imaginar. Não me parece outra coisa senão um morrer quase totalmente a todas as coisas do mundo e estar na felicidade de Deus. Não conheço outros termos para o expressar ou declarar. Não sabe então a alma o que fazer: se fala, se fica em silêncio, se ri, se chora. É um glorioso desatino, uma celestial loucura, onde se aprende a verdadeira sabedoria. Para a alma é maneira muito deleitosa de se regozijar.

2. Assim é que o Senhor me deu em abundância, e muitas vezes, essa oração, creio que há cinco ou seis anos. Nem a compreendia nem seria capaz de explicá-la. Ao chegar aqui tinha resolvido dizer muito pouco, ou quase nada. Bem entendia que não era uma união perfeita de todas as faculdades. Via com clareza que era uma união muito mais íntima que a precedente. Contudo confesso, não conseguia discernir, nem perceber onde estava a diferença.

Creio que, pela humildade de Vossa Mercê em querer ser ajudado por uma simplicidade tão grande como a minha, hoje quando acabava de comungar, o Senhor deu-me essa espécie de oração, sem me ser possível ir adiante. Sugeriu-me essas comparações e ensinou-me a maneira de explicar-me, bem como o procedimento que a alma há de ter aqui. Certo é que me espantei de logo compreender. Muitas vezes estava eu assim, como desatinada e inebriada de amor, sem penetrar no que era. Bem via ser proveniente de Deus, contudo, não entendia sua ação. As faculdades se acham, de fato, quase inteiramente unidas a ele, no entanto, não estão de tal modo engolfadas que deixem de agir. Gostei extremamente de o ter entendido agora. Bendito seja o Senhor, que assim me satisfaz!

3. As faculdades são capazes tão-somente de se ocuparem de Deus. Dir-se-ia que nenhuma ousa mexer-se. Nem podemos fazer que se movam, salvo com muito esforço para nos distrairmos, e ainda assim não me parece que poderíamos consegui-lo

inteiramente.

Proferem-se, então, muitas palavras de louvor a Deus, de maneira desordenada, se o mesmo Senhor não as conserta. Pelo menos o intelecto de nada vale neste ponto. Quisera a alma bradar em altas vozes mil louvores; está que não cabe em si; num desassossego saboroso. Já então se abrem as flores, já começam a exalar seus perfumes.

Quisera a alma que todos vissem e entendessem sua glória, a fim de a ajudarem a dar louvores a Deus. Desejaria comunicar-lhes parte de sua felicidade, porque se sente incapaz de alegrar-se tanto a sós. Faz-me pensar na mulher da qual diz o Evangelho (Lc 15) que queria chamar ou chamava suas vizinhas. O admirável espírito do real profeta Davi devia sentir isso, quando tocava a harpa e cantava celebrando os louvores de Deus. Desse glorioso rei sou muito devota e quisera que todos o fossem, especialmente os que somos pecadores.

4. Valha-me Deus! Como fica então a alma! Quisera ser toda línguas para louvar o Senhor! Diz mil santos desatinos, atinando sempre em contentar aquele que a põe em tal estado. Sei de uma pessoa que, sem ser poeta, lhe acontecia improvisar estrofes muito expressivas, declarando seu penar<sup>[1]</sup>. Não as fazia com o intelecto, mas para mais regozijar-se da glória que tão saborosa pena lhe causava. Dela se queixava a seu Deus. Quisera desfazer-se toda, corpo e alma, para exprimir a felicidade que esse sofrimento lhe causava. Que torturas a ameaçariam, que não tivesse por saboroso sofrê-las pelo seu Senhor? Vê com evidência que os mártires quase nada faziam por si mesmos em aguentar torturas, pois bem conheciam que a fortaleza lhes vinha de outra fonte.

Mas quanto sentirá a pobre alma tendo de voltar à razão para de novo viver no mundo e atender aos seus cuidados, às suas cortesias? Acho que não exagerei. Todo encarecimento é pouco para descrever essas delícias com as quais o Senhor rejubila a alma em seu desterro. Bendito sejais para sempre, Senhor, e eternamente vos louvem todas as criaturas.

Enquanto escrevo isto, Rei meu, não estou fora dessa santa loucura celestial de que me fazeis favor por vossa bondade e misericórdia, tão desprovida de méritos como sou. Permiti agora, eu vos suplico, que fiquem loucos de vosso amor todos aqueles com os quais eu tratar, ou concedei que doravante com ninguém mais trate, ou fazei, Senhor, que eu já não tenha em conta nenhuma coisa do mundo, ou tirai-me dele. Esta vossa serva já não pode, Deus meu, sofrer tantos tormentos que lhe sobrevêm por se encontrar vivendo fora de vós. Quisera a alma, nesse estado, ver-se livre: mata-a o comer; aflige-a o dormir; vê que se lhe passa o tempo da vida em regalos e que nada mais a pode regalar fora de vos. Parece viver contra a natureza, pois já não quisera viver em si, senão em vós.

5. Ó verdadeiro Senhor e glória minha! Tendes preparada leve e, ao mesmo tempo, pesadíssima cruz para quem chega a esse ponto! Leve porque é suave; pesada porque há vezes em que não há paciência que a sofra. Contudo a alma jamais quisera ver-se livre dela, salvo para já se ver convosco. Quando se recorda de que em nada vos serviu e que vivendo pode servir-vos, quisera carregar-se de cruz muito mais pesada e nunca morrer até o fim do mundo. Não faz o mínimo caso de seu descanso a troco de vos prestar um

pequeno serviço. Não sabe o que desejar, mas bem entende que não deseja outra coisa senão a vós.

6. O filho meu<sup>[2]</sup>! (Falo assim porque é tão humilde, que assim quer ser chamado aquele a quem isto vai dirigido e em obediência de cuja ordem escrevo.) Guarde só para si algumas coisas em que Vossa Mercê vir que excede os limites. Não há razão que baste para me impor limites quando o Senhor me põe fora de mim. Desde que comunguei esta manhã, não creio que seja eu que falo. Tenho a impressão de sonhar o que vejo, e não quisera encontrar senão enfermos do mal de que agora estou ferida. Suplico a Vossa Mercê: sejamos todos loucos, por amor daquele que por nós assim quis ser chamado!

Já que Vossa Mercê — conforme declara — me estima, quero que o prove, dispondo-se para que Deus lhe faça essa graça, porque vejo muito poucos que não tenham demasiado senso quando se trata de seus próprios interesses. Pode bem ser que o tenha eu mais que todos. Não consinta Vossa Mercê, Padre meu, pois é meu confessor, a quem confiei minha alma. Desengane-me com verdade, embora se use muito pouco dizer as coisas tais quais são.

7. Este pacto quisera eu que fizéssemos, os cinco que atualmente nos amamos em Cristo<sup>[3]</sup>. Assim como outros, nestes últimos tempos, se juntavam secretamente para tramar maldades e heresias contra Sua Divina Majestade, procuremos nós reunir-nos alguma vez, a fim de nos desenganarmos mutuamente. Juntos veremos os defeitos a corrigir e o modo de contentar mais a Deus. Não há quem tão bem se conheça como nos conhecem os que nos estão olhando, se é com amor e zelo de nosso bem espiritual. Digo secretamente, porque já não se usa mais esta linguagem.

Até os pregadores vão dispondo seus sermões de modo a não descontentar os ouvintes. A intenção será boa e boa também a obra, mas deste modo poucos se emendam. E qual a razão de não serem muitos os que pelos sermões deixam vícios públicos? Sabe o que me parece? É que têm demasiada prudência os que pregam. Não estão fora de si com o grande fogo do amor de Deus, como estavam os apóstolos. Dão calor brando. Não digo que os igualem em ardor, mas quisera mais fogo do que agora vejo.

8. Sabe Vossa Mercê o que deve ajudar muito? É já ter aborrecimento da vida e pouca estima da honra. Aos apóstolos, não se lhes dava mais perder tudo ou ganhar tudo, a troco de dizerem uma verdade e de a sustentarem para glória de Deus. Os que deveras tudo arriscaram por Sua Majestade, com igual ânimo levam uma ou outra coisa. Não digo que sou deste número, mas bem o quisera ser. Grande liberdade é considerar cativo ter de tratar e viver conforme às leis do mundo! Não há escravo que não arrisque tudo para se resgatar e retornar à sua terra. Alcançada do Senhor a liberdade, é este o verdadeiro caminho, e não há que parar nele. Seria nunca chegar a adquirir tão grande tesouro enquanto não se acabar a vida. Rasgue Vossa Mercê isto que digo se lhe parecer conveniente fazer. Tome-o como carta particular e perdoe-me por me ter mostrado muito atrevida.



## CAPÍTULO 17

**Prossegue declarando o terceiro grau de oração. Acaba de expor os efeitos que produz. Diz os impedimentos provindos da imaginação e da memória**

1. Este grau de oração ficou razoavelmente explicado, assim como o modo pelo qual a alma há de proceder, ou melhor dizendo, o que Deus faz nela dignando-se tomar o ofício de jardineiro, e querendo que ela folgue. Só cabe à vontade consentir naquelas graças que desfruta e oferecer-se a tudo quanto a verdadeira Sabedoria nela quiser realizar. Para tudo é preciso ânimo, não há dúvida. É tanta a felicidade que algumas vezes não parece faltar quase nada para a alma acabar de sair do corpo. E que venturosa morte seria!...

2. Aqui me parece muito bom à alma, como foi dito a Vossa Mercê, abandonar-se totalmente entre os braços de Deus. Se este quiser levá-la ao céu, vai; se ao inferno, não tem pesar, contanto que vá com seu único Bem. Se a deixar viver mil anos, também isto lhe apraz. Sua Majestade disponha dela como de coisa própria. Já não pertence a si mesma. Está inteiramente entregue ao Senhor e despreocupada de tudo. Quando Deus concede tão alta oração, os efeitos são tais que a alma pode fazer tudo isso e muito mais sem produzir cansaço algum no intelecto. Só está como que admirada de ver que o Senhor realiza tão bém o ofício de jardineiro e não lhe deixa trabalho algum, senão o gosto de ir aspirando o perfume das flores.

Numa só dessas visitas, por pouco que dure, é tal o Jardineiro, que sendo Criador da água, rega o jardim com medida. Num instante o celestial Jardineiro faz o que a pobre da alma, porventura, em vinte anos, com trabalho e cansaço do intelecto, não conseguiria efetuar. As frutas crescem e amadurecem. A alma sustenta-se com os produtos de seu pomar, pois assim quer o Senhor. Mas ele não lhe dá licença para repartir as frutas, até que se fortaleça com o que delas comer. Não as gaste todas provando-as apenas e dando-as a outros, porque nem tirará proveito, nem receberá paga daqueles a quem as der. Procure antes conservar o que tem, e não se meta a dar de comer à sua custa, ficando, porventura, a morrer de fome. As inteligências às quais me dirijo são tais, que o saberão entender bem e aplicar melhor do que eu sei dizer, por mais que me canse.

3. Em suma, as virtudes ficam agora mais fortes do que na precedente oração de quietude. A alma sente-se outra, e, sem saber como, começa a realizar grandes coisas, com o perfume que se desprende das flores. O Senhor quer que estas desabrochem e ela veja em si virtudes, embora compreendendo muito bem que não as podia nem pôde adquirirem muitos anos, ao passo que naquele pouquinho tempo o Jardineiro celestial lhas deu.

Aqui é muito maior e mais profunda a humildade que se enraíza na alma, do que no grau passado. A alma vê mais claramente que de sua parte não fez nem muito nem pouco, apenas consentiu que o Senhor lhe concedesse graças, e, de boa vontade, abraçou-as. Este modo de oração, a meu ver, é união evidente de toda a alma com Deus.

Parece que Sua Majestade dá licença às faculdades para entenderem e fruïrem o muito que ele ali efetua.

4. Acontece, algumas e até muitas vezes, nesta união da vontade com Deus, o que vou dizer agora. É para que Vossa Mercê veja que é possível e entenda quando o tiver. Digo-o aqui, porque, ao menos a mim isto me deixa tonta e perplexa. A alma sente que a vontade está atada e rejubilando em muita quietude, mas só a vontade. Por outra parte o intelecto e a memória estando tão livres, podem tratar de negócios e aplicar-se a obras de caridade.

Assemelha-se ao estado da oração de quietude, mas há diferença. Na primeira a alma não desejaria agir nem se mover, regozijando-se naquele santo ócio de Maria. Na segunda, ela pode também ser Marta. Assim está simultaneamente exercitando vida ativa e contemplativa: ocupa-se de obras de caridade, trata de negócios concernentes ao seu estado, e pode ler, ainda que não esteja de todo senhora de si. Bem percebe que a melhor parte de si mesma está em outro lugar. É como se estivéssemos falando com uma pessoa, e outra nos falasse de outro lado: nem bem estaríamos com uma, nem bem com a outra.

É algo que se descobre claramente e dá muita satisfação e contentamento quando se alcança. É grande disposição para que, achando tempo de solidão e despreocupação de negócios, a alma chegue à mais sossegada quietude. É andar como quem está satisfeito, sem necessidade de comer. Sente o estômago alimentado e não comeria qualquer manjar. Contudo não está tão farto que, vendo alguma coisa apetitosa, deixe-a de boa vontade. Assim a alma não quereria então contentamentos do mundo, nem se satisfaz com eles, porque tem em si o que mais a farta. Maiores contentamentos em Deus, sede de satisfazer seu desejo de rejubilar-se e de estar com ele: eis o que quer.

5. Há outra maneira de união, que ainda não é completa: é ainda maior do que esta que acabo de dizer, porém, não tanto como a terceira água da qual falei. Quando o Senhor lhas der todas — se é que já não lhas deu, — Vossa Mercê ficará contente de achar tudo escrito e entender o que é. Com efeito, uma coisa é receber do Senhor a graça, outra, entender qual o favor e qual a graça, outra finalmente, saber discernir e explicar o que é.

Ainda que pareça bastar o primeiro destes três dons, contudo, é grande proveito e dádiva entender o que se recebe, para a alma não andar confusa e medrosa, e prosseguir com maior ânimo no caminho do Senhor, calcando aos pés todas as coisas do mundo. Cada um desses dons, para quem os recebeu, é motivo de louvor ao Senhor. Quem não os vê em si, louve igualmente Sua Majestade, porque, para nosso proveito os concedeu a alguém que atualmente vive.

Como ia dizendo: esta maneira de união que vou referindo, ocorre muitas vezes especialmente a mim e com muita frequência. O Senhor se apodera da vontade e também do intelecto, creio eu. Este não raciocina, antes está ocupado em fruir de Deus, como quem está olhando e vê tanto que não sabe para onde volver os olhos, porque a vista de uma coisa lhe faz perder a de outra e assim não sabe dizer o que viu.

A memória fica livre, provavelmente unida à imaginação, mas, vendo-se desprendida das outras faculdades, é para louvar a Deus a guerra que faz, e o desassossego que pro-

cura lançar por toda parte. Chega a cansar-me e aborrecer-me. Frequentemente suplico ao Senhor que, se for para me estorvar tanto, tire-a nessas ocasiões. Às vezes chego a dizer: quando, meu Deus, já estará minha alma toda unida em vosso louvor e não distraída, sem o conseguir? Aqui vejo o mal que nos causa o pecado, pois deixou-nos sujeitos a não fazer o que quiséramos, que é estar sempre ocupados com Deus.

6. Isto me acontece algumas vezes, como disse, e hoje foi um desses dias, de modo que o tenho bem presente ao espírito. Sinto desfazer-se minha alma pelo desejo de estar inteiramente onde está a maior parte de mim mesma. Contudo é impossível, pois a memória e a imaginação lhe fazem tal guerra, que não o posso conseguir. Essas duas faculdades, entretanto, mesmo para prejudicar, de nada valem. Falta-lhes o concurso das outras, isto é, da vontade e do intelecto. Só conseguem tirar o descanso. Não têm força, nem sabem estar quietas. Como o intelecto não admite essas representações nem pouco nem muito, a memória em nada se detém, vagueia daqui para ali, anda de um lado para outro, semelhante a certas mariposinhas noturnas, importunas e irrequietas. Esta comparação parece-me vir extremamente a propósito! Embora não tenham força para causar algum dano, as tais mariposinhas importunam.

Para isto não encontro solução. Até agora Deus não me fez entender como devo agir. Se soubesse, de boa vontade o faria, pois, como disse, sofro desse tormento frequentemente. Conhecemos aqui nossa miséria, vemos claramente o grande poder de Deus, já que a memória, ficando solta, tanto nos prejudica e cansa, ao passo que as outras faculdades já estão com Sua Majestade e tanto descanso nos dão.

7. A solução que ultimamente achei, depois de ter padecido muitos anos, é o que disse a respeito da oração de quietude, isto é; não fazer mais caso da fantasia que de um louco: deixá-la com sua teima, porque só Deus a pode tirar. Afinal de contas, está feita escrava. Devemos suportá-la com paciência, como Jacó a Lia. Bastante favor nos faz o Senhor permitindo regozijarmo-nos com Raquel. Digo que a imaginação fica escravizada, porque não pode, por mais que faça, atrair a vontade e o intelecto. Pelo contrário, estas muitas vezes, sem nenhum trabalho, atraem a fantasia. Não raro Deus é servido de se compadecer vendo-a tão perdida e irrequieta pelo desejo de se unir às suas companheiras. Então Sua Majestade lhe permite queimar-se no fogo daquela luz divina, onde já as outras foram reduzidas a cinzas, quase perdido o seu ser natural, alegrando-se sobrenaturalmente por tão grandes bens.

8. Em todos os modos de oração que descrevi, falando desta última água de fonte, a glória e o descanso da alma são tão grandes, que o corpo participa evidentemente da mesma felicidade e alegria. Disto não há a menor dúvida. As virtudes se fortalecem, como já disse. Parece que o Senhor se dignou explicar, por meu intermédio, os estados de oração, tanto quanto nesta vida é possível explicar.

Do que escrevi, Vossa Mercê troque ideias com alguma pessoa espiritual que tenha chegado a este ponto e possua letras. Se ela disser que está bem, creia que Deus lhe disse. Considere-o com muito apreço, e agradeça a Sua Majestade. Com o andar do tempo, repito, Vossa Mercê muito folgará de entender estes favores, pois talvez ainda não tenha recebido graça para os compreender por si mesmo, embora lhe seja dado



desfrutá-los. Se Sua Majestade lhos conceder, logo Vossa Mercê, com sua inteligência e instrução, o entenderá pelo que ficou dito. Seja o Senhor louvado em todos os séculos dos séculos, por todos os seus benefícios. Amém.

## 4º GRAU DA ORAÇÃO

## CAPÍTULO 18

**Excelente exposição de dignidade a que Deus eleva a alma neste estado. Servirá de estímulo aos que tratam de oração, para se esforçarem por chegar a tão alto estado, pois é possível alcançá-lo na terra, não pelos próprios merecimentos, mas pela bondade do Senhor. Leia-se com advertência, porque a declaração é feita de maneira muito delicada e encerra instruções importantes**

1. Ensine-me o Senhor palavras com as quais possa dizer alguma coisa sobre a quarta água. Bem necessidade tenho do favor divino, mais que para o grau precedente, no qual a alma ainda sentia que não estava de todo morta. Digo: de todo, porque para o mundo já estava morta. Contudo, tinha consciência de estar na terra e sentia solidão. Aproveitava-se do exterior para dar a compreender, ao menos por sinais, o que sentia.

Em todos os modos de oração acima referidos, o jardineiro, a alma, devia trabalhar de algum modo. Nestes últimos, porém, o trabalho vai acompanhado de tanto júbilo e consolação, que a alma não o quisera deixar. É labor sem fadiga, alegria que não se deixa perceber, um regozijar sem se compreender de quê. Entende-se que é fruição de um bem que encerra conjuntamente todos os bens, porém, não se compreende em que consiste esse bem. Inteiramente desocupados, todos os sentidos ocupam-se nesse gáudio, empregando-se em outra coisa, quer externa, quer interna. Anteriormente se lhes permitia dar alguns sinais da grande felicidade que sentiam. Aqui a alma desfruta mais, sem comparação, embora o demonstre muito menos, porque nem o corpo nem a alma têm capacidade para comunicar o que experimentam. Nesse tempo, tudo se torna grande embaraço, tormento e estorvo para seu descanso. Digo mais: se há realmente união de todas as faculdades, enquanto dura, não o pode expressar mesmo querendo. Se conseguir, já não é união.

2. Como se dá esta oração a que chamam união, e em que consiste, eis o que não sei explicar. A mística teologia o define. Quanto a mim, ignoro os termos próprios. Não sei bem o que é a inteligência, nem em que difere da alma e do espírito: parece-me tudo uma só coisa. Todavia sei que a alma, por vezes, sai de si mesma à maneira de um fogo ardente que cresce com ímpeto, a ponto de lançar labaredas. Estas sobem muito acima do fogo. Nem por isso são coisas diferentes, senão chamadas do próprio fogo. Isto Vossas Mercês com seus estudos entenderão. Melhor não sei explicar.

3. O que pretendo declarar é o que a alma sente nesta divina união. O que é união, já se sabe: duas coisas divididas tornam-se uma. Ó Senhor meu, como sois bom! Bendito sejais para sempre! Louvem-vos, Deus meu, todas as coisas, pois de tal maneira nos amastes, que, em verdade, podemos falar da comunicação divina com as almas desde este desterro. Mesmo com as que não são boas é grande vossa liberalidade e magnanimidade, Senhor meu, pois dais como quem sois. Ó munificência infinita, quão magníficas são as vossas obras! Admirado, ao contemplá-las, fica todo aquele que não tem a inteligência mergulhada nas coisas da terra a ponto de ser incapaz de reconhecer a verdade. Mas que façais graças tão soberanas a almas que tanto vos têm ofendido! . . .

Eis por certo o que me deixa aturdida, quando reflito nisso, de modo a não poder ir adiante. E para onde ir que não seja retroceder? Agradecer-vos por tão grandes benefícios não sei, nem consigo. Às vezes encontro alívio dizendo disparates.

4. Tão logo recebo as graças, ou quando sinto que Deus começa a agir em mim — pois no momento da felicidade nada se pode fazer — acontece-me frequentemente dizer: “Senhor, olhai o que fazeis; não esqueçais tão depressa meus grandes males. Visto que os olvidastes para perdoá-los, suplico-vos que vos lembreis deles a fim de moderardes vossas graças. Não ponhais, Criador meu, tão precioso licor em vaso tão quebradiço. Já tendes visto, de outras vezes, que o torno a derramar. Não ponhais semelhante tesouro em coração que ainda não está purificado, como deveria, da cobiça das consolações da vida, pois o esbanjará. Como confiais as munições desta cidade e as chaves de sua fortaleza a comandante tão covarde, que ao primeiro assalto dos inimigos os deixa penetrar na praça?

Não seja tanto o vosso amor, ó Rei eterno, que arrisqueis joias tão preciosas. Temo, Senhor meu, que isto dê ocasião a que lhes tenham pouca estima, pois as colocais em poder de criatura tão vil, tão mesquinha, tão frágil, tão pobre e tão sem valor. Sustentada pela vossa graça — e não pequena graça, tal a minha miséria, — embora eu me esforce para não a perder, não consigo fazer bem a outras almas. Em suma, sou mulher e mulher ruim, miserável.

Depositar os talentos em terra tão ingrata, bem se pode dizer que não é só escondê-los: é enterrá-los. Não costumais fazer, Senhor, semelhantes honras e favores a uma alma senão para que aproveite a muitas. Já sabeis, Deus meu, que de todo o coração e com toda a vontade vos suplico e tenho suplicado outras vezes: consinto em perder o maior bem que se pode possuir na terra, para que concedais estas graças a quem tire maior proveito no aumento de vossa glória”.

5. Tem-me acontecido em muitas ocasiões, dizer estas e outras coisas. Vi depois minha insensatez e pouca humildade. O Senhor sabe o que convém, e que não havia forças em minha alma para se salvar, caso Sua Majestade não as infundisse por meio de tantos favores.

6. Também pretendo falar das graças e efeitos que ficam na alma, bem como dizer o que pode fazer da sua parte, e se pode contribuir para chegar a tão sublime estado.

7. Por vezes ocorre uma elevação de espírito, que se pode também chamar junção ou ajuntamento com o amor celestial. Ao que entendo, há diferença entre a união e esta elevação que às vezes nela acontece. A quem não houver experimentado esta última, parecerá que não. A meu ver, apesar de ser tudo uma só coisa, a maneira pela qual o Senhor age é diferente. No voo de espírito faz crescer muito mais o desapego das criaturas. Tenho visto com evidência que é particular favor, embora torno a dizer, seja ou pareça tudo uma só coisa.

Também um fogo pequeno é fogo como um grande, e já se vê a diferença que há de um para outro. No primeiro, até que um pequeno pedaço de ferro fique em brasa, leva muito tempo. Mas se o fogo é grande, ainda quando seja maior o ferro, este num instantinho transforma-se e perde sua natureza. Assim acontece, acho eu, com estes dois

gêneros de favores do Senhor. Quem tiver chegado a arroubamentos compreendê-lo-á; quem não o houver provado, pensará que é desatino. E bem pode ser que seja, porque ousar uma criatura como eu falar de coisa tão alta, querendo explicar, mesmo imperfeitamente, algo daquilo de que parece até impossível haver sequer palavras para um esboço, não é muito que pareça mesmo um desatino.

8. Contudo, creio que o Senhor me há de ajudar nesta empresa. Sua Majestade sabe que, além de obedecer, é minha intenção despertar nas almas a gula de tão sumo Bem. Não direi coisa que não tenha experimentado. E, assim, começando a escrever sobre esta última água, parecia-me impossível descrevê-la. É mais difícil do que falar grego. Vendo isto, deixei e fui comungar. Bendito seja o Senhor, que assim fa-vorece os ignorantes! Ó virtude de obedecer, que tudo podes! Deus me esclareceu a inteligência, umas vezes com palavras, outras sugerindo-me o modo de me expressar, como fez na oração passada, a tal ponto que Sua Majestade parecia querer dizer o que eu não podia nem sabia.

É isto inteira verdade, e assim o que for bom é doutrina sua. O mau, claro está, é do pélagos de males que sou. Digo, pois, que se houver pessoas elevadas aos estados de oração com que o Senhor tem favorecido a esta miserável — muitos deve haver — se quiserem tratar destes assuntos comigo, parecendo-lhes que seguem caminho errado, o Senhor ajudará a sua serva para que a verdade saia vitoriosa.

9. Falemos agora desta água que vem do céu para regar e faltar todo o jardim. Se o Senhor nunca deixasse de a fornecer oportunamente, já se vê que descanso teria o jardineiro. Se também não houvesse inverno, senão uma estação sempre amena e temperada, nunca faltariam flores e frutos, e que delícia havia de ser! Mas enquanto vivermos, é impossível: sempre devemos ter cuidado para, quando faltar uma água procurarmos outra. Esta do céu, vem muitas vezes quando o jardineiro menos espera.

Verdade é que, no princípio, quase sempre é depois de larga oração mental que, de degrau em degrau, o Senhor toma esta avezinha e a põe no ninho para que descanse. Viu-a esvoaçar muito, buscando achar a Deus e contentá-lo, com o intelecto, a vontade e todas as suas forças. Agora o Senhor quer dar-lhe o prêmio desde esta vida. E que grande prêmio, do qual basta um momento para recompensar todos os sofrimentos que na terra se podem ter!

10. Estando assim a alma a buscar a Deus, sente-se quase desfalecer completamente, numa espécie de desmaio, com grande e suave ternura. Vê que lhe vão faltando o fôlego e todas as forças corporais, de modo que nem pode menear as mãos, a não ser a muito custo. Os olhos fecham-se involuntariamente, ou, se conservados abertos, a pessoa nada enxerga. Se lê, não acerta com as letras, nem atina em reconhecê-las; vê os caracteres, mas, como o intelecto não ajuda, não consegue ler, ainda que queira. Ouve, porém, não entende o que ouve, de modo que os sentidos de nada lhe servem. Antes procuravam estorvar essa felicidade. É impossível falar: não atina com uma só palavra e ainda que atinasse, não teria alento para pronunciá-la. Toda força exterior se perde e se concentra nas da alma. Estas aumentam para que ela se rejubile mais na sua glória. O regozijo exterior que se sente é grande e bem manifesto.

11. Esta oração com elevação do espírito não prejudica a saúde, por dilatada que seja.

Ao menos a mim nunca prejudicou. Não me recordo de me haver sentido mal em ocasião alguma em que o Senhor me tenha feito esta graça. Por enferma que estivesse, melhorava muito. Que mal pode fazer tão grande bem? São de tal modo evidentes os efeitos exteriores, que não se pode duvidar da grandeza de sua origem, pois assim tira as forças com tanta suavidade para aumentá-las.

12. Verdade é que no princípio passa tão rapidamente —ao menos acontecia assim comigo — que, em razão da brevidade, esses sinais exteriores e a perda dos sentidos não se dão tanto a perceber. Mas pela superabundância das graças compreende-se bem que foi grande a claridade do sol que esteve na alma, pois assim a deixa derretida.

E note-se que, por mais longo que seja, é sempre breve, a meu ver, o tempo em que a alma permanece nesta suspensão de todas as faculdades. Meia hora já é muitíssimo. Penso que nunca estive tanto tempo. Verdade é que mal se pode calcular a duração, pois faltam os sentidos. Mas digo que seguidamente é muito pequeno o intervalo sem que alguma faculdade retorne a si. A vontade mantém-se firme<sup>[1]</sup> contudo as outras faculdades logo tornam a importunar. Permanecendo imóvel, a vontade suspende-as novamente, e elas sossegam um pouco, e depois voltam a agitar-se.

13. Nisto é possível passar algumas horas em oração e efetivamente assim acontece, porque as duas faculdades, iniciadas no sabor e na embriaguez daquele vinho divino, com facilidade se tornam a perder a fim de ganharem muito mais. Fazendo companhia à vontade, todas se inebriam. Mas, repito, ficarem suspensas totalmente, sem nada imaginar — pois a meu parecer também se perde inteiramente a imaginação, — é por breve espaço de tempo. Contudo, as faculdades não retornam a si tão completamente que não se conservem durante algumas horas como desatinadas. E Deus, pouco a pouco, as vai unindo a si.

14. Venhamos agora ao interior. Que sente aqui a alma? Diga-o quem o sabe, pois não se pode entender e muito menos dizer. Acabando eu de comungar e de sair desta mesma oração que descrevo, estava pensando, a fim de escrever o que fazia a alma naquele momento. Disse-me o Senhor estas palavras: “Desfaz-se toda, filha, para mais entrar em mim: já não é ela quem vive, senão eu. Como não pode compreender o que percebe, não entende entendendo”.

Quem o houver provado, compreenderá alguma coisa do que está dito. Mais claramente não se pode explicar, por ser tão obscuro o que ali sucede. Só posso dizer que se tem a impressão de estar junto de Deus. Disto fica tal certeza, que de nenhum modo se pode deixar de crer. Aqui as faculdades faltam e ficam suspensas de tal maneira, que absolutamente não se percebe a sua ação. Se a alma estava pensando numa passagem da paixão, perde-a de memória como se nunca a tivera sabido. Se estava lendo ou rezando, não lhe é possível lembrar-se do que lia, nem fixar em alguma coisa o pensamento. Assim é que esta mariposinha importuna da memória, tendo suas asas queimadas, não pode mais esvoaçar. A vontade está bem ocupada em amar, contudo não sabe como ama. Se o intelecto entende, não sabe como entende: ao menos não compreende o que percebe. Não me parece que compreenda porque não entende a si mesmo. Também eu não consigo compreender.

15. A princípio, na minha ignorância, aconteceu-me não saber que Deus estava em todas as coisas. Embora o sentisse tão presente, a realidade parecia-me impossível. Deixar de crer que estivesse ali, não podia, por me parecer quase certo haver percebido sua presença real. Os indoutos diziam-me que Deus está presente, só mediante a graça, mas eu não o podia crer. Sua presença me parecia evidente, e assim andava aflita. Um grande teólogo da ordem do glorioso são Domingos foi quem me tirou dessa dúvida. Ensinou-me como o Senhor está presente e como se comunica intimamente conosco, o que me consolou sumamente. Convém notar e compreender que esta água do céu, este grande favor do Senhor, sempre deixa a alma com imensos proveitos, como passo a dizer.

## CAPÍTULO 19

**Prossegue o mesmo assunto. Efeitos que este quarto grau de oração produz na alma. Com insistência exorta a não voltarem atrás, ainda que depois desta graça tornem a cair. Não abandonem a oração. É digno de nota e de grande consolação para os fracos e pecadores**

1. A alma sai desta oração de união com imensa ternura, de maneira que ansiaria por desfazer-se, não de pesar, senão de lágrimas de felicidade. Acha-se banhada nelas, sem as sentir, nem saber quando nem como as derramou. Dá-lhe grande regozijo ter aquele fogo impetuoso aplacado com água que o faz crescer mais. Parece que estou falando árabe e, contudo, é assim mesmo. Aconteceu-me algumas vezes, neste grau de oração, estar fora de mim. Não sabia se a glória que tinha fruído era sonho ou realidade. Mas via não ter sido sonho ao sentir-me inundada por aquela água que sem custo manava com tanto ímpeto e rapidez como se uma nuvem do céu a derramasse. Isto ocorria no princípio, quando esta graça durava pouco.

2. A alma fica tão animada que, se naquele instante a despedaçassem por Deus, seria para ela grande consolo. Brotam logo as promessas e determinações heroicas, nasce a vivacidade dos desejos. Ela começa a desgostar-se do mundo e a ver muito claramente sua vaidade. Lucrou muito mais, e fez mais elevados progressos do que nas orações passadas. Esta com a humildade acrescida, porque vê, sem dúvida alguma, que para atrair ou granjear tão excessivo e grandioso favor, não houve, de sua parte, diligência nem cooperação. Vê com muita clareza sua total indignidade. Constata sua miséria, porque em aposento onde entra tanto sol, não há teia de aranha escondida. Está longe de vanglória e parece-lhe impossível tê-la. Com seus próprios olhos já vê sua pouca ou nenhuma capacidade e reconhece que ali quase não houve consentimento de sua parte.

Foi, por assim dizer, como se, contra sua vontade, fechassem a porta de todos os seus sentidos para que desfrutasse mais do Senhor. Fica sozinha com ele: que há de fazer senão amá-lo? Não vê, nem ouve, a não ser com incrível violência. Tem pouco merecimento. A par da infinita misericórdia de Deus, sua vida passada se lhe representa então, com grande verdade, sem que o intelecto tenha necessidade de andar à procura de motivos, pois ali acha guisado o que há de comer e entender. Vê que merece o inferno e .que, em castigo, lhe dão glória. Desfaz-se em louvores a Deus e neles quisera eu desfazer-me agora. Bendito sejais, Senhor meu, que de lodo tão imundo como eu, fazeis água tão límpida que sirva para vossa mesa. Sede louvado, ó delícia dos anjos, que assim quereis elevar um verme tão repelente!

3. Este aproveitamento permanece algum tempo na alma. Ela entende claramente que a fruta não é sua, já pode principiar a reparti-la, sem que lhe faça falta. Começa a dar mostras de alma que guarda tesouros do céu, a ter desejos de os repartir com outros e suplica a Deus que as riquezas não sejam só para ela. Quase sem o saber, e nada fazendo por si, já vai beneficiando os que a cercam. Eles o percebem, porque as flores têm



perfume tão delicioso, que lhes desperta o desejo de se chegarem a elas. Compreendem que há virtudes naquela alma, veem a fruta, que lhes tenta o paladar. Gostariam também de comer dela. Se é terra muito cavada por provações, perseguições, murmurações e enfermidades — porque poucos hão de chegar aqui sem passar por tudo isso, — e está bem afogada por um total desapego do próprio interesse, a água tanto se embebe que quase nunca seca.

Mas se o terreno ainda está por lavrar e coberto de espinho, como eu no princípio, e se a alma não está apartada das ocasiões, nem agradecida como merece tão sublime graça, a aridez volta. Então se o jardineiro se descuidar, e se o Senhor por mera bondade não se comprazer em mandar nova chuva, daí por perdido o jardim. Assim me ocorria muitas vezes e na verdade surpreendo-me tanto, que não poderia crer, se não o tivesse experimentado eu mesma. Escrevo-o para consolo de almas fracas como era a minha, para que nunca desesperem, nem deixem de confiar na grandeza de Deus, ainda que venham a cair depois de tão sublimes ascensões, como é elevá-las o Senhor a este estado. Não desanimem, se não quiserem perder-se de todo. As lágrimas tudo alcançam: uma água traz outra...

4. Foi este um dos motivos que me animaram — apesar de ser eu quem sou — a obedecer escrevendo o que deixo dito, dando conta de minha vida ruim e das graças que o Senhor me tem feito, malgrado tê-lo ofendido ao invés de o servir. Certamente, para que me acreditassem neste ponto, quisera eu ter grande autoridade. Ao Senhor suplico que praza a Sua Majestade conceder tal favor a quem não merece. Repito: ninguém, depois de ter começado a ter oração, desanime dizendo: se hei de tornar a ser mau, é pior continuar a exercitar-me nela. O verdadeiro mal seria, penso eu, deixar a oração e não se emendar. Mas se não a deixar, esteja certo de que por meio dela chegará a porto de luz.

O demônio combateu-me fortemente neste ponto e fez-me sofrer tanto, sugerindo-me que, sendo eu tão ruim, era pouca humildade ter oração. Deixei-a ano e meio, ou pelo menos um ano. Não estou bem lembrada dos outros seis meses. Era isto, e realmente foi, lançar-me eu mesma no inferno, sem necessidade de demônios que me arrastassem. Valha-me Deus! que cegueira tão grande! E quão bem acerta o demônio para conseguir seus intentos, concentrando aqui seus ataques! O traidor sabe que para ele está perdida a alma que persevera na oração. É, por conseguinte, algo que muito o interessa fazê-la cair. Mas se ela perseverar na oração, as mesmas quedas a ajudarão, pela bondade de Deus, a dar depois salto maior no serviço do Senhor.

5. Ó Jesus meu, que surpreendente é ver uma alma que chegou a tão alto grau e depois caiu em pecado, quando vós, por vossa misericórdia, tornais a dar-lhe a mão e a levantá-la! Como deve reconhecer a multidão das vossas grandezas e misericórdias em contraste com a sua miséria! Aqui a alma desfaz-se deveras e compenetra-se de vossa munificência, sem ousar erguer os olhos. Levanta-os para conhecer o que vos deve, e torna-se devota da Rainha do céu para que vos aplaque. É quando invoca os santos que caíram, depois de chamados por vós, a fim de que a socorram. Tudo o que lhe dais parece demasiado, pois vê que não merece nem a terra que pisa. Acode aos sacramentos,

com viva fé na poderosa virtude que Deus neles infundiu. Ela vos louva por terdes deixado tal medicina e tal unguento para nossas chagas, sarando-as não só por fora, mas extirpando-as inteiramente. Tudo isto causa admiração, e quem, Senhor da minha alma, não se há de maravilhar de misericórdia tão grande e favor tão sublime, em paga de traição tão feia e abominável? Na verdade não sei como não se me parte o coração, quando isto escrevo. É que sou ruim.

6. Com estas lagrimzinhas que aqui choro — dadas por vós, mas água de tão mau poço, enquanto procedem de mim, — parece que vos desagravo por tantas traições. Vivi sempre fazendo maldades e procurando desfazer as graças que me vinham de vossas mãos. Dai valor a estas lágrimas, Senhor meu. Tornai límpida essa água tão impura, ao menos para não causar a alguém a tentação, que eu mesma tive, de fazer maus juízos como estes: “Por que, Senhor, não favoreceis pessoas tão santas que sempre vos têm servido e trabalhado muito por vós, consagradas a vós desde a infância, e verdadeiramente religiosas, muito diferentes de mim, que de religiosa só tenho o nome? Por que não lhes fazeis tantas graças, como a mim?” Vejo agora claramente, Bem meu, que lhes guardais os prêmios para entregá-los todos de uma vez, e que minha fraqueza precisa desses favores. Elas, sendo almas fortes, vos servem sem nada disso, e assim as tratais como gente esforçada e despojada de interesse próprio.

7. Entretanto, vós sabeis, meu Senhor, que eu clamava muitas vezes na vossa presença, desculpando as pessoas que murmuravam contra mim, pois me pareciam ter razão de sobra. Isto, Senhor, já foi depois que vossa bondade me havia tomado pela mão para que não vos ofendesse tanto. Eu de minha parte já me estava desviando de tudo o que julgava poder desgostar-vos. Foi então que principiastes, Senhor, a abrir vossos tesouros à vossa serva. Dir-se-ia que não esperáveis outra coisa senão que em mim houvesse vontade e disposição para os receber. Tal foi a rapidez com que começastes não só a me comunicar vossas riquezas, mas a querer que sua comunicação fosse percebida por outros.

8. Logo que a perceberam, começaram a ter boa opinião daquela cuja maldade nem todos haviam ainda penetrado, embora fosse bastante visível. Subitamente irromperam também as censuras e perseguições, a meu ver, bem motivadas. A ninguém cobrava inimizade; antes vos suplicava que levásseis em conta a razão que lhes assistia. Diziam de mim que pretendia passar por santa e inventava novidades, não tendo chegado nem de longe a cumprir toda a minha regra, nem a igualar as ótimas e santas religiosas que havia no meu mosteiro. Creio mesmo que nunca cheguei a tanto, nem chegarei jamais se Deus na sua bondade não fizer tudo por si mesmo. De minha parte era mais capaz de tirar o que havia de bom e introduzir costumes que não fossem bons. Ao menos fazia o que estava ao meu alcance para os estabelecer, e no mal era muito o que podia. Assim é que não tinham culpa as monjas que me acusavam. Outras pessoas também me diziam verdades, porque assim o permitíeis.

9. Como não raramente eu tinha essa tentação, um dia ao rezar as Horas, cheguei ao versículo que dizia: “Justo sois vós, Senhor, e retos vossos juízos” (SI 98). Comecei a pensar quão grande verdade era esta. O demônio jamais teve força para me tentar a

ponto de me fazer duvidar de que vós tendes, meu Senhor, todos os bens, assim como de outras coisas de fé. Pelo contrário, parecia que, quanto mais as verdades eram elevadas acima de toda explicação natural, mais firme se tornava a fé, e mais crescia em mim a devoção. Só no pensamento de que sois todo-poderoso, estavam incluídas para mim todas as grandezas possíveis e imagináveis. Disto, como digo, jamais duvidei. Pensando em como permitíeis, com justiça, que muitos de vossos grandes servos não tivessem as mesmas consolações e graças que eu, apesar de ser o que era, respondestes-me, Senhor: “Serve-me tu a mim e não te metas nisso”. Foi a primeira palavra vossa que entendi e assim fiquei muito admirada. Depois explicarei tal maneira de entender, com outras coisas que não digo aqui porque seria sair do assunto, e creio que já saí bastante. Quase não sei mais o que estava dizendo. Mas, não pode ser de outra forma, e Vossa Mercê há de tolerar estas interrupções, porque quando pondero o que Deus sofreu de mim e vejo-me neste estado, não é de surpreender que perca o tino e o fio do que estou dizendo e do que hei de dizer. Praza ao Senhor que sejam sempre tais os meus desatinos. Desde já não permita Sua Majestade tenha eu poder para ir contra ele no mínimo ponto. Antes me consuma neste momento!

10. Para que se vejam suas grandes misericórdias, basta considerar que perdoou tanta ingratidão, não uma, senão muitas vezes. A São Pedro perdoou uma só vez em que lhe foi ingrato: a mim, muitas. Não era sem fundamento que o demônio me tentava para não pretender amizade tão íntima com aquele contra o qual tinha tão pública inimizade... Que cegueira tão grande a minha! Onde esperava, Senhor meu, achar salvação senão em vós? Que disparate fugir da luz para andar sempre tropeçando! Que humildade tão soberba o demônio inventava contra mim, quando deixei de me apoiar à coluna, ao báculo, que me havia de sustentar para não dar tão grande queda!

Faço agora o sinal da cruz e penso nunca haver corrido perigo tão grande, como esta invenção sugerida pelo demônio com aparência de humildade. Punha-me ele no pensamento: como, sendo eu criatura tão ruim, apesar de ter recebido tantas graças, me havia de chegar à oração? Bastava-me rezar o que era de obrigação, como os outros, e se nem isto fazia bem, como queria fazer mais? . . . Seria irreverência e menosprezo das graças de Deus. . . Justo era pensar e entender isto; mas passar à ação foi um mal enorme. Bendito seiais vós, Senhor, que finalmente me salvastes.

11. Isto me parece princípio da tentação de Judas. O demônio não ousava acometer-me tão descobertamente, mas, pouco a pouco, viria a dar comigo aonde deu com o traidor. Considerem bem isto, por amor de Deus, todos os que tratam de oração. Saibam que no tempo em que vivi sem ela, minha vida foi muito mais errada. Vejam que boa solução o inimigo me oferecia e que humildade engraçada! O resultado foi grave desassossego para mim. Aliás, como podia minha alma estar tranquila? Apartava-se, coitada, de seu descanso. Tinha diante dos olhos os favores e graças que recebera. Via que os contentamentos da terra merecem asco. . . Espanto-me de como pude suportar um tal estado! Aguardei unicamente com a esperança de voltar à oração. Nunca pensei em abandoná-la, nem desisti do propósito de retomá-la. Já são passados mais de vinte e um anos, e ficou-me a lembrança de que eu aguardava primeiro estar completamente limpa

de pecados para recomeçar. Como ia mal encaminhada com tal esperança! O demônio me conservaria nesta ilusão até o dia do juízo, para daí me arrastar ao inferno.

12. Com efeito, tendo oração e leitura espiritual que me faziam conhecer as verdades e ver o mau caminho em que estava, muitas vezes importunava ao Senhor com lágrimas. Mas eu era tão ruim que não me conseguia vencer. Que podia eu esperar ficando privada desses remédios, entregue a passatempos, com muitas ocasiões e poucos auxílios, e até — ousou dizer — sem auxílio algum? Tudo me ajudava acair.

Creio que muito merecimento conquistou diante de Deus um frade de são Domingos<sup>[1]</sup> grande teólogo, por me ter despertado deste sono. Fez-me comungar de quinze em quinze dias e melhorar de vida. Comecei a abrir os olhos, embora não deixasse de fazer ofensas ao Senhor. Como não havia perdido o caminho, ia prosseguindo nele, ainda que passo a passo, caindo e levantando. Quem não deixa de andar e adiantar-se, mesmo que tarde, afinal chega. Para mim, perder o caminho é abandonar a oração.

13. Fique aqui bem entendido, e considere-se muito, por amor do Senhor. Uma alma, que tiver sido muito favorecida por Deus na oração, não confie em si mesma, porque pode cair. Nem se ponha de modo algum em ocasiões de queda. Este é um ponto de grande importância que deve ser considerado seriamente.

Ainda que a graça tenha sido de Deus, o demônio engana. O traidor aproveita-se o mais que pode da própria graça, principalmente quando se trata de pessoas pouco adiantadas nas virtudes, não mortificadas, nem desprendidas de tudo. Não adquirem suficiente fortaleza, como adiante direi, para enfrentar as ocasiões e os perigos, por maiores desejos e determinações que tenham. É excelente doutrina esta, não minha, mas ensinada por Deus. Quisera que pessoas ignorantes como eu a soubessem. Com efeito, quando a alma se acha neste estado, não há que fiar de si para sair a combater. Já fará muito se souber defender-se. Carece de armas para resistir aos demônios. Não tem ainda forças suficientes para pelejar contra eles e trazê-los subjugados, como fazem os que atingiram o estado, que adiante direi.

14. Este é o ardil com que o inimigo consegue o que quer. Vendo-se a alma tão chegada a Deus, sentindo a diferença que há entre os bens do céu e os da terra, e conhecendo o amor que o Senhor lhe testemunha, de tal amor nasce-lhe confiança e certeza de não decair dessa felicidade. Ela julga perceber claramente o prêmio, e não lhe ser possível deixar bens tão suaves e deliciosos, mesmo desde esta vida, por coisa tão baixa e sórdida como é o gozo dos sentidos.

Com essa persuasão o demônio a faz esquecer que não há de confiar em si. Deste modo ela se expõe a perigos e começa, cheia de zelo, a repartir com prodigalidade as frutas de seu jardim, julgando não ter mais o que temer. Isto não vem do orgulho — pois bem compreende que por si nada pode — mas de uma excessiva confiança em Deus, sem a indispensável discrição. Não vê que, por enquanto, só está coberta de penugem. Pode sair do ninho, e Deus a tira para ora, mas ainda não é capaz de voar. As virtudes não estão fortalecidas. Não tem experiência para conhecer os perigos, nem sabe o mal que faz em se fiar de si.

15. Eis aí a causa de minha ruína. Para isto e para tudo há grande necessidade de mestre e trato com pessoas espirituais. A alma a quem Deus eleva a tal estado, se não o abandona inteiramente, Sua Majestade não desistirá de a favorecer, nem deixará que se perca. Mas de novo recomendo: quando cair, olhe, olhe, por amor do Senhor, que não a enganem e persuadam a abandonar a oração por falsa humildade, como aconteceu a mim, segundo já disse e quisera repetir muitas vezes.

Confie na bondade de Deus, maior do que todos os nossos males. Ele não se recorda de nossa ingratidão, quando caímos em nós e desejamos recuperar a sua amizade. Tampouco nos inflige maior castigo por causa das graças que nos fez. Ao invés, a lembrança delas o leva a nos perdoar mais depressa, como a pessoas que já são de sua casa e comem, como se costuma dizer, de seu pão. Lembrem-se de suas palavras e vejam como procedeu comigo: cansei-me de o ofender, mas Sua Majestade nunca deixou de me perdoar. Ele jamais se cansa de dar, nem se esgotam suas misericórdias; não nos cansemos também de receber. Seja bendito para sempre, amém. Todas as criaturas cantem seus louvores.

## CAPÍTULO 20

**Diferença entre união e arrebatamento. Em que consiste o arrebatamento e os benefícios que a alma recebe. Diz os efeitos que produz. É muito para admirar**

1. Desejaria esclarecer, com o auxílio de Deus, a diferença existente entre união e o que chamam arrebatamento, rapto, voo do espírito, arrebatamento, que é tudo um. Quero dizer que estes diferentes nomes designam uma só coisa, que também se chama êxtase. Tem grande vantagem sobre a união, alcançando efeitos bem maiores e vários outros benefícios.

Com efeito a oração de união é uniforme no princípio, meio e fim, e assim é quanto ao interior. Mas estas outras graças têm finalidades em mais alto grau, e, na mesma proporção, atuam de modo mais elevado tanto no interior como no exterior. O Senhor esclareça este ponto como fez a respeito dos demais, porque, certamente, se Sua Majestade não me houvera sugerido a forma e maneira de dizer alguma coisa, jamais saberia explicar.

2. Consideremos agora que a última água de que falamos seja tão copiosa, que poderíamos crer já possuímos, aqui na terra, a própria nuvem, que é a Majestade suprema, caso fosse possível neste exílio. Quando lhe agradecemos por este grande bem, correspondendo ao seu amor com obras na medida de nossas forças, o Senhor colhe a alma, digamos assim, à maneira pela qual as nuvens colhem os vapores da terra. Ouvi dizer que as nuvens ou o sol aspiram os vapores terrestres. Assim é que o Senhor desprende a alma inteiramente deste mundo, erguendo-a na atmosfera tal qual se levanta uma nuvem, e sobe com ela ao céu, onde começa a mostrar os tesouros do reino que lhe tem preparado. Não sei se a comparação é adequada, mas é o que realmente acontece.

3. Nestes arrebatos a alma parece não animar o corpo. Este sente perfeitamente que lhe falta o calor natural: vai esfriando, embora com intenso júbilo e suavidade. Na união, estamos em terreno próprio, há meios e quase sempre pode-se resistir, ainda que a custo e com violência. Aqui, ao contrário, a resistência é impossível. Na maior parte das vezes não há recurso algum. Frequentemente, sem pensamento prévio, ou cooperação de nossa parte, surge como um ímpeto tão acelerado e forte, que sentis e vedes esta Nuvem ou Águia possante levantar-se e arrebatá-vos em suas asas.

4. Sentis — repito — e vedes que sois conduzido, sem saber aonde. Não obstante ser grande a alegria, a fraqueza de nossa natureza no princípio causa temor. É preciso que a alma seja resoluto e corajosa, muito mais do que nos estados precedentes, para arriscar tudo — venha o que vier — e, entregando-se a Deus, deixar-se guiar de bom grado por suas mãos aonde ele quiser. Ainda que resistais, sois levado.

Isto se dá de modo tão violento, que em muitas ocasiões usei de todas as forças para resistir, especialmente quando ocorria em público, e também outras vezes estando a sós, pelo receio de ser enganada. Meus esforços eram, porém, inúteis. Eventualmente

conseguia-o em parte, ficando todavia exausta, em grande prostração, como quem lutou com robusto gigante. Outras vezes, a resistência era impossível: a alma sentia-se arrebatada com ímpeto, quase sempre levantando a cabeça sem que eu a pudesse deter. Até —mas isto raramente — todo o corpo, a ponto de ficar suspensa do chão.

5. Foi o que me aconteceu há pouco tempo, depois que exerço o ofício de priora, quando, reunidas todas as irmãs no coro, eu estava de joelhos no momento de comungar. Deu-me grande pesar. Parecia-me coisa extraordinária que logo chamaria muito a atenção. Recomendei às monjas que a respeito disto nada dissessem. De outras vezes, percebendo que o Senhor ia repetir o mesmo favor, estendia-me no chão. As irmãs rodeavam-me para segurar-me o corpo. Contudo, não passava despercebido.

Assim fiquei também no dia em que se celebrava a festa da Epifania, durante um sermão a que assistiam muitas senhoras importantes do lugar. Supliquei muito ao Senhor que se dignasse não mais me dar graças com manifestações exteriores, porque estava já cansada de andar com tanta cautela. Sua Majestade podia conceder-me a mesma graça sem que se percebesse. Tenho para mim que, em sua bondade, atendeu-me, pois até agora não tive mais tais coisas. É verdade que não faz muito tempo desde minha súplica.

6. Quando procurava resistir, parecia-me que sob os pés erguiam-me forças tão grandes, que não sei a que compará-las. Eram, porém, muito mais impetuosas do que nas outras coisas do espírito, já referidas acima. Ficava, então, por assim dizer, despedaçada, visto ser terrível a peleja. Afinal, quando o Senhor quer, pouco aproveita nosso esforço. Não há poder contra seu poder. Outras vezes ele se contenta em nos mostrar que deseja fazer uma graça e que, da sua parte, Sua Majestade não faltará. Se então por humildade resistimos, produz os mesmos efeitos como se de todo consentíssemos.

7. Grande são estes efeitos! Um deles é que se nos manifesta o grande poder do Senhor. Vemos que não somos senhores do corpo nem capazes, por conseguinte, de o deter quando Sua Majestade assim quer. Ao contrário, verificamos, por muito que nos pese, que existe acima de nós alguém mais poderoso, e que tais graças são dádivas suas, enquanto de nossa parte nada, absolutamente nada, podemos fazer. Imprime-se, então muita humildade na alma.

Confesso, inclusive, que a mim causou grande temor, e nos primeiros tempos grandíssimo. Não é para menos à vista de um corpo que assim se levanta da terra. O espírito o leva após si com grande suavidade, quando não acha resistência. Não se perdem os sentidos; eu pelo menos, ficava de tal maneira que percebia ser arrebatada. Mostra-se tão bem a Majestade de quem pode assim fazer, que os cabelos chegam a arrepiar-se na cabeça e fica na alma um temor extremo de ofender a tão grande Deus. Nasce-lhe ao mesmo tempo imenso e renovado amor àquele que ama tanto um verme tão corrupto, não se contentando em atrair a alma para si, mas querendo também o corpo mortal e de barro tão imundo como se tornou por suas muitas ofensas.

8. O arrebatamento deixa também um desapego estranho, que não sei definir. De algum modo é diferente e superior ao que produzem as outras graças puramente espirituais. Estas realizam o desprendimento das criaturas quanto ao espírito. Aqui o Senhor quer que o próprio corpo seja desapegado. As coisas da terra tornam-se de tal forma estranhas e

desconhecidas que a vida vem a se tornar muito mais penosa.

9. Causa-nos depois um tormento que, surgido, não podemos retê-lo, nem afastá-lo. Bem quisera dar a entender este grande sofrimento, mas creio que não conseguirei. Não obstante, direi alguma coisa.

Convém notar que estes favores são recentes, posteriores a todas as visões, nas épocas em que me entregava à oração. O Senhor me dava, então, grandes consolações e alegrias. Estas consolações algumas vezes ainda me regozijam, mas quase sempre acompanhadas pelo sofrimento de que agora falarei. Pode ser maior ou menor. Vou considerá-lo agora em seu grau de maior intensidade.

Adiante tenciono falar dos grandes ímpetos que me invadiam quando o Senhor me favorecia com arrebatamentos. Mas, o sofrimento que então sentia em nada se compara com a dor de que agora falo. Creio não exagerar dizendo que entre eles existe a mesma diferença que há entre uma coisa muito corporal e outra muito espiritual. Com efeito, no primeiro sofrimento, o menos intenso, embora a alma sinta toda a amargura, está em companhia do corpo e parece que a repartem entre si. Em todo caso, não há a violência extrema do desamparo de que agora falo, e no qual nada podemos fazer.

Acontece que muitas vezes a alma seja tomada de improviso por um desejo ardente de Deus, sem saber de onde vem. Penetra-a por completo, chegando a tal excesso de aflição que ela se ergue acima de si mesma e acima de todo criado. Põe-na Deus tão isolada de todas as coisas, que, por mais que se esforce, não lhe parece haver na terra quem a acompanhe, nem ela o quisesse, senão morrer naquela solidão. Se lhe falam, embora faça o possível para responder, não o pode, é inútil. Seu espírito, apesar de tudo, não se aparta daquela solidão. Deus parece estar muitíssimo longe, mas comunica-lhe, por vezes, suas grandezas, do modo mais estranho que se possa imaginar. Explicá-lo é impossível. Esta comunicação não visa consolar, e sim, dizer o motivo que tem para afligir-se quem está ausente do bem que encerra todos os bens. Não o crerá nem entenderá quem não o houver experimentado.

10. Crescem-lhe daí o desejo e a amargura da solidão em que se vê, com uma dor tão sutil e penetrante que, transportada naquele deserto, a alma pode dizer ao pé da letra:

*Vigilavi, et factus sum sicut passer solitarius in tecto*<sup>[1]</sup>. Porventura o real Profeta o disse estando no mesmo desamparo. Ele, porém, era santo, e o Senhor lhe daria a sentir aquela solidão de modo mais íntimo.

Assim é que me chega então à memória este verso, e tenho a impressão de vê-lo realizado em mim. Consola-me o pensamento de que outras pessoas — como o rei Davi — sentiram esta solidão em tão alto grau. Dir-se-ia que a alma está, não em si, mas elevada acima de si mesma, acima de todo o criado e até da parte superior de seu espírito, como que sobre o teto ou telhado de seu ser.

11. Outras vezes é como se andasse extremamente necessitada de Deus, dizendo e perguntando a si mesma: *Onde está o teu Deus?* (SI 4,4). É de notar que eu não compreendia bem o significado destes versos em nossa língua. Depois, quando pude entender, fiquei consolada vendo que o Senhor os tinha trazido à minha memória, sem que eu procurasse. Recordava-me, por vezes, do que dizia são Paulo: que estava



crucificado ao mundo (Gl 6,14). Não digo que seja esse o meu estado; bem vejo que não. Mas é o da alma arrebatada. Minha impressão é de que ela vive sem ainda se achar no céu, nem habitar mais a terra. Não recebe consolo do Céu, nem quer o da terra. Está como crucificada entre o céu e a terra, padecendo, sem receber socorro de um lado nem do outro.

De fato, o que lhe vem do céu — como já disse — é uma notícia maravilhosa de Deus, muito superior a tudo quanto podemos desejar. Isto só lhe causa maior sofrimento, porque aumenta o seu desejo de possuir a Deus de tal modo que a intensidade da dor a priva algumas vezes do uso dos sentidos. Dura, todavia, pouco tempo. Este penar assemelha-se às agonias da morte, mas traz consigo tão grande doçura, que não sei ao que poderia comparar. É martírio tão duro quanto delicioso.

Tudo o que se oferece à alma, ela não aceita, lançando para longe de si, mesmo o que habitualmente mais lhe agradava. Bem compreende que só quer a seu Deus, e nele não ama em particular algum de seus atributos. A ele quer todo inteiro, e não sabe o que quer. Não sabe, digo, porque a imaginação nada lhe representa. Penso mesmo que grande parte do tempo em que fica nesse estado, as suas faculdades não agem. Aqui a dor as suspende, como faz a alegria na união e no arroubamento.

12. Ó Jesus! Quem pudera dar a entender bem isto a Vossa Mercê, ao menos para que me explicasse em que consiste, pois nesse estado é que agora anda sempre a minha alma. Quando não está ocupada em algo, o mais comum é ficar nestas ânsias de morte. Quando essas ânsias aparecem, tem medo, porque sabe que não há de morrer. Uma vez que sofre, quisera passar o que lhe resta de vida em tal sofrimento. Tão excessivo, porém, é o tormento, que a natureza mal o pode suportar. Às vezes perde o pulso quase inteiramente, como dizem as irmãs que então se aproximam de mim e já compreendem melhor o meu estado. Os braços ficam muito abertos e as mãos tão rígidas, que chego a não poder juntá-las. Até o dia seguinte sinto dor nos pulsos e no corpo, como se os tivesse desconjuntado.

13. Se isto continuar como até agora, penso que numa destas ocasiões o Senhor será servido de me tirar a vida, embora eu não mereça. A meu ver, tão grande tormento basta para causar a morte. Nestas ocasiões, toda a minha ânsia é de morrer. Nem me recordo do purgatório, nem dos grandes pecados que cometi, pelos quais merecia o inferno. Tudo esqueço, na ansiedade por ver a Deus. Aquele deserto, aquela solidão, parecem melhor à alma, que toda companhia do mundo. Se alguma coisa lhe pudesse dar consolo, seria tratar com quem houvesse passado pelo mesmo tormento, mas, embora se queixe, ninguém provavelmente lhe dá crédito.

14. É tanto suplicio, tão acerba dor, que não busca mais a solidão como antes. Também não deseja companhia, a menos que seja de alguém com quem se queixar. É como quem, tendo a corda ao pescoço e prestes a se enforcar, procura tomar fôlego. Esse desejo de companhia provém, creio, de nossa fraqueza. Tal suplicio nos põe certamente em perigo de morte. Já me encontrei várias vezes neste perigo, por ocasião de graves enfermidades e em outras circunstâncias; julgo, assim, poder afirmar que o sofrimento de que trato agora é tão grande quanto qualquer outro. O desejo que o corpo e a alma têm

de não se apartarem, é que lança o primeiro grito de socorro para tomar fôlego. Quer dar a conhecer seu sofrimento, queixar-se e distrair-se a fim de conservar a vida, bem contra a vontade do espírito ou parte superior da alma, que não quisera sair do suplício.

15. Não sei se atino com a verdade ou como a poderia expressar; mas, até onde posso atingir, é assim que acontece. Veja Vossa Mercê que descanso posso ter nesta vida! O repouso, que desfrutava, na oração e na solidão — porque aí o Senhor me consolava, — agora se tornou, no mais das vezes, o referido sofrimento! É este, porém, tão saboroso que a alma, conhecendo bem seu alto preço, já o prefere a todas as consolações de outrora. Julga-o mais seguro, por ser caminho de cruz que encerra um gosto de muito valor. A alma reparte com o corpo somente o sofrimento, e, padecendo, saboreia sozinha a felicidade e o contentamento que dá este padecer.

Ignoro como pode ser isto, mas de fato acontece assim. Não trocaria, penso, semelhante graça que o Senhor me faz por todos os favores que adiante relatarei, não digo todos juntos, mas cada um tomado separadamente. É mera e espontânea dádiva da mão de Deus, repito-o, e nada fiz para adquiri-la, pois é muito sobrenatural. Convém não esquecer que recebi estes favores após tudo quanto vai escrito neste livro. Quero dizer, os ímpetos de que falo são posteriores a todas as graças que o Senhor me tem feito. Eis o estado em que ele me mantém atualmente.

16. A princípio tinha medo, como tenho quase sempre que recebo algum favor das mãos de Deus, até que, com a continuação, Sua Majestade me tranquiliza. Numa das primeiras vezes, o Senhor me ordenou que não temesse, e tivesse em mais apreço esta graça do que todas as outras que já me havia feito, porque, no referido sofrimento, a alma se purifica tal qual se apura e refina o ouro no crisol, para melhor se dispor a receber o esmalte dos seus dons. Vale esta purificação pelo tempo que havia de estar no purgatório. Eu bem entendia que era grande graça, mas fiquei com muito mais segurança. Meu confessor disse-me que é coisa boa. Ainda que temesse, por ser eu tão ruim, nunca pude crer que fosse mau. Era a grandeza excessiva da graça que me fazia temer, ao me recordar quão mal a tinha merecido. Bendito seja o Senhor que é tão infinitamente bom. Amém.

17. Vejo que saí de meu propósito, pois havia começado a falar de arroubamentos, mas o sofrimento que expliquei é superior a estes, e deixa os efeitos mencionados.

18. Voltemos agora aos arroubamentos e ao que neles ocorre de modo geral. Muitas vezes parecia-me que esta graça me deixava o corpo leve, como se perdera todo o peso. Não raramente, chegava a coisa a tal ponto, que mal sentia tocar no chão com os pés. O corpo, quando enlevado, fica muitas vezes como se estivesse morto, sem ação, e permanece na posição em que é tomado: ora sentado, ora com as mãos abertas, ora fechadas. É raro perder os sentidos. Tem-me acontecido perdê-los inteiramente, mas poucas vezes e por pouco tempo. Contudo o comum é que a alma, embora perturbada e sem poder agir quanto ao exterior, não deixa de perceber e ouvir como de longe. Não digo que perceba e ouça quando está no mais alto grau do arroubo, isto é, durante o tempo em que se perdem as faculdades por estarem unidas a Deus, pois então nada vê, nem ouve, nem sente, ao que me parece. Mas, como disse anteriormente na oração de

união, essa transformação total da alma em Deus dura pouco. Enquanto dura, nenhuma faculdade age nem sabe o que ali se passa. Não são coisas que se entendem, enquanto vivemos na terra. Pelo menos Deus não quer que as entendamos, pois não há em nós capacidade para tanto. Tenho-o visto por mim.

19. Perguntar-me-á Vossa Mercê como é que, por vezes, o arreouamento dura tantas horas? O que me acontece frequentemente é sentir a felicidade com intervalos, como notei a propósito da oração passada. De tempos em tempos a alma se abisma, ou melhor dizendo, o Senhor a engolfa em si e, tendo-a mantido assim um pouco, guarda consigo só a vontade. O bulício das outras duas faculdades parece-me ser como o da lingueta dos relógios de sol, que jamais para. Contudo o Sol de Justiça, quando quer, as detém. Eis o que digo ser de pouca duração. Como o ímpeto e surto do espírito foi grande, embora as faculdades tornem a se agitar, a vontade permanece mergulhada em Deus. Como senhora de todo o ser humano, ela age sobre o corpo mantendo-o no estado que indiquei, a fim de que os sentidos não a estorvem. Deste modo, se as duas faculdades turbulentas quizerem importuná-la, deixa-lhes reduzido número de inimigos. Faz com que os sentidos estejam suspensos porque assim deseja o Senhor. Na maior parte do tempo, os olhos estão fechados, ainda que não queiramos fechá-los. E se por acaso permanecem abertos, não conseguem distinguir nem reparar no que veem.

20. Aqui é muito menos o que o corpo pode fazer por si. As faculdades juntam-se e não há tanta dificuldade. Quem receber do Senhor esta graça, não se desconsola quando vir o corpo atado por muitas horas, e, às vezes o intelecto e a memória distraídos. Verdade é que o comum é estarem inebriados em louvores a Deus, ou procurando perceber e entender o que se passa. Entretanto mesmo para isto não estão bem despertos, mas assemelham-se a alguém que dormiu muito, sonhou e ainda não despertou inteiramente.

21. Insisto neste ponto porque sei que atualmente há, nesta cidade, pessoas a quem o Senhor concede tais favores. E, se os seus diretores não passaram por isso, mormente não sendo doutos, imaginarão que durante o arreouo ficam como se estivessem mortas. Causa lástima ver quanto se padece quando os confessores são inexperientes e pouco ilustrados. Mais adiante falarei a respeito, embora eu mesma talvez não saiba o que digo. Se atinar em alguma coisa, Vossa Mercê entenderá, pois o Senhor já lhe tem dado experiência, mas é bem possível que ainda não tenha considerado tanto como eu.

O fato é que, por muito que lute, não há forças no corpo para mover-se. A alma levou-as todas consigo. Muitas vezes, estando o corpo bastante enfermo e cheio de dores, fica restabelecido e com maior capacidade, pois é grandioso o que ali acontece. O Senhor quer de quando em quando, — repito —, que também o corpo se beneficie, pois já se mostra obediente à vontade da alma. Quando foi grande o arreouamento, as faculdades retomando consciência andam por um ou dois e mesmo três dias tão embevecidas, e absortas, que parecem ainda estar fora de si.

22. Surge então o pesar de voltar a viver. Já lhe caiu a penugem, agora tem asas para voar bem alto. Ergue o estandarte pela causa de Cristo. Parece que o comandante da fortaleza subiu ou foi levado à torre mais alta para desfraldar a bandeira de Deus. Olha para os de baixo como quem está a salvo. Já não teme os perigos. Pelo contrário, deseja-

os como se já tivesse a garantia da vitória. Vê claramente quão pouco se deve estimar tudo que há na terra, pois não tem valor. Quem está no alto, enxerga muitas coisas. Não busca liberdades no querer, nem mesmo gostaria de ter livre arbítrio, e assim o suplica ao Senhor. Entregue-lhe as chaves de sua vontade.

Ei-lo aqui, o jardineiro feito comandante! Não deseja coisa alguma, senão a vontade do Senhor. Não quer dispor de si, nem de coisa alguma, sequer de um pêro<sup>[2]</sup> de pomar. Se neste jardim houver algo de bom, distribua-o Sua Majestade, pois de agora em diante, nada quer possuir como próprio: Deus disponha de tudo conforme a sua glória e a sua vontade.

23. Na realidade, é assim que acontece, quando os arrebatamentos são verdadeiros: a alma recebe os efeitos e o aproveitamento indicados. De outro modo, duvidaria muito que viessem de Deus. Recearia que fossem acessos de raiva dos quais fala São Vicente Ferrer. Sei por experiência que numa hora, e ainda em menos tempo, a alma fica senhora de tudo e tão livre que não se reconhece mais. Vê perfeitamente que nada fez para isso, nem sabe como lhe foi dado tanto bem, mas percebe com clareza o grande proveito que lhe traz cada um destes arrebatamentos.

24. Não crerá quem não tiver experiência. E, por esse motivo, não dão crédito à pobre alma. Conheceram-na tão ruim, e agora veem-na, de súbito, empreender coisas arriscadas. É que não se contenta servindo ao Senhor em pouco, senão no máximo. Consideram-no tentação e disparate. Entretanto, não ficariam admirados se compreendessem que aquilo não nasce dela, mas do Senhor, a quem já ofereceu as chaves da vontade. A meu ver, quando uma alma chega a este estado, já não fala, nem age por si: o soberano Rei cuida de tudo que ela há de fazer. Valha-me Deus! como é claro o sentido daquelas palavras e quanta razão tinha o salmista — como terão todos — de pedir asas de pomba (SI 54,7). Entende-se bem! O espírito alça voo para se erguer acima de todo o criado e em primeiro lugar de si mesmo. Mas é voo suave, voo delicioso, voo sem ruído.

25. Que poder tem a alma que o Senhor transporta a semelhante grau! Como olha tudo sem estar enredada em coisa alguma! Como se envergonha do tempo em que teve apegos e assim viveu! Como se espanta de sua própria cegueira! Quanto lastimo os que vivem cegos, particularmente se são pessoas de oração a quem Deus já satisfaz! Desejaria clamar em altas vozes para lhes dar a entender que estão muito enganados, e chega a fazê-lo algumas vezes. Chovem-lhe, todavia, sobre a cabeça mil perseguições. É tida por pouco humilde, por alguém que pretende ensinar àqueles de quem deveria aprender, principalmente se for mulher. Logo a condenam, e não sem razão, porquanto ignoram o ímpeto que a move tão fortemente, às vezes, a ponto de não se conter deixar de esclarecer aqueles a quem preza. Anseia por vê-los soltos do cárcere desta vida, pois não é menor, nem lhe parece menor, o cativo em que ela esteve.

26. Aflige-se recordando o tempo em que dava atenção a pontos de honra, e o engano em que vivia, julgando ser honra aquilo que o mundo chama por este nome. Vê que é grande a mentira em que andamos todos. Compreende que a verdadeira honra não é mentirosa, mas verdadeira, dando apreço ao que de fato merece estima, e tendo em

nenhuma conta o que nada vale. Tudo o que acaba e não contenta a Deus, é nada e ainda menos que nada.

27. Ri-se de si mesma, do tempo em que fazia caso do dinheiro e cobiçava-o, embora nesta matéria — creio eu e é a verdade — jamais me tenha reconhecido culpada de qualquer falta. Era já grande culpa tê-lo em alguma conta. Se com ele se pudesse comprar o bem que agora vejo em mim, muito o apreciaria. Mas é evidente que semelhante bem só se adquire abandonando tudo. Em suma, que se conquista com o tão desejado dinheiro? Coisa preciosa? Objeto durável? para que o desejamos? Triste a satisfação que se procura obter com ele, pois custa bem caro! O que muitas vezes se alcança é o inferno, e o que se compra é fogo que não se extingue, suplício infundo! Se todos resolvessem considerá-lo como terra improdutiva, o mundo andaria em ordem e sem sofrimentos! Com que amizade se tratariam os homens se não ligassem para a honra e o dinheiro! Tenho para mim que todos os males ficariam remediados.

28. A alma vê a grande cegueira que reina acerca dos prazeres, e como estes proporcionam sofrimento e angústia, mesmo para esta vida. Quantas inquietações! que pouca satisfação! quanto trabalho em vão! Percebe, então, em si mesma não só as teias de aranha, as faltas consideráveis, mas até algum cisco, por mínimo que seja, porque o sol está muito claro. Por mais que trabalhe para sua perfeição, a alma logo se achará impura, se realmente for atingida pelos raios deste Sol. É como água num copo, que parece muito límpida enquanto não dá o sol. Mas se vem a dar, logo aparece repleta de poeira.

Esta comparação deve ser tomada ao pé da letra. Antes de ficar em êxtase, a alma julga andar com o cuidado de não ofender a Deus, fazendo o que pode, na medida de suas forças. Mas, agora que chegou a tal estado, o Sol de Justiça dardeja sobre ela fazendo-a abrir os olhos: vê tantas impurezas, que desejaria fechá-los novamente. Ainda não é tão filha desta Águia majestosa, que seja capaz de fitar este Sol face a face. Mas, nos poucos instantes em que guarda os olhos abertos, vê-se toda turva. Recorda-se do versículo que diz: *Quem será justo diante de ti?* (SI 142,2)

29. Quando contempla o divino Sol, fica deslumbrada com a claridade. Quando olha para si, o barro tapa-lhe os olhos e a pombinha não enxerga. Acontece-lhe muitas vezes, diante de tantas grandezas, ficar totalmente ofuscada, absorta, sem forças, maravilhada. A alma adquire, então, a verdadeira humildade e não dá importância a falar bem de si, nem a que outros falem. É o Senhor do pomar quem reparte as frutas, e não ela. Por conseguinte, nada se lhe prende às mãos: todo o bem que possui é referido a Deus. Se alguma coisa diz de si, é para glória do Senhor. Sabe que naquele jardim nada lhe pertence. Não o pode ignorar, nem se quisesse, porque vê com os próprios olhos. Sem cooperação de sua parte, o Senhor cerrou-os às coisas do mundo, a fim de mantê-los abertos para compreenderem estas verdades.

## CAPÍTULO 21

**Prossegue e termina o último grau de oração. O sofrimento da alma favorecida quando recomeça a viver no mundo. Luz que o Senhor concede para ver os enganos desta vida. É de boa doutrina e utilidade**

1. Em conclusão do que vinha explicando, digo que, neste grau de oração, o consentimento da alma não é necessário: ela já pertence ao Senhor. Sabe que voluntariamente se entregou nas mãos de Deus e que não pode enganá-lo, porque sabe tudo. Não é como na terra, onde a vida é cheia de decepções e fingimentos. Quando pensais ter conquistado um coração, pelas provas de afeição que vos dá, vindes depois a descobrir que é tudo mentira. Ninguém pode viver no meio de tantas intrigas, especialmente se há interesse em jogo.

Bem-aventurada a alma que o Senhor eleva ao conhecimento da verdade. Que ótimo estado para os reis! Como lhes valeria muito mais procurá-lo do que ter um grande império! Que retidão haveria no reino! Que multidão de males se evitariam no presente e se teriam evitado nos tempos idos! Não se temeria perder a vida nem a honra por amor de Deus! Belo estado para os soberanos, aos quais todos hão de seguir! Mais do que ninguém estão obrigados a zelar a honra do Senhor! Para dilatar um pouco a fé e para esclarecer os hereges, perderiam mil reinos, e com razão, pois se trata de maior lucro: um reino infindo. A alma que experimenta a felicidade de uma só gota desta água do céu sente repugnância por tudo o que existe na terra. E que será quando nela estiver inteiramente engolfada?

2. Ó Senhor! se me dêsseis condições e capacidade para clamar a todos estas verdades, não me acreditariam, como não acreditam em muitos que o sabem dizer melhor do que eu. Ao menos, sentir-me-ia satisfeita. Parece-me que para dar a entender uma só destas verdades, ainda que me custasse a vida, eu a daria de boa vontade como coisa de pouco valor. Mas chegada a hora, não sei na realidade o que faria, pois não há que se fiar em mim. Apesar de ser eu o que sou, tenho grandes ímpetos de dizer tudo isto aos que governam! Sinto-me consumida, vendo que nada posso. Recorro, portanto, a vós, Senhor meu, implorando-vos uma solução para tudo. Bem sabeis que, ficando em condições de não vos ofender, de bom grado me despojaria de todas as graças que me tendes feito e as daria aos reis. Sei que então lhes seria impossível admitir o que agora toleram, e daí resultariam grandes benefícios.

3. Ó Deus meu, fazei-os compreender as suas obrigações, pois de tal maneira quisestes distingui-los na terra, que aparecem sinais no céu quando levais desta vida algum deles — segundo ouvi dizer. Sinto-me, na verdade, enternecida ao pensar que, por essas demonstrações no céu, por ocasião de sua morte, à semelhança da vossa, quereis que entendam o quanto deveriam imitar-vos na vida.

4. Sou bastante atrevida. Se lhe parecer mal, rasgue Vossa Mercê o que digo, creia que falaria melhor em presença dos próprios reis; caso pudesse fazê-lo, ou na esperança de

ser acolhida. Muito os encomendo a Deus; oxalá fosse com proveito. Isto seria expor a vida, mas desejo muitas vezes perdê-la. Seria arriscar pouco a fim de ganhar muito, pois a vida se torna impossível, quando vemos com os próprios olhos o grande engano em que andamos e a cegueira que trazemos.

5. Chegando aqui a alma não sente apenas o desejo da glória de Deus: Sua Majestade lhe dá forças para realizá-lo. Não vislumbra nenhum empreendimento que não se anime a executar, julgando-o serviço do Senhor. E, todavia, é como se nada fizesse, porque vê claramente que tudo é sem valor, exceto agradar a Deus. O que realmente custa a pessoas tão inúteis como eu, é não se apresentarem ocasiões de serem agradáveis ao Senhor. Sede servido, Bem meu, que venha o dia no qual poderei pagar um vintém do muito que vos devo. Ordenai, Senhor, como vos aprouver, contanto que esta serva possa prestar-vos algum obséquio. Mulheres eram também outras e, no entanto, fizeram coisas heroicas por vosso amor.

Quanto a mim, sirvo apenas para tagarelar e por isso não quereis, Deus meu, ocupar-me em obras. Meu serviço reduz-se todo a palavras e a desejos de fazer muito. Mesmo para isto não tenho liberdade e, se porventura a tivesse, em tudo cometeria faltas. Fortalecei minha alma, preparando-a primeiro, ó Bem de todos os bens! ó Jesus meu! em seguida ordenai os meios de fazer eu alguma coisa por vós. Já não há quem suporte receber tanto sem nada pagar. Custe o que custar, Senhor, não permitais que me apresente diante de vós com as mãos tão vazias, pois o prêmio será de acordo com as obras. Eis aqui minha vida, eis aqui minha honra e minha vontade. Tudo já vos dei. Sou vossa. Disponde de mim como quiserdes. Bem vejo, meu Senhor, o pouco de que sou capaz. Mas, aproximando-me de vós, no alto dessa atalaia donde se descortinam as verdades, tudo poderei realizar se não vos apartardes de mim. Mas apartando-vos, por pouco que seja, irei para o inferno, lugar onde deveria estar.

6. Quanto custa à alma, em tal estado, ter novamente de tratar com todos, olhar e ver a farsa desta vida tão mal ordenada, perder tempo ao cuidar do corpo, dando-lhe sono e alimento! Tudo é enfadonho. Não sabe como escapar; vê-se acorrentada e prisioneira. Percebe verdadeiramente o quanto somos cativos de nossos corpos e compreende melhor a miséria da vida. Conhece a razão pela qual são Paulo suplicava a Deus que o livrasse dele. Brada juntamente com o Apóstolo e pede a Deus que a liberte.

Já falei disto, mas aqui é com grande ímpeto. Muitas vezes, a alma parece querer sair do corpo em busca dessa liberdade, já que não a deixam partir. Sente-se como escrava vendida numa terra estranha. O que mais a aflige é não encontrar muitos que façam a mesma queixa e o mesmo pedido. Antes, ordinariamente, todos desejam viver. Ah! se estivéssemos desapegados, e não puséssemos nossa alegria em coisas da terra, o pesar de vivermos continuamente sem Deus e o desejo de rejubilarmo-nos na verdadeira vida atenuariam o medo da morte!

7. Só por esta luz que o Senhor me deu, sinto frequentemente o desgosto de me ver neste exílio, eu, que sou tão tibia na caridade e vivo em tão grande incerteza de alcançar o verdadeiro repouso, porque minhas obras não o mereceram. Que sentimento deve ter sido o dos santos? Que devem ter passado são Paulo, Madalena e outros semelhantes,

tão incendiados no amor de Deus? A vida para eles era certamente um contínuo martírio.

Algum alívio e consolo parece que me dá o relacionamento com pessoas nas quais encontro iguais desejos, acompanhados, bem entendido, de obras. Sim, obras, porque há indivíduos que se têm em conta de desprendidos de tudo, e chegam a apregoá-lo. De conformidade com o seu estado, assim deveria ser, pois decorreram muitos anos desde que começaram a trilhar o caminho da perfeição. Mas esta alma de que falo conhece de longe os que são perfeitos em palavras e aqueles que já confirmaram tais palavras com obras. Ela tem verificado o pouco proveito de uns e o muito de outros. Quem tem experiência o reconhece fácil e claramente.

8. São estes os efeitos que os arroubamentos produzem quando procedem do espírito de Deus. Verdade é que são maiores ou menores. Menores porque no início, embora os arroubos produzam os citados efeitos, estes não são muito percebidos, uma vez que não foram testemunhados com obras. A alma vai crescendo na perfeição, procurando que em si não haja sequer vestígios de teia de aranha, mas isto requer al-gum tempo. Quanto mais aumentam seu amor e sua humildade, maior perfume vão exalando as flores das virtudes para ela e para os outros.

Também é verdade que num destes raptos o Senhor pode agir de tal maneira que reste pouco trabalho à alma para adquirir a perfeição. Quem não tiver experiência não poderá crer no que o Senhor dá aqui. Não há diligência de nossa parte que chegue a tanto. Não digo que, no fim de muitos anos, com o favor de Deus, essa alma não atinja a perfeição e um grande desapego, à custa de bastante trabalho, usando os métodos daqueles que escreveram sobre a oração, seus princípios e meios. Não será, porém, em tão breve tempo e sem esforço da nossa parte. O Senhor resolutamente desprende a alma da terra e lhe dá o domínio sobre tudo que existe, mesmo não havendo nela mais merecimento do que havia na minha que era quase nenhum. Dizendo isto, não o posso encarecer mais.

9. A razão pela qual Sua Majestade procede deste modo, é simplesmente porque assim quer. Age conforme sua vontade e, ainda que não encontre disposição na alma, sabe prepará-la a fim de receber o bem que lhe dá. Nem todas as vezes concede seus dons a quem mereceu, trabalhando bem no jardim, embora seja muito certo que ao bom jardineiro, que trabalha e procura desapegar-se, Sua Majestade não falta concedendo-lhe a felicidade divina. Algumas vezes, porém, quer demonstrar sua grandeza na terra mais ingrata, e dispô-la para os melhores dons; a tal ponto que, de certo modo, ela parece não poder mais viver ofendendo a Deus como costumava.

A alma tem o pensamento agora tão habituado a buscar o que realmente é verdade, que tudo mais lhe parece brinquedo. Ri-se consigo mesma, em certas ocasiões, ao ver pessoas graves, dadas à oração e vivendo em estado religioso, fazerem muito caso de pontos de honra que ela já tem debaixo dos pés. Alegam que é ter prudência e zelar a dignidade do seu estado para maior bem. No entanto, mais aproveitariam num só dia renunciando a tal dignidade, por amor de Deus, do que em dez anos resguardando-a.

10. A alma favorecida pelo Senhor tem vida trabalhosa e sempre com cruz, mas adianta-se a largos passos. Os que com ela tratam julgam-na chegada ao auge da perfeição. No



entanto, dentro em pouco está muito mais perfeita, porque vai recebendo sempre mais favores. Deus a toma para si, a seu cargo, iluminando-a. Dir-se-ia que a está sempre assistindo e guardando para que não o ofenda, favorecendo e estimulando para que o sirva.

Quando minha alma recebeu de Deus esta graça tão grande, cessaram meus males e o Senhor me deu fortaleza para sair deles. As ocasiões e as pessoas que outrora me distraíam já não prejudicavam mais. Eram como se não existissem. O que antes me fazia mal, depois disso até me ajudava. Tudo se convertia para mim em meios de melhor conhecer e amar a Deus, de ver o quanto lhe devia e de lastimar pelo que havia sido.

11. Bem compreendia que isso não vinha de mim. Não o tinha adquirido com meu esforço, pois não houvera tempo para tanto. Só por bondade, Sua Majestade me havia dado forças para tudo. Até agora, desde que o Senhor começou a me fazer a graça dos referidos arroubos, sempre vem aumentando esta firmeza. Ele me tem sustentado com sua mão para que eu não retroceda. Não me parece — e é verdade — quede minha parte faça alguma coisa, antes claramente percebo que tudo é obra do Senhor.

Eis o que me leva a crer que as almas às quais o Senhor concede tais favores poderão manter-se em qualquer lugar, se viverem com humildade e temor, entendendo sempre que é o próprio Senhor quem faz tudo, e elas quase nada. Por mais distraído e vicioso que seja o ambiente, não lhes causará impressão nem as abalará de modo algum; antes, lhes servirá de auxílio e meio para tirarem proveito muito maior. Já são almas fortes que o Senhor escolhe para fazer bem a outras, embora tal fortaleza não lhes seja própria. Quando o Senhor atrai uma alma, vai pouco a pouco transmitindo-lhe grandes segredos.

12. Então, nos êxtases, ela reconhece as verdadeiras revelações, as grandes graças e visões. Tudo contribui para humilhar e robustecer a alma, fazendo que tenha em menos valor as coisas desta vida e conheça mais claramente as grandezas do prêmio que o Senhor preparou para os que o servem. Praza a Sua Majestade que, de algum modo, a imensa largueza que tem dispensado para com esta miserável pecadora, incite os que isto lerem e os anime a tudo deixar inteiramente por Deus. Se Sua Majestade paga com tanta abundância nesta vida, que será na outra, se já são evidentes o prêmio e o lucro auferidos por quem o serve?

## CAPÍTULO 22

**O caminho mais seguro para os contemplativos é não procurarem atingir coisas elevadas, se o Senhor não os eleva. É pela humanidade de Cristo que se há de chegar à mais alta contemplação. Conta o engano em que esteve durante algum tempo. Este capítulo é de muito proveito**

1. Quero dizer uma coisa, importante a meu ver. Se Vossa Mercê aprovar servirá talvez como lição e até necessária. Dizem alguns tratados de oração que a alma, por si mesma, é incapaz de chegar ao estado de contemplação, por ser este inteiramente sobrenatural e obra do Senhor. Contudo — dizem eles — poderá fazer alguma coisa de sua parte, desprendendo o espírito de todo o criado e sobrelevando-o com humildade, depois de haver trilhado por muitos anos a vida purgativa e aproveitado na iluminativa. Não sei bem por que razão dizem iluminativa. Julgo ser o caminho dos que vão progredindo.

Tais livros insistem na conveniência de afastar o espírito de toda imaginação corpórea e elevar-se a contemplar a divindade. Para os que já estão assim adiantados, ensinam que até a própria humanidade de Cristo embaraça e impede de subir à mais perfeita contemplação. Alegam a este propósito o que Cristo disse aos apóstolos quando da vinda do Espírito Santo, isto é, quando subiu aos céus (Jo 16,7). A mim me parece que se tivessem fê, crendo que o Senhor era Deus e homem, como a tiveram depois da vinda deste divino Espírito, a presença de Cristo não lhes serviria de impedimento. Cristo não disse o mesmo à Mãe de Deus, embora ela o amasse mais do que todos.

Julgam tais autores que, sendo a contemplação toda espiritual, qualquer coisa corpórea a dificulta ou impede. O que se há de procurar, dizem eles, é considerar que Deus está em toda parte, e ver-se engolfado nele. Algumas vezes isto me parece correto. Mas afastar-se totalmente de Cristo e colocar seu divino corpo no rol de nossas misérias e de todo o criado, eis o que não posso tolerar! Praza a Sua Majestade que me saiba explicar.

2. Não os contradigo, porque são teólogos e espirituais. Sabem o que dizem. Aliás, Deus leva as almas por muitos caminhos e veredas. O que agora pretendo dizer é como levou a minha e o perigo em que me vi querendo praticar o que lia. No demais não me intrometo. Quem chegou a ter união e não passou adiante, isto é, a arroubamentos, visões e outras graças que Deus faz às almas, considerará muito boa a referida doutrina, como eu julgava. Mas se tivesse ficado nesta persuasão, creio que nunca teria atingido o grau em que me encontro agora. A meu ver, há engano aqui. Bem pode ser que seja eu a enganada, mas direi o que me aconteceu.

3. Não possuindo diretor, costumava ler tais livros, e imaginava ir aos poucos entendendo alguma coisa. Depois verifiquei que, se o Senhor não me houvesse instruído, pouco teria aprendido com os livros. Nada entendia até que Sua Majestade me fez compreender por experiência. Nem mesmo sabia o que estava fazendo.

No princípio, quando comecei a ter oração sobrenatural, isto é, de quietude,

esforçava-me por desviar o espírito de toda coisa material, embora não me atrevesse a elevar a alma. É que sendo sempre tão ruim, achava que era ousadia de minha parte. Tinha, porém, o sentimento da presença de Deus, o que era verdade, e procurava estar recolhida com ele. É oração saborosa, quando Deus ajuda, e grande a felicidade que proporciona. Com tais proveitos e gostos, já não havia quem me fizesse retornar à santa humanidade. Parecia-me, de fato, um obstáculo à contemplação. Ó Senhor de minha alma e bem meu, Jesus Cristo crucificado! Desta minha ilusão não me recordo sequer uma vez, que não tenha imenso pesar. Creio ter-vos feito uma grande traição, ainda que por ignorância.

4. Durante toda a minha vida, sempre fui muito devota de Cristo. Isto de que falei agora ocorreu só nos últimos tempos, antes que o Senhor me concedesse a graça de visão se arroubamentos. Foi pouco o tempo em que permaneci neste desacerto. Logo voltei ao meu costume de alegrar-me com nosso Senhor, especialmente quando comungava. Quisera ter continuamente diante dos olhos seu retrato, sua imagem, já que não o podia trazer tão gravado na alma como desejava.

Será possível, Senhor meu, que, mesmo só por uma hora, eu me tenha detido no pensamento de que me havíeis de servir de empecilho para maior bem? Donde me vieram todos os bens senão de vós? Nem quero imaginar que tenha sido culpada. Isto me causa uma tristeza enorme. Certamente foi ignorância, e assim, por vossa bondade, quisestes remediá-la, enviando alguém que me tirasse de semelhante erro. Quisestes também aparecer-me várias vezes, como falarei mais adiante, para que eu percebesse melhor o quanto era profundo aquele engano e o referisse a muitas pessoas. É o que tenho feito e agora repito aqui.

5. Estou convencida de ser esta a razão pela qual muitas almas não aproveitam mais, nem adquirem grande liberdade de espírito, quando chegam a ter oração de união. Acho que posso basear o que afirmo em duas considerações. Talvez não esteja dizendo nada a propósito, mas o que digo é fruto de experiência. A verdade é que minha alma se encontrava muito angustiada até que o Senhor se dignou iluminá-la. Todas as alegrias espirituais vinham a sorvos. Deixando a oração, não me sentia naquela divina companhia de que só mais tarde gozei nos sofrimentos e tentações.

Um dos motivos é que há certa falta de humildade, tão escondida e dissimulada que não reparamos. E quem será como eu, tão soberbo e miserável que, embora passando a vida no meio de contínuas orações, penitências e perseguições, não se julgue extremamente rico e bem pago quando o Senhor lhe permite ficar ao pé da Cruz como são João? Não sei onde caberia a ideia de não se contentar com isto, a não ser no meu juízo, que saiu perdendo no que havia de ganhar.

6. Se por temperamento, ou enfermidade, não podemos sempre refletir na paixão, por nos causar pena, quem nos impede de estar com ele após a ressurreição, tendo-o tão perto no santíssimo Sacramento, onde já está glorificado? Assim não o contemplaremos tão aflito e dilacerado, coberto de sangue, fatigado de caminhar, perseguido por aqueles aos quais fazia tanto bem, e magoado com a pouca fé dos apóstolos. Sim, certamente, pois não há quem seja capaz de meditar continuamente nos tormentos que ele sofreu.

Ei-lo aqui, antes de subir aos céus, sem dores, cheio de glória, confortando uns, animando outros! Nosso companheiro no santíssimo Sacramento, porquanto parece que não esteve em suas mãos deixar-nos um só momento! No entanto esteve em meu poder separar-me de vós, Senhor, para vos servir melhor!. . . Quando vos ofendia, ao menos não vos conhecia! Mas, conhecendo-vos, como pude pensar em ganhar mais por semelhante rumo? Que má direção tomava, Senhor! e desviando, se não me fizésseis regressar ao verdadeiro caminho. Vendo-vos junto de mim, logo vi todos os bens. Quando considero a atitude que mantivestes diante dos juízes, não acho provação difícil de suportar. Com tão bom amigo presente, com tão valoroso capitão, que em matéria de padecer foi o primeiro, tudo se pode tolerar. Serve de auxílio e dá forças. Nunca falta. É amigo verdadeiro.

Vi depois, e sempre tenho visto claramente, que para agradarmos a Deus e para que nos conceda favores, deseja ele que os recebamos por intermédio desta humanidade sacratíssima, na qual Sua Majestade (*Deus Pai*) declarou ter posto suas complacências. Tenho visto muitas vezes por experiência; o Senhor também me disse isto. Tenho compreendido claramente que esta é a Porta (*Cristo*) pela qual devemos entrar, se pretendemos que a soberana Majestade (*Deus Pai*) revele grandes segredos.

7. De modo que Vossa Mercê, Senhor<sup>[1]</sup>, não queira outro caminho, ainda que esteja no cume da contemplação. Por aqui irá seguro. É por meio deste Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Ele o ensinará. Contemple sua vida, porque não há melhor modelo. Que mais podemos desejar, do que ter a nosso lado tão bom amigo? Não nos abandonará nas dificuldades e nas tribulações, como fazem os do mundo. Bem-aventurado quem o amar deveras e sempre o trouxe junto de si. Consideremos o glorioso são Paulo de cujos lábios, por assim dizer, não saía senão o nome de Jesus, tão bem gravado o tinha no coração. Desde que entendi isto, tenho considerado atentamente alguns santos, grandes contemplativos, e reparei que não seguiam por outro caminho. São Francisco bem o demonstra nas chagas, santo Antônio de Pádua, no Menino; são Bernardo deleitava-se com a humanidade. O mesmo ocorria a santa Catarina de Sena e a tantos outros que Vossa Mercê conhece melhor do que eu.

8. Esse aviso de apartar-se de toda imagem corpórea deve ser bom, sem dúvida, pois é recomendado por pessoas muito espirituais, mas só quando a alma já se encontra bastante adiantada. A não ser deste modo, é claro que se há de buscar o Criador por meio das criaturas. Tudo depende das graças que o Senhor faz a cada alma: nisto não me intrometo. O que desejaria dar a entender, é que não há de entrar neste rol a humanidade sacratíssima de Cristo. E note-se bem este ponto, em que tanto insisto.

9. Quando Deus quer suspender todas as faculdades, como vimos nos graus de oração que já descrevi acima, torna-se evidente que, mesmo a contragosto, nos é retirada a presença da santa humanidade. Em boa hora! Ditosa perda, que faz crescer a felicidade aumentando aquilo que nos parece perdido. A alma então se entrega toda a amar o que o intelecto procurou conhecer. Ama o que não compreendeu. Regozija-se naquilo em que não poderia regozijar-se sem perder a si mesma para melhor ganhar.

Mas, o que não me parece correto é, propositada e cuidadosamente, habituarmos-nos

a não procurar, com todas as forças, trazer sempre diante dos olhos esta sacratíssima humanidade (e prouvera ao Senhor que fora sempre!) É andar a alma no ar; como dizem, pois não tem arrimo, por mais que se imagine repleta de Deus. É grande coisa trazer a Deus humanado diante de nós, enquanto vivemos e somos humanos.

É a este respeito que desejo falar do segundo inconveniente a que aludi. O primeiro, já disse, é uma pequena falta de humildade. A alma quer levantar-se antes que o Senhor a levante. Não se contenta em meditar coisa tão preciosa. Pretende ser Maria antes de ter trabalhado como Marta. Quando o Senhor assim permite, ainda que seja no primeiro dia, não há que temer. Mas sejamos comedidos, como penso já ter dito. Esse argueirinho de pouca humildade, embora pareça nada, é muito prejudicial a quem deseja progredir na contemplação.

10. Voltemos ao segundo inconveniente. Não somos anjos, temos corpo. Queremos passar por anjos enquanto estamos na terra, e tão engolfados nela como eu estava, é desatino. Em geral, nossos pensamentos carecem de apoio. Às vezes a alma sai de si; outras anda tão cheia de Deus a ponto de dispensar alguma coisa criada para se recolher. Isto, porém, não é comum. Quando não se pode ter tranquilidade, no meio de negócios, perseguições, sofrimentos e em tempo de securas, Cristo é o melhor amigo. Olhando-o feito homem, vemos suas fraquezas e tormentos, e permanecemos em sua companhia. Adquirindo hábito, é muito fácil encontrá-lo junto a nós.

Há dias em que não conseguimos fazer nem uma coisa nem outra. Para estas ocasiões, serve o que já foi dito, isto é: não nos habituemos a buscar consolações de espírito. Grande coisa é viver abraçado à cruz, venha o que vier. Este Senhor ficou desamparado de toda consolação: deixaram-no sozinho em seus tormentos. Não o deixemos nós. Sua mão nos fará subir melhor do que todas as nossas diligências. Ausentar-se-á quando julgar conveniente e quando quiser erguer a alma acima de si mesma pelo modo já indicado.

11. Muito agrada a Deus (*Pai*) quando uma alma se serve humildemente de seu Filho como intermediário, amando-o tanto que embora Sua Majestade consinta em elevá-la à mais alta contemplação, ela se reconhece indigna e diz com São Pedro: *Apartai-vos de mim, porque sou homem pecador* (Lc 5,8). Isto sei por experiência, é assim que Deus tem conduzido minha alma. Outros irão, como já disse, por atalho diverso. O que tenho entendido é que todo o alicerce da oração está na humildade e quanto mais a alma se humilha, mais Deus a engrandece.

Não me recordo de ter recebido nenhuma graça muito especial das que falarei adiante que não fosse estando eu aniquilada por me ver tão ruim. Sua Majestade ainda procurava ajudar no meu próprio conhecimento, fazendo-me entender coisas que eu jamais saberia imaginar. Tenho para mim que tudo quanto a alma faz para se ajudar na oração de união, ainda que a princípio pareça proveitoso, muito depressa se desvanece, como coisa sem fundamento. Receio que nunca chegue à verdadeira pobreza de espírito. Esta consiste em não buscar satisfação e conforto na oração, pois já renunciou aos da terra, mas em achar consolo nas angústias por amor daquele que sempre viveu em tormentos, e ter paz no meio das provações e securas. Ainda que experimente alguma aflição, não convém

que a alma se inquiete ou perturbe, como determinadas pessoas que julgam tudo perdido, senão estão sempre trabalhando com o intelecto e sentindo fervor. Como se pudessem merecer tão grande bem com seu trabalho! Não digo que deixem de procurá-lo, nem de estar com reverência na presença de Deus, porém, que não se matem caso não tenham sequer um bom pensamento, como já afirmei. Somos servos inúteis: que podemos fazer?

12. O Senhor deseja que reconheçamos esta verdade, e andemos como jumentinhos para trazer água por meio da nora de que falei. É certo que, mesmo com os olhos vendados e sem entender o que fazem, tiram eles água em maior quantidade, que o jardineiro com toda a sua diligência. Havemos de andar com liberdade neste caminho, abandonados às mãos de Deus. Se Sua Majestade quiser elevar-nos à categoria de seus camareiros e confidentes dos seus segredos, vamos de boa vontade, senão, sirvamos em ofícios baixos e não tomemos assento no melhor lugar. Deus cuida de tudo, melhor do que nós e sabe o que é bom para cada um.

De que serve querer governar-se a si quem já entregou toda a sua vontade a Deus? A meu parecer, não se pode tolerar essa atitude neste grau de união, ainda menos do que no primeiro estágio da oração. Prejudica muito mais, pois trata-se de bens sobrenaturais. Se alguém tiver má voz não a modificará por muito que se esforce para cantar bem. Mas se Deus lhe quiser conceder este favor, só terá que recebê-lo sem esforço de sua parte. Recorramos, pois, à súplica, pedindo sempre ao Senhor que nos dê suas graças, com espírito submisso, mas confiando na grandeza de Deus. E visto ser permitido à alma ficar aos pés de Cristo, procure não sair daí, seja qual for a sua condição. Imite Madalena e, quando estiver forte, o Senhor a conduzirá pelo deserto.

13. Em suma, Vossa Mercê tenha por certo o que lhe digo até encontrar quem possua mais experiência do que eu e o saiba melhor. Se forem pessoas que apenas começam a buscar sua felicidade em Deus, não lhes dê crédito. Geralmente julgam aproveitar e desfrutar mais ajudando-se a si mesmas. Oh! quando Deus quer, como ele se revela a nós, sem estas ajudas insignificantes! Por mais que façamos, ele arrebatava o espírito, como um gigante levanta uma palha! E não há quem resista! Como é possível crer que ele espere que o sapo voe por si mesmo, se ele o quer fazer voar? Considero o nosso espírito ainda mais pesado e difícil para se levantar, se Deus não o levanta. Está carregado de terra e de mil impedimentos. Pouco lhe aproveita querer voar. Embora isto lhe seja mais natural do que ao sapo, está de tal modo metido na lama, que perdeu as asas por sua culpa.

14. Quero concluir dizendo que, ao pensarmos em Cristo, sempre nos lembremos do amor com que nos fez tantas graças e da grande ternura que Deus (*Deus Pai*) nos testemunha em nos dar tal penhor do muito que nos ama: pois amor gera amor. E, ainda que nos vejamos muito ruins e principiantes, procuremos sempre ir considerando estas verdades e estimulando-nos a amar. Uma vez que o Senhor nos faz a graça de imprimir em nosso coração este amor, ser-nos-á tudo fácil. Faremos grandes coisas muito depressa e sem trabalho. Dê-nos Sua Majestade este amor, pois sabe quanto nos convém. Isto lhe peço pelo amor que ele nos teve, e por seu glorioso Filho, que à custa de tantos sofrimentos nos mostrou o seu amor. Amém.

15. Uma coisa quero perguntar a Vossa Mercê. Por que motivo, quando o Senhor começa a beneficiar uma alma concedendo-lhe graças tão elevadas, como é arrebatá-la à perfeita contemplação, não fica a alma logo totalmente perfeita, como seria justo? Sim, por certo seria conforme à razão, pois quem recebe tão grande graça não deveria querer mais consolo na terra. Chegando a ter arrebatos e recebendo habitualmente outros favores divinos, por que motivo os efeitos não se tornam mais elevados? Quanto mais as graças se multiplicam, tanto mais desapegada deveria ficar a alma. Chegando-se a ele, não poderia o Senhor num momento deixá-la santificada, ao invés de ir aperfeiçoando-a nas virtudes com o passar do tempo? Isto quisera saber, pois o ignoro. Bem compreendo que é diferente a fortaleza que Deus infunde no princípio, quando esta graça não dura mais que um abrir e fechar de olhos e apenas se dá a perceber pelos efeitos, ou então quando a concede mais largamente.

Muitas vezes será talvez porque a alma não se dispõe total e imediatamente. O Senhor, pouco a pouco, a educa e faz com que ela se determine dando-lhe ânimo varonil para tudo calcar inteiramente aos pés, como fez num breve instante com Madalena. Em outras pessoas faz o mesmo, conforme se entregam à ação divina e deixam Sua Majestade agir. Nunca saberemos crer suficientemente que, ainda nesta vida, Deus recompensa concedendo cem por um.

16. Ocorreu-me também esta comparação. Tanto às almas mais adiantadas como aos principiantes, é sempre o mesmo alimento que se dá, um manjar do qual muitas pessoas comem. Algumas apenas provam um pouquinho e ficam só com o bom sabor. Outras comem mais e já se sustentam. Outras comem muito, e recuperam força e alento. Pode mesmo acontecer alguma comer tantas vezes e com tanto proveito deste manjar de vida, que já não encontre gosto em outra coisa fora dele. Verifica a vantagem, e já tem o paladar tão afeito a esta doçura, que preferiria perder a vida a ter de provar outras coisas, que somente serviriam para tirar o sabor deixado pelo celeste alimento.

Do mesmo modo, a convivência com uma pessoa santa não produz tanto fruto num dia como em muito tempo, e favor de Deus este tempo pode ser tão prolongado que afinal sejamos santas como ela. Em suma, tudo depende vontade do Senhor, e Sua Majestade concede suas graças a quem quer. Mesmo assim, é de grande importância que a alma, começando a receber tais favores, determine-se a apreciá-los devidamente e a desprender-se de tudo.

17. Dir-se-ia também que Sua Majestade anda experimentando uns e outros, para ver quem o quer. Se, porventura, fê naquilo que ele há de dar um dia estiver amortecida, para avivá-la o Senhor revela quem ele é por meio daquela alegria interior tão soberana. Parece dizer: “Olhai que isto não é mais que uma gota do mar imenso de meus tesouros”. Nada deixa por fazer em favor daqueles que ama. Vendo que o recebem, dá tudo e dá-se a si mesmo. Quer a quem o quer. E como sabe querer bem! e que bom amigo! Ó Senhor de minha alma, quem saberia ter palavras para fazer compreender o que dais aos que confiam em vós! E quanto perdem os que chegam a este estado e ficam apegados a si mesmos!

18. Torno a suplicar a Vossa Mercê; caso deseje conferir com alguém estas coisas que

escrevi sobre oração, faça-o unicamente com pessoas espirituais. Se não souberem mais que um caminho, ou se tiverem parado no meio, não poderão compreender que seja assim como digo. Existem alguns conduzidos por Deus, logo de início, por via muito sublime. Julgam que os outros tirarão fruto do mesmo modo, aquietando o intelecto e não se valendo do auxílio das coisas materiais. Disso resulta ficarem secos como tocos de pau. Outros, têm um pouco de quietude e logo pensam que tendo uma coisa, podem ter outra. Em lugar de aproveitar, desaproveitam. Assim que, em tudo há necessidade de experiência e discrição. O Senhor nos dê essa experiência por sua bondade.



### III PARTE

## CAPÍTULO 23

**Retoma a narração de sua vida. Diz quando começou a crescer na perfeição e por que meios. É proveitoso aos que dirigem as almas que têm oração, para saber como hão de agir no princípio. Proveito que lhe resultou de achar quem soubesse guiá-la**

1. Quero agora tornar ao ponto onde deixei a narração de minha vida.<sup>[1]</sup> Creio que me desviei mais do que o necessário. Foi para que melhor se entenda o que depois aconteceu. Daqui por diante é outro livro. Uma nova existência. A que decorreu até aqui, era minha. Porém desde que recebi as graças de oração que descrevi é a que Deus vivia em mim. Bem vejo que era impossível sair, em tão pouco tempo, de costumes e obras tão ruins. Seja Deus louvado, que me livrou de mim mesma.
2. Quando comecei a deixar as ocasiões e a dar-me à oração, pôs-se logo o Senhor a me fazer favores, como quem estava desejando que eu também quisesse recebê-los. Sua Majestade principiou a conceder-me com frequência oração de quietude e muitas vezes, por longo tempo, a de união. Como naquela época, verificavam-se nas mulheres grandes ilusões e enganos do demônio, comecei a temer, pois era tão grande a felicidade e doçura, muitas vezes sem o poder evitar. Por outro lado havia em mim profunda convicção de que era obra de Deus, sobretudo quando estava em oração. Sentia-me bastante melhor e mais forte. Se, porém, me distraía um pouco, tornava a temer pensando que talvez o demônio me fizesse entender que era bom interromper meu raciocínio, para me tirar da oração mental e não me deixar refletir na paixão, nem me aproveitar do intelecto. Ainda não compreendia bem as coisas e parecia-me isto o maior dos prejuízos.
3. Como Sua Majestade queria iluminar-me para não mais o ofender e conhecer o quanto lhe devia, este medo cresceu em mim de tal sorte que me obrigou a procurar com diligência pessoas espirituais com as quais pudesse trocar ideias. Já tinha notícia de algumas, pois haviam estado aqui os padres da Companhia de Jesus. Não os conhecia, mas era-lhes bastante afeiçoada, só por saber o modo de vida e de oração que levavam. Não me achava, entretanto, digna de consultá-los, nem forte para lhes obedecer, e isto me incutia mais temor. Tratar com eles e continuar a ser quem era, parecia-me algo muito duro de suportar.
4. Assim fiquei durante algum tempo, até que, depois de muitos combates e temores, resolvi conversar com uma pessoa espiritual para perguntar que tipo de oração era a minha. Pedi que me esclarecesse no caso de estar errada, ajudando-me a fazer tudo que estivesse a meu alcance para não ofender a Deus. A falta de coragem que sentia, como disse anteriormente, fazia-me andar com muita timidez. Valha-me Deus! Que engano tão grande! Querendo ser boa, apartava-me do bem!

Neste ponto o demônio deve fazer muita oposição aos que começam a trilhar o caminho da virtude. Ele sabe que todo o descanso da alma consiste em frequentar os

amigos de Deus e por isso, certamente, não havia meios de me determinar a fazê-lo. Sentia dificuldade em resolver, pois desejava primeiro corrigir-me, tal qual fiz durante o tempo em que abandonei a oração. Provavelmente jamais conseguiria emendar-me, porque estava tão afeita a ninharias de mau costume, sem lhe perceber a maldade. Precisava ser ajudada por alguém que me desse a mão para me levantar. Bendito seja o Senhor! Afinal, foi sua mão a primeira que se estendeu!

5. O meu temor aumentava, porque as graças na oração cresciam. Nisto deveria haver grande bem ou mal gravíssimo. Às vezes não podia resistir. Tê-lo quando desejava, era da mesma forma, impossível. Pensei comigo que a única solução era procurar manter limpa a consciência evitando qualquer ocasião, mesmo de pecados veniais. Sendo espírito de Deus, claro estava o ganho. Se fosse do demônio, pouco dano podia me causar desde que eu procurasse agradar ao Senhor e não o ofender.

Com esta determinação e suplicando sempre ao Senhor que me ajudasse, procurei fazer assim alguns dias. Vi que minha alma não tinha forças para atingir por si mesma tanta perfeição, devido a certas afeições que, embora não fossem erradas, bastavam para estragar tudo.

6. Falaram-me a respeito de um sacerdote teólogo<sup>[2]</sup> que residia neste lugar, cuja bondade e firmeza de vida o Senhor começava a manifestar a todos. Procurei conhecê-lo por intermédio de um fidalgo, pessoa muito santa<sup>[3]</sup> que vive nesta cidade, casado, mas de vida tão exemplar e virtuosa, de tanta oração e caridade, que tudo nele irradia bondade e perfeição. Efetivamente tem feito grande bem a muitas almas, embora sua condição de leigo não o ajude. Com tantos talentos não pode deixar de colher muitos frutos. É de muita inteligência e amabilidade para com todos. Sua conversa, longe de ser monótona, é suave, aprazível, e ao mesmo tempo reta e santa. Dá gosto tratar com ele. Tudo faz para servir ao bem das almas que o cercam. Não tem outra ambição que a de fazer por todos o que está a seu alcance, e dar a todos contentamento.

7. Creio que este homem santo e bendito foi, com suas indústrias, o princípio de salvação para minha alma. Sua humildade causa-me admiração. Há cerca de quarenta anos, talvez dois ou três a menos, tem oração e leva a vida de maior perfeição possível no seu estado. Sua esposa é tão grande serva de Deus e de tanta caridade, que só pode ajudá-lo. Em suma, o próprio Deus a escolheu para aquele de quem sabia que havia de ser seu fiel servo. Alguns de seus parentes estavam casados com pessoas de minha família. Havia também estreito relacionamento com outro servo de Deus, muito virtuoso, esposo de uma das minhas primas.

8. Por intermédio daquele fidalgo, procurei que viesse falar-me o sacerdote a quem aludi, tão grande servo de Deus e muito seu amigo. Tinha a intenção de confessar-me e tomá-lo por diretor. Trouxe-o, pois, para que eu lhe falasse. Senti grande confusão vendo-me na presença de homem tão santo. Dei-lhe conta apenas de minha alma e oração, porque se recusou a ouvir-me em confissão, dizendo que era muito ocupado e, de fato, era.

Começou com a santa resolução de levar-me como alma forte, para que eu de nenhum modo ofendesse a Deus, e tinha razão de assim julgar pelo modo de oração que viu em mim. Quando percebi que estava determinado a fazer-me romper imediatamente

com as ninharias de que falei, e que eu não possuía forças para superá-las com tanta perfeição, afligi-me. Compreendi que ele tomava minhas dificuldades interiores como algo que se deveria resolver de uma vez, e eu bem via que eram necessários cuidados muito maiores.

9. Finalmente entendi que os meios por ele empregados não eram os que me haviam de salvar. Eram apropriados para almas de maior perfeição. Eu, embora estivesse adiantada nas graças de Deus, achava-me ainda no princípio, quanto às virtudes e à mortificação. Certamente, se não houvesse outra pessoa com quem tratar, creio que minha alma talvez nunca progredisse. Só a aflição que me causava saber que eu não cumpria, nem podia cumprir, o que me ordenava, era suficiente para fazer perder a esperança e abandonar tudo. Fico maravilhada, algumas vezes, de ver que, tendo ele graça particular para conduzir a Deus os principiantes, o Senhor não foi servido de que entendesse minha alma, nem quisesse encarregar-se dela. Vejo que tudo foi para maior bem meu, pois assim pude conhecer e travar relações com gente tão santa como a da Companhia de Jesus.

10. Desde então ajustei com aquele cavaleiro santo, para que me viesse visitar de quando em quando. Ele mostrou sua grande humildade em querer entreter-se com pessoa tão ruim como eu. Começou a visitar-me, encorajando-me e dizendo que não pretendesse abandonar tudo de um dia para outro. Pouco a pouco Deus o realizaria. Contava-me que ele mesmo, durante anos, havia sido incapaz de se libertar das menores faltas leves. Ó humildade, que grande bem fazes aos que te possuem e aos que deles se aproximam!

Em benefício de minha alma, este santo — e creio poder assim chamá-lo — referia-me aspectos de sua vida que, pela sua humildade, pareciam-lhe fraquezas. Mas, considerando seu estado, não eram sequer imperfeições. Já no que diz respeito ao meu estado, tê-las era grande falta. Não digo isto sem algum propósito. Pareço alargar-me em pormenores, mas são tão importantes que só acreditará quem tiver experimentado. Esses detalhes são necessários para fazer bem à alma e ajudá-la a voar, mesmo sem asas, como dizem.

Estendo-me também porque, espero em Deus, Vossa Mercê com proveito prestará auxílio a muitos. Digo-lhe que foi toda a minha salvação achar quem soubesse corrigir-me, tendo não só humildade e caridade para se manter a meu lado, senão paciência para aturar-me, ainda que eu de todo não me emendasse. Ia com discrição ensinando-me diversos modos de vencer o demônio pouco a pouco. Comecei a ter-lhe grande afeto, e não havia para mim maior descanso do que os dias de sua visita, ainda que raros. Quando tardava, logo me afligia muito parecendo-me que, por ser eu tão ruim, não viesse mais.

11. A minha alma sentiu-se melhorada desde a sua primeira visita, mas estava ainda cheia de imperfeições, e imperfeições tão grandes que talvez fossem pecados. Quando comecei a entender-me com ele, contei-lhe as graças que o Senhor me fazia a fim de esclarecê-lo. Disse-me ele que uma coisa não concordava com a outra. Aquelas graças eram próprias de pessoas muito adiantadas na perfeição e mortificadas. Por conseguinte, ele não podia deixar de temer muito. Em algumas coisas julgava reconhecer a ação do mau espírito,

embora não se pronunciasse definitivamente. Mandou-me refletir sobre minha oração para depois lhe contar o que tivesse entendido. Nisto eu sentia dificuldade porque não sabia explicar nem muito nem pouco o que era minha oração. A graça de entendê-la e saber defini-la, só recentemente a recebi de Deus.

12. Como já andasse com medo, foi grande minha aflição ouvindo-o falar assim. Derramei muitas lágrimas. Certamente desejava contentar a Deus e não podia persuadir-me de que fosse obra do demônio. Temia que por meus grandes pecados o Senhor me cegasse para não o entender.

Consultando livros a fim de ver se conseguiria explicar minha forma de oração, encontrei um intitulado Subida do Monte. No trecho em que falava da união da alma com Deus, achei a descrição de todos os sinais que via em mim principalmente aquela impossibilidade de pensar, de refletir. Era, com efeito, isto o que eu mais notava: não conseguir pensar em nada quando tinha aquela oração. Sublinhei as referidas passagens e dei o livro ao cavaleiro para que ele e o sacerdote santo e servo de Deus, de quem falei<sup>[4]</sup>, o examinassem e me dissessem o que devia fazer.

Conforme fosse o parecer de ambos, deixaria inteiramente a oração. Para que meter-me em tais perigos? Já fazia aproximadamente vinte anos que a tinha, e não conseguira sair com lucros, ao contrário, somente com enganos do demônio. Melhor seria deixá-la. Também isto era muito duro para mim. Já havia experimentado como ficava minha alma sem oração. Para onde quer que me voltasse, só via tribulações, como quem cai num rio e de todos os lados vê maior perigo de se afogar. É imenso o sofrimento, e dessa espécie tenho tido muitos, como falarei adiante. Ainda que pareça importar pouco, servirá talvez para mostrar como se há de provar o espírito.

13. Grande é, não há dúvida, a aflição que se passa. Torna-se necessário usar de prudência, especialmente tratando-se de mulheres. É muita a sua fraqueza, e poderia causar grande mal dizer-lhes, positivamente, que estão sob a ação do demônio. Melhor é examinar bem, afastá-las dos perigos possíveis, e avisá-las discretamente, guardando também segredo, porque assim convém.

Digo isto baseada nos grandes sofrimentos pelos quais passei, porque alguns confessores, com os quais falei de minha oração, não guardaram segredo. Consultando-se uns aos outros, com boa intenção, causaram-me bastante prejuízo. Com isto divulgaram-se coisas que deveriam ter ficado ocultas. Não eram para todos, e parecia ser eu quem as publicava. Creio que, embora não tivessem culpa, o Senhor assim permitiu para que eu padecesse. Não digo que revelassem o que eu lhes confiava em confissão. Eram pessoas às quais, por meus temores, eu contava tudo para que me esclarecessem. Pensava que o haveriam de calar. Contudo, jamais ousei ocultar-lhes coisa alguma.

É preciso, pois, repito, prevenir a essas almas com muita prudência, animando-as e aguardando o tempo em que o Senhor as queira ajudar, como fez comigo. A falta destas precauções me teria prejudicado bastante, pois era muito medrosa e sujeita a me assustar. Sofrendo do coração, admiro-me de não me ter feito muito mal.

14. Dei, pois, ao cavaleiro santo o livro e uma relação que fizera o melhor que pude, de minha vida e de meus pecados em conjunto, não em forma de confissão por ser ele

secular; dando, porém, claramente a entender quanto eu era ruim. Os dois servos de Deus<sup>[5]</sup> estudaram com grande caridade e solicitude o que me convinha. Naqueles dias entreguei-me à oração com maior assiduidade e pedi a muitas pessoas que me encomendassem a Deus. Finalmente chegou a resposta que eu esperava com bastante receio. O cavaleiro veio muito aflito e disse-me que, segundo o parecer de ambos, tudo era obra do demônio. O que me convinha era tratar com algum padre da Companhia de Jesus, que viria se eu o chamasse alegando muita necessidade; deveria dar-lhe conta de toda a minha vida e de meu espírito, por uma confissão geral, tudo com muita clareza. Pela virtude do sacramento da penitência, Deus lhe infundiria mais luz. Além disto, esses padres são muito experientes em coisas espirituais. Recomendou-me que não negligenciasse em coisa alguma do que ele me dissesse, pois correria grande perigo se não houvesse quem me dirigisse.

Causou-me isto tanto temor e pesar, que não sabia o que fazer de mim: tudo era chorar. Estando um dia num oratório, muito desolada, sem saber o que fazer, abri um livro que o Senhor me parece ter posto nas mãos, e li esse trecho de são Paulo: *Deus é muito fiel e jamais consente que sejam enganados pelo demônio os que o amam* (I Cor 10,13). Este pensamento consolou-me muitíssimo. Comecei a tratar de minha confissão geral, pondo por escrito todos os males e bens. Fiz uma relação da minha vida o mais claramente que pude, sem nada omitir. Recordo-me de que, depois de escrito, vendo tantos males e quase nenhum bem, fui acometida de imensa dor e aflição.

Causava-me também preocupação que as outras religiosas me vissem tratar com gente tão santa como a da Companhia de Jesus. Temia minha ruindade. A meu ver, relacionar-me com eles era contrair maior obrigação de não ser dissipada e de me afastar de meus passatempos. Do contrário, seria agravar a minha situação. Pedi por isso à sacristã e à porteira que a ninguém o dissessem. Valeu-me pouco. Quando me chamaram, aconteceu justamente estar na portaria, quem o espalhou por todo o convento. Oh! quantos embaraços põe o demônio, e quantos temores inspira a quem se determina chegar-se a Deus!

16. Travei contato, pois, com aquele religioso da Companhia, servo de Deus em alto grau e dotado de rara prudência<sup>[6]</sup>. Abri-lhe toda a minha alma. Ele, como quem bem compreendia esta linguagem, declarou-me o que era o meu estado e muito me animou. Disse-me ser notoriamente espírito de Deus, mas julgou necessário que eu recomeçasse a oração pela base, porque não ia bem fundada, nem tinha começado a entender a mortificação. Isto era tão verídico, que até o nome pareceu-me estranho.

Recomendou-me que de nenhum modo deixasse a oração, antes, me esforçasse muito, pois Deus me fazia graças muito particulares. Quem sabe se por meu intermédio quereria o Senhor fazer bem a muitas pessoas? Disse-me outras coisas, parecendo profetizar o que depois o Senhor fez comigo. Assegurou-me que eu teria muita culpa se não correspondesse às graças que Deus me fazia. Em tudo eu tinha a impressão de que o Espírito Santo falava nele para curar minha alma, de tal modo se imprimiam nela suas palavras.

17. Fiquei muito humilhada. Levou-me por meios que pareciam tornar-me outra

inteiramente. Que grande coisa é compreender uma alma! Disse-me que meditasse cada dia sobre um passo da paixão e procurasse aproveitar-me dele, não pensando senão na humanidade. Resistisse quanto pudesse aos recolhimentos, de maneira a não lhes dar entrada até que ele me ordenasse outra coisa.

Deixou-me consolada e animada. O Senhor ajudou-me, e também a ele para que compreendesse meu espírito e o modo de governar minha alma. Fiquei determinada a não me afastar em coisa alguma do que mandasse, e assim tenho feito até hoje. Louvado seja o Senhor, que me tem dado graça para obedecer a meus confessores, ainda que imperfeitamente. Têm sido quase sempre esses benditos homens da Companhia de Jesus, e embora com imperfeição, a eles tenho seguido. Minha alma começou a ter sensível melhora, como agora direi.

## CAPÍTULO 24

**Prossegue no relato iniciado e diz como sua alma foi progredindo depois que principiou a obedecer. Pouco lhe adiantou resistir às graças de Deus. Sua Majestade continuava a concedê-las com maior abundância**

1. Depois desta confissão minha alma ficou em tanta paz, que me parecia não haver empreendimento árduo que eu não abraçasse. Comecei a mudar de vida em muitos pontos. O confessor não me apertava, pelo contrário, parecia não fazer caso de coisa alguma. Isto me estimulava, porque me levava pelo caminho do amor de Deus. Parecia deixar-me liberdade, para que eu me determinasse por amor e não em vista do prêmio. Estive assim quase dois meses, fazendo todos os esforços para resistir aos carinhos e favores de Deus.

Quanto ao exterior, a mudança era notória. O Senhor já começava a dar-me ânimo para me abster de certas coisas. Algumas pessoas que me conheciam, e até mesmo religiosas, chegavam a dizer que era exagero. Em comparação do que eu fazia outrora, tinham razão de considerar extremos. Na realidade, ainda era pouco o rigor naquilo a que estava obrigada pelo meu hábito e profissão.

2. Desta resistência aos gostos e carinhos de Deus, lucrei em ser ensinada por Sua Majestade. Antes disto pensava que para receber consolações na oração era preciso um isolamento absoluto, e quase não ousava mexer-me. Depois vi que pouco adiantava. Quanto mais procurava distrair-me, tanto mais o Senhor me inundava daquela glória e suavidade. Parecia-me estar cercada por todos os lados e não ter por onde fugir. Assim era na realidade.

Minha preocupação era tanta que me fazia sofrer. O Senhor tinha maior cuidado em me conceder graças e manifestar mais intensamente sua ação durante estes dois meses do que antes, a fim de fazer-me compreender melhor que resistir-lhe não estava mais em minhas mãos. Comecei de novo a sentir amor à sacratíssima humanidade, e minha oração melhorou, como edifício que já se construía sobre bases sólidas. Afeiçoei-me a práticas de penitência, da qual vivia descuidada devido às minhas grandes enfermidades.

Aquele santo sacerdote que me confessou, disse-me que algumas coisas não me podiam fazer mal, e a razão pela qual Deus me enviava tantas dores era devido ao fato de que não fazendo penitência, Sua Majestade me queria enviá-las. Ordenava-me certas mortificações não muito saborosas ao meu paladar. Eu tudo fazia, porque tinha a impressão de que o Senhor o determinava e concedia graça ao padre para o prescrever de modo que eu lhe obedecesse.

Minha alma ia sentindo qualquer ofensa feita a Deus, por menor que fosse, a tal ponto que, se tinha em meu poder algum objeto supérfluo, não podia recolher-me enquanto não o deixasse. Suplicava muito ao Senhor para que me conduzisse pela sua mão e não me permitisse voltar atrás, pois estava sendo dirigida por seus servos. Parecia-me grave delito: seria ocasião de perderem crédito por minha causa.



3. Nesse tempo veio a este lugar o padre Francisco, que era duque de Gandia<sup>[1]</sup>. Havia alguns anos, tendo deixado tudo, entrara para a Companhia de Jesus. Meu confessor procurou que eu travasse contato com ele e lhe desse conta de minha oração. O cavaleiro de quem falei, veio aconselhar-me o mesmo. Sabia-se que o padre Francisco já vivia em elevado grau de contemplação e era muito favorecido e consolado por Deus. Desde agora o Senhor lhe recompensava como a quem muito havia deixado por seu amor. Ouviu-me ele, e, em seguida, disse-me que era espírito de Deus e que julgava conveniente não resistir às graças que o Senhor queria me conceder, mas que até então fora bom ter resistido.

Aconselhou-me a meditar sempre num passo da paixão, assim que principiasse a fazer oração. Todavia, se depois o Senhor me arrebatasse o espírito, deixasse Sua Majestade agir sem lhe opor resistência, nem o procurar. Como alguém que já estava nos cumes da contemplação, deu-me alívio e conselho. A experiência importa muito para isto. Disse que seria erro resistir por mais tempo. Fiquei consoladíssima e o cavaleiro também. Este se alegrava muito em saber que tudo vinha de Deus, e sempre me ajudava com avisos no que podia, e não era pouco.

4. Nesta época transferiram meu confessor para outro lugar, o que senti muitíssimo. Pensava que havia de tornar a ser ruim e não me parecia possível achar outro como ele. Minha alma ficou desconsolada e temerosa em extremo, como num deserto. Não sabia o que fazer de mim. Uma de minhas parentas conseguiu levar-me para sua casa, e tratei logo de arranjar outro confessor na Companhia.

Foi o Senhor servido que travasse amizade com uma senhora viúva<sup>[2]</sup>, de alta nobreza e grande oração, que lidava muito com eles. Ela fez com que seu próprio diretor me ouvisse. Permaneci vários dias em sua casa, porque morava perto dos padres. Eu gostava muito de conversar com eles, e minha alma tirava grande proveito só de observar a santidade de suas vidas.

5. Este padre<sup>[3]</sup> começou a exigir mais perfeição. Dizia-me que nada deixasse por fazer a fim de agradar a Deus em tudo. Ao mesmo tempo, ia com jeito e brandura, porque minha alma não estava muito forte. Pelo contrário, era bem frágil, especialmente em relação a certas amizades, que, aliás, não me faziam ofender a Deus. A afeição era muita, e deixá-las parecia-me ingratidão. Assim, como não ofendia a Deus, perguntei-lhe por que motivo havia de ser mal agradecida? Ele me respondeu que encomendasse o caso a Deus por uns dias e rezasse o hino *Veni Creator*, a fim de obter luz para distinguir qual o melhor.

6. Um dia, rezei durante muito tempo implorando ao Senhor que me ajudasse a contentá-lo em tudo. Comecei o hino. No meio dele, veio-me um êxtase tão súbito, que por pouco não saí de mim. Era tão manifesto, que não pude duvidar. Foi a primeira vez que o Senhor me concedeu a graça dos arroubamentos. Entendi estas palavras: *Já não quero que fales com homens, senão com anjos*. Causou-me grande espanto. A moção da alma foi profunda. Tais palavras, pronunciadas no íntimo de meu espírito, causaram-me temor. Por outro lado, deram-me bastante consolação, que me ficou depois de passado o

assombro ocasionado pela novidade do fato.

Estas palavras tiveram plena realização. Nunca mais pude descansar em amizade alguma, nem ter consolação, ou amor particular senão a pessoas que, segundo percebo, amam a Deus e procuram servi-lo. Não está em minhas mãos agir de outro modo, ainda que se trate de parentes ou amigos. Para mim, tornou-se uma penosa cruz tratar com alguém que não ama a Deus nem se entrega à oração. É a pura verdade, segundo me parece, e sem exceção.

7. Desde aquele dia fiquei tão animada a deixar tudo por Deus, como se naquele exato momento — que não me parece ter sido mais — ele tivesse querido transformar a sua serva. Não foi preciso que mandassem mais. Até então meu confessor, vendo-me tão apegada, não tinha ousado dizer-me determinadamente que o fizesse. Provavelmente ele aguardava que o Senhor agisse, como sucedeu. Nunca pensei consegui-lo. Já vinha procurando fazê-lo, mas sentia tanta pena, que desanimava, tanto mais que não via naquilo inconveniência alguma. Nessa ocasião, porém, o Senhor me deu liberdade e força para o realizar. Contei-o ao confessor, e abandonei tudo, conforme sua determinação. Ver em mim este propósito fez um bem enorme à pessoa com quem eu conversava.

8. Bendito seja Deus para sempre, por me ter dado num minuto a liberdade que eu, com toda sorte de diligências, não tinha podido alcançar em muitos anos, mesmo fazendo algumas vezes tão grande esforço, que até prejudicava a saúde. Como foi obra daquele que é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, não me causou pena alguma.

## CAPÍTULO 25

**Como entender as palavras de Deus, sem ruído, à alma. Alguns enganos que pode haver nisto. Meios de conhecer quando são palavras divinas. É muito útil para os que se virem neste estado. Contém doutrina abundante e bem explicada**

1. Para que Vossa Mercê o entenda, parece-me conveniente explicar em que consiste este falar de Deus à alma e o que ela sente. Desde a primeira vez que o Senhor me fez esta graça até agora, ela tem sido muito frequente para mim, como se verá adiante. São palavras distintas, que não se percebem com os sentidos corporais, mas se entendem muito mais claramente do que se fossem ouvidas.

Com efeito, aqui na terra, quando o que se diz não nos agrada, podemos tapar os ouvidos ou fixar a atenção em outra coisa, de maneira a não compreender, embora percebendo o som das palavras. Neste falar de Deus à alma, não há solução alguma. Ainda que nos pese, temos de escutar, e com a inteligência lúcida, para compreender o que Deus quer que entendamos. Não há querer ou não querer. O Onipotente exige que saibamos que se há de fazer o que ele quer, dando-se a conhecer por verdadeiro Senhor nosso. Tenho muita experiência disto, porque levei quase dois anos resistindo, pelo grande temor que sentia. Ainda agora tento fazê-lo de vez em quando, mas pouco me adianta.

2. Quisera declarar os enganos que aqui podem ocorrer. Poucos haverá, ou nenhum, para quem tiver muita experiência. Esta deve ser em alto grau. É grande a diferença que há, segundo se trata do bom ou do mau espírito. Pode, todavia, ser tudo apreensão do próprio intelecto. Acontece também com frequência que o espírito fale a si mesmo. Não sei se pode ocorrer como digo, mas ainda hoje me pareceu que sim. Das palavras de origem divina, tenho tido provas em muitos acontecimentos, que me foram preditos com dois ou três anos de antecedência, e até hoje todos se cumpriram sem exceção. Ainda há outros sinais por onde se vê claramente ser espírito de Deus, como adiante direi.

3. Penso que, estando uma pessoa a suplicar uma coisa a Deus com grande preocupação e afeto, poderia ela imaginar que ouve dizer que será atendida ou não. É muito possível, mas quem já ouviu palavras verdadeiras, claramente saberá de que se trata, porque é enorme a diferença. Se for coisa forjada pelo intelecto, por sutil que seja, logo se entenderá ser ele quem alinha e formula as palavras. É como a diferença que há entre compor um discurso, ou ouvir o que outra pessoa diz. O intelecto reconhece logo que está agindo por si e não escutando. As palavras que fabrica são como ruído surdo, fantástico, não tem a nitidez das outras. Está em nossas mãos distrair-nos, assim como podemos calar se falamos. Mas quando Deus fala é impossível.

Outro sinal, maior que todos, é que as palavras do intelecto não produzem efeito. As que vêm de Deus são ao mesmo tempo palavras e obras. Ainda que não sejam de devoção, senão de repreensão, desde o início preparam a alma, habilitando-a,

enternecendo-a, dando-lhe luz, felicidade e paz. Se estava com secura, agitação e desassossego no interior, passa-lhe tudo; como se o tirassem com a mão, e ainda melhor. O Senhor parece mostrar claramente que é poderoso, e como suas palavras são obras.

4. A meu ver é tanta a diferença como entre falar e ouvir, nem mais nem menos. Quando falo vou ordenando as palavras com a inteligência, mas quando me falam, não faço mais do que ouvir, sem trabalho algum. No primeiro caso o significado não fica bem determinado. É como quem está meio adormecido. No segundo, é uma voz tão nítida que não se perde uma sílaba do que se ouve dizer. E acontece ser em ocasiões em que a alma está de tal modo agitada e distraída, que não acertaria a formular uma frase razoável. Sem trabalho, encontra em si sentenças que lhe são ditas e que ela nunca poderia formular, mesmo estando recolhida. Logo à primeira palavra, como digo, fica outra completamente. De modo especial estando em arrebatamento, as faculdades suspensas, como entenderá coisas que antes nunca lhe vieram à memória? Se esta quase não atua, e a imaginação está como abobada, como lhe ocorrerão tais pensamentos?

5. Convém entender que, durante o período em que a alma tem visões ou ouve estas palavras, — a meu ver —, nunca é no momento em que está unida a Deus no arrebatamento. Nesse caso — como creio já ter declarado na segunda água— as faculdades se perdem completamente. Nada se pode ver, nem entender, nem ouvir. A alma está toda inteira submetida a outro poder. Nesse tempo, que é muito breve, não me parece que o Senhor lhe deixe liberdade para coisa alguma.

Passado este breve espaço de tempo, estando a alma ainda em arrebatamento, acontece o que digo, porque as faculdades ficam de tal maneira absortas e incapazes de raciocinar que, embora não estejam perdidas, quase nada fazem. Há tantos indícios para perceber a diferença, que, mesmo quem se enganar uma vez, não se enganará mais.

6. Repito: se for pessoa experiente e que esteja de sobreaviso, claramente o verá. Deixando de lado outros argumentos que o Comprovar, as palavras quando são falsas não produzem efeito algum. A alma não as admite, nem lhes dá crédito, antes percebe que tudo é devaneio de espírito, do mesmo modo que não faria caso de uma pessoa em estado de delírio.

Quanto às outras palavras, ainda que nos pese, é como se ouvíssemos uma pessoa muito santa ou instruída, e de grande autoridade, que, sabemos, não nos há de mentir. Esta comparação ainda está longe da realidade. Algumas vezes as palavras são acompanhadas de tanta majestade, que mesmo sem considerar quem as diz, caso sejam de repreensão, fazem tremer, e se forem de amor, agem sobre a alma de tal modo, que ela se desfaz em amar.

São coisas, repito, que na ocasião estavam bem longe da memória. As sentenças que ouvimos num momento são tão elevadas, que seria preciso muito tempo para as compor. De nenhum modo podemos ignorar, penso eu, que não sejam coisas fabricadas por nós. Não há, pois, motivo para me deter neste ponto. Parece-me impossível que uma pessoa experiente queira enganar-se com advertência e por si mesma.

7. Quando me ocorre alguma dúvida, tem-me acontecido não crer o que me anunciam e atribuí-lo à imaginação, mas isto somente depois de certo intervalo, pois enquanto dura é

impossível. Muito tempo depois vejo tudo se realizar. O Senhor age de tal modo, que fica na memória e não se pode olvidar. O que provém do nosso intellecto é como pensamento furtivo que passa e fica esquecido, enquanto o que provém do Senhor é subsistente. Embora a lembrança daquilo que nos foi dito se amortença um tanto com o correr do tempo, nunca se perde inteiramente, exceto se foi coisa muito antiga, ou caso sejam palavras de carinho ou de instrução. Tratando-se, porém, de profecia, não há possibilidade de esquecer. Ao menos assim se dá comigo, embora tenha fraca memória.

8. Torno a dizer que uma alma jamais se enganará sobre este ponto, a menos que seja tão sem consciência a ponto de querer enganar-se a si mesma — o que seria um grande mal — e dizer que ouve quando de fato nada ouve. Quando é ela mesma que compõe as palavras e as profere no seu íntimo, ela o reconhece claramente. Não o reconhecer parece-me impossível, sobretudo se alguma vez percebeu o espírito de Deus. Se nunca o percebeu, poderá conservar-se toda a vida enganada e imaginar que ouve palavras divinas. Confesso, não sei como pode ser isto.

Com efeito, ou esta alma quer entender, ou não quer entender. Se está sofrendo muito com o que ouve e absolutamente nada quisera ouvir, como pode dar tanta liberdade ao intellecto para compor frases? E ainda com mil temores e outras muitas causas para desejar estar quieta em sua oração sem lhe succederem tais coisas? É necessário tempo para isto. Quando é Deus quem fala, ficamos instruídas num instante, entendendo coisas tais, que pareceria preciso um mês para as imaginar. O próprio intellecto e a alma ficam espantados do muito que aprendem.

9. Isto é assim, e quem tiver experiência verá ser verdade tudo que expliquei, ao pé da letra. Louvo a Deus por que o consegui declarar. Termino dizendo que, se as palavras viessem da fantasia, penso que estaria em nossas mãos entendê-las quando quiséssemos. Poderíamos até imaginar que as ouvimos cada vez que temos oração. Com as outras palavras não acontece assim. Pelo contrário, passo muitos dias impossibilitada de entender alguma coisa, ainda que o deseje. De outras vezes, não querendo, sou obrigada a entender. Quem quiser enganar os outros dizendo que ouviu de Deus o que forjou por si mesmo, pouco lhe custará acrescentar que o percebeu com os ouvidos corporais. Na realidade, jamais pensei que houvesse outra maneira de ouvir ou de entender, até experimentá-lo por mim mesma, e, como disse, custou-me bastante sofrimento.

10. Quando o demônio é o autor, não deixa bons efeitos, antes deixa maus. Isto me aconteceu duas ou três vezes, não mais. O Senhor logo me avisou ser obra do inimigo. Além de grande aridez, a alma sente uma inquietação semelhante à que muitas vezes o Senhor permitiu que me ocorresse por ocasião de violentas tentações e sofrimentos interiores de diversos gêneros. Com frequência, como adiante direi, é uma inquietação, que não se percebe donde provém. Parece que a alma resiste e se perturba e aflige sem saber por quê. O que ele diz não é mau, senão bom. Tenho pensado que talvez seja um espírito percebendo o outro. A alegria e consolação produzidas, a meu ver, são totalmente diversas. Só poderá enganar-se com tais gostos quem não tiver ou não houver experimentado outros de Deus.

11. As verdadeiras alegrias produzem uma consolação suave, forte, profunda, deliciosa,

pacífica, bem diferente de umas devoçõezinhas que se desfolham ao primeiro sopro de perseguição e nem merecem o nome de devoções. São bons princípios e santos sentimentos, mas insuficientes para se determinar se provêm do bom ou do mau espírito. Por conseguinte, convém andar sempre com grande cautela.

Pessoas que não estejam adiantadas na oração e só chegaram a este ponto, poderiam ser enganadas se tivessem visões ou revelações. Destas últimas, nunca tive coisa alguma, enquanto o Senhor, unicamente por sua bondade, não me deu oração de união. Excetuo a primeira vez de que falei<sup>[1]</sup> quando há muitos anos vi Cristo. Prouvera a Sua Majestade tivesse eu percebido que era verdadeira visão, como compreendo agora, pois me teria feito grande bem. As palavras do demônio nenhuma doçura deixam. Pelo contrário, a alma sente-se apavorada e com grande tédio.

12. Tenho absoluta certeza que Deus não permitirá ao demônio enganar à alma que em nada confia em si, está fortalecida na fé e pronta a morrer mil vezes por uma só de suas verdades. Com este amor à fé, que logo Deus lhe infunde, adquire uma convicção viva, robusta. Procura sempre conformar-se com a doutrina da Igreja e vai interrogando a uns e outros. Como quem já firmou sólidas bases nestas verdades, não se deixaria, por todas as revelações imagináveis, desviar no mínimo ponto do que a Igreja ensina, ainda que visse os céus abertos.

Se alguma vez, o demônio começar a tentá-la, e ela num primeiro movimento vacilar interiormente, ou chegar a dizer: “Se Deus me diz isto, também pode ser verdade, como o que dizia aos santos”, asseguro que não o crerá. Já se vê que é malíssimo deter-se em tal pensamento. Creio mesmo, que esses primeiros movimentos serão raros em consequência da fortaleza na fé que o Senhor costuma dar à alma enriquecida destas graças. Sente-se ela capaz de esmagar os demônios pela mínima das verdades que a Igreja manda crer.

13. Digo, se não vir em si esta fortaleza magnânima e se a devoção ou visão não contribuir para confirmá-la na fé, não se tenha por segura. Ainda que não o sinta logo, o prejuízo pouco a pouco poderá tornar-se considerável. O que tenho visto e sabido por experiência é que, nestas coisas, só fica a certeza de que procedem de Deus, na medida em que são conformes à Sagrada Escritura. Se desta se desviarem, por mínimo que seja, julgá-las-ia obra do demônio. E isto com uma certeza incomparavelmente maior do que a que agora sinto, de procederem de Deus as graças que recebo. Em caso contrário, não é preciso andar em busca de sinais, nem examinar o espírito. É indício tão claro de ser coisa diabólica, que se todo mundo me assegurasse provir de Deus, não o creria.

Quando o demônio age; dir-se-ia que todos os bens se escondem e fogem da alma, de tal modo esta fica árida, inquieta e desprovida de qualquer bom efeito. Ainda que pareça produzir desejos louváveis, estes não são fortes. A humildade que deixa é falsa, agitada e sem suavidade. Penso que o entenderá quem tiver experiência do bom espírito.

14. Contudo o demônio pode usar de muitos embustes. Neste ponto não há coisa tão segura como temer, ir sempre com cautela, tendo diretor que seja douto e nada lhe ocultar. Fazendo assim, nenhum dano lhe pode resultar. Todavia, a mim, certos temores excessivos de algumas pessoas muito me prejudicaram. Aconteceu uma vez, que se

reuniram para uma consulta a meu respeito muitas pessoas às quais eu, com razão, dava grande crédito. Embora já estivesse sob a direção de apenas uma delas, por sua ordem falava às vezes a outras, e todas entre si conferenciavam minuciosamente sobre meu caso. Tinham-me grande amor e temiam ver-me enganada. Eu também vivia com imenso temor, quando não estava em oração. Estando nela e fazendo-me o Senhor alguma graça, logo me tranquilizava. Eram todos muito servos de Deus, uns cinco ou seis, creio. Meu confessor disse-me que todos tinham por certo tratar-se de coisa demoníaca. Determinaram que eu não comungasse tão frequentemente e procurasse distrair-me, evitando a solidão.

Eu era extremamente medrosa, em parte devido à doença de coração. Em pleno dia muitas vezes não ousava estar sozinha numa sala. Vendo que tantos servos de Deus o afirmavam e eu não o podia crer, senti grande escrúpulo, parecendo-me pouca humildade. Com efeito, sendo todos instruídos, de vida incomparavelmente mais virtuosa que a minha, por que não lhes dar crédito? Esforçava-me o mais possível para acreditar no que diziam, e pensava na minha vida ruim, procurando convencer-me de que, por esta causa, devia ser verdade.

Saí da igreja com esta aflição e entrei num oratório. Havia muitos dias estava sem comungar, privada da solidão que era todo meu consolo, sem ter com quem desabafar, porque todos me eram contrários. Quando falava, uns zombavam, julgando tudo fantasia. Outros avisavam o confessor que se precavesse a meu respeito. Outros diziam que era claramente obra do demônio. Só o confessor sempre me consolava, embora parecendo conformar-se com eles para me provar, como depois vim a saber. Dizia-me que, não ofendendo eu a Deus, ainda que fosse obra do demônio nenhum mal me poderia fazer, e afinal tudo passaria. Mandava-me que suplicasse muito a Deus. Ele e todas as pessoas a quem confessava, além de muitas outras, o pediam ao Senhor com instância. Quanto a mim, toda a minha oração era para que Sua Majestade me conduzisse por outro caminho. O mesmo pedia a quantos tinha em conta de servos de Deus. Durou não sei se dois anos este contínuo suplicar ao Senhor.

16. Nada bastava para meu consolo quando pensava que fosse possível o demônio falar-me tantas vezes. Deixei de buscar horas de soledade para a oração. Contudo no meio de qualquer conversa o Senhor me fazia entrar em recolhimento e, sem que lhe pudesse resistir, dizia-me o que lhe aprouvera dizer. E eu era obrigada a ouvi-lo, ainda contra minha vontade.

17. Fiquei, pois, sozinha no oratório, sem ter com quem desabafar, sem poder rezar, nem ler, como aterrada por tanta tribulação; com temor de ser enganada pelo demônio, muito agitada e aflita, sem saber o que ia ser de mim. Em semelhante aflição vi-me algumas e até muitas vezes, mas creio que nunca chegou a tal extremo, como agora vou contar.

Tendo permanecido assim no oratório quatro ou cinco horas, deixava-me o Senhor padecer, sem ter consolo nem no céu nem na terra. Temia mil perigos. Ó meu Senhor, como sois vós o amigo verdadeiro! Sois poderoso! Quando quereis, podeis; e nunca deixais de amar os que vos amam! Louvem-vos todas as criaturas, Senhor do mundo. Quem pudera ir por todo o universo, bradando e dizendo quão fiel sois a vossos amigos!

Mesmo que faltem todas as coisas, vós, Senhor de todas elas, nunca faltais. Pouco é o que deixais padecer os que vos amam. O Senhor meu, quão delicada, polida e saborosamente sabeis tratá-los! Quem jamais se houvera detido em amar alguém fora de vós! Parece, Senhor, que provais com rigor quem vos ama, para que no extremo do sofrimento se perceba o extremo ainda maior de vosso amor.

Ó Deus meu, quem tivera inteligência, letras e palavras nunca ouvidas, para louvar vossas obras como as concebe minha alma! Falte-me tudo, Senhor meu, mas se vós não me desamparardes, não vos faltarei eu a vós. Levantem-se contra mim todos os teólogos; persigam-me todas as criaturas; atormentem-me os demônios, e não me falteis vós, Senhor, porque já conheço por experiência os benefícios que concedeis a quem só em vós confia.

18. Estando eu, pois, nessa grande aflição, não tendo ainda começado a ter visões, ouvi estas palavras: *“Não tenhas medo, filha, sou eu e não hei de te desamparar; não temas”*. Isto bastou para me tirar toda a angústia, dando-me inteira paz. No estado em que me via, penso que necessitaria muitas horas para me restituir o sossego, e ninguém seria capaz de o conseguir. E eis-me aqui, só com as referidas palavras, sossegada, com fortaleza, com ânimo, segurança, com tal quietude e luz, que num momento vi minha alma transfigurada, parecendo-me que me sustentaria contra todo o mundo a convicção de ser Deus quem falava. Como Deus é bom! e quão poderoso! Dá não só o conselho, mas também o remédio. Suas palavras são obras. Valha-me Deus, e como fortalece a fé e aumenta o amor!

19. É isto tão certo, que muitas vezes me recordava de quando o Senhor ordenou aos ventos que estivessem quietos, ao desencadear-se a tempestade no mar. Dizia eu também: quem é este, tão poderoso, que assim lhe obedecem todas as minhas faculdades, num momento faz raiar a luz em tão grande obscuridade, torna brando um coração que parecia de pedra e dá água de suaves lágrimas onde deveria prolongar-se a seca por muito tempo? Quem infunde estes desejos? Quem dá este ânimo? Que pensamentos foram os meus? De que tenho medo? Que é isto? Desejo servir a este Senhor; não tenho outra ambição senão contentá-lo; não quero consolação, nem descanso nem outro bem, senão fazer-lhe a vontade. Disto estava muito certa e, a meu parecer, podia afirmá-lo.

Se este Senhor é poderoso, como vejo e estou certa de que é; se os demônios são seus escravos, e disto não há dúvida, pois o sei pela fé; que mal me podem eles fazer, sendo eu serva deste Senhor e Rei? Por que não hei de ter fortaleza para combater contra todo o inferno? Tomava na mão uma cruz, e verdadeiramente infundiu-me Deus tal ânimo, que me vi outra num instante. Não temeria enfrentar os demônios e lutar contra eles, certa de que a todos venceria facilmente com aquela cruz. E assim dizia: agora vinde todos, que, sendo eu serva do Senhor, quero ver o que podeis fazer contra mim.

20. Não resta dúvida que pareciam temer-me. Fiquei sossegada e tão destemida em relação a todos eles, que me vi livre até hoje do medo que costumava sentir. Depois, ainda os vi algumas vezes, como adiante direi, mas quase não os temia. Eram eles que



pareciam temer-me. Ficou-me tal poder contra todos eles, dádiva bem manifesta do Senhor de quem são escravos, que deles não faço mais caso algum, como se fossem moscas. De tão covardes, ao se verem desprezados, perdem toda força. Estes inimigos não sabem atacar de rijo, senão a quem se lhes rende abertamente, a não ser quando Deus, para maior bem de seus servos lhes permite que os tentem e aflijam. Prouvera a Sua Majestade que temêssemos a quem devemos temer, e compreendêssemos que nos pode advir maior dano de um só pecado venial, do que de todo o inferno junto, pois é a pura verdade.

21. Se os demônios nos amedrontam é porque nós mesmos queremos apavorar-nos, com apegos às honras, bens e deleites. Juntam-se então a nós, porque também somos contrários a nós mesmos. Causam-nos muito dano, porque amamos e queremos o que deveríamos detestar. Neste caso somos nós que lhes pomos nas mãos as armas com que nos havíamos de defender. Na luta, elas se voltam contra nós. Esta é a grande lástima.

Se, pelo contrário, tudo desprezamos por Deus, se nos abraçamos com a cruz e se tratamos de o servir verdadeiramente, o demônio foge destas verdades como quem foge da peste. É amigo de mentiras, ou antes, é a própria mentira. Não fará pacto com quem anda no caminho da verdade. Quando vê o intelecto obscurecido, então é que ajuda maravilhosamente a dar cabeçadas. Com efeito, vendo alguém que já está cego procurando seu repouso em coisas vãs, e tão vãs como são as deste mundo, que parecem brinquedos de crianças, logo percebe que é infantil, e assim o trata como tal e atreve-se a lutar contra ele uma e muitas vezes.

22. Praza ao Senhor que não seja eu do número dos iludidos, e que Sua Majestade me favoreça para ter por descanso o que é descanso, por honra o que é honra, por deleite o que é deleite. E . . . uma *figa* a todos os demônios, pois serão eles os que temerão a mim. Não compreendo tantos temores. Por que dizer: *demônio! demônio!* se podemos fazê-lo tremer, dizendo: *Deus! Deus!* Sim, pois sabemos que se o Senhor não lhe permitir, o demônio não pode sequer mover-se. Que digo? Não resta dúvida, que mais do que ao próprio demônio, receio aos que tanto o temem, porque ele nenhum mal pode fazer-me, e estes, mormente se são confessores, inquietam muito. Sofri por este motivo tão grande tormento, durante alguns anos, que agora me admiro de ter podido suportá-lo. Bendito seja o Senhor que verdadeiramente tanto me auxiliou!

## CAPÍTULO 26

**Prossegue no mesmo assunto. Narra certos acontecimentos que a levaram a perder o temor e a afirmar ser bom o espírito que lhe falava**

1. Considero uma das grandes graças que o Senhor me tem feito este ânimo que me deu contra os demônios. Andar uma alma acovardada e receosa de alguma coisa que não seja ofender a Deus, é grande inconveniente, pois temos um Rei todo-poderoso e tão grande Senhor, que tudo pode e a todos submete. Não há que temer, como disse, se andarmos com verdade e com reta consciência na presença de Sua Majestade. Para isto, repito, quisera todos os temores: para não ofender em nada aquele que instantaneamente nos pode aniquilar.

Desde que Sua Majestade esteja contente conosco, não há adversário que não saia confuso. Poderá alguém dizer que realmente é assim, contudo, não deixa de temer ao considerar qual será essa alma tão reta que em tudo e inteiramente contente o Senhor. Não será certamente a minha, que é muito miserável, sem proveito, cheia de mil misérias. Contudo Deus leva em conta nossas fraquezas e não é rigoroso como os homens.

Por sinais inequívocos a alma sente quando ama de verdade ao Senhor. Chegado a este grau, o amor não anda dissimulado como no princípio, senão com grandes ímpetos e desejos de ver a Deus, como já disse, ou direi depois: tudo cansa, tudo enfastia, tudo atormenta. Se não é com Deus ou por Deus, não há descanso que não lhe seja cansaço, porque a alma se vê privada de seu verdadeiro repouso. É, pois, coisa muito evidente e não sofre dissimulação.

2. Aconteceu-me, outras vezes, a respeito de certo negócio<sup>[1]</sup> que mais tarde relatarei, ver-me acabrunhada com grandes tribulações e murmurações de quase toda a cidade onde estou, e de minha Ordem. Aflita, com muitas razões para me inquietar, disse-me o Senhor: Que temes? Não sabes que sou poderoso? Cumprirei o que te prometi. Efetivamente tudo depois se realizou ficando eu logo com tal fortaleza, que novamente me animaria a outros empreendimentos para o servir, ainda que me custassem maiores sofrimentos, e me expusesse a novos padecimentos.

Isto ocorreu tantas vezes, que não as poderia contar. Repreendia-me, e frequentemente ainda me repreende quando caio em imperfeições, e de tal modo, que a alma fica aniquilada. Ao menos, estas repreensões trazem consigo a emenda, porque Sua Majestade dá o conselho e o remédio.

Em outras ocasiões o Senhor me traz à memória os pecados passados, especialmente quando quer fazer-me alguma graça assinalada. Parece à alma ver-se no verdadeiro juízo. A verdade se lhe apresenta tão claramente, que não sabe onde se há de esconder. Por vezes avisa-me de haver perigos para mim e para outras pessoas. Muitos acontecimentos me foram anunciados com antecedência de três ou quatro anos, e sempre se

realizaram. Poderia indicar alguns. Há tantas provas que tais palavras vêm de Deus, que a meu ver, não se pode deixar de reconhecer a sua ação.

3. O mais seguro é o que faço: não deixo de abrir toda a minha alma e comunicar as graças que o Senhor me faz a algum confessor que seja douto, e a este obedeço. Sem isto eu não teria sossego, nem é razoável que o tenhamos, nós que somos mulheres e sem estudos. Assim não pode haver prejuízo, senão proveito. Isto o Senhor me tem dito muitas vezes.

Tinha um confessor que muito me mortificava e em certas ocasiões chegava a afligir-me e causar-me grande tormento, inquietando-me bastante<sup>[2]</sup>. Contudo, foi a meu parecer, aquele com o qual mais aproveitei. Ainda que lhe dedicasse muito afeto, tinha algumas tentações de o deixar. Parecia-me que estas tentações impediam-me de fazer oração. Cada vez que me resolvia a isto, era-me logo dito que não o fizesse, com uma repreensão que me aniquilava mais que tudo quanto fazia o confessor. Algumas vezes ficava acabrunhada: discussão de um lado, repreensão de outro! E tudo, no entanto, me era necessário, pois tinha a vontade tão pouco dobrada. Disse-me o Senhor numa ocasião: não é obediente quem não está disposto a padecer; pusesse eu os olhos no que ele havia padecido, e tudo se me tornaria fácil.

4. Certa vez, um sacerdote, com o qual me havia confessado no princípio, aconselhou-me que, visto estar provado ser o bom espírito que agia em mim, calasse e não falasse com pessoa alguma acerca do meu interior, porque nestas coisas o melhor é calar. Não me pareceu mau o conselho. Sentia tanto, sempre que falava ao confessor sobre os favores recebidos e ficava tão envergonhada, que me custava muito mais contá-los do que confessar pecados graves. Especialmente tratando-se de tão grandes graças, parecia-me que não me haviam de crer e que zombariam de mim. Sentia tanto isto, porque parecia desacato às maravilhas de Deus, e por esta razão quisera mantê-las ocultas. Compreendi então que tinha sido muito mal aconselhada por aquele confessor, e de nenhum modo devia calar coisa alguma a quem me confessava, porque nisto havia grande segurança, e fazendo o contrário poderia alguma vez enganar-me.

5. Sempre que o Senhor me determinava uma coisa na oração e o diretor espiritual me mandava outra, tornava o mesmo Senhor a falar ordenando-me que obedecesse ao seu representante. Sua Majestade depois o mudava, para que me desse nova ordem conforme à sua.

Quando se proibiu a leitura de vários livros em castelhano, lamentei muito. A leitura de alguns desses livros deleitava-me e não poderia mais fazê-lo por serem em latim os livros permitidos. Disse-me o Senhor: *Não tenhas pena, que te darei livro vivo*. Não pude entender o sentido desta palavras, pois ainda não tinha tido visões. Poucos dias depois o entendi muito bem. Tenho achado tanto em que pensar e em que me recolher no que vejo em redor de mim, e o Senhor tem tido tanto amor para comigo, ensinando-me de várias maneiras, que muito pouca, ou quase nenhuma necessidade tenho de livros.

Sua Majestade tem sido o livro verdadeiro onde tenho visto as verdades. Bendito seja tal livro, que deixa impresso o que se há de ler e fazer, de maneira que não se pode esquecer! Quem pode contemplar o Senhor coberto de chagas e aflito com perseguições,

sem que as abrace, ame e deseje? Quem , vendo algum vislumbre da glória que dá aos que o servem, não reconhecerá, que é nada tudo quanto se faz e padece, pois esperamos tal prêmio? Quem pode contemplar os tormentos que os réprobos sofrem, sem meditar que todos os sofrimentos da terra em sua comparação se tornam deleites, e sem reconhecer o muito que deve ao Senhor, por tê-lo livrado tantas vezes daquele lugar?

6. Como, porém, com o favor de Deus, falarei mais sobre este assunto, quero prosseguir narrando minha vida. Praza ao Senhor, que tenha sabido explicar-me nisto que ficou dito. Estou bem certa de que quem tiver experiência entenderá e verá que consegui dizer alguma coisa. Quem não a tiver, não estranhará e considerará tudo um desatino. Basta ser dito por mim, para ficar desculpado quem assim julgar, e não o culparei eu. Conceda-me o Senhor a graça de acertar com o cumprimento de sua vontade. Amém.

## CAPÍTULO 27

**O Senhor manifesta à alma sua vontade sem falar. Relata a grande graça que lhe fez o Senhor numa visão não imaginária. É muito importante este capítulo**

1. Volto, pois, à narração da minha vida. Andava acabrunhada pelos sofrimentos e faziam-se muitas orações para que o Senhor me conduzisse por outro caminho que fosse mais seguro, visto afirmarem ser tão suspeito o que eu seguia. Verdade é que, embora eu suplicasse a Deus, por muito que quisesse desejar outro caminho, como via a minha alma bastante melhorada, não estava em minhas mãos desejá-lo. Excetuo algumas vezes em que me sentia atormentada pelo que outros diziam e pelos receios que me inspiravam. Vendo-me inteiramente transformada, como podia desejar outra coisa? Só me restava abandonar-me nas mãos de Deus, pedindo-lhe que cumprisse em mim sua vontade em tudo, pois ele sabia o que me convinha.

Via que pelo atual caminho eu era levada para o céu e que, pelo outro, ia para o inferno. Forçar-me a desejar este e achar que era demônio, eis o que eu não conseguia, nem estava em minhas mãos querê-lo, embora fizesse o possível para o crer e desejar. Pus-me a oferecer nesta intenção tudo quanto fazia em matéria de boas obras. Recorria aos santos de minha devoção para que me livrassem do demônio. Fazia novenas. Encomendava-me a santo Hilarião, ao anjo são Miguel, pelo qual tomei grande devoção. Importunava muitos outros santos para que, por sua intercessão, o Senhor me esclarecesse.

2. Eis o que me aconteceu no fim de dois anos, durante os quais, unida a outras pessoas, não cessava de pedir a Deus que me guiasse por outro caminho, ou então manifestasse verdade. O Senhor continuava a falar-me com frequência. Estando em oração no dia do glorioso são Pedro, vi Cristo junto de mim. Nada vi com os olhos do corpo nem com os da alma. Senti e tive a impressão de o ter ao meu lado. Por íntima convicção via que era ele quem me falava. Muito longe de ter conhecimento de semelhantes visões, fui a princípio acometida de grande temor e só fazia chorar. Contudo, ouvindo do Senhor uma única palavra de segurança, ficava em meu estado habitual, tranquila, consolada e sem temor algum. Cristo parecia andar sempre ao meu lado. Sentia muito claramente estar ele sempre à minha direita e presente a todos os meus atos. Não via em que forma, por não ser visão imaginária. Não havia ocasião em que me recolhesse um pouco, ou não estivesse muito distraída, que não o sentisse junto de mim.

3. Fui logo a meu confessor muito aflita, para lhe dar parte de tudo. Perguntou-me em que forma o via. Respondi-lhe que não percebia forma alguma. Indagou então: Como podia eu saber que era Cristo? Voltei a dizer-lhe que não sabia como, mas não podia duvidar que o tinha junto de mim. Via e sentia isto claramente. O recolhimento da alma em contínua oração de quietude era muito maior, com efeitos superiores aos que costumava ter. Tratava-se de coisa muito evidente. Procurei multiplicar comparações

para fazê-lo entender, porém, neste gênero de visão nenhuma quadra perfeitamente.

É das mais elevadas, segundo me disse depois um santo homem, de grande espírito, chamado frei Pedro de Alcântara, de quem adiante farei menção. Tenho ouvido de outros grandes teólogos, que, entre todas, é a visão em que menos o demônio pode intrometer-se. Não há termos com que nós, mulheres, de pouca instrução possamos descrevê-la. Os doutos a explicarão melhor. Se digo que nem com os olhos do corpo, nem com os da alma o vejo, — não é visão com imagem, — como percebo e afirmo que o Senhor está junto de mim, com mais clareza do que se o visse?

Não esclarece bem a comparação se eu disser que é como uma pessoa às escuras, ou cega, que não vê outra que estivesse ao seu lado. Há alguma semelhança, não muita, porque em tal caso é possível percebê-la com os sentidos, ouvi-la falar ou mexer-se, ou mesmo tocá-la. Aqui nada disto ocorre; não reina a menor escuridão. Esta presença é como uma notícia anunciada à alma, mais clara que o sol. Não digo que se veja sol ou claridade alguma. É luz que, sem manifestação sensível, ilumina o intelecto para que a alma se regozije imersa em tão grande bem. Traz consigo incontáveis benefícios.

4. Esta presença não é semelhante a que as almas sentem na oração de união e de quietude. Nesta outra, assim que começamos a orar, parece que achamos com quem falar. Pelos efeitos e sentimentos espirituais de grande fé, amor e resoluções cheias de ternura, sabemos que nos ouve. É grande graça de Deus, e quem a receber tenha-a em grande apreço, porque se trata de oração muito elevada. Não é ainda visão. Pelos efeitos que produz na alma, percebe-se que Deus está ali. Sua Majestade quer dar-se a sentir por esse modo. Aqui vemos com evidência que Jesus Cristo, Filho da Virgem, está presente. Na oração de união manifestam-se apenas umas influências da divindade. Aqui, junto com elas, vemos que a humanidade sacratíssima também nos acompanha e quer nos conceder graças.

5. Perguntou-me ainda o confessor: “Quem disse que era Jesus Cristo?” — “Ele o diz muitas vezes”, respondi, “mas antes que o diga, imprime-se no meu pensamento que é ele”. Nos favores recebidos anteriormente, embora o afirmasse, eu nada via. Se uma pessoa que eu nunca tivesse visto e só conhecesse pela fama, viesse falar-me, estando eu cega ou em grande escuridão, e me dissesse quem era, crê-lo-ia, não com tanta certeza como se a visse. Aqui, sim. Ainda que não se veja, a presença se grava em nós tão claramente que exclui qualquer vacilação. O Senhor deseja, que isto fique tão impresso no intelecto, que não se pode duvidar. É tanta a certeza como se tivesse visto e ainda mais. Algumas vezes fica a suspeita de ter sido imaginação o que vimos, mas aqui, ainda que possa ocorrer algum receio, por outro lado, é tão grande a convicção, que a dúvida se desvanece.

6. Assim acontece também com outra maneira pela qual Deus ensina a alma e lhe fala sem palavras. É uma linguagem tão celestial que mal se pode dar a entender, por mais que se explique, se o Senhor não o ensina por experiência. Sua Majestade põe no interior da alma o que lhe quer dar a entender, e aí se lhe representa, pelo mesmo modo da visão anterior, sem imagem e sem palavras formuladas.

Note-se muito esta maneira de que Deus se serve para que a alma entenda sua

vontade e lhe revele grandes verdades e mistérios. Muitas vezes quando o Senhor me explica alguma visão, que se dignou conceder-me, é para me fazer entender o que ele quer de mim. Parece-me que é onde o demônio menos se pode intrometer, pelas razões ditas. Se não são boas, devo estar enganada.

7. Este modo de visão e de linguagem é puramente espiritual. Não há manifestação alguma nas faculdades e nos sentidos, de modo que o demônio não pode conhecer o que se passa na alma. Raramente e com brevidade acontece que as faculdades e os sentidos fiquem suspensos, mas, em geral, parece-me que suas atividades não estão suspensas, pelo contrário, estão bem presentes.

Com efeito, esta espécie de visão ocorre rarissimamente durante a contemplação, e então de nossa parte nada podemos fazer, tudo é obra do Senhor. É como se sentíssemos no estômago, um alimento sem o ter comido. Percebemos que está ali, mas ignoramos o que é e não sabemos quem o pôs ali. No caso de visão fora da contemplação, conhecemos muito bem sua origem, mas o que se ignora é a maneira como puseram o alimento no estômago. Não sabemos, nem o vimos, nem o entendemos. Quanto a mim, jamais pensei em desejar tal graça, e nunca me passou pela ideia de que isto pudesse acontecer.

8. Nas palavras de que antes tratei, Deus força a atenção do intelecto, a fim de que compreenda o que se lhe diz. Parece que a alma tem outros ouvidos com que ouve, e é obrigada a escutar, sem se distrair, como uma pessoa que ouvisse bem e a quem não consentissem tapar os ouvidos: se lhe falassem de perto e em altas vozes, entenderia, ainda que não quisesse. Alguma coisa faz de sua parte, pois está atenta para compreender o que lhe dizem. Estando, porém, em contemplação, ela nada faz. Até o pouco que fazia no caso anterior, consistindo somente em escutar, lhe é tirado. Tudo encontra já cozido e mastigado. Nada lhe resta a fazer senão usufruir. É como alguém que, sem ter aprendido nem se esforçado para saber ler, nem estudado coisa alguma, achasse em si adquirida toda a ciência, sem saber como e donde lhe veio, pois, jamais aprendeu sequer o ABC.

9. Esta última comparação parece-me explicar em parte este dom celestial. De um momento para outro, a alma se vê sábia e tão instruída sobre o mistério da santíssima Trindade e outras coisas muito elevadas, que não há teólogo com quem não se atrevesse a argumentar sobre a verdade destas grandezas. Fica tão espantada, que basta uma graça destas para a transformar inteiramente, e fazer com que já não ame senão a Deus. Bem vê que, sem cooperação alguma de sua parte, ele a torna capaz de tão grandes bens, comunica-lhe tais segredos e a trata com tanta ternura e amor, que é impossível descrever.

Com efeito, algumas graças chegam a causar suspeita, por serem tão admiráveis e feitas a quem tão pouco as tem merecido. Se não houver fé muito viva, não se poderão crer. Assim é que tenciono referir algumas graças que o Senhor me tem feito, se não me ordenarem outra coisa. Direi apenas umas visões que podem ser proveitosas, para que não se surpreenda quem as receber de Deus, parecendo-lhe impossíveis, como eu fazia. Servirão também para explicar o modo e caminho por onde o Senhor me tem conduzido,

porquanto é isto o que me ordenaram escrever.

10. Tornando agora a esta maneira de entender, parece-me que por todos os meios, o Senhor quer transmitir a esta alma algum conhecimento do que se passa no céu. Lá não há necessidade de palavras para todos se entenderem, o que eu não sabia até que o Senhor, por sua bondade, quis que eu o visse, mostrando-me num êxtase. O mesmo acontece aqui. Deus se entende com a alma, só porque Sua Majestade o quer. Sem outro artifício, estes dois amigos manifestam, uma o outro, o recíproco amor que têm. Acontece como no mundo, quando duas pessoas se querem muito e se entendem bem: até por sinais, só com o olhar, parece que se compreendem. Se não me engano, é o que ocorre neste caso: sem o vermos nós, estes dois amantes se fitam, face a face, segundo diz o Esposo à Esposa nos Cantares. Ao que creio, ouvi citar este trecho (Ct 4,9).

11. Ó benignidade admirável de Deus, que assim vos deixais olhar por uns olhos que se empregaram em tanto mal, como são os de minha alma! Vendo-vos, Senhor, acostumam-se a não olhar coisas vulgares, nem achar contentamento algum fora de vós. Ó ingratidão dos mortais! a que ponto há de chegar? Sei por experiência, ser verdade o que digo, e ser bem pouco o que se pode dizer do que fazeis com uma alma que elevais a tal estado. Ó almas que começastes a ter oração e vós que tendes verdadeira fé! Tendo em vista só a felicidade nesta vida, que bens podeis buscar que sejam semelhantes ao menor destes bens, sem falar no que se ganha para a eternidade?

12. Vede: é muito certo que Deus se dá aos que tudo deixam por ele. Não faz distinção de pessoas, a todos ama. Ninguém se pode escusar, por pior que seja, começando por mim, pois assim o Senhor fez comigo, trazendo-me a tal estado. O que digo é nada em comparação com que se poderia dizer. Menciono apenas o necessário, para fazer compreender este gênero de visão e de favor que Deus faz à alma. Não posso exprimir o que se experimenta quando o Senhor dá a entender seus segredos e grandezas. É uma felicidade superior a tudo que se pode conceber na terra, e faz com que se desprezem os gozos da vida, pois todos juntos são apenas cisco. Sinto até repugnância de os tomar aqui por termo de comparação, ainda que se gozasse deles para sempre. E que direi dos bens que o Senhor dá? São apenas uma só gota do rio caudaloso que nos está preparado.

13. Digo-o para vergonha nossa. Sim, certamente envergonho-me de mim. Se pudesse haver confusão no céu, eu lá estaria mais confusa que ninguém. Por que havemos de querer tantos bens, deleites e glórias sem fim, tudo unicamente à custa do bom Jesus? Não choraremos sequer ao menos com as filhas de Jerusalém, pois que não o ajudamos a levar a cruz como o Cireneu? Com prazeres e passatempos havemos de usufruir do que ele nos ganhou à custa de tanto sangue? É impossível. E com honras vãs pensamos reparar um só dos desprezos que ele sofreu a fim de adquirirmos um reino eterno? Não tem cabimento. Errado, este caminho é errado; por ele nunca chegaremos lá. Apregoe Vossa Mercê estas verdades a plenos pulmões, pois Deus me tirou o direito de pregar.

Quisera eu continuamente repetir a mim mesma estas verdades. No entanto, como se verá no que escrevi, muito tarde prestei ouvidos e muito tarde atendi à voz de Deus. É para mim grande confusão falar nestes assuntos, de modo que prefiro calar. Contento-me acrescentando uma consideração que de vez em quando me vem acerca das alegrias do



céu. Praza ao Senhor, conceder-me a graça de poder um dia desfrutar de tanto bem!

14. Que glória accidental será e que contentamento o dos bem-aventurados ao chegarem ao paraíso, quando virem que, embora tarde, não deixaram de fazer por Deus o que estava a seu alcance, e por todos os meios possíveis nada lhe negaram, de acordo com suas forças e com seu estado! Quem mais tiver feito, maior glória terá. Quão rico se achará o que deixou por Cristo todas as riquezas? Quão sábio o que se alegrou de ser tido por louco, pois assim chamaram à mesma Sabedoria. Por nossos pecados quão poucos existem agora semelhantes a eles! Sim, sim, parece que se acabaram os que o mundo tinha por loucos, vendo neles obras heroicas de verdadeiros amantes de Cristo! Ó mundo, mundo, como vais ganhando honra, em razão de haver poucos que te conheçam!

15. Pensamos talvez que seja maior serviço de Deus sermos tidos por sábios e por discretos. Deve ser, deve ser, a julgar pela discricção que está em voga. Logo imaginamos ser pouco edificante não andar com muita compostura e dignidade, como requer o nosso estado. Até o frade, o sacerdote, a monja, consideram motivo de escândalo para os fracos usar hábitos velhos e remendados. É novidade! O mesmo dizem de andar recolhido e ter oração. O mundo está de tal forma perdido, que já não se usam mais as práticas de perfeição. Os grandes fervores dos santos estão esquecidos.

Isto causa maior prejuízo e contribui mais para as infelicidades dos nossos tempos, que o pretense escândalo causado por religiosos que manifestam por obras e por palavras seu total menosprezo pelo mundo. Destes escândalos o Senhor tira grandes proveitos. E se uns se escandalizam, outros caem em si e sentem remorsos. Prouvera a Deus que aparecesse ao menos um esboço de como Cristo viveu com seus apóstolos, pois agora, mais do que nunca, seria necessário.

16. E que bom modelo o Senhor agora nos levou chamando a si o bendito frei Pedro de Alcântara! O mundo já não é capaz de suportar tanta perfeição. Dizem que as saúdes estão mais fracas e que os tempos mudaram. Este santo homem viveu em nossos dias. Possuía o espírito robusto, como os santos de outrora; sabia desprezar o mundo. Ainda que não andemos descalços nem façamos tão áspera penitência como ele, muitas coisas há, como tenho dito por várias vezes, em que se pode também menosprezar o mundo. O Senhor o ensina quando encontra ânimo. E que grande coragem Sua Majestade deu ao referido santo para fazer durante quarenta e sete anos tão áspera penitência, como todos sabem. Quero dizer a este respeito alguma coisa, e sei que é a pura verdade.

17. Ele mesmo contou-me e a outra pessoa para a qual não tinha segredos. Contou-o devido à grande afeição que sentia por mim, inspirada pelo Senhor, a fim de que tomasse minha defesa e me animasse em tempo de tanta necessidade, como já disse e direi ainda. Parece-me que foram quarenta anos os que me disse ter passado dormindo apenas hora e meia entre a noite o dia. Vencer o sono foi de todas as penitências a que mais lhe custou no princípio, e para isto estava sempre de joelhos ou de pé. Quando dormia era assentado, com a cabeça apoiada a um toco de madeira, que tinha pregado à parede. Deitar-se, ainda que quisesse, não podia, porque sua cela, como é sabido, não tinha mais de quatro pés e meio de comprimento<sup>[1]</sup>.

Em todos esses anos jamais se cobriu com o capuz, por mais ardente que fosse o sol, ou mais intenso aguaceiro que houvesse. Não trazia calçado nos pés, vestia apenas um hábito de saial, sem outra roupa sobre a pele. Esse hábito era tão estreito quanto podia ser, e por cima usava um manto pequeno do mesmo pano. Contou-me que tirava este nos grandes frios e deixava a porta e o postigo da cela abertos para depois, pondo de novo o manto e fechando a porta, contentar o corpo e fazê-lo sossegar com algum agasalho. Era-lhe muito frequente comer só no fim de três dias. Perguntou-me por que razão me espantava, pois era muito possível a quem o tivesse por costume. Disse-me um seu companheiro que acontecia a este santo passar oito dias sem comer. Devia ser quando estava em oração, pois tinha grandes arroubamentos e ímpetos de amor de Deus, como certa vez presenciei.

18. Sua pobreza era extrema. Foi tal sua mortificação na mocidade que, segundo me contou, aconteceu-lhe viver três anos numa casa de sua Ordem sem conhecer frade algum a não ser pela fala, porque jamais levantava os olhos. Não sabia ir aos lugares aonde o dever o chamava, a não ser andando atrás dos outros religiosos. O mesmo lhe ocorria pelos caminhos. Jamais olhou mulher alguma durante muitos anos. Dizia-me que tanto lhe era indiferente o ver como o não ver.

Era muito velho quando o conheci, e tão extrema sua magreza, que parecia feito de raízes de árvores. Com toda esta santidade, era muito afável, embora de poucas palavras, exceto quando interrogado. Sua conversa era muito agradável, possuía um espírito encantador. Outras coisas quisera mencionar, mas receio que Vossa Mercê pergunte por que me intrometo em tal assunto, e foi com temor que o escrevi. Assim concluo dizendo, que seu fim foi semelhante à sua vida. Morreu pregando e admoestando a seus religiosos. Quando viu que havia chegado sua hora, disse o salmo *Laetatus sum in his quae dieta sunt mihi*<sup>[2]</sup>, e, de joelhos, expirou.

19. Depois, o Senhor tem permitido que me encontre com ele mais do que durante sua vida, e seja aconselhada por ele em muitos pontos. Tenho-o visto várias vezes em imensa glória. Na sua primeira aparição, além de outras coisas, disse-me: feliz penitência que lhe obtivera tal prêmio. Um ano antes de morrer, estando ausente, apareceu-me. Tive uma revelação de que estava próxima sua morte, e mandei-lhe avisar, a algumas léguas daqui. Ao expirar apareceu-me e disse-me que ia entrar em seu descanso. Não acreditei e contei-o a algumas pessoas. Ao fim de oito dias chegou a notícia de que morrera, ou, para melhor dizer, começara a viver para sempre.

20. Ei-la, pois, acabada esta vida tão penitente, com tão grande glória! Parece-me que agora me consola muito mais do que no tempo em que estava na terra. Disse-me uma vez o Senhor, que concederia tudo o que pedissem em nome deste santo. Muitas coisas lhe tenho encomendado para que as peça ao Senhor e todas tenho visto cumpridas. Seja ele bendito para sempre. Amém.

21. Mas para que falar e estimular a Vossa Mercê a não fazer caso das coisas desta vida, como se não o soubesse, ou não estivesse determinado a deixar tudo, tendo já posto mãos à obra? É que vejo tanta perdição no mundo, que é descanso para mim dizer isto, embora a ninguém aproveite e escrevê-lo somente sirva para me dar cansaço. Contra

mim é tudo o que digo. Perdoe-me o Senhor minhas ofensas neste ponto. Perdoe-me Vossa Mercê que o canse sem motivo. Dir-se-ia pretender eu que Vossa Mercê faça penitência pelo que pequei nesta matéria.

## CAPÍTULO 28

**Narra as grandes graças que o Senhor lhe concedeu e como lhe apareceu pela primeira vez. Declara o que é visão imaginária, os grandes efeitos e sinais que deixa quando provém de Deus. Este capítulo é muito útil e importante**

1. Voltemos ao nosso assunto. Passei alguns dias, poucos, com a visão intelectual a que me referi. Era constante e causava-me tanto proveito, que vivia numa oração ininterrupta. Em tudo quanto fazia, procurava que fosse de modo a não descontentar aquele que o estava presenciando, como eu claramente percebia. Por vezes, é verdade, pelo muito que me assustavam, sentia temor, mas durava pouco, porque o Senhor me tranquilizava.

Estando um dia em oração, quis o Senhor mostrar-me só as mãos, de tanta formosura, que me seria impossível descrevê-las. Causou-me grande temor, pois qualquer nova graça sobrenatural que o Senhor me concede, no princípio muito me assusta. Daí a poucos dias vi também aquele divino rosto, que de todo me deixou absorta, ao que me parece. Não podia compreender por que o Senhor se mostrava assim pouco a pouco, pois mais tarde me haveria de fazer a graça de o contemplar inteiro. Compreendi depois que Sua Majestade ia me conduzindo conforme a minha fraqueza natural. Seja bendito para sempre! Tão baixa e vil criatura não pode suportar tanta glória junta. Como quem sabia disto, aos poucos o piedoso Senhor ia me preparando.

2. Parecerá a Vossa Mercê que não era preciso muito esforço para ver umas mãos e um rosto de tanta formosura. Mas os corpos glorificados são tão belos, que a glória produzida pela visão de coisa tão sobrenatural e formosa desatina. Causava-me tanto temor, que eu me perturbava toda e me inquietava. Logo depois, entretanto, sentia certeza e segurança, e, com tais efeitos, depressa perdia o medo.

3. Um dia em que era festejado são Paulo, durante a missa, eis que diante de mim se fez representar toda inteira a humanidade sacratíssima, como se pinta depois da ressurreição, com tanta formosura e majestade, como em particular escrevi a Vossa Mercê, quando o ordenou expressamente. E custou-me bastante descrevê-lo, porque nada se pode dizer sobre esta graça, que não seja antes desfazer. Contudo expliquei-a o melhor que pude, e assim não há razão para tornar a dizê-lo aqui.

Só digo que, se no céu não houvesse outra coisa para deleitar a vista senão a formosura dos corpos glorificados, seria imensa a glória especialmente a vista da humanidade de Jesus Cristo, Senhor nosso. Ocorrendo assim aqui na terra, onde Sua Majestade se mostra na proporção do que pode suportar nossa miséria, o que será na mansão celestial onde se desfruta a plenitude de tanto bem?

4. Esta visão, ainda que imaginária, nunca a percebi com os olhos corporais, nem tão pouco alguma outra, senão com os olhos da alma. Os mais entendidos nesta matéria afirmam ser mais perfeita a visão passada do que esta, que, por sua vez, é muito superior

às visões percebidas com os olhos do corpo. Estas são muito inferiores e sujeitas às ilusões do demônio. Como eu então não entendia isto, tendo recebido a graça, desejava que fosse de modo a ver com os olhos corporais, para o confessor não me dizer que era fantasia.

Acontecia também que, passada a visão, logo me sobrevinha o pensamento de que era efeito da imaginação. Afligia-me de o haver dito ao confessor pelo receio de o ter enganado. Novo pranto. Voltava a ele e dizia-lhe meu receio. Perguntava-me se pensava dizer-lhe a realidade ou se havia querido enganá-lo. Eu lhe dizia a verdade, pois a meu parecer não tinha mentido, nem diria uma coisa por outra para ganhar o mundo inteiro. Disto estava ele bem certo, e assim procurava sossegar-me.

Quanto a mim, sentia tanto ir a ele com essas ninharias, que não sei como o demônio conseguia persuadir-me de que era fingimento da minha parte. Para que haveria eu de me atormentar? O Senhor, porém, apressou-se tanto em conceder-me esta graça e em declarar sua veracidade, que logo perdi toda suspeita de ser fantasia. Depois vi muito claramente minha tolice. Mesmo que eu passasse muitos anos estudando o modo de representar coisa tão formosa, não teria capacidade nem ciência para tanto. Só na brancura e resplendor excede tudo que se possa imaginar na terra.

5. Não é brilho que deslumbre. É brancura suave, resplendor infuso que encanta a vista e não cansa. O mesmo digo da claridade em que se vê esta formosura tão divina. É luz tão diferente da que existe na terra, que a claridade do sol nos parece apagada, em comparação daquele fulgor esplêndido que se apresenta à nossa vista. Quem a viu uma vez não desejará mais abrir os olhos. É como contemplar uma água muito límpida que desliza sobre cristal refletindo o sol, e depois olhar outra muito turva correndo em dia de grande nevoeiro por cima da terra. Não é que se veja o sol, nem semelhança de luz solar. Em suma, é luz que mostra ser verdadeira, e a deste mundo é artificial. Luz que não conhece noite. Brilha sempre e nada a pode ofuscar.

Finalmente, é de tal sorte que, por grande inteligência que uma pessoa tivesse, não a poderia imaginar, esforçando-se todos os dias de sua vida. E Deus a apresenta tão subitamente à nossa vista, que nem há tempo para abrir os olhos se fosse preciso abri-los. Tanto faz estarem abertos como fechados, pois, quando o Senhor quer, vemos, ainda que não queiramos. Não há distração que o estorve, nem resistência possível, nem diligência, nem cuidado que o consiga. Disto tenho boa experiência, como depois direi.

6. O que desejaria explicar agora é o modo pelo qual o Senhor se mostra nestas visões. Não pretendo explicar como essa luz tão forte imprime-se nos sentidos interiores, nem como a nossa inteligência recebe imagem tão clara, que Jesus Cristo verdadeiramente parece estar ali presente. Pertence isto aos teólogos. A mim o Senhor não quis dar-me a entender como isto acontece. Sou tão ignorante e tão rude de intelecto que, embora tentassem explicá-lo, não consegui compreender.

É a pura verdade. Vossa Mercê julga que possuo vivacidade de espírito, contudo, não é assim. Em muitas coisas tenho experimentado; só compreendo o que me dão mastigado, como se costuma dizer. Algumas vezes meu confessor ficava admirado de minhas ignorâncias. Jamais entendi, nem aliás desejei entender, como Deus fazia isto ou aquilo,

ou como podia ser. Nunca perguntei, embora, de muitos anos para cá, tenha tratado com homens doutos. Indagava se uma coisa era ou não pecado, isto sim. No demais, bastava-me pensar que Deus o tinha feito, para ter certeza que não havia razão de espanto, mas somente motivo para o louvar. As coisas dificultosas até me fazem devoção. Quanto mais incompreensíveis, mais me enternecem.

7. Direi, pois, o que tenho visto por experiência. Como o Senhor o realiza, Vossa Mercê di-lo-á melhor, explicando o que estiver obscuro, se eu não souber dizer. Por alguns indícios bem me parecia ser imagem o que eu via, mas por outros muitos motivos achava que não era imagem. Era o próprio Cristo. Tudo dependia da claridade com que ele queria mostrar-se a mim. Manifestava-se umas vezes tão confusamente, que me parecia imagem, contudo, não semelhante aos quadros da terra, por perfeitos que sejam, dos quais tenho visto vários e muito lindos. É disparate pensar que exista alguma analogia entre uma e outra coisa. Nem mais nem menos, é como entre uma pessoa viva e seu retrato. Este, por melhor que seja, não pode ser tão natural, ou a ponto de não se perceber, afinal de contas, que seja coisa inanimada. Mas deixemos isto. Está bem explicado e é assim ao pé da letra.

8. O que acabei de dizer não é comparação. Muito mais que isto, é a pura verdade. Existe realmente a diferença do vivo para o pintado, nem mais nem menos. Com efeito, se é imagem, é imagem animada: não pessoa morta, senão Cristo vivo. Entende-se que é homem e Deus. Não como estava no sepulcro, mas como dele saiu depois de ressuscitado. Vem às vezes com tão grande majestade, que não há como duvidar. Vê-se que é o próprio Senhor, especialmente logo depois da comunhão, onde sabemos que está ali, pois a fé assim nos diz. Representa-se tão senhor daquela pousada, que a alma parece se desfazer e se consumir em Cristo. Ó Jesus meu, quem poderia fazer entender a majestade com que vos mostrais! Quão Senhor de todo este universo, dos céus e de outros mil mundos e inumeráveis mundos e céus que poderíeis criar! A alma entende que para vós nada significa serdes Senhor do universo, conforme a majestade com que vos representais.

9. Aqui se vê claramente, Jesus meu, o vosso poder em comparação ao de todos os demônios. Na verdade, quem vos contenta plenamente, calca aos pés o inferno todo. Aqui se vê a razão que eles tiveram de temer, quando descestes ao limbo. Desejariam outros mil infernos mais profundos para fugir de tão imensa majestade. Vejo que quereis revelar o grande poder de vossa sacratíssima humanidade unida à divindade. Aqui se representa bem o que será no dia do juízo, ver a majestade deste Rei e o rigor que mostrará aos maus. Aqui está a verdadeira humildade, incutida na alma que não pode ignorar sua miséria. Aqui se acha a confusão e o verdadeiro arrependimento dos pecados a tal ponto, que ela não sabe onde se meter, embora receba tantas provas de amor, e assim fica aniquilada.

Quando o Senhor mostra grande parte de sua glória e majestade, esta visão tem força tão possante, que seria impossível a qualquer alma resistir. Mas o Senhor se digna alentá-la de modo muito sobrenatural, pondo-a em êxtase ou arrebatamento. Com a felicidade excessiva, ela perde a visão daquela divina presença. Há verdades que se esquecem, mas

aquela majestade e formosura ficam tão impressas, que não há como olvidar, exceto quando o Senhor deseja que o espírito padeça uma grande aridez e a soledade de que falarei adiante. Então parece esquecer-se do próprio Deus. A alma fica transformada, embevecida com a impressão de que começa a amar a Deus com novo amor, muito vivo, e, a meu ver, em grau elevadíssimo. A visão precedente, na qual Deus se representa sem imagem, como disse, é mais elevada. Contudo esta última é mais adaptada à nossa fraqueza, porque permite ficar representada e impressa na imaginação tão divina presença, para que a conservemos na memória e tenhamos bem ocupado o pensamento.

Aliás, estas duas espécies de visões vêm quase sempre juntas. Convém que assim seja, porque com os olhos da alma contemplamos a excelência, formosura e glória da santíssima humanidade e, de outro modo se nos dá a entender como Deus é poderoso: tudo pode, tudo ordena, tudo governa e tudo enche com seu amor.

10. Esta visão é muito preciosa e, a meu parecer, sem perigo. Pelos efeitos se conhece, que o demônio aqui não tem poder. Três ou quatro vezes, este inimigo quis mostrar-me o Senhor por meio de uma representação falsa. Tomava forma humana, mas era incapaz de imitar a glória que emana de Cristo. Para desfazer os efeitos da verdadeira visão, representava fantasmagorias. Mas a alma resiste, sente-se perturbada, desabrida, inquieta, perde a devoção, a paz que antes sentia, ficando sem oração.

Aconteceu-me isto nos primeiros tempos, três ou quatro vezes, conforme disse. É coisa extremamente diversa. Basta ter tido oração de quietude para o entender, pelos efeitos mencionados acerca das palavras. É coisa muito conhecida, e se a alma não se quer deixar enganar, penso que não será enganada, desde que ande com humildade e simplicidade. Quem já experimentou verdadeira visão de Deus, imediatamente o sentirá. A alma o rejeita embora comece com certa satisfação. A paz que se desfruta, a meu ver, é muito diferente. Não tem aparência de amor puro e casto. Bem depressa, dá a entender quem é. Havendo experiência, acho impossível o demônio causar dano.

11. É absolutamente inadmissível ser efeito da imaginação. Não tem cabimento. Só a formosura e brancura daquelas mãos divinas excedem tudo quanto podemos conceber. A imaginação não poderia apresentar de improviso coisas jamais pensadas ou recordadas, e que, por serem tão sublimes, estão acima do que nos é dado compreender aqui na terra. Claro está que é impossível. E mesmo que pudéssemos produzir alguma coisa desse gênero, a sua origem apareceria claramente pelo que vou dizer.

Se fosse representação do intelecto não produziria os grandes efeitos que indiquei, e até ficaria sem fruto. Seria como o caso de uma pessoa que quisesse dormir, mas ficasse acordada por não lhe vir o sono. Sentindo necessidade ou fraqueza na cabeça e desejando adormecer, esforça-se por conciliá-lo. Faz todas as diligências e às vezes parece obter algum resultado. Mas se o sono não é verdadeiro, não a sustenta, nem lhe dá força à cabeça. Acontecerá talvez deixá-la mais atordoada. É em parte o que se daria aqui: a alma ficaria enfraquecida, sem sustento e sem força, cansada e cheia de tédio. Quando a visão é verdadeira, é impossível descrever toda a riqueza que deixa. Dá saúde e conforto ao próprio corpo.

12. Esta razão, entre outras, eu apresentava quando me diziam ser obra do demônio ou

da imaginação. Isto acontecia frequentemente. Punha-me então a explicar através de comparações, conforme o que o Senhor me permitia entender. Tudo, porém, com pouco resultado. Havia neste lugar pessoas muito santas, que todavia Deus não levava por este caminho. Para elas eu era uma criatura perdida e todos se enchiam de temores. Por meus pecados, as notícias circulavam de um para outro, de maneira que estavam a par de tudo, sem que eu falasse a pessoa alguma, exceto a meu confessor ou a quem ele me indicava.

13. Disse-lhe eu certa vez: caso me assegurassem que uma pessoa bastante minha conhecida, com quem tivesse acabado de falar, não era quem eu pensasse e se me dissessem que estavam certos de meu erro, dar-lhes-ia mais crédito do que aos meus próprios olhos. Mas se essa pessoa me deixasse várias joias como prova do seu grande amor, vendo-as em minhas mãos, e sentindo-me rica, sendo até então pobre, não poderia deixar de crer que tivesse sido a pessoa que eu julgava. Essas joias, eu lhes poderia mostrar, porque todos os que me conheciam, viam que minha alma evidentemente estava transformada, e assim o dizia meu confessor.

A diferença era muito considerável em todos os sentidos, tão manifesta, que ninguém poderia duvidar. Sendo antes tão má, dizia eu, não podia crer que o demônio pretendesse com isto enganar-me e arrastar-me ao inferno, usando de meio tão contrário, como esse de tirar-me os vícios e dar-me virtudes e fortaleza. Cada uma destas graças me deixava transformada, isto eu via claramente.

14. Meu confessor, um padre muito santo da Companhia de Jesus<sup>[1]</sup>, como disse, respondia o mesmo, segundo soube mais tarde. Era muito discreto e extremamente humilde, mas sua grande humildade causou-me bastante sofrimento. Apesar de ser douto e de ter muita oração, não confiava em si. Aliás, o Senhor não o conduzia pelo mesmo caminho. Sofreu muito por minha causa. Diziam-lhe — como vim a saber — que se precavesse a meu respeito, que não se deixasse enganar pelo demônio, fazendo-lhe crer alguma coisa do que ouvia de mim. Apontavam-lhe exemplos de outras pessoas. Tudo isso me fazia sofrer. Cheguei a temer que não houvesse com quem me confessar e que todos fugissem de mim. Não fazia senão chorar.

15. Foi providência divina ter ele querido continuar a atender-me. Era virtuoso este servo de Deus, e a tudo se exporia por seu amor. Dizia-me que não ofendesse eu a Deus, não me afastasse de sua direção e não tivesse receio. Por sua vez ele não me faltaria. Sempre me animava e consolava, ordenando-me constantemente que não lhe calasse coisa alguma. E eu obedecia.

Assegurava-me que, procedendo eu assim, o demônio não me causaria dano, antes o Senhor tiraria proveito do mal que o inimigo quisesse fazer à minha alma. Procurava aperfeiçoá-la em tudo que podia. Eu, como andava com tantos temores, obedecia em tudo, ainda que imperfeitamente. Por minha causa, em meio a tantas dificuldades, padeceu bastante nos três anos e tanto em que foi meu confessor. Nas grandes perseguições que moveram contra mim e, por permissão do Senhor, em muitas circunstâncias, julgaram mal a meu respeito sem ter havido causa para isto. Procuravam-no e lançavam-lhe a culpa de tudo, conquanto estivesse totalmente inocente.



16. Seria impossível poder sofrer tanto se não possuísse tanta santidade e o Senhor não o animasse. Com efeito, tinha de responder aos que não lhe davam crédito e me julgavam transviada. Ao mesmo tempo, precisava sossegar-me e curar o medo que me assaltava, embora às vezes me fizesse temer ainda mais. Por outro lado era necessário tornar a tranquilizar-me depois de cada nova visão, porque Deus permitia que eu sentisse grandes temores. Tudo em consequência de ter sido e de ser ainda tão pecadora. Ele me consolava com muita piedade. Se tivesse confiança em si mesmo, eu não teria sofrido tanto, pois Deus lhe permitia entender a verdade em tudo, e o sacramento lhe infundia luz, creio eu.

17. Os servos de Deus que não se sentiam seguros, relacionavam-se muito comigo, e eu lhes falava com singeleza algumas coisas que eles interpretavam desfavoravelmente.

Sentia grande afeição por um deles<sup>[2]</sup> porque minha alma lhe devia imensamente. Era muito santo e desejava com grande ardor, para meu aproveitamento, que o Senhor me esclarecesse. Eu sofria muito, vendo que não me entendia, e que todos eles, como disse, sem mais considerações, atribuíam minhas palavras à pouca humildade. Mal viam em mim uma falta — o que não era raro — logo condenavam tudo. Faziam-me algumas perguntas e, respondendo eu com simplicidade e confiança, logo imaginavam que desejava passar por sábia e dar-lhes lições. Tudo iam denunciar a meu confessor, e ele se punha a ralar comigo. Certamente queriam meu proveito.

18. Andei assim bastante tempo, atormentada por todos os lados. Mas eu passava por cima de tudo com as graças que o Senhor me fazia. Digo isto para que se entenda o grande sofrimento que significava não achar quem tivesse experiência neste caminho espiritual. Caso o Senhor não me favorecesse tanto, não sei o que teria sido de mim. Seria o suficiente para perder o juízo. Via-me por vezes em tal situação, que não sabia o que fazer senão levantar os olhos ao Senhor. A oposição de pessoas tão boas para com uma fraca mulherzinha, ruim e inclinada ao temor como eu, parece nada significar quando se fala; contudo, tendo passado na vida imensas tribulações, posso dizer que esta foi das maiores. Praza ao Senhor, que eu tenha nisto servido de algum modo a Sua Majestade! Quanto aos que me arguiam e condenavam, estou bem certa de que visavam a glória de Deus. Em suma foi tudo para meu grande bem.

## CAPÍTULO 29

**Narra algumas grandes graças que o Senhor lhe fez. Palavras que Sua Majestade lhe dizia, infundindo-lhe confiança e ensinando-lhe o modo de responder aos que a contradiziam**

1. Muito me afastei do assunto. Estava tentando explicar as razões que existem para vermos que estas visões não procedem da imaginação. Com efeito, poderíamos à custa de esforços representar a humanidade de Cristo e reproduzir sua grande formosura por meio da imaginação? Seria preciso muito tempo para conseguir alguma semelhança. Bem pode alguém imaginar uma figura e contemplá-la durante algum tempo. Ver seus traços, sua brancura, e pouco a pouco ir aperfeiçoando e gravando na memória aquela imagem. Ninguém lhe pode impedir, pois é mero trabalho do intelecto. No que estamos tratando agora, nada disto é possível. É forçoso ver o que o Senhor nos apresenta, e vê-lo como ele quer e quando quer. Não há como tirar nem pôr, nem modo de o conseguir. Por mais que nos esforcemos em ver ou deixar de ver, não depende de nossa vontade. Querendo fixar alguma coisa particular, Cristo perde-se de vista.

2. Durante dois anos e meio, Deus me fazia mui frequentemente esta graça. Contudo, há mais de três, não a recebo tão de contínuo. Substituiu-a por outra mais elevada, como talvez direi mais adiante. Eu via que o Senhor me estava falando. Olhava aquela grande formosura e notava a suavidade — por vezes o rigor — das palavras pronunciadas por aqueles lábios formosíssimos e divinos. Desejava extremamente perceber a cor de seus olhos e saber a sua altura para dizer depois. Jamais o consegui e nem há esforço que o permita. Tudo se desvanece diante de minha vista. Algumas vezes olha-me com piedade: mas aquele olhar possui tanta força que a alma não pode suportá-lo. Fica em tão elevado êxtase que, para mais gozar do Senhor, perde esta formosa vista. Aqui, pois, não há querer e não querer. Vê-se claramente que o Senhor só deseja que tenhamos humildade e confusão, e tomemos o que nos for dado, louvando a quem o dá.

3. Isto acontece em todas as visões, sem exceção. Não há possibilidade de ver mais nem menos. Nossos esforços se tornam impotentes. O Senhor faz-nos sentir claramente que não é obra nossa, senão de Sua Majestade. Deste modo ficamos humildes e temerosos. Menos ainda é possível ter soberba. Temos a certeza de que, assim como o Senhor nos tira a possibilidade de ver o que queremos ver, pode tirar-nos também estas dádivas com a sua graça e deixar-nos inteiramente perdidos. É bom andarmos sempre com temor enquanto estamos neste exílio.

4. Quase sempre o Senhor aparecia como ressuscitado. Via-o na Hóstia do mesmo modo. Algumas vezes, porém, para me reanimar em qualquer tribulação, mostrava-se chagado, na cruz e no Horto, raramente com a coroa de espinhos, por vezes levando a cruz. Isto, como disse, na proporção de minhas necessidades e de outras pessoas, mas sempre com a carne glorificada.

Haver contado estas visões causou-me afrontas e dissabores. Sofri muitos temores e

muitas perseguições! A ação do demônio em minha alma parecia-lhes tão certa, que algumas pessoas queriam sujeitar-me a exorcismos. Disto pouco se me dava. Mas ficava triste quando via que os confessores tinham receio de me atender, ou quando sabia que lhes falavam contra mim.

Apesar de tudo isto, jamais poderia sentir pesar de ter sido favorecida com tais visões celestes, das quais não trocava uma delas sequer por todos os bens e contentamentos do mundo. Sempre as considerava como grandes graças do Senhor. Pareciam-me grandíssimo tesouro, e o próprio Senhor assegurou-me disto muitas vezes. Eu sentia crescer em mim cada vez mais o meu amor por ele. De todos esses sofrimentos queixava-me ao Senhor, e sempre saía da oração consolada e com renovadas forças. Aos que me eram contrários não ousava contradizer, vendo que era pior. Parecia-lhes pouca humildade de minha parte. A meu confessor dizia tudo, e ele me consolava muito sempre que me via atribulada.

5. Como as visões se multiplicassem, um deles, que muito me ajudava e algumas vezes me ouvia em confissão, quando o padre reitor estava impedido, começou a dizer que, sem dúvida alguma, era obra do demônio. Ordenou-me que, sendo impossível resistir, fizesse o sinal da cruz e uma fíga acada visão, na certeza de estar vendo o demônio e que o afugentasse por esse meio. Procedendo assim, não tinha o que temer. Deus haveria de me proteger e livrar daquele mal. Para mim, isto era grande sofrimento e coisa terrível.

Não podia deixar de crer que fosse Deus. Também não conseguia, como disse, desejar que me fossem tiradas aquelas graças. Contudo fazia quanto me ordenavam. Suplicava muito a Deus que me livrasse de ser enganada. Isto pedia sempre e com abundantes lágrimas. Recomendava-me a são Pedro e são Paulo, porque o Senhor me apareceu pela primeira vez no dia em que eram festejados, dizendo-me que me guardariam, para que não fosse enganada. Via-os muitas vezes ao meu lado esquerdo, muito claramente, ainda que não por visão imaginária. Honrava a estes gloriosos santos como meus protetores particulares.

6. Isto de fazer fíga, quando em visão o Senhor me aparecia, causava-me imenso pesar. Com efeito, vendo-o presente, não poderia crer que fosse o demônio ainda que me fizessem em pedaços. Foi uma espécie de penitência bem grande para mim. Finalmente, para não andar benzendo-me tanto, tomava uma cruz na mão. Isto fazia quase sempre. As fígas muito raramente, porque sentia extrema repugnância. Lembrava-me das injúrias que o Senhor havia recebido dos judeus. Suplicava-lhe que me perdoasse, não me culpasse, porque o fazia para obedecer a quem estava em seu lugar, pois, eram os ministros por ele constituídos em sua Igreja. Respondia-me que não me importasse, e que fazia bem em obedecer. Ele daria a entender a verdade. Quando me proi-biram de fazer oração, o Senhor pareceu-me descontente. Ordenou-me que lhes dissesse que aquilo já era tirania. Dava-me razões para que eu entendesse não ser obra do demônio. Depois direi algumas.

7. Certa vez, segurando eu a cruz de um rosário, tomou-a e quando a restituiu estava formada por quatro grandes pedras, incomparavelmente mais preciosas do que diamantes. Quase não há comparação entre o que é visível e o que é sobrenatural. O

diamante parece pedra falsa e imperfeita, ao lado das gemas que se veem lá em cima. Na cruz as cinco chagas estavam lindamente cravejadas. Disse-me o Senhor que doravante eu a veria assim, o que se verificou. Não via mais a madeira de que era feita, senão as pedras. A não ser eu ninguém as percebia.

Assim que me mandaram resistir e fazer tais provas, as graças cresceram em alto grau. Jamais saía da oração, por mais que me quisesse distrair. Até dormindo parecia estar nela. Crescia o amor, e juntamente minhas lástimas ao Senhor. Deixar de pensar nele, não o podia aguentar, nem estava em minhas mãos, por mais que desejasse e me esforçasse. Contudo obedecia, quanto me era possível, mas era pouco, e até nada, o que estava ao meu alcance. O Senhor nunca me dispensou de obedecer. Dizia que o fizesse, mas por outro lado assegurava-me e ensinava-me o que lhes havia de dizer, e ainda hoje o faz. Dava-me tão fortes razões, que me enchia inteiramente de confiança.

8. Dentro de pouco tempo, Sua Majestade começou, como me tinha prometido, a dar maiores mostras de que era ele. Cresceu em minha alma tão grande amor a Deus, que eu não sabia de onde vinha. Era muito sobrenatural e não procurado por mim. Sentia que morria de desejo de ver a Deus. Não sabia onde buscar a verdadeira vida senão com a morte. Ocorriam-me grandes ímpetos desse amor, embora não fossem nem tão intoleráveis nem de tanto valor como os que referi acima<sup>[1]</sup>. Punham-me em estado de não saber o que fazer. Nada me saciava. Não cabia em mim. Parecia verdadeiramente que me arrancavam a alma. Ó soberano artifício do Senhor, de que meios tão delicados usáveis para com a vossa miserável escrava! Por um lado vos escondíeis de mim. Por outro lado o vosso amor me punha em agonia de morte tão deliciosa, que dela jamais quisera sair.

9. Quem não tiver experimentado semelhantes ímpetos nunca os poderá entender. Não se trata aqui de certas palpitações do coração, nem de devoções sensíveis muito comuns, que parecem sufocar o espírito e transbordam no exterior. Isso é oração bem inferior. Convém evitar semelhantes emoções, procurando com suavidade recolher a alma interiormente e fazê-la calar, como se faz com as crianças, que têm um modo acelerado de chorar e parecem perder o fôlego. Dando-lhes de beber, logo se acalmam.

Assim em nosso caso: a razão trate de atalhar e de encolher as rédeas, porque a natureza pode intrometer-se aqui. Mude a consideração, introduzindo o temor de que nem tudo aquilo seja perfeito. Procede em grande parte da sensibilidade. Faça calar a alma, como se faz a uma criança, com um afago de amor que a incline a amar de modo suave, e não aos empurrões, como se costuma dizer.

Recolha o amor no íntimo. Não seja como a panela que ferve demasiadamente e se derrama, porque se pôs lenha em excesso. Modere a causa que ateou esse fogo e procure abrandá-lo com lágrimas suaves, e não amargas, como as que procedem de tais devoções sensíveis. Estas são muito prejudiciais. No início tive-as algumas vezes; deixavam-me com a cabeça oca e o espírito tão cansado, que por um dia e até mais tempo era incapaz de voltar à oração. Assim, pois, é necessário muita discrição no começo para que tudo seja com suavidade, e o espírito aprenda a agir interiormente, esforçando-se por evitar demonstrações exteriores.

10. Refiro-me agora aos outros ímpetos. São muito diferentes. Não pomos nós a lenha, Parece que subitamente acende-se o fogo e somos lançados nele para que nos queimemos. A alma não procura que lhe doa esta chaga da ausência do Senhor. É uma seta com a qual, de quando em quando, lhe atravessam o mais profundo das entranhas e do coração. Não sabe o que há de fazer nem querer. Tem certeza de buscar a Deus. A seta parece ervada, capaz de mover a alma a aborrecer-se a si por amor do Senhor e a sacrificar a vida de boa vontade por ele. Não se pode encarecer nem exprimir o modo com que Deus fere a alma. As chagas produzidas causam um tormento que põe a alma fora de si. Mas é dor tão saborosa, que não há prazer na vida que se lhe compare. A alma quereria, como disse, estar sempre morrendo desse mal.

11. Este pesar unido a tanta glória, trazia-me desatinada: não entendia como era aquilo. Que maravilha ver uma alma assim ferida! Sim, ela o entende, e declara-se ferida por uma tão excelente causa. Vê claramente que nada fez para que merecesse tal abrasamento. Aquela centelha que a abrasa parece que saltou do imenso amor que o Senhor lhe tem. Quantas vezes me recordo, quando assim estou ferida, daquele verso de Davi: *Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum!*<sup>[2]</sup> Julgo vê-lo ao pé da letra cumprido em mim!

12. Quando este transporte não ocorre com muito ímpeto, dir-se-ia que se aplaca, de certo modo, com algumas penitências. A alma busca por este meio algum remédio, não sabendo o que fazer. Não sente as penitências. Mesmo derramando sangue, não lhe doem. É como se o corpo estivesse morto. Busca meios e modos de fazer coisa que sinta, por amor de Deus. Mas é tão grande a primeira dor, que não conheço tormento corporal capaz de a tirar.

Como a solução não está nisto, tais remédios são demasiadamente baixos para tão elevado mal. O que o diminui e alivia um pouco é pedir a Deus solução. Nenhum remédio é mais desejado do que a morte, porque, por esse meio, espera regozijar-se plenamente do sumo Bem. Outras vezes este ímpeto ocorre com tamanha veemência, que não se consegue fazer coisa alguma. O corpo fica despedaçado, incapaz de mover os pés e os braços. Se está de pé, cai assentado como um objeto inanimado. Nem o peito pode respirar à vontade. Dá uns gemidos, baixinhos pela falta de forças, mas bem altos pelo sentimento.

13. Aprouve ao Senhor favorecer-me algumas vezes com esta visão. Via um anjo perto de mim, do lado esquerdo, sob forma corporal, o que não costumo ver senão muito raramente. Ainda que muitas vezes anjos me apareçam, não os vejo senão pelo modo que expliquei na visão passada, de que falei primeiro<sup>[3]</sup>.

Nesta visão o Senhor quis que assim o visse: não era grande, senão pequeno, formosíssimo, o rosto tão incendiado, que deveria ser dos anjos que servem muito próximo de Deus, que parecem abrasar-se todos, Presumo que seja dos chamados querubins, pois eles não me dizem seus nomes. Bem vejo que no céu há tanta diferença de uns anjos para outros, e destes para outros ainda, que não o saberia nomear.

Via-lhe nas mãos um comprido dardo de ouro. Na ponta de ferro julguei haver um pouco de fogo. Parecia algumas vezes metê-lo pelo meu coração a dentro, de modo que

chegava às entranhas. Ao tirá-lo tinha eu a impressão de que as levava consigo, deixando-me toda abrasada em grande amor de Deus. Era tão intensa a dor, que me fazia dar os gemidos de que falei. Essa dor imensa produz tão excessiva suavidade, que não se deseja o seu fim, nem a alma se contenta com menos do que com Deus. Não é dor corporal senão espiritual, ainda que o corpo não deixe de ter sua parte, e até bem grande. É um trato de amor tão suave entre a alma e Deus, que suplico à sua Bondade o dê a provar a quem pensar que minto.

14. Nos dias em que recebia esta graça, andava como fora de mim<sup>[4]</sup>. Quisera não ver, nem falar com pessoa alguma, senão ficar abraçada com o meu sofrer, que era para mim maior glória que todas as grandezas criadas. Isto me acontecia algumas vezes, quando aprouve ao Senhor que me acomessem arroubamentos tão grandes, que, ainda estando entre muitas pessoas, não podia resistir. Com bastante pesar meu começaram a ser divulgados.

Desde que os tenho, sinto menos o tormento a que me referi agora. Foi substituído por outro de que falei acima, não me recordo em que capítulo<sup>[5]</sup>, o qual é muito diferente em vários pontos e de maior valor. Ao começar esta dor de que falo agora, parece que o Senhor arrebatava a alma e a põe em êxtase. Não há ocasião de mágoa nem de padecer, porque logo vem o deleite. Seja bendito para sempre aquele que tantas graças faz a quem tão mal corresponde a seus grandes benefícios.

## CAPÍTULO 30

**Retoma o fio da narração de sua vida e conta como o Senhor a consolou em seus tormentos trazendo ao lugar onde ela estava frei Pedro de Alcântara, da ordem do glorioso são Francisco. Grandes tentações e sofrimentos interiores**

1. Vendo que praticamente nada conseguia fazer para impedir ímpetos tão grandes, comecei a temê-los. Não conseguia entender como sofrimento e contentamento podiam andar juntos. Dor corporal e alegria espiritual, sabia que era possível, mas tão excessiva pena espiritual e tão imenso gosto, eis o que me desatinava. Continuava ainda procurando resistir, mas conseguia tão pouco, que algumas vezes cansava. Amparava-me com a cruz e queria defender-me daquele que com ela nos amparou a todos. Via que ninguém me entendia. Isto era claro para mim, contudo, não ousava dizê-lo senão ao meu confessor. O contrário seria dar provas de não ter humildade.

2. Aprouve ao Senhor remediar grande parte de meu sofrimento, e mesmo todo por algum tempo, trazendo a este lugar o bendito frei Pedro de Alcântara, de quem já fiz menção e de cujas penitências dei alguma ideia<sup>[1]</sup>. Além disto, certificaram-se de que havia trazido durante vinte anos continuamente um cilício de folha de lata. É autor de uns opúsculos em castelhano sobre oração, agora bastante divulgados com grande proveito, tanto para os principiantes, como para os que estão exercitados na oração. Guardou a regra primitiva do bem-aventurado são Francisco em todo o seu rigor, e usou de asperezas das quais em parte já fiz menção.

3. A viúva, serva de Deus e minha amiga de quem falei, soube que tão eminente varão estava aqui. Conhecia minha necessidade, era testemunha de minhas aflições e consolava-me bastante. Sua grande fé não podia deixar de crer que fosse espírito de Deus aquilo que os demais atribuíam ao demônio. Como é pessoa muito discreta e de ótimo entendimento, a quem o Senhor fazia muitas graças na oração, Sua Majestade quis esclarecê-la para entender o que os doutos ignoravam.

Meus confessores davam-me licença para que me abrisse com ela contando-lhe algumas coisas, pois era digna de confiança. Cabia-lhe, algumas vezes, parte dos favores que o Senhor me concedia, com avisos muito proveitosos para sua alma. Sabendo que frei Pedro estava aqui, para maior facilidade, obteve licença do meu provincial, sem nada me dizer, para que eu passasse oito dias em sua casa. Aí e em algumas igrejas, falei a este santo muitas vezes na sua primeira vinda a Ávila, e depois em diversas ocasiões tive muita comunicação com ele.

Dei-lhe conta sumariamente da minha vida e de meu modo de proceder na oração, com a maior clareza que me foi possível. É sempre meu costume tratar com toda verdade com aqueles a quem comunico as coisas de minha alma. Quisera que até os primeiros movimentos lhe fossem conhecidos, assim como os casos apenas de dúvida e de suspeita. Chegava a dar-lhes argumentos contra mim. Assim, pois, sem duplicidade

nem dissimulação abri-lhe minha alma.

4. Quase às primeiras palavras, vi que me entendia por experiência. Era tudo o que eu precisava, porque não entendia como agora, nem tinha termos para me expressar. Só depois recebi de Deus o dom de compreender e explicar os favores que Sua Majestade me faz. Era, pois, necessário alguém que houvesse passado pelo mesmo, para me entender e declarar o que era. Deu-me grandíssima luz porque, até en-tão, as visões desprovidas de imagens constituíam para mim inexplicável mistério, e tão pouco entendia as que se manifestavam aos olhos apenas da alma. Só julgava dignas do apreço as que se percebem com os olhos corporais, e destas não tinha.

5. Deu-me o santo homem muita luz e explicou-me tudo. Disse-me que não me afligisse, antes louvasse a Deus e me convencesse de que era espírito de Deus, e que, afora as verdades da fé, não podia haver coisa mais certa e digna de ser crida. Consolava-se muito comigo e mostrava-me grande bondade e benevolência. Desde então sempre me testemunhou muita estima, pondo-me ao corrente de seus em-preendimentos e negócios.

Achou em mim, em estado de desejos, o que nele já eram obras. Alegrava-se de tratar comigo vendo-me com tanto ânimo, pois o Senhor me dava estes anseios muito decididos. É que, para uma alma elevada por Deus a este estado, não há prazer nem consolo que iguale ao de encontrar outra alma a quem lhe parece ter o Senhor concedido já um início do mesmo estado. Então não devia eu ter muito mais do que isso, segundo posso julgar. Praza ao Senhor o tenha agora!

6. Mostrou-me imensa compaixão. Disse-me que uma das maiores provações deste mundo é a contradição dos bons. Era o que eu havia padecido. Restava-me ainda muito a sofrer, porque minhas necessidades eram contínuas e não havia nesta cidade quem me entendesse. Prometeu-me falar ao que me confessava e a um dos que mais me faziam sofrer, que era o cavaleiro casado de quem fiz menção. Este, sentindo por mim grande amizade, era quem mais guerra me fazia. É alma temerosa e santa, e como, até bem pouco tempo, me via tão ruim, não se tranquilizava inteiramente. O santo varão fez como disse, e falou a ambos, dando-lhes razões e explicações para que se tranquilizassem e não me inquietassem mais. O confessor de pouco precisava. Mas o cavaleiro estava tão necessitado, que não bastou para sossegá-lo inteiramente, embora contribuísse para que não me assustasse tanto.

7. Ficou então combinado entre nós que daí em diante eu escreveria a frei Pedro o que me sucedesse, e mutuamente nos encomendaríamos muito a Deus. Era tanta a sua humildade, que fazia caso das orações desta miserável, o que me causava não pequena confusão. Deixou-me com imenso consolo e contentamento, mandando-me que continuasse a ter oração com toda segurança e não duvidasse de que tudo provinha de Deus. Desse parte ao confessor de qualquer dúvida que me ocorresse, e mesmo de tudo para maior segurança. E com isto vivesse tranquila.

Contudo eu não podia sentir essa total segurança sobre todos os pontos. O Senhor me levava pelo caminho do temor, e assim tornava a crer que era ação do demônio quando o afirmavam. O certo é que ninguém conseguia infundir-me nem temor nem tranquilidade. Não podia dar mais crédito além do que o Senhor punha em minha alma. Assim foi que,



embora este santo me tenha consolado e tranquilizado, não lhe dei tanta fé a ponto de ficar livre do temor, especialmente quando o Senhor me deixava nos sofrimentos interiores que agora direi. Contudo fiquei muito consolada. Não me cansava de dar graças a Deus e a meu glorioso pai são José, a quem muito me encomendava, assim como a nossa Senhora.

8. Acontecia-me algumas vezes e ainda agora me acontece, embora não com tanta frequência, sentir grandes padecimentos na alma e; ao mesmo tempo, tormentos e dores no corpo, tão violentos que não tinha alívio. Outras vezes eram males corporais mais graves, e não tendo os de alma passava-os com muita alegria. Quando, porém, tudo se juntava era tão grande o sofrimento, que me via no maior aperto. Esquecia todas as graças que o Senhor me havia feito. Só me restava uma vaga lembrança, como de coisa sonhada, para me causar pena. Ficava com a inteligência entorpecida, a ponto de andar com mil dúvidas e suspeitas, parecendo-me que não tinha entendido bem e que talvez fosse imaginação minha. Não me bastava andar eu enganada, sem enganar os bons? Sentia-me tão má, que todos os males e heresias que tem surgido me pareciam consequência de meus pecados.

9. Era falsa humildade, que o demônio incutia para me tirar a paz, com intento de levar minha alma ao desespero. Tenho tanta experiência que ele, vendo que o entendo, não me atormenta mais neste ponto como costumava. Vê-se isto claramente na inquietação e no desassossego com que começa, na agitação que produz na alma, todo o tempo que dura, e na obscuridade e aflição que deixa, juntamente com secura e má disposição para orar e fazer qualquer bem. Parece que sufoca a alma e ata o corpo, para impedir todo proveito.

Quando a humildade é verdadeira, conhecemos nossa maldade e temos pena ao ver o que somos. Lamentamos de maneira sincera nossa miséria. Contudo não produz inquietação, desassossego na alma, obscuridade, nem aridez. Pelo contrário, vêm com alegria, paz, suavidade e luz. A alma sente pena mas, por outra parte, sente conforto vendo quão grande favor Deus lhe faz em lhe dar aquele sentimento, e como é bem empregado. Causa-lhe pesar ter ofendido a Deus, mas ao mesmo tempo dilata-se com o pensamento de sua misericórdia. Tem luz para se confundir e para louvar a Sua Majestade que a suportou tanto.

Na humildade que vem do demônio, não há luz para bem algum. Parece que Deus leva tudo a fogo e a sangue. Só considera sua justiça. A alma conserva a fé, mas de maneira que não sente consolo. A vista de tanta misericórdia contribui para lhe aumentar o tormento, porque vê que está obrigada a maior gratidão.

10. É uma invenção do demônio, das mais penosas, sutis e dissimuladas de que tenho conhecimento. Quis avisar a Vossa Mercê para que, se for tentado deste modo, tenha alguma luz e o conheça, caso o inimigo lhe deixar o entendimento livre para o perceber. Não pense que isto dependa de estudos e do saber. A mim, embora tudo me falte, só vejo o desatino depois de passado. Entendo que o Senhor quer, permite e dá licença ao demônio, como lhe deu para que tentasse a Jó. Pela minha pouca virtude, não é com tanto rigor.

11. Aconteceu-me isto certa vez, bem me recordo, na antevéspera de Corpus Christi,

festa da qual sou devota, ainda que não tanto como fora justo. Durou apenas até o dia da festa. De outras vezes, dura oito, quinze dias, três semanas e não sei se mais. É especialmente durante as semanas santas, nas quais costumava ter muitas consolações na oração.

O inimigo de repente me distrai o espírito com coisas tão pueris, que em outra ocasião me riria delas. Faz-me andar por onde lhe apraz com grande perturbação. A alma fica ali prisioneira, não sendo senhora de si, sem poder pensar senão nos disparates que ele lhe sugere. São coisas sem importância, que não atam nem desatam. Ou antes servem apenas para oprimir de tal maneira que a alma fica fora de si. Tem-me acontecido, em tais casos, pensar que os demônios brincam de bola com a alma, sem que ela consiga livrar-se de seu poder.

Não há palavras para expressar o que se padece nestas ocasiões. A alma vai em busca de socorro, e Deus permite que não o ache. Só lhe resta a razão do livre arbítrio, mas obscurecida. Anda quase como de olhos vendados. É como uma pessoa que, tendo percorrido muitas vezes de dia um caminho, por ali passa de noite às escuras. Sabe onde pode tropeçar e assim se precavê dos perigos. É o que acontece aqui. Para não ofender a Deus, parece que se guia pelo costume. Deixemos de lado a contínua assistência do Senhor, que é sempre o principal.

12. Nestas ocasiões a fé está muito amortecida e sonolenta como todas as demais virtudes. Não está perdida, pois a alma crê no que a Igreja ensina. Faz atos vocalmente, mas por outro lado parece-lhe que a apertam e a entorpecem. Tem a impressão de conhecer a Deus vagamente. O amor está de tal modo túbio que, se ouve falar neste Senhor, aceita-o como doutrina que crê, porque a Igreja o ensina. Não lhe resta lembrança alguma do que experimentou em si. Rezar ou buscar solidão é afligir-se ainda mais.

O suplicio que sente, sem lhe saber a causa, é intolerável. A meu ver, é uma imagem tal e qual do inferno, que é realmente assim, segundo o Senhor me deu a entender numa visão. A alma queima-se dentro de si, sem saber por quem nem por onde lhe entra o fogo. Não tem meio de escapar dele, nem com que o apagar. Buscar remédio na leitura é como se não soubesse ler. Uma vez tentei ler a vida de um santo, para ver se conseguia embeber-me e consolar-me com o que padecera. Li quatro ou cinco vezes outras tantas linhas. Era em nossa língua. No fim entendia menos que no princípio, de modo que desisti. Aconteceu-me isto muitas vezes, mas desta me recordo particularmente.

13. Conversar com alguém é pior. O demônio incute espírito de ira tão desagradável, que dá ímpetos de comer todos, sem me poder dominar. Já é muito, creio, conter-me o Senhor quem segura com a sua mão a quem assim está para que não diga nem faça contra o próximo coisa que prejudique e ofenda a Deus.

Que fazer? Ir ao confessor? Verifiquei o seguinte: falavam-me e repreendiam-me com tal aspereza, que depois, quando eu lhes repetia suas palavras, eles mesmos se espantavam e diziam que não estava em suas mãos agir de outro modo. Com efeito, propunham firmemente não o fazer quando me vissem em semelhantes sofrimentos de corpo e de alma. Depois tinham pena e até escrúpulo. Determinavam consolar-me com

piedade, e não conseguiam cumprir. E são muito santos aqueles com os quais me tenho confessado ultimamente e ainda confesso.

Suas palavras não eram más, quero dizer, não chegavam a ser ofensa contra Deus. Contudo eram as mais ásperas que se possa imaginar num confessor. Provavelmente pretendiam mortificar-me. Em outras ocasiões, eu ficaria contente e teria paciência para o sofrer, mas então tudo era tormento para mim. Vinha-me receio de os estar iludindo. Ia ter com eles e avisava-os com muita sinceridade que se acautelassem comigo, que os poderia enganar. Bem via que advertidamente não seria capaz de o fazer, nem de lhes dizer mentira, mas tudo se convertia para mim em temor. Certa vez, entendendo a tentação, disse-me um confessor que não me afligisse. Ainda quando o quisesse enganar, tinha ele bastante juízo para não se deixar iludir. Deu-me isto muita consolação.

14. Algumas vezes e quase sempre — ao menos era o mais comum — eu reencontrava a paz depois de comungar. Não raramente aproximando-me do sacramento, no mesmo instante ficava tão boa de alma e de corpo que me espantava. Era como se num momento se dissipassem todas as trevas da alma, e raiasse o sol. Então eu reconhecia os disparate sem que tinha estado metida.

Outras vezes, como já contei, com uma só palavra que o Senhor me dizia, como esta: Não te aflijas, ou não tenhas medo, ou com alguma visão, ficava inteiramente sã, como se nada houvesse tido. Consolava-me então com Deus, queixava-me a ele, perguntava-lhe como consentia que eu padecesse tantos tormentos. Quase sempre vinham-me em seguida as graças em grande abundância. Tudo ficava bem pago. Tenho a impressão de que a alma sai do crisol, como o ouro, mais apurada e límpida para ver em si o Senhor. Assim é que de insuportáveis que pareciam, estes padecimentos tornavam-se pequenos. A alma quer tornar a padecê-los, se forem para a maior glória do Senhor. Por mais dolorosas que sejam as tribulações e perseguições, tudo é para maior proveito, se as passarmos não só sem ofender ao Senhor, senão com alegria de as padecer por ele. Quanto a mim, não as sofro como se deve sofrer. Sofro-as muito imperfeitamente.

15. De outras vezes vinham-me, e ainda vêm, padecimentos de outro gênero. Parece-me que me tira a possibilidade de pensar ou de desejar fazer coisa boa. Sinto o corpo e a alma totalmente inúteis e pesados. Contudo é sem essas tentações e desassossegos. Dá-me apenas um desgosto. Ignoro a causa. Nada me contenta. Procuo então aplicar-me quase por violência a boas obras exteriores para ter ocupação. Conheço então por experiência o pouco valor de uma alma quando a graça se esconde. Isto não me causava muito pesar, porque ver minha baixeza dava-me alguma satisfação.

16. Acontece, por vezes, achar-me de modo que sou incapaz de aplicar o pensamento em Deus, nem em coisa alguma boa, nem ter oração, mesmo estando em solidão. Mas sinto que conheço o Senhor. Quando isso ocorre, compreendo que o mal está no intelecto e na imaginação. A vontade parece-me boa e disposta para todo bem. O espírito é que está desvairado como um louco furioso. Ninguém consegue contê-lo. Não sou capaz de o aquietar senão durante o tempo de um Credo. Rio-me algumas vezes e conheço minha miséria. Ponho-me a olhá-lo, para ver até onde vai. Glória a Deus, nunca, nem por exceção, divaga em coisas que não sejam boas. São assuntos

indiferentes, como por exemplo, o que há por fazer aqui, ali ou acolá.

Então conheço melhor a grandíssima graça que o Senhor me faz quando mantém este louco atado em perfeita contemplação. Não sei o que seria se as pessoas que me têm em boa conta me vissem em tal desvario. Tenho lástima de ver a alma em tão má companhia. Desejo vê-la com liberdade, e assim digo ao Senhor: Quando, Deus meu, chegarei enfim a ver minha alma unida e entregue aos vossos louvores, de modo que todas as suas faculdades se regozijem em vós? Não permitais, Senhor, que ela seja assim despedaçada: parece-me ver os seus pedaços dispersos por todos os lados. Padeço isto com muita frequência.

Algumas vezes entendo que, em grande parte, é pela pouca saúde corporal. Recordo-me do prejuízo que nos causou o primeiro pecado e penso que daí nos veio o fato de sermos incapazes de nos regozijar de tanto bem sem estas vicissitudes. Em mim deve provir ainda de meus próprios pecados. Se eu não houvesse cometido tantos, teria mais constância no bem.

17. Passei também por outro grande sofrimento. Lendo livros que tratam de oração, parecia-me entendê-los achando que o Senhor já me havia concedido aquelas graças. Não sentia necessidade deles e por isso os deixava, preferindo ler vidas de santos. Ver-me tão longe de servir a Deus como eles serviam, dá-me ânimo e resulta para mim em grande proveito. Julgava, entretanto, pouca humildade pensar já ter chegado àquele grau de oração.

Como não podia deixar de pensar assim, ficava muito aflita, até que alguns teólogos e o bendito frei Pedro de Alcântara me disseram que não desse importância a tais pensamentos. Vejo que no serviço de Deus ainda nem principiei, porém, nos favores recebidos de Sua Majestade estou semelhante a muita gente boa. Sou a mesma imperfeição, a não ser nos desejos e no amor. Nisto, bem vejo, o Senhor me favoreceu para que o possa servir de algum modo. Creio que o amo, contudo, desconsolam-me as obras e as muitas imperfeições que vejo em mim.

18. Sinto, outras vezes, tal estupidez na alma — é a pura verdade, — parecendo-me que não faço bem nem mal. Ando atrás dos outros, como se costuma dizer, sem pena, sem glória, quer acerca da vida, quer acerca da morte, sem prazer, nem pesar, numa espécie de insensibilidade. Tenho a impressão de que a alma procede como um jumentinho que pasta e se sustenta porque lhe dão de comer. Come quase sem saber o que faz. Neste estado, a alma nutre-se com algumas grandes graças de Deus. Com efeito, em vida tão miserável não lhe pesa viver tolerando a vida com igual ânimo. Não sente movimentos nem efeitos que se manifestem.

19. Vem-me agora à ideia de que é semelhante a navegar com ventos serenos. Anda-se muito sem entender como. Nos outros estados de que falei, são tão grandes os efeitos que se vê a melhora imediatamente. Logo fervem os desejos e nada mais satisfaz a alma. Assim os grandes ímpetos de amor atuam naqueles aos quais Deus os dá. São como umas fontezinhas que tenho visto brotar e que nunca cessam de mover a areia para cima. Este exemplo ou comparação parece muito natural, e se enquadra bem com as almas que chegam aqui. O amor está sempre em borbotões e imaginando o que fará. Não cabe em

si, como na terra parece não caber aquela água. Vai sempre borbulhando. Assim está a alma frequentemente. Não sossega, nem cabe em si, com o amor que tem. Já está inundada. Como este amor não lhe faz falta, quisera que outros, bebessem para ajudá-la a louvar a Deus. Quantas vezes me recordo da água viva de que o Senhor falou à samaritana! É o que me faz ser muito afeiçoada a este evangelho. Já o era desde muito pequena. Certamente não entendia esta graça como agora. Suplicava muitas vezes ao Senhor que me desse daquela água. No aposento onde eu morava, tinha um quadro representando o Senhor junto ao poço, com este letreiro: *Domine, da mihi aquam*<sup>[2]</sup>.

20. É semelhante também a um grande fogo. Para que não diminua, é preciso constantemente alimentar as labaredas. Assim são as almas a que me refiro. Ainda que muito à sua custa, quereriam trazer lenha para que o incêndio não se apague. É tal minha miséria que me contentaria de ter só palhas para lançar nele. Assim me acontece algumas e muitas vezes. De umas, chego a rir, e de outras, muito me aflijo. Incita-me o movimento interior a fazer alguma obra. Não sendo capaz de outras maiores, ocupo-me em adornar as imagens com raminhos e flores, em varrer, em arrumar um oratório em outras coisinhas tão baixas, que sinto confusão.

Se fazia alguma penitência, era tudo tão pouco e de tal maneira, que, a não levar o Senhor em conta a boa vontade, eu mesma via que era sem valor algum, e ria de mim. Verdadeiramente as almas às quais Deus, por sua bondade, dá em abundância este fogo de seu amor, não sentem pouco quando lhes faltam forças corporais para fazerem por ele alguma coisa. É sofrimento bem grande. Faltam-lhe meios para lançar alguma lenha a este fogo. Está morrendo porque não a lançam. Parece-me que vão interiormente se consumindo e reduzindo a cinzas. Desfazem-se em lágrimas e abraçam-se ao mesmo tempo. Suplício intenso, embora saboroso.

21. Louve muitíssimo ao Senhor a alma que, tendo chegado a este ponto, recebe dele forças corporais para fazer penitência, ou ainda instrução, capacidade e liberdade para pregar, confessar e levar almas a Deus. Ela não saberá nem entenderá o valor dos bens que possui, se não tiver experiência do que é receber muito, e nada poder fazer no serviço do Senhor. Seja ele por tudo bendito e rendam-lhe glória os anjos. Amém.

22. Não sei se faço bem em escrever tantos detalhes. Como Vossa Mercê de novo me mandou dizer que não tivesse receio de me estender, e nada omitisse, vou referindo com clareza e verdade tudo que me vem à memória. É forçoso, porém, deixar muita coisa. Seria gastar mais tempo tendo eu tão pouco e, porventura, sem proveito algum.

## CAPÍTULO 31

**Algumas tentações exteriores, aparições e tormentos provenientes do demônio. Avisos para pessoas que seguem o caminho da perfeição**

1. Falei de algumas tentações e perturbações do demônio, interiores e secretas. Agora vou relatar outras quase públicas, em que sua presença não podia ser ignorada.
2. Estando certa vez num oratório, apareceu-me do lado esquerdo em abominável figura. Reparei especialmente na boca, porque falava; era horrível. Parecia também sair-lhe do corpo uma grande chama toda clara, sem qualquer sombra. Disse-me, de modo aterrador, que eu tinha escapado muito bem de suas mãos, porém, havia de recair nelas. Senti um verdadeiro pavor. Fiz o sinal da cruz como pude. Desapareceu, mas voltou logo. Isto aconteceu por duas vezes. Fiquei sem saber o que fazer. Tinha água benta à mão e lancei-a para seu lado. Não voltou mais.
3. Outra vez atormentou-me durante cinco horas, com dores tão terríveis e desassossego interior e exterior, que me parecia insuportável. Quando as dores e males do coração são intoleráveis, tenho por costume fazer atos interiores, conforme posso. Suplico a Deus, que se for do seu agrado, conceda-me paciência e deixe-me sofrer até o fim do mundo. Nesta ocasião, as irmãs que me assistiam ficaram espantadas e não sabiam a que recorrer, nem eu tinha poder para nada. Assim, vendo eu tão rigoroso padecer, buscava alívio fazendo atos e propósitos de resistir. O Senhor quis dar-me a entender que era arte do demônio. Percebi junto a mim um negrinho horroroso que rangia os dentes, como desesperado, vendo que, ao invés de ganhar, perdia. Quando o vi, comecei a rir e não tive medo. Havia comigo algumas pessoas estavam perplexas, sem achar solução para tanto tormento. Fazia-me bater com o corpo, a cabeça e os braços, sem poder resistir. O pior era o sofrimento interior, que de nenhum modo me permitia descansar. Eu não ousava pedir água benta, para não assustar as pessoas presentes nem dar a entender do que se tratava.
4. De muitos fatos cobre experiência de que não há coisa de que mais fujam os demônios do que água benta. E não voltam. Da cruz também fogem, mas retornam<sup>[1]</sup>. Deve ser grande o poder da água benta. Sinto particular e manifesta consolação quando a tomo. De fato, experimento quase sempre um alívio espiritual que não posso descrever. É como um prazer interior que me conforta toda a alma. Não é imaginação nem algo que me tenha ocorrido uma só vez. Venho reparando cuidadosamente: dá-se com frequência. Poderia compará-lo a alguém que, estando com muito calor e grande sede, bebesse um jarro de água fria. Todo o corpo se reanimaria. Penso nas grandezas de todas as instituições da Igreja. Alegro-me vendo a eficácia de suas palavras, que chegam a comunicar virtude à água, de modo que seja tão grande a diferença entre a que é benta e a que o não é.
5. Como, pois, não cessava o tormento, disse às que me rodeavam: caso não

gracejassem pediria água benta. Trouxeram-na e aspergiram-me com ela, mas sem resultado. Tomei-a eu e lancei-a para o lugar onde estava o demônio, que imediatamente fugiu, ficando eu livre de todo mal, como se o houvessem tirado com a mão. Fiquei apenas cansada como quem recebera muitas pauladas. Causou-me grande proveito ver que, se este inimigo faz tanto mal quando o Senhor lhe dá licença, não tendo ainda poder sobre o corpo e a alma, que fará quando os possuir definitivamente? Deu-me novo desejo de evitar tão má companhia.

6. Em outra ocasião, há pouco tempo, sucedeu o mesmo encontrando-me a sós. Não durou muito. Pedi água benta, e as que entraram depois de se terem ido os demônios, sentiram um cheiro horrível, como de enxofre. Eram duas monjas bem dignas de fé, que de nenhum modo seriam capazes de mentir. Quanto a mim, não o senti, mas durou tanto, que pôde ser verificado.

De outra vez, estando no coro, fiquei profundamente recolhida. Saí para que não percebessem. Pouco depois todas ouviram rijas pancadas no lugar para onde eu me retirara. Ouvi falarem junto de mim, ainda que só escutasse vozes grossas. Pareciam organizar alguma conspiração. Mas eu estava tão embebida em oração, que nada entendi, nem tive medo algum.

Isto sempre acontecia quando o Senhor desejava que, por meu intermédio, alguma alma tirasse proveito. Um fato muito notável que me aconteceu é o que agora direi. Há muitas testemunhas, em particular meu atual confessor, que o viu relatado numa carta. Não lhe disse de quem era esta, mas ele entendeu perfeitamente.

7. Veio ter comigo uma pessoa que havia dois anos e meio vivia num pecado mortal dos mais abomináveis que já ouvi. Durante todo esse tempo não o confessava, nem se emendava, e dizia missa. Na confissão, acusava-se de seus outros pecados. Quanto a este, alegava que não podia confessar algo tão feio. Tinha grande desejo de sair desse estado, contudo, não se podia vencer. Causou-me grande lástima e senti muita pena ao saber que se ofendia a Deus de tal maneira. Prometi rogar ao Senhor por sua conversão, e pedi a outras pessoas, melhores do que eu, que fizessem o mesmo. Escrevi a este sacerdote por um mensageiro ao qual ele me dissera que podia entregar as cartas.

O fato é que, logo à primeira carta, ele se confessou. Assim quis Deus usar de misericórdia com essa alma, em atenção às preces de numerosas pessoas muito santas às quais a encomendei. Eu, ainda que miserável, fazia o que estava em minhas mãos. Escreveu-me que tinha melhorado bastante. Havia alguns dias abstinha-se do pecado, mas era tão grande o tormento das tentações, que lhe parecia estar no inferno, pelo muito que sofria. Pedia-me que intercedesse por ele junto a Deus. Tornei a encomendá-lo às minhas irmãs, que levaram muito a sério, e por suas orações obtiveram a graça. Era uma pessoa da qual ninguém podia suspeitar. Implorei a Sua Majestade que pusesse fim àqueles tormentos e tentações, e que os demônios voltassem contra mim seus assaltos, contanto que eu não ofendesse a Deus. O resultado foi que passei um mês em grandes tribulações. Justamente nessa ocasião ocorreram os dois fatos acima descritos.

8. Foi o Senhor servido de que ficasse em paz aquela alma. Assim me escreveram, tendo-lhe eu dado conta do que sofrera naquele mês. Cobrou forças espirituais, ficando

inteiramente livre. Não se cansava de dar graças ao Senhor e a mim, como se eu houvesse feito alguma coisa. O crédito que eu já tinha, de que o Senhor me fazia favores, infundira-lhe confiança. Quando se via muito apertado, contou que lia minhas cartas e ficava livre da tentação. Ficou espantado de ver o que eu havia padecido enquanto ele ficara livre. Não foi menor o meu espanto, e sofreria muitos anos para salvar aquela alma. Seja por tudo o Senhor louvado! Na verdade pode muito a oração dos que o servem, como são, a meu ver, as irmãs desta casa. Os demônios se indignaram ainda mais contra mim, vendo que eu as estimulava. O Senhor, também, por meus pecados, o permitia.

9. Uma noite, pensei que me iam estrangular. Lançamos muita água benta, e vi grande multidão deles fugindo como quem se vai despenhando. São inúmeras as vezes que esses malditos me atormentam, porém, não tenho medo algum, sabendo que nem se podem mover se o Senhor não lhes dá licença. Cansaria a Vossa Mercê e a mim se fosse mencionar todos os detalhes.

10. Seja isto útil para o verdadeiro servo de Deus, que assim desprezará esses espantalhos inventados pelos demônios para nos causar temor. É bom notar que perdem as forças quando são desprezados e a alma se torna muito mais poderosa. Sempre resulta algum proveito considerável, que não comento para não me estender.

Só narrarei o seguinte fato, sucedido numa noite de Finados. Encontrava-me num oratório rezando um noturno. Dizia umas orações muito devotas que temos no fim de nosso breviário, quando, de repente, o demônio se põe sobre o livro para me impedir de acabar a oração. Fiz o sinal da cruz e desapareceu. Recomecei e logo voltou. O mesmo aconteceu por três vezes, se não me engano. Enquanto não joguei água benta, não pude terminar. Mal acabei, vi que saíram do purgatório algumas almas. Certamente faltava pouco para completarem sua expiação. Pensei que o propósito do demônio seria provavelmente retardar a libertação delas. Raras vezes o tenho visto em forma corporal. Percebo, todavia, sua presença pelo modo de visão que descrevi anteriormente, no qual não há forma sensível.

11. Quero também relatar outro caso, porque me deixou apavorada. No dia da santíssima Trindade, estando completamente arrebatada no coro de certo mosteiro, vi uma grande batalha de demônios contra anjos. Não podia entender o que a visão significava. Em menos de quinze dias compreendi: houve uma desavença entre algumas pessoas de oração e outras muitas que o não eram, e da qual resultou bastante dano à referida casa. Durou muito tempo causando grande transtorno.

Outras vezes os via, rodeando-me em densa multidão. Da mesma forma, parecia-me estar envolvida numa grande claridade que os impedia de se aproximarem. Entendi que Deus me guardava para não me atingirem de modo a ofendê-lo. Por várias circunstâncias e em diversas ocasiões, observei como esta visão era real. O fato é que já compreendi perfeitamente quão pequeno é o poder dos demônios contra mim se eu mesma não for contra Deus. Por isso quase não os temo. De nada valem suas forças, a menos que vejam almas covardes que abandonam a luta. Aqui mostram eles sua tirania.

Algumas vezes sentia-me perseguida pela tentação de que falei. Todas as vaidades e



fraquezas dos tempos passados reviviam dentro de mim. Precisava muito encomendar-me a Deus. E fui assaltada por outro pensamento: a suspeita de que tudo em mim devia ter origem diabólica, uma vez que me sobrevinham tais lembranças. Afinal, o confessor tranquilizou-me. É que eu supunha que nem sombra de mau pensamento poderia ter quem recebia tantas graças do Senhor.

12. Em outras ocasiões, não pouco me atormentava, e ainda agora me atormenta, ver que muitos me apreciam e dizem bem de mim, especialmente pessoas importantes. Neste ponto sofri bastante e continuo sofrendo. Olho imediatamente para a vida de Cristo e dos santos. Tenho a impressão de seguir o caminho oposto. Eles não acharam senão desprezo e injúrias. Isto me faz andar temerosa. Quase não ousa levantar a cabeça, e não desejo dar mostras do que na realidade não faço. Ao contrário, quando sofro perseguições, o espírito se torna forte — embora o corpo ressinta, e eu também me aflija. Não sei como pode ser isto. Mas é verdade que a alma então parece estar em seu reino, trazendo todas as coisas debaixo dos pés. Tais sentimentos ocorriam-me de vez em quando, ou mesmo durante vários dias. Era, a meu ver, um sinal de virtude e humildade, mas agora compreendo claramente a tentação. Um religioso dominicano, grande teólogo, esclareceu-me. Quando me vinha à memória que essas dádivas que o Senhor me fez viriam ao conhecimento do público, era tão excessiva a angústia, que muito perturbava a alma. Chegou a tal ponto que, ao imaginá-lo, me parecia preferível ser enterrada viva. Logo que iniciaram os grandes recolhimentos e arroubamentos, aos quais não podia resistir, mesmo em público, ficava depois coberta de vergonha, e não queria aparecer onde alguém me visse.

13. Estando, em certa ocasião, muito aflita com isto, o Senhor me perguntou por que razão temia. Só poderia haver duas saídas: ou murmurariam de mim, ou louvariam a ele. Deu-me a entender que uns dariam crédito e o louvariam, enquanto outros seriam incrédulos e condenar-me-iam sem culpa. Em ambos os casos, porém, eu sairia lucrando e portanto, não me devia preocupar. Estas palavras me acalmaram e ainda me consolam quando me vêm à memória.

Chegou a tal extremo a tentação, que desejei sair daqui e levar meu dote para outro mosteiro de clausura muito mais estreita do que o meu e de cujos rigores tinha ouvido falar. Era também da minha Ordem e muito distante. Ficaria consolada de ir para longe e viver onde ninguém me conhecesse. Mas o confessor nunca permitiu.

14. Esses temores tiravam muito a liberdade de espírito. Depois entendi que essa não era verdadeira humildade, pois tanto me afligia. O Senhor me ensinou esta realidade: se eu estivesse convencida e certa de que nenhum bem era meu, senão de Deus, não me pesaria de que ele manifestasse em mim suas obras. Pois não me entristecia ouvindo elogiar a outras pessoas; antes, me consolava e folgava muito de ver que nelas a divina Bondade se ostentava.

15. Caí, da mesma forma, em outro exagero. Suplicava particularmente a Deus que revelasse meus pecados a quem pensasse bem de mim, mostrando que me concedia seus favores, sem merecimento algum de minha parte. Tenho sempre muito vivo este desejo. Meu confessor ordenou-me que não fizesse tal pedido. Mas até pouco tempo quando via

alguém pensar bem de mim, fazia rodeios ou, como podia, dava-lhe a entender meus pecados. Com isto, de certo modo, ficava aliviada, mas tornei-me bastante escrupulosa neste ponto.

16. Hoje compreendo que todas estas coisas procediam não de humildade, mas de uma tentação que originava muitas outras. Parecia-me trazer a todos enganados. É verdade que pensam haver algum bem em mim, contudo, não é meu desejo enganá-los e jamais pretendi tal coisa. É o Senhor que para algum fim o permite.

Mesmo com os diretores, nunca tratei do assunto a não ser em caso de necessidade, e teria grande escrúpulo de o fazer. Vejo agora que esses temorezinhos, esses desgostos e sombras de humildade provinham dos meus defeitos e da minha imortificação. Uma alma inteiramente abandonada nas mãos de Deus, é tão indiferente ao mal como ao bem que dela se diz, quando o Senhor lhe faz a graça de compreender claramente que nada tem por si mesma. Confie naquele que lhe dá tantos benefícios; saberá, no futuro, o motivo pelo qual os revela. Prepare-se para a perseguição, que nos tempos atuais é certa, quando o Senhor dá a entender que faz a alguma pessoa semelhantes dádivas. Há mil olhos para uma destas almas, ao passo que para mil almas de outro feitio não há um só.

17. Na verdade, não há pouca razão de temer. Daí vinha em parte meu receio. Não era humildade, e sim fraqueza. Com efeito, a alma que, por permissão de Deus, se torna alvo dos olhos de todos, pode aparelhar-se para ser mártir do mundo. Se não quiser morrer a ele, o próprio mundo lhe dará a morte. Nele não vejo coisa que pareça louvável, exceto que não percebe faltas nos bons sem pretender corrigi-las a poder de murmurações. Digo, quem ainda não está perfeito precisa de mais coragem para andar no caminho da perfeição do que para sacrificar a vida, num instante, pelo martírio. É que a perfeição não se alcança depressa, a menos que o Senhor conceda esta graça, por um privilégio especial.

Vendo alguém principiar, o mundo exige logo a perfeição. A mil léguas de distância descobre uma falta que, porventura, é virtude. Quem condena, em geral, faz o mesmo e ainda por vício; mas julga o outro por si. Não lhe dá licença para comer, nem dormir, nem respirar, como se costuma dizer. Quanto mais o tem em boa conta, mais parece olvidar que ainda está em corpo mortal e que, por perfeita que se considere a alma, vive sujeita a muitas misérias da terra, embora a tenha debaixo dos pés.

Em suma, é como digo: requer-se grande ânimo. A pobre alma ainda não começou a andar e querem que voe. Ainda não dominou as paixões, e exigem que nas ocasiões perigosas esteja tão perfeita como se lê nos santos confirmados em graça. É para louvar a Deus a guerra que sofre, ou antes, é de cortar o coração. Muitas almas recuam, pobrezinhas! por não saberem defender-se. Assim teria acontecido com a minha, se o Senhor misericordiosamente não tivesse realizado tanto de sua parte. Com efeito, Vossa Mercê bem sabe que minha vida foi um contínuo cair e levantar até que Sua Majestade tomou tudo a seu cargo.

18. Quisera saber explicá-lo. Creio que muitas almas se enganam pretendendo voar antes que o Senhor lhes dê asas. Tenho ideia de que empreguei uma vez esta comparação, mas calha bem neste lugar. Insisto no assunto, porque conheço pessoas cuja aflição provém

disso. Principiam com grandes desejos, fervor e determinação de progredir na virtude. Algumas, inclusive quanto ao exterior, deixam tudo por Deus. Entretanto, ficam desconsoladas quando veem nas outras, mais adiantadas, grandes obras de virtude, dadas pelo Senhor, e que não podemos adquirir por nós mesmos. Ou quando, nos tratados de oração e contemplação, leem certas coisas que devemos fazer para subir a tal dignidade e não conseguem logo pôr em prática.

São ensinamentos como estes: não nos importarmos se falarem mal de nós, antes sentirmos maior alegria do que quando dizem bem; desprezar a honra; levar o desapego dos parentes ao ponto de não querer tratar com eles se não têm oração; sentir cansaço com sua convivência; e muitas outras coisas deste gênero, que são, a meu ver, dons de Deus e bens claramente sobrenaturais, contrários à nossa inclinação natural. Não se aflijam. Ponham no Senhor sua esperança. Se perseverarem na oração e fizerem tudo quanto estiver a seu alcance, Sua Majestade lhes obterá que pratiquem o que desejam. É muito necessário para esta nossa frágil natureza ter grande confiança e não desanimar, nem perder a convicção de que, esforçando-nos, chegaremos à vitória.

19. Tenho muita experiência nesta matéria; portanto direi alguma coisa para aviso de Vossa Mercê. Não creia ter adquirido uma virtude, sem antes experimentá-la pelo seu contrário. Sempre havemos de andar cautelosos enquanto vivemos, sem nos descuidarmos. Com muita facilidade ficamos apegados, se, como digo, não nos foi dada plenamente a graça de entender quão pouco valem todas as coisas. Nesta vida, por mais que se receba, nada existe sem muitos perigos.

Alguns anos atrás, pensava estar muito desapegada de meus parentes, que até me cansavam. Realmente, sentia-me enfastiada com sua conversação. Sobreveio certo negócio de bastante importância e fui obrigada a permanecer com uma das minhas irmãs, a quem antes devotava grande afeição. As conversas que tínhamos juntas não me agradavam, devido às nossas diferentes condições. Ela, embora melhor do que eu, estava casada. Assim, nem sempre podíamos falar dos meus assuntos preferidos. Conservei-me sozinha o mais que pude. Reparei, todavia, que suas tribulações me causavam muito mais pena que as do próximo, e até alguma preocupação. Em suma, descobri que não estava tão livre quanto imaginava, e ainda precisava fugir das ocasiões para que em mim crescesse a virtude que o Senhor começara a implantar. É o que, desde então, com seu auxílio, tenho procurado fazer.

20. Convém ter qualquer virtude em muito apreço, quando o Senhor a vai concedendo, e de maneira alguma correr o risco de perdê-la. Refiro-me a coisas que atingem a reputação, e a muitas outras, pois creia Vossa Mercê que nem todos os que nos julgamos desapegados de tudo, o estamos realmente. É necessário jamais nos descuidarmos neste ponto. Qualquer pessoa que se veja presa a algum ponto de honra, creia-me, combata este apego, se quiser progredir na virtude. É uma cadeia que nenhuma lima consegue quebrar. Só Deus a despedaça, e com muitos esforços e orações da nossa parte. É um obstáculo no caminho, e fico admirada com o mal que faz.

Noto algumas pessoas, santas em suas obras, e que as realizam tão grandes a ponto de causar admiração a todos. Valha-me Deus! Por que uma alma destas ainda se

encontra na terra? Como não atingiu o cume da perfeição? Que é isto? Que dificuldade existe para quem tanto faz por Deus? É que está presa a um ponto de honra! O pior é que não quer admitir que o tem e, por vezes o demônio convence-a de que está obrigada a conservá-lo.

21. Creia-me, por amor do Senhor, creiam nesta formiguinha que ele quer que fale. Esse defeito, se o não tirarem, será semelhante a uma lagarta: não estragará, talvez, toda a árvore. Algumas virtudes restarão, mas todas carcomidas. A árvore não será frondosa, não se desenvolverá, nem permitirá que se desenvolvam as suas vizinhas. A fruta de bom exemplo que produz não é sã: dura pouco. Costumo dizer que, por mínimo que seja o ponto de honra, é como um trecho ou compasso errado no canto acompanhado de órgão. Põe dissonância em toda a música. É coisa que prejudica extremamente às almas, porém, no caminho da oração é peste.

22. Procuras unir-te a Deus. Pretendes seguir os conselhos do Cristo carregado de injúrias e de falsos testemunhos, e desejas guardar intactos o crédito e a honra? Não é possível chegar lá. Os caminhos são opostos. O Senhor só se aproxima da alma, quando nos esforçamos e procuramos renunciar ao nosso direito em muitas coisas. Mas, dirá alguém, não tenho motivos de agir assim, nem se apresentam as oportunidades. Creio que, mantendo aquela determinação, o Senhor não permitirá que perca tão grande bem. Sua Majestade proporcionará tantas ocasiões de adquirir esta virtude, que lhe parecerão até demasiadas. Mãos à obra!

23. Quero contar as ninharias e bagatelas, ao menos algumas, em que me exercitava quando comecei. São as palhinhas que lanço ao fogo, como disse, pois não sou capaz de maiores obras. O Senhor tudo aceita! Bendito seja eternamente.

Entre minhas faltas, tinha a de não conhecer bem a reza do breviário, as cerimônias do coro e o modo de officiar. Isto simplesmente por viver descuidada e metida em muitas vaidades. Reparava que outras irmãs, ainda noviças, podiam ensinar-me. Todavia não as consultava para que não ficassem sabendo de minha ignorância. Ocorria logo a ideia do bom exemplo. É o que costuma acontecer. No entanto Deus me abriu um pouco os olhos, e ainda mesmo sabendo, surgindo a menor dúvida interrogava as meninas. Não perdi nem honra nem crédito, antes quis o Senhor dar-me daí em diante mais memória.

Não sabia cantar direito e, se não tinha estudado o que me encomendavam, sentia-o tanto que, de puro amor-próprio, me perturbava ao extremo e cantava ainda muito pior do que sabia. Não que fizesse falta diante de Deus, pois isto seria virtude, mas por causa das pessoas que me ouviam. Resolvi confessar minha ignorância sempre que não estivesse bem certa. No princípio custava bastante. Depois já o fazia com prazer. Assim, desde que comecei a não me importar de ver percebida minha incapacidade, fiquei cantando muito melhor. Era a falsa honra, que cada um põe onde mais lhe convém. Eu a punha nessas coisas e ela me impedia de fazê-las bem.

24. Achava dificuldade nestas ninharias, que em si nada são e menos que nada. Com elas, pouco a pouco nos acostumamos a praticar atos de virtude. Exercitando-nos nessas pequeninas coisas, às quais Deus dá valor quando feitas por seu amor, com o auxílio divino, passamos a coisas maiores.

Em matéria de humildade, por exemplo, vendo todas progredirem na virtude menos eu, que nunca prestei para nada, à saída do coro comecei a recolher e dobrar todas as capas das irmãs. Parecia-me servir àqueles anjos que ali louvavam a Deus. Não sei como, vieram a descobrir, o que me deixou bastante confusa. Minha virtude não era firme a ponto de suportar que se revelassem tais coisas. Não por humildade, provavelmente, mas para que não rissem de mim à vista desses nada.

25. Ó Senhor meu, que vergonha é ver tantas maldades e contar uns grãosinhos da areia que só se erguiam da terra no vosso serviço, envoltos em mil misérias! As águas de vossa graça ainda não brotavam debaixo dessas areias, de modo a levantá-las. Ó Criador meu, quando relato as grandes dádivas que tenho recebido de vós, quem me dera ter algum serviço valioso para assinalar, no meio de tantos males! O fato é, Senhor meu, que não sei como o meu coração pode suportá-lo, nem como poderá deixar de aborrecer-me quem ler isto, ao ver que, as imensas graças foram tão mal correspondidas, e não tenho vergonha de contar estes serviços, miseráveis como tudo que vem de mim.

Sim, tenho vergonha, Senhor meu, de narrar atos de virtude tão pequeninos! É na falta de melhor. Servirá unicamente para dar coragem aos que fazem grandes obras, mostrando o prêmio que podem esperar de vós, se tanto recompensais os meus. Praza a Sua Majestade dar-me graça para que eu não fique só nos primeiros passos. Amém.

## IV PARTE

## CAPÍTULO 32

**Aprouve ao Senhor transportá-la em espírito ao lugar do inferno que por seus pecados tinha merecido<sup>[1]</sup>. Dá uma ideia do que viu. Começa a narrar o modo como se fundou o mosteiro de São José, onde agora se encontra**

1. Havia muito tempo que o Senhor me fazia muitas graças já referidas e outras ainda maiores, quando um dia, estando em oração, achei-me subitamente, ao que me parecia, metida corpo e alma no inferno. Entendi que o Senhor queria fazer-me ver o lugar que os demônios aí me haviam preparado, e eu merecera por meus pecados. Durou brevíssimo tempo. Contudo ainda que vivesse muitos anos, acho impossível esquecê-lo. A entrada pareceu-me um túnel longo e estreito, semelhante a um forno muito baixo, escuro e apertado. O chão tinha aparência de uma água, ou antes, de um lodo sujíssimo e de odor pestilencial, cheio de répteis venenosos. No fundo havia uma concavidade aberta numa parede, como um armário, onde me vi, encerrada de maneira muito apertada. Tudo isto era agradável em comparação do que ali senti. O que escrevo está muito longe da verdade.

2. O tormento interior é tal, que não há palavras para o definir, nem se entende como é realmente. Na alma senti tal fogo, que não tenho capacidade para o descrever. No corpo eram incomparáveis as dores. Tenho passado nesta vida dores gravíssimas. No dizer dos médicos são as maiores que se podem sofrer, como, por exemplo, quando se encolheram todos os meus nervos, e fiquei tolhida. Já não falo de outras muitas dores de diversos gêneros e até algumas causadas pelo demônio. Posso afirmar que tudo foi nada em comparação do que ali experimentei.

O pior era saber que seria sem fim, sem jamais cessar. Sim, repito, tudo mais pode chamar-se nada em relação ao agonizar da alma: é um aperto, um afogamento, uma aflição tão intensa, e acompanhada de uma tristeza tão desesperada e pungente, que não sei como posso explicar semelhante estado! Compará-lo à sensação de que vos estão sempre a arrancar a alma, é pouco. Em tal caso, seria como se alguém nos acabasse com a vida. Aqui é a própria alma que se despedaça. O fato é que não sei como descrever aquele fogo interior e aquele desespero que se sobrepõem a tão grandes tormentos. Eu não via quem os provocava, mas sentia-me queimar e retalhar. Piores, repito, são aquele fogo e aquele desespero que me consumiam interiormente.

3. Em lugar tão pestilencial, sem esperar consolo, é impossível sentar-se, ou deitar-se, nem há espaço para tal. Puseram-me numa espécie de fenda cavada na muralha. As próprias paredes, espantosas à vista, oprimem, e tudo ali sufoca. Por toda parte trevas escuríssimas. Não há luz. Não entendo como, sem claridade, se enxerga tudo, causando dor nos olhos. Nesta ocasião o Senhor não quis que eu visse mais de tudo aquilo que há no inferno.

Em outra visão, vi coisas horripilantes acerca do castigo de alguns vícios. Pareceram

muito mais horrorosas à vista. Como não sentia a pena, não me causaram tanto temor como na primeira visão, na qual o Senhor quis que eu verdadeiramente sentisse aquelas torturas e aquela aflição de espírito como se o corpo as estivesse padecendo. Como foi isso, não sei, mas bem entendi ser grande graça do Senhor querer que eu visse, com meus olhos, de onde sua misericórdia me havia livrado.

Verdadeiramente é nada ouvir discorrer, ou ainda meditar, sobre a diversidade dos tormentos, como eu de outras vezes havia feito, embora raramente. A feição de minha alma não é ser levada pelo temor. Lia que os demônios atenazam as almas e lhes infligem outros suplícios. Tudo é nada a respeito da verdadeira pena, que é muito diferente. Numa palavra, é tão diferente quanto o esboço o é da realidade. Queimar-se aqui na terra é sofrimento muito leve em comparação com aquele fogo de lá.

4. Fiquei tão aterrorizada, e ainda agora o estou enquanto escrevo, apesar de terem decorrido quase seis anos. De tanto temor, tenho a impressão de ficar gelada. Desde então, ao que me recordo, cada vez que tenho sofrimentos ou dores, tudo o que se pode passar na terra, me parece nada. Penso que em parte nos queixamos sem motivo. Foi esta, repito, uma das maiores graças que o Senhor me fez. Valeu-me imensamente, quer para perder o medo quanto às tribulações e contradições desta vida, quer para me esforçar em padecê-las e a dar graças ao Senhor, por me ter livrado, ao que agora me parece, de males tão perpétuos e terríveis.

5. Desde então, tudo me parece fácil comparado a sofrer um momento o que lá padeci. Admiro-me de como, havendo lido muitas vezes livros nos quais se dá alguma ideia das penas do inferno, não as temesse, nem as levasse muito em consideração. Onde estava eu? Como podia achar descanso em caminho que conduzia a tão mau lugar? Sede bendito, Deus meu, para sempre! E como deixastes ver que me amáveis muito mais do que eu a mim mesma! Quantas vezes, Senhor, me livrastes de tão tenebroso cárcere e como eu tornava a meter-me nele contra vossa vontade!

6. Senti imensa compaixão vendo tantas almas que se condenam, especialmente desses luteranos, que já pelo batismo eram filhos da Igreja. Daí também me vieram fortes ímpetos de salvar almas. Padeceria mil mortes de muito boa vontade, para livrar ainda uma só alma de tão grandes tormentos. Vendo aqui na terra uma pessoa a quem amamos metida em grandes sofrimentos ou dores, nossa própria natureza nos move à compaixão. Quanto maior o seu padecimento, mais nos afligimos. Que será ver uma alma, sem esperança de fim, imersa no sofrimento que é o auge dos sofrimentos? Quem poderá suportar? Não há coração que o pondere sem grande lástima. Com efeito, se aqui na terra nos movemos a tanta compaixão, não sei como podemos sossegar à lembrança desse outro mal que não acaba! E vemos tantas almas que o demônio cada dia arrasta consigo.

7. Isto igualmente me faz desejar que, em matéria que tanto nos importa, não nos contentemos, enquanto não tivermos feito tudo que estiver ao nosso alcance para livrá-las. Praza ao Senhor, seja servido de nos dar graça para isto! Faço ainda esta consideração: embora tão perversa como sou, eu vivia com algum cuidado de servir a Deus. Não fazia certas coisas que se fazem no mundo como quem bebe um copo de



água. Afinal de contas, padecia graves enfermidades e com muita paciência concedida pelo Senhor. Não era inclinada a murmurar, nem a falar mal do próximo, nem capaz de querer mal a pessoa alguma. Não tinha cobiça, nem ao que me lembro, jamais tive inveja, de modo a ser ofensa grave ao Senhor. Possuía ainda outras boas qualidades. Em-bora tão ruim, sentia quase sempre o temor de Deus. Entretanto vi a morada que os demônios já tinham preparado para mim!

Verdade é que, pelas culpas, ainda me parecia merecer maior castigo. Digo, contudo, que era terrível tormento. É perigoso contentarmo-nos com pouco. Sobretudo não sei como a alma que anda caindo a cada passo em pecado mortal pode ter sossego ou satisfação. Por amor de Deus, fujamos das ocasiões. O Senhor virá em nosso auxílio, como fez comigo. Praza a Sua Majestade não me largar de sua mão, de modo que eu torne a cair. Já vi onde irei parar. Não o permita o Senhor, por quem Sua Majestade é. Amém.

8. Depois de ter visto estas e outras grandes coisas, os segredos da glória futura dos bons e o sofrimento dos maus, que o Senhor só por sua bondade quis mostrar-me, eu desejava um modo e uma ocasião de fazer penitência de tanto mal e merecer um pouquinho para granjear tanto bem. Desejava fugir de todo relacionamento com as criaturas e, uma vez por todas, afastar-me totalmente do mundo. Meu espírito não sossegava. Não era inquietação, era um estado delicioso. Bem via ser dádiva de Deus e calor concedido por Sua Majestade à alma para saborear outros manjares mais suculentos do que até agora tivera.

9. Pondo-me a imaginar o que poderia fazer por Deus, convenci-me de que a primeira coisa era seguir o que Sua Majestade tivera em vista quando me chamou à vida religiosa, e guardar minha Regra com a maior perfeição possível. No mosteiro em que eu estava, havia muitas servas de Deus e nele o Senhor era bem servido. Mas em razão da grande penúria, as monjas saíam frequentemente e passavam tempo sem lugares onde podiam ficar com toda honestidade e religião. Além disso, a Regra não fora estabelecida nem era observada em seu primitivo rigor, senão de acordo com a Bula de Mitigação<sup>[2]</sup>, como, aliás, em toda a Ordem. Havia ainda outros inconvenientes, e parecia-me demasiado o bem-estar por ser a casa grande e confortável.

O pior para mim eram as saídas. Eu saía muito. Algumas pessoas, às quais os prelados não podiam discontentar, gostavam de me ter em sua companhia. Importunavam os prelados e eles ordenavam que eu fosse. O resultado seria, segundo se iam encaminhando as coisas, que eu pouco poderia estar no mosteiro. Em parte devia ser astúcia do demônio para não me deixar em casa. É que eu comunicava a algumas das irmãs o que meus confessores me ensinavam e era grande o proveito.

10. Aconteceu uma vez, estar na companhia de várias pessoas. Uma delas perguntou a mim e às outras, por que não seríamos monjas à maneira das descalças?<sup>[3]</sup> Acrescentou que seria bem possível fundar um mosteiro. Como eu já andava com esses desejos, comecei a tratar da fundação com aquela senhora viúva, minha companheira<sup>[4]</sup>, que também suspirava pelo mesmo. Ela se pôs a traçar planos para obter rendimen-tos, e

agora vejo que não eram realizáveis. Mas então, com o desejo que tínhamos, tudo nos parecia possível. Da minha parte, ainda não estava bem resolvida. Sentia-me imensamente feliz no mosteiro em que estava. Com efeito, tanto a casa como a cela eram muito do meu gosto. Combinamos, contudo, encomendar fervorosamente o caso a Deus.

11. Um dia, depois da comunhão, Sua Majestade me mandou expressamente que trabalhasse nessa empresa com todas as minhas forças. Fez grandes promessas de que não se deixaria de fundar o mosteiro, no qual ele seria muito bem servido. Disse-me que devia ser dedicado a São José. Este glorioso Santo nos guardaria a uma porta, Nossa Senhora à outra, e Cristo andaria conosco. A nova casa se tornaria uma estrela da qual se irradiaria grande esplendor. Embora as ordens religiosas estivessem relaxadas, eu não devia crer que nelas ele fosse pouco servido. Disse-me ainda que refletisse no que seria do mundo se não houvesse religiosos. Ordenou-me, enfim, referir tudo isso ao meu confessor e suplicar-lhe que não fizesse oposição à projetada obra, nem estorvasse a sua realização.

12. Esta visão produziu grandes efeitos e as palavras do Senhor penetraram-me profundamente. Não tive dúvida de que viessem dele. Senti imenso pesar imaginando em parte os desassossegos e sofrimentos que me sobreviriam. Vivia, aliás, contentíssima no meu convento. Se antes já tratava da fundação, não era com tanta determinação nem certeza de que se realizaria. Agora, não tinha para onde fugir. Vendo que seria origem de grande desassossego, estava em dúvida sobre o que deveria fazer. Finalmente o Senhor tornou a falar-me sobre o assunto com frequência, sugerindo-me tantas causas e razões convincentes, que reconheci ser sua vontade. Não me atrevendo a fazer outra coisa, resolvi dizê-lo a meu confessor<sup>[5]</sup> e, por escrito, dei-lhe conta de tudo que se passava.

13. Ele não ousou dizer-me formalmente que abandonasse meu intento, mas via que, segundo a razão natural, não era praticável. Minha companheira, que havia de fazer o mosteiro, dispunha de pouquíssimos recursos, ou melhor, de quase nada. O confessor mandou que me entendesse com meu prelado<sup>[6]</sup> e fizesse o que este me ordenasse. Eu não tratava dessas visões com o provincial, de modo que foi aquela senhora quem lhe falou, dizendo-lhe que queria fundar o mosteiro. Ele, sempre muito favorável a tudo que é de religião, concordou plenamente. Prometeu-lhe todo o apoio necessário e disse-lhe que tomaria o mosteiro sob sua jurisdição. Trataram da renda que se havia de ter e da vontade que tínhamos de que nunca houvesse mais de treze religiosas, e isto por muitas causas. Antes de tratar do negócio, escrevemos ao santo frei Pedro de Alcântara contando todo o sucedido. Ele nos aconselhou que o não deixássemos de fazer, e sobre todos os pontos nos deu seu parecer.

14. Mal se começou a saber do projeto no lugar, veio sobre nós tamanha perseguição, que levaria muito tempo para contar. Choveram os ditos e as risadas. Tinham tudo em conta de disparate. A mim diziam que estava bem no meu mosteiro. À minha companheira perseguiram tanto, que a traziam atribulada. Eu não sabia o que fazer. Chegava a pensar que em parte tinham razão. Estando assim muito aflita, encomendando-me a Deus, Sua Majestade começou a consolar-me e animar-me. Disse-

me que por aqui veria o que tinham passado os santos fundadores das ordens religiosas. Restavam-me a passar muito maiores perseguições do que eu podia imaginar. Não tivesse medo. De vez em quando acrescentava algumas palavras destinadas à minha companheira. Era admirável como logo ficávamos consoladas e com ânimo para resistir a todos. O fato é que, entre as almas de oração e mesmo em toda a cidade, não havia uma pessoa que então não fosse contra nós e não tivesse tudo por imenso disparate.

15. Foram tantos os comentários e tal o alvoroço, mesmo no meu mosteiro, que pareceu impossível ao provincial ter de enfrentar a todos. Mudando de opinião, recusou admitir a futura casa. Alegou que a renda era insuficiente, além de pouco segura, e que eram muitos os que nos contradiziam. Em tudo devia ter razão. O certo é que voltou atrás e retirou a licença. Nós duas tivemos a impressão de serem estes os primeiros golpes. Sentimos grandíssimo pesar, especialmente eu por ver a oposição do provincial. Seu consentimento ter-me-ia servido de desculpa aos olhos de todos. Chegaram as coisas a tal ponto, que já não queriam absolver a minha companheira se não desistisse do projeto. Diziam que ela estava obrigada a cessar o escândalo.

16. Foi falar a um teólogo eminente, grande servo de Deus, da Ordem de São Domingos<sup>[7]</sup> e deu-lhe conta de tudo. Isto foi antes que o provincial retirasse a licença. Em toda a cidade não tínhamos quem nos fosse favorável, e por isso diziam que nos guiávamos só por nossas cabeças. Esta senhora fez uma relação de tudo ao santo homem, e deu conta da renda que tinha de suas propriedades, desejando ardentemente que nos ajudasse. Era o maior teólogo que havia então no lugar, e poucos o excediam na sua ordem.

De minha parte também lhe disse tudo que tencionávamos fazer e contei-lhe algumas das causas que nos moviam. Não toquei em revelação alguma. Apenas falei nas razões naturais que me moviam. Eu queria que ele nos desse o seu parecer de acordo com estas informações. Pediu-nos um prazo de oito dias para responder, e perguntou se estávamos resolvidas a fazer o que nos dissesse. Respondi-lhe que sim. Ainda que o afirmasse, e penso que o cumpriria, nunca perdi a segurança de que o mosteiro se haveria de fundar. Minha companheira tinha mais fé: jamais se resolveria a deixar o projeto por coisa alguma que lhe dissessem.

17. Quanto a mim, como disse, tinha certeza de que não se deixaria de fazer. Embora tendo por verdadeira a revelação, não lhe daria fé se fosse contrária ao que está na sagrada Escritura ou às leis da Igreja, que somos obrigados a cumprir. Verdadeiramente parecia-me ser de Deus. Contudo se aquele teólogo me dissesse que não o podíamos fazer sem ofender ao Senhor e ir contra a consciência, penso que logo me afastaria daquilo e buscaria outra solução. O Senhor no momento não me dava outro meio senão aquele.

O servo de Deus contou-me depois, que se tinha encarregado do caso com firme determinação de fazer tudo para nos dissuadir. Já tinha vindo à sua notícia o clamor do povo, e também a ele, como a todos, o projeto parecia desatino. Sabendo que o tínhamos procurado, um cavaleiro mandou avisá-lo para que visse bem o que fazia e não nos ajudasse. Pondo-se, porém, a estudar o que nos havia de responder, examinando o

negócio, o intento que tínhamos, a maneira de viver e religião que tencionávamos estabelecer, persuadiu-se de que nosso projeto contribuiria muito para o serviço de Deus e que não se devia deixar de realizar. Respondeu-nos que nos apressássemos a concluí-lo, e ensinou-nos os meios e modos a empregar. Embora os recursos fossem poucos, cumpria contar com Deus em alguma coisa. Disse mais: quem o contradissesse fosse a ele, pois se encarregaria de responder. Efetivamente, sempre nos ajudou, como depois direi.

18. Com esta decisão, saímos muito consoladas. Algumas pessoas santas, que antes nos eram contrárias, já se mostravam mais favoráveis, e algumas nos ajudavam. Uma destas era o cavaleiro santo já citado. Tão virtuoso como era, via que o nosso projeto baseava-se inteiramente na oração, e traçava caminho muito perfeito. Os meios lhe pareciam difíceis e impraticáveis, contudo, mudou de opinião e achava que podia ser coisa de Deus.

O Senhor, certamente, o movera e da mesma forma agira com o sacerdote que já mencionei e a quem fiz as primeiras confidências. Este Mestre<sup>[8]</sup>, espelho de virtude para toda a cidade, como pessoa enviada por Deus para a salvação e aproveitamento de muitas almas, já se tinha resolvido a me ajudar no negócio. Estando a coisa nestes termos, sempre com o auxílio de muitas orações, compramos uma casa bem situada. Era pequena, mas isto pouco importava. O Senhor me dissera que entrasse de qualquer modo e depois veria o que Sua Majestade havia de fazer. E quão bem o tenho visto! Embora reconhecendo que o rendimento não seria suficiente, tinha fé no Senhor, que nos havia de favorecer e prover a tudo por outros meios.

## CAPÍTULO 33

**Prossegue narrando a fundação do mosteiro do glorioso são José. Mandaram-lhe que não se envolvesse nela. Algumas provas que padeceu. Como o Senhor a consolava**

1. Estando os negócios neste ponto e quase concluídos, porquanto no dia seguinte se haviam de lavrar as escrituras, foi justamente quando nosso padre provincial mudou de parecer. Creio que o fez por inspiração divina, segundo se viu depois. Atendendo às minhas orações, o Senhor ia aperfeiçoando a obra e dispondo que se fizesse de outro modo. Quando o provincial não a quis admitir, o confessor mandou-me logo que não cuidasse mais da empresa. Entretanto o Senhor sabe dos grandes sofrimentos e aflições que me havia custado trazê-la a este ponto. Como abandonamos tudo e as coisas ficaram paradas, confirmou-se a opinião de que se tratava de disparate de mulheres, e cresceu a murmuração contra mim. Até então, tudo se havia feito por mandado de meu provincial.

2. Estava muito malquista em meu mosteiro, por querer fazer casa de clausura mais estreita. Dizia-se que eu estava ofendendo as religiosas. Ali também se podia servir a Deus, pois havia outras melhores do que eu. Eu não tinha amor a meu convento. Melhor seria procurar renda para ele do que para outra obra. Umas eram de opinião que me metessem no cárcere. Outras, bem poucas, timidamente tomavam minha defesa. Eu bem via que em muitas coisas tinham razão. Contava-lhes algumas vezes o que me tinha levado a agir, contudo, não podia dizer o principal, que era a ordem expressa do Senhor. Não sabia como proceder, e geralmente calava.

Recebi então de Deus um grandíssimo favor que foi não me perturbar com todos esses contratempos. Pelo contrário, abandonei a ideia com tanta facilidade e contentamento como se nada me houvesse custado. Ninguém podia crê-lo, nem ainda as almas de oração que tratavam intimamente comigo. Julgavam-me muito magoada e confusa, e até meu próprio confessor não se convenciu plenamente. Quanto a mim, como tinha consciência de ter feito tudo que estava a meu alcance, não me sentia obrigada a mais para cumprir o que o Senhor me ordenara. Permanecia em meu mosteiro, onde vivia muito contente e satisfeita. Jamais pude deixar de crer que se havia de fazer a fundação. Não via meio, nem sabia como, nem quando, contudo, tinha tudo por certo.

3. O que me fez sofrer muito foi quando certa vez, meu confessor<sup>[1]</sup> como se eu tivesse dado algum passo contra sua vontade, escreveu-me ordenando que me convencesse de que tudo não passava de um sonho e me emendasse para o futuro. Não inventasse novidades e não falasse mais em fundação, pois bem via o escândalo que resultara. E acrescentou outras coisas que muito me magoaram. O Senhor devia querer que, também daquela parte, onde mais me havia de doer, não deixasse de me advir sofrimentos. Estando no meio de tantas perseguições, quando me parecia que dele havia de receber consolo, isto me fez sofrer mais do que tudo junto. Comecei a imaginar, que talvez tivessem ofendido a Deus por minha causa e por minha culpa. Se as visões não

passavam de mera ilusão, também era embuste toda a minha oração. Por conseguinte, eu andava muito enganada e em mau caminho. Tais pensamentos causaram-me grandíssima angústia. Fiquei muito perturbada e extremamente aflita.

O Senhor, porém, nunca me faltou, pois em todos os referidos sofrimentos frequentemente me consolava e animava por muitas maneiras, o que não é necessário relatar aqui. Disse-me então não haver motivo para me afligir, visto que no referido negócio longe de haver ofendido a Deus, muito lhe agradara e servira. Conforme ordenara o meu confessor eu devia calar-me por enquanto, até vir a ser oportuno tornar a cuidar da projetada obra. Fiquei tão consolada e contente, que me parecia reduzir-se a nada toda a perseguição desencadeada contra mim.

4. Aqui o Senhor me ensinou o imenso bem que é padecer por ele sofrimentos e perseguições. Vi em minha alma um tal aumento de amor de Deus e muitas outras coisas, que ficava admirada. Daí vem que não posso deixar de desejar tribulações. Todos me julgavam envergonhadíssima, e efetivamente assim fora se o Senhor não me favorecesse, em extremo, com tão grandes graças. Por esse tempo comecei a ter ímpetos maiores de amor a Deus e arroubamentos mais elevados. Calava-me e a ninguém dava conta dos meus lucros. O santo religioso dominicano, tanto quanto eu, não podia deixar de se convencer que se havia de fazer a fundação. Para não desobedecer ao meu confessor, eu em nada me envolvia. Ele negociava tudo com a minha companheira. Juntos escreveram para Roma, e iam dando todos os passos necessários.

5. Também começou aqui o demônio, de boca em boca, a espalhar e dar a entender que eu tinha tido alguma visão ou revelação sobre o caso. Várias pessoas vinham a mim, com muito medo, dizer-me que os tempos não andavam bons. Poderiam levantar contra mim algum falso testemunho e denunciar-me aos inquisidores. Achei graça na ideia. Fez-me rir, porque neste ponto nunca temi. Tinha consciência de que, em matéria de fé, eu estava pronta a morrer mil vezes para não ir contra a menor cerimônia da Igreja, ou por qualquer verdade da sagrada Escritura. Respondia, pois, que a esse respeito nada receassem. Em bem mau estado andaria minha alma se nela houvesse coisa de tal natureza, que me fizesse temer a Inquisição. Se eu imaginasse haver necessidade, seria a primeira a ir buscá-la. Se eram falsas as acusações, o Senhor tomaria minha defesa, fazendo redundar tudo em meu proveito.

Dei conta de toda a minha vida a este meu padre dominicano. Sendo eminente teólogo, eu podia ficar tranquila com o que me dissesse. Fiz-lhe uma relação completa de todas as visões, do meu modo de oração e das grandes graças que o Senhor me fazia, com a maior clareza que pude. Supliquei-lhe que tudo examinasse muito bem, visse se havia coisa contra a sagrada Escritura e me desse seu parecer. Ele me tranquilizou muito, e penso que minhas confidências lhe foram proveitosas. Embora já muito bom religioso, daí por diante deu-se muito mais à oração. Para melhor se entregar a este exercício, recolheu-se a um mosteiro de sua ordem em lugar muito solitário, e aí permaneceu mais de dois anos, até que, por obediência e com grande pesar, foi para onde seus merecimentos o tornavam necessário.

6. Embora eu não quisesse nem procurasse retê-lo, senti imensamente quando partiu,

pela grande falta que me fazia. Mas compreendi quanto isto lhe era proveitoso. Estando muito pesarosa pelo seu afastamento, o Senhor me disse que não me afligisse e me consolasse, pois ele ia por bom caminho. Ao voltar, sua alma havia progredido tanto e estava espiritualmente tão adiantada, que, segundo me disse, não trocaria o tempo que ali esteve por coisa alguma deste mundo. O mesmo podia eu dizer, porque, se antes me infundia segurança e consolação com seu saber, agora o fazia também com a experiência do espírito, que já era profunda, acerca das graças sobrenaturais. Deus o trouxe, aliás, justamente no tempo em que Sua Majestade viu ser necessário para ajudar a esta sua obra e trabalhar para este mosteiro, cuja fundação era vontade do Senhor.

7. Durante cinco ou seis meses guardei silêncio, não me envolvendo nem falando sobre o negócio. O Senhor nunca me ordenou o contrário. Eu não compreendia a causa, contudo, não perdia a esperança de que nosso projeto haveria de se realizar. Decorrido esse tempo, tendo sido removido daqui o reitor do Colégio da Companhia de Jesus, Sua Majestade enviou outro muito espiritual, douto e de grande coragem<sup>[2]</sup>, justamente quando eu me via bem necessitada.

Com efeito, o padre que me confessava estava subordinado a um superior, e os padres da Companhia de Jesus praticavam em todo seu rigor esta virtude de não se moverem senão de acordo com a vontade de seus superiores. Embora ele entendesse bem meu espírito e tivesse desejo de me ver progredir, não ousava tomar decisão em algumas circunstâncias, por muitas causas que para isso tinha. Minha alma já sentia ímpetos tão veementes, que sofria muito ver-se assim tolhida, porém, não saía do que ele me ordenava.

8. Estando um dia com forte tribulação, parecendo-me que o confessor não acreditava em mim, disse-me o Senhor que não me afligisse, pois bem depressa aquele sofrimento teria fim. Muito me alegrei pensando que em breve eu morreria. Quando me lembrava, sentia grande contentamento. Depois vi claramente que se tratava da chegada do mencionado reitor. Nunca mais tive o mesmo sofrimento. O novo reitor em nada impedia ao ministro, que era meu confessor. Dizia-lhe que me consolasse, sem mais receio. Não me levasse por caminho tão apertado, e deixasse agir o espírito do Senhor. De fato, às vezes, minha alma, com os grandes ímpetos do espírito, ficava, por assim dizer, quase sem poder respirar.

9. Este reitor foi visitar-me e o confessor mandou-me que lhe falasse com toda liberdade e clareza. Eu costumava sentir imensa inibição quando tinha de me abrir assim. Mas eis que, ao entrar no confessionário, senti interiormente um não sei quê, como não me recordo ter sentido com ninguém, nem antes nem depois. Não há comparações que o deem a entender. Foi uma alegria espiritual, uma intuição de que aquela alma compreenderia a minha e de que havia afinidade entre ambas. Isto, torno a dizer, não sei de que maneira.

Se eu já lhe tivesse falado, ou tido informações a seu respeito, não seria de se espantar que sentisse gosto com a esperança de ser compreendida. Nunca havíamos trocado palavra, nem ouvira falar dele. Mais tarde, vi claramente que meu espírito não me enganara, pois deste relacionamento resultou, sob todos os pontos de vista, grande



proveito para meus negócios e para minha alma. A sua maneira de dirigir é muito adequada às pessoas que o Senhor parece já ter elevado muito alto, porquanto as faz correrem e não caminharem passo a passo. Procura sempre desapegá-las de tudo e mortificá-las. O Senhor lhe deu extraordinário talento para isso, assim como para muitas outras coisas.

10. Começando a me relacionar com ele, compreendi logo seu modo de proceder. Vi que era alma pura, santa, que possuía dom especial do Senhor para discernir espíritos. Fiquei muito consolada. Pouco depois, começou novamente o Senhor a insistir comigo, para que tornasse a tratar do negócio do mosteiro. Ordenou-me que dissesse a meu confessor e ao referido reitor muitas razões e causas para que não me estorvassem. Algumas destas lhes causaram impressão. O padre reitor nunca duvidou de que fosse espírito de Deus, tendo estudado com muita ponderação e solicitude todos os seus efeitos. Finalmente, por vários motivos, não ousaram criar-me empecilhos.

11. Meu confessor tornou a dar-me licença para me dedicar à obra com todas as forças. Bem via eu em que tribulações me metia, por estar só e ter pouquíssimos recursos. Ficou então combinado que se faria tudo com o maior segredo. Procurei que uma de minhas irmãs<sup>[3]</sup>, que vivia fora daqui, comprasse a casa e fizesse as obras, como se fora para si, com o dinheiro que o Senhor, por certos meios, nos enviou em quantidade suficiente para a compra. Seria longo narrar como o Senhor foi provendo às necessidades.

Quanto a mim, tinha o maior cuidado em nada fazer contra a obediência. Agia secretamente, sabendo que, se o dissesse a meus prelados, estaria tudo perdido, como da outra vez e ainda pior. Passei momentos de grande dificuldade, e alguns bem sozinha, conseguindo dinheiro, fazendo as diligências necessárias, organizando planos e dirigindo obras.

Minha companheira fazia o que estava em suas mãos, mas podia pouco, tão pouco, que era quase nada. Apenas a obra era feita em seu nome e com seu favor. Todo o trabalho restante era meu, de tal maneira que agora me espanto de como pude aguentar. Algumas vezes dizia na minha aflição: “Senhor meu, como me ordenais coisas que parecem impossíveis? Se, embora sendo mulher, ao menos tivesse liberdade! Mas que posso fazer, Senhor, tolhida por todos os lados, sem dinheiro e sem ter onde o buscar, nem para as despesas do breve, nem para coisa alguma?”

12. Certa vez, estando numa necessidade sem saber o que resolver, nem com que pagar aos operários, apareceu-me são José — meu verdadeiro pai e senhor — e deu-me a entender que os contratasse, pois não me faltariam recursos. Assim o fiz sem ter um níquel. O Senhor me proveu por certos meios que deixaram pasmos os que vieram a saber. Pus-me a achar muito pequena a casa. De fato o era, a tal ponto que parecia impossível transformá-la em mosteiro. Pensei em adquirir outra, também muito pequena, junto à nossa, para convertê-la em igreja. Não havia meio de realizar a compra, nem dinheiro para isso, e eu tampouco sabia o que fazer.

Eis que um dia, ao acabar de comungar, ouvi do Senhor estas palavras: “Já te disse que entres como puderes”. Depois, como que exclamando, acrescentou: “Ó cobiça do gênero humano, que até a terra pensas que te há de faltar! Quantas vezes dormi ao



relento, por não ter onde buscar abrigo!” Fiquei muito temerosa e vi que o Senhor tinha razão. Vou ver a casa pequenina. Traço meus planos, e acho meios de fazer um mosteiro regular, embora minúsculo. Desde então não pensei em comprar mais terreno. Procurei adaptá-la, de modo a se poder viver nela. Fiz tudo grosseiro e tosco, apenas o necessário para não prejudicar a saúde. Assim se há de proceder sempre.

13. Quando ia comungar no dia de santa Clara, apareceu-me esta Santa com muita formosura. Disse-me que tivesse coragem e prosseguisse no meu empreendimento, pois não deixaria de me ajudar. Adquiri por ela extrema devoção. Em prova do cumprimento de sua promessa, um mosteiro de sua ordem, situado perto do nosso, nos tem ajudado a viver. Ainda mais: pouco a pouco a bem-aventurada Santa elevou os meus anseios a tanta perfeição, que a pobreza por ela instituída em seus mosteiros se observa também neste, e vivemos de esmolas. Não temos rendimentos, e jamais se poderá fazer de outro modo. O Senhor fez ainda mais, talvez, pelos rogos da bendita Santa. Sem que peçamos, provê-nos do necessário com muita fartura. Seja bendito por tudo. Amém.

14. Por esses mesmos dias eu me encontrava na capela de um mosteiro da ordem do glorioso são Domingos, na festa da Assunção de Nossa Senhora. Considerava os inúmeros pecados, que em tempos idos havia confessado naquela igreja, e várias coisas de minha vida ruim. Sobreveio-me um arroubamento tão grande, que quase perdi de todo os sentidos. Sentei-me e penso que nem vi a elevação nem ouvi a missa, o que me deixou algum escrúpulo. Em tal estado pareceu-me que me recobriam de uma veste de grande brancura e esplendor. A princípio não enxergava quem me vestia. Depois vi Nossa Senhora a meu lado direito e meu pai são José ao esquerdo, que me adornavam com aquelas vestes. Tive a intuição de que me faziam compreender que estava limpa de meus pecados.

Depois de assim vestida, sentindo imensa felicidade e glória, logo me pareceu que a Senhora me tomava as mãos nas suas. Disse-me que eu lhe causava muito contentamento com a minha devoção ao glorioso são José. Estivesse certa de que o mosteiro se faria conforme os meus desejos. Nele o Senhor, ela e são José seriam bem servidos. Não receasse relaxação neste ponto. Embora se fundasse sob uma jurisdição, que não era do meu gosto, ela e seu esposo nos guardariam. Seu Filho já tios havia prometido andar conosco.

Como sinal da verdade de suas promessas deu-me uma joia. Pareceu-me então que me punha ao pescoço um colar de ouro formosíssimo, do qual pendia uma cruz de alto valor. Esse ouro e essas pedras preciosas eram tão diferentes dos que existem no mundo, que não há comparação. Sua formosura é muito superior ao que na terra podemos imaginar. O intelecto seria incapaz de perceber de que matéria era a veste, nem a imaginação pode reproduzir a alvura que apraz ao Senhor representar-nos. Todas as coisas deste mundo se nos afiguram, por assim dizer, mero esboço a carvão.

15. A formosura, que vi em Nossa Senhora, era grandíssima. Não pude observar nenhum dos seus traços em particular, senão em conjunto a beleza do rosto. Estava vestida de branco, cercada de imenso esplendor, mas suave, que não deslumbrava. Não vi tão claramente o glorioso são José, mas percebi que estava ali, como nas visões de que

falei, nas quais não se veem imagens. Nossa Senhora parecia muito jovem. Estiveram comigo algum tempo, e eu sentia regozijo e glória, como jamais talvez tenha sentido, e os quais não quisera ver findar. Em seguida, pareceu-me vê-los subir ao céu, rodeados de inumeráveis anjos. Fiquei com muita saudade, mas tão consolada, enlevada, absorta em oração e enternecida, que estive algum tempo quase fora de mim, sem conseguir falar nem fazer movimento.

Esta visão causou-me veemente ímpeto de me consumir no serviço de Deus. Foram tais os seus efeitos em mim e de tal modo tudo se passou, que jamais duvidei de que fosse coisa de Deus. Deixou-me consoladíssima e com imensa paz.

16. O que a Rainha dos Anjos disse acerca da jurisdição, foi porque eu sentia muito não pôr o mosteiro sob a obediência de nossa ordem, mas o Senhor me tinha dito que não convinha fazê-lo. Deu-me as razões pelas quais de nenhum modo isto era conveniente. Disse-me que recorresse a Roma, por certa via, que também me indicou, prometendo que por esse meio viriam as licenças. Assim se realizou, pois até então o negócio nunca tivera solução. Depois que enviamos por onde o Senhor me ensinou, tudo alcançou pleno êxito.

Para o que sucedeu mais tarde, foi muito conveniente que se tivesse prestado obediência ao bispo<sup>[4]</sup>. Nesse tempo eu não o conhecia, nem imaginava que prelado seria. O Senhor permitiu que fosse tão bom e favorecesse tanto esta casa, como era preciso para a formidável oposição que se levantou contra ela — como direi em seguida — e para a trazer ao estado em que se acha agora. Àquele, que assim fez tudo, seja para sempre bendito. Amém.

## CAPÍTULO 34

Nesse tempo foi conveniente ausentar-se de Ávila. O prelado mandou-a consolar uma senhora de alta nobreza que estava muito aflita. O que então lhe sucedeu. Narra a grande graça que lhe fez o Senhor ao servir-se dela, para incitar uma pessoa de elevada posição a devotar-se verdadeiramente ao seu serviço.

Nessa pessoa ela encontrou, depois, favor e amparo. O capítulo é digno de nota

1. Apesar de me esforçar para que não viessem a saber da obra empreendida, foi impossível levá-la a cabo tão em segredo, que dela não se tivesse notícia. Algumas pessoas acreditavam, outras não. Eu tinha bastante receio de que o provincial viesse a tomar conhecimento dos boatos e me proibisse de cuidar da fundação, e assim ficasse tudo parado. Mas o Senhor proveu a tudo da seguinte maneira.

Numa grande cidade<sup>[1]</sup>, a mais de vinte léguas daqui, aconteceu achar-se uma senhora<sup>[2]</sup> muito aflita e desolada pela morte do marido. Estava em tal abatimento que se temia por sua saúde. Ela teve notícia desta pecadorazinha, porque assim quis o Senhor, permitindo que lhe falassem bem de mim, pelos muitos proveitos que daí resultariam. Essa senhora era de alta nobreza e conhecia muito o nosso provincial. Sabia que não havia clausura no meu mosteiro, e por inspiração do Senhor teve grande desejo de me ver, com a intuição de que eu a consolaria. Não pôde resistir e logo procurou ter-me em sua casa, enviando para este fim mensageiro ao provincial, que estava bem longe. Este me deu ordem, com preceito de obediência, para partir imediatamente com alguma companheira. Recebi a ordem na noite de Natal.

2. Essa ordem causou-me alguma perturbação e muita mágoa ao perceber que o motivo de quererem me levar era o bom conceito que de mim faziam. Vendo-me tão ruim, isto me parecia insuportável. Encomendei-me muito a Deus e estive todo o tempo de Matinas, ou na maior parte do tempo, em grande arroubamento. Disse-me o Senhor que não deixasse de ir e não desse ouvidos a objeções. Poucos me aconselhariam sem temeridade. Eu teria sofrimentos, mas daí resultaria muita glória para Deus. Quanto à fundação do mosteiro, convinha ausentar-me até vir o breve. Acrescentou que o demônio tinha armado grande trama para quando o provincial voltasse, mas eu nada temesse porque ele ajudar-me-ia. Fiquei muito animada e consolada. Disse tudo ao reitor, e ele me respondeu que absolutamente não deixasse de ir. Outros diziam que era absurdo. Seria alguma invenção do demônio para daí me causar prejuízo, eu devia pedir ao provincial revogação da ordem, e assim por diante.

3. Obedeci ao reitor e, confortada pelo que havia entendido na oração, parti sem receio. Sentia grande confusão, vendo a que título me levavam e como se enganavam tanto a meu respeito. Isso me fazia importunar mais o Senhor para que não me largasse de sua mão. Consolava-me pensando que havia casa da Companhia de Jesus na cidade para onde ia. Parecia-me que, continuando sujeita àqueles padres, como aqui, viveria com alguma segurança.

Aprouve ao Senhor, que aquela senhora se consolasse tanto, que logo começou a melhorar a olhos vistos e cada dia se achava menos atribulada. Maravilharam-se todos, pois — como disse — definhava de saudade. Certamente o Senhor agiu assim pelas muitas preces que faziam pessoas virtuosas, minhas conhecidas, para que tudo me corresse bem.

A senhora era tão temente a Deus e tão piedosa, que a sua religiosidade supriu o que me faltava. Tomou-se de grande afeição por mim, e eu também lhe queria muito por ver sua bondade. Mas tudo para mim se convertia em cruz, porque os regalos me davam cruéis tormentos, e o fato de manifestarem comigo tanta consideração, causava-me grande temor. Minha alma andava tão encolhida, que não ousava descuidar-se, nem dela o Senhor se descuidava. Enquanto ali estive, Sua Majestade me favoreceu com altíssimas graças, que me davam liberdade e me inspiravam desprezo por tudo quanto via, tanto maior quanto mais preciosos eram os objetos. Podendo ter muita honra de servir aquelas damas, eu as tratava tão naturalmente como se fora da mesma linhagem.

4. Tirei disto muito proveito, e não deixava de o dizer à senhora. Vi que era mulher, tão sujeita a paixões e fraquezas como eu. Compreendi quão pouco se há de estimar as grandezas humanas, e como, quanto maior é um senhor, tanto mais cuidados e sofrimentos tem. Acompanha-o a preocupação de guardar a compostura correspondente à sua nobreza, que lhe tira todo o gosto pela vida. Até o comer é fora de tempo e de acerto, porque tudo há de ser regulado de acordo com a dignidade, e não com o temperamento: muitas vezes os manjares são mais conformes à nobreza do que ao gosto.

O resultado foi que aborreci totalmente o desejo de ser senhora. Deus me livre, contudo, de má compostura para com as pessoas altamente colocadas. Esta, a quem me refiro, embora seja das principais do reino, é muito simples. Creio que poucas haverá mais humildes. Eu tinha pena — e ainda tenho — de vê-la constantemente forçada a contrariar suas inclinações para obedecer às exigências de sua nobreza. Nas pessoas de casa ela confiava pouco. Embora fossem boas as que a cercavam, era preciso cuidado de não falar nem atender mais a uma do que a outra, sob pena de ficar malquista a favorecida. Isso redundava em verdadeira sujeição. Uma das mentiras do mundo é chamar senhores às pessoas de alta classe, que mais me parecem escravos em mil pontos<sup>5</sup>. Aprouve ao Senhor que, durante o tempo que estive naquela casa, todos progredissem no serviço de Sua Majestade. Não deixei de sofrer algumas tribulações e invejas, que de mim tinham algumas pessoas pela muita afeição que me devotava aquela senhora. Suspeitavam, porventura, algum interesse ou pretensão da minha parte. O Senhor devia permitir, que me causassem algum sofrimento essas coisas e outras de diversos modos, para que eu não me embebesse no conforto que, por outra parte, havia. De tudo o Senhor foi servido tirar-me com aproveitamento de minha alma.

6. Estando na referida cidade, coincidiu chegar um religioso<sup>[3]</sup>, pessoa importante, com quem anos atrás eu havia falado algumas vezes. Fui ouvir missa num mosteiro de sua ordem, próximo à casa onde eu estava. Deu-me vontade de saber as disposições daquela alma, pois desejava que fosse grande servo de Deus. Levantei-me para ir falar-lhe, mas pareceu-me depois que era perder tempo. Já me achava recolhida em oração, e tornei a

sentar-me, perguntando a mim mesma: que tinha eu com aquilo. Se não me engano, por três vezes fiz assim.

Finalmente, o anjo bom foi mais poderoso que o mau: fui chamar o religioso, que veio falar comigo num confessionário. Como havia muitos anos que não nos víamos, pus-me a perguntar-lhe por sua vida, e ele pela minha. Comecei a contar-lhe que a minha tinha sido de muitos tormentos da alma. Insistiu muitíssimo para que os contasse. Respondi que não eram para ser sabidos, nem eu o podia relatar. Disse-me ele que o padre dominicano<sup>[4]</sup>, de quem falei, estava a par de tudo e, sendo muito seu amigo, contar-lhe-ia. Por conseguinte, não me importasse de lhe confiar também.

7. O caso é que nem estava em suas mãos deixar de me importunar, nem nas minhas, creio eu, escusar-me de lhe dizer. Sendo tanto o pesar e acanhamento que costumo sentir quando trato dessas coisas, com ele e com o reitor acima referido, não tive dificuldade alguma, pelo contrário, muito me consolei. Conte-lhe tudo sob segredo de confissão. Achei-o mais esclarecido que nunca, embora tivesse admirado sempre sua grande inteligência. Considerei os raros talentos e predicados que tinha para fazer muito bem, caso se desse de todo ao Senhor. De uns anos para cá, não posso ver pessoa que muito me agrade, sem querer vê-la totalmente entregue a Deus. É isto com tais ânsias, que algumas vezes não me posso conter. Desejo que todos sirvam a Deus, mas quando se trata de pessoas que me satisfazem, é com forte ímpeto, de modo que suplico muito ao Senhor por elas. Com o religioso em questão assim aconteceu.

8. Rogou-me que o encomendasse a Deus. Não tinha necessidade de o pedir, porque eu já não poderia fazer outra coisa. Vou logo aonde costumava isolar-me para fazer oração, e, muito recolhida, começo a falar ao Senhor com extrema simplicidade, como a ele me dirijo muitas vezes, sem saber o que digo. Então é o amor que fala. A alma está tão fora de si, que não repara a diferença que há dela para Deus. Sabe que Sua Majestade lhe tem amor, e esse amor a faz esquecer-se de si mesma. Parece-lhe estar nele, possuí-lo como coisa própria que ninguém lhe pode tirar, e diz desatinos. Depois pedi ao Senhor, com abundantes lágrimas, que atraísse aquela alma verdadeiramente a seu serviço. Embora tão boa, não me contentava só com isso. Eu a queria muito santa. Recordo-me de lhe ter suplicado: Senhor, não me haveis de negar este favor; vede que bom elemento para nosso amigo!

9. Oh! bondade e condescendência grande de Deus! Como não considera as palavras, senão os desejos e o amor com que se dizem! Como suporta que uma criatura como eu fale a Sua Majestade com tanto atrevimento! Bendito seja para sempre, eternamente!

10. Lembro-me também de que naquela noite, enquanto orava, senti grande aflição ao pensar que eu mesma, talvez, vivesse em inimizade com Deus, sem saber se estava ou não em sua graça. Não é que o quisesse perscrutar, mas desejava morrer para não me ver em vida onde não tinha segurança de estar morta ou viva. Para mim não havia morte mais dura do que o receio de ter talvez ofendido a Deus. Via-me constrangida com esta perda. Transbordante de ternura, derretida em lágrimas, suplicava-lhe que não o permitisse.

Entendi então que bem me podia consolar e ficar certa de que estava em graça.

Semelhante amor de Deus, as graças que Sua Majestade me concedia e os sentimentos que me inspirava não podiam existir em alma que estivesse em pecado mortal. O Senhor então infundiu-me confiança de que havia de fazer o que eu lhe suplicava a respeito daquela pessoa. Encarregou-me de lhe transmitir umas palavras. Senti-o muito, porque não sabia como as dizer. Dar recados a terceira pessoa é sempre o que mais me custa, especialmente quando ignoro como os tomará ou se zombará de mim. Fiquei muito aflita, mas afinal me senti persuadida a obedecer. Pelo que me lembro, prometi a Deus não deixar de transmitir as suas palavras. Escrevi-as, entretanto, pela grande vergonha que tinha, e assim as entreguei ao religioso.

11. Pelo efeito que nele produziram, bem se viu ser coisa de Deus. Determinou-se verdadeiramente a entregar-se à oração. Contudo não o fez de imediato. O Senhor, como o queria para si, mandava dizer-lhe, por meu intermédio, certas verdades, que, sem eu as entender, vinham tão a propósito que o espantavam e ao mesmo tempo deviam dispô-lo a crer que eram de Sua Majestade. Quanto a mim, embora miserável, suplicava muito ao Senhor que o atraísse totalmente para si e lhe fizesse desprezar as satisfações e coisas da vida. Seja ele para sempre louvado, que o realizou tão perfeitamente. Fico maravilhada sempre que esse religioso me fala. Se eu já não o tivesse visto, teria por duvidoso fazer-lhe o Senhor em tão breve tempo tão grandes favores e trazê-lo tão ocupado em Deus, que já não parece viver para as coisas deste mundo.

Sua Majestade o conduza com sua mão. Se ele for adiante — como espero no Senhor que acontecerá, visto ter sólido e profundo conhecimento de si próprio — há de ser um de seus mais assinalados servos e de grande proveito para muitas almas. Com efeito, em pouco tempo adquiriu muita experiência das coisas do espírito. O Senhor concede seus dons como e quando quer, sem que dependam da antiguidade ou dos serviços prestados. Não digo que isto não ajude muito, mas o certo é que frequentemente o Senhor não dá em vinte anos a uns a contemplação que num só ano dá a outros. A causa, Sua Majestade sabe.

O engano está em imaginarmos que os anos nos fazem entender o que só com a experiência podemos alcançar. Sem serem espirituais, muitos erram querendo discernir espíritos. Não digo, todavia, que um homem douto não possa dirigir quem é espiritual, se ele próprio não o for. Poderá fazê-lo, mas veja que nas coisas exteriores e interiores de ordem natural tudo vá conforme à luz da razão. Nas sobrenaturais, tudo deve estar de acordo com a sagrada Escritura. No mais não se atormente, nem julgue entender o que não entende, nem afogue os espíritos, porque já neste ponto, outro Senhor maior os governa e não estão sem superiores.

12. Não se espante de coisa alguma e nada considere impossível. Tudo é possível ao Senhor. Procure revigorar a fé e humilhar-se, vendo que nesta ciência o Senhor poderá fazer uma velhinha mais sábia do que um homem instruído, com toda sua doutrina. Com esta humildade ele aproveitará mais às almas e a si, do que arvorando-se em contemplativo, não o sendo. Sim, torno a dizer: ganhará pouco se lhe falta a experiência e se não tem grande humildade para se convencer de que tais coisas não são impossíveis, embora não as entenda. E ainda menos dará lucro às almas que dirige. Se tiver

humildade, não tenha receio, o Senhor não permitirá que se engane nem engane os outros.

13. Este padre, de quem falo, recebeu do Senhor experiência em muitas coisas. Por outro lado, tem procurado estudar tudo o que se pode adquirir sobre esta matéria pelo estudo, pois é muito douto. Quanto àquilo que não entende por experiência, pergunta-o a quem a tem. Ajudado assim pelo Senhor, que lhe dá grande fé, muito se tem aperfeiçoado. Faz algumas almas progredirem, em cujo número está a minha.

Sabendo o Senhor em quantos sofrimentos me veria, e tendo Sua Majestade de levar consigo alguns dos que me governavam, parece ter determinado que ficassem outros que me têm feito grande bem, além de me ajudarem em numerosas dificuldades. O Senhor o transformou inteiramente, de maneira que ele mesmo quase não se reconhece, por assim dizer. Tem-lhe dado forças corporais para a penitência, sendo que antes não as tinha e vivia enfermo. Tornou-o varonil, particularmente atraído pelo Senhor. Seja bendito para sempre.

14. Creio que tudo isto lhe tem vindo das graças recebidas na oração, que são bem reais. Em algumas circunstâncias o Senhor já tem querido manifestá-lo. Sai da oração como quem já se compenetrara da realidade do mérito que se ganha em sofrer perseguições. Deus é grande, e nele espero que a alguns de sua ordem e a toda ela há de vir muito benefício por meio deste religioso. Já se vai entendendo isto. Tenho tido grandes visões, nas quais o Senhor me tem revelado maravilhas acerca dele, do reitor da Companhia do qual já falei e de outros dois religiosos da ordem de São Domingos<sup>[5]</sup>, especialmente de um. No adiantamento espiritual deste, demonstrado por obras, o Senhor vem dando a entender algumas coisas, que me revelara a seu respeito. Muitas, sobretudo, foram as revelações acerca do religioso do qual estou falando.

15. Um fato quero agora narrar aqui. Certa vez estando eu com ele no locutório, era tanto o amor de Deus que minha alma percebia arder na sua, que me punha quase absorva. É que verificava o poder da graça de Deus que, em tão pouco tempo, o elevava a tão sublime estado. Sentia grande confusão vendo-o com suma humildade aceitar algumas coisas que eu lhe dizia a respeito da oração. Pouco humilde era eu em tratar assim com pessoa semelhante, mas o Senhor o tolerava pelo meu grande desejo de o ver adiantar-se muito. Suas palavras faziam-me tanto proveito, que pareciam acender-me na alma um fogo novo para servir ao Senhor, como se então principiasse. Ó Jesus meu, quanto faz uma alma abrasada em vosso amor! Quem tem o mesmo amor, deveria andar sempre à busca dessas almas, se fosse possível.

16. Grande coisa é para um enfermo achar outro ferido do mesmo mal. Muito consola ver que não se está só. Ajuda a padecer e até a merecer, pois deste modo se apoiam mutuamente os que já estão determinados a arriscar mil vidas por Deus e desejam que se lhes ofereçam ocasiões de perdê-las. São como soldados desejando que haja guerra para ganharem despojos e ficarem ricos, certos de que, por outro meio, nada alcançarão. É este seu ofício: trabalhar.

É grande coisa entender o que se ganha em padecer por ele, quando o Senhor ilumina! Não se compreende bem enquanto não se deixa tudo. Com efeito, quem está



preso a alguma coisa, é sinal que a estima. Se a estima, forçosamente terá pesar em deixá-la. Deste modo já anda tudo imperfeito e perdido. É o caso de dizer: perdido anda quem anda atrás do perdido. E que maior perdição, que maior cegueira e desventura do que ter em muito o que é nada?

17. Volto agora ao que dizia. Contemplando aquela alma, sentia eu grande regozijo e contentamento. Parecia-me que o Senhor queria patentear os tesouros com que a enriquecera, por meu intermédio, e considerava-me indigna de ter recebido esta graça. Apreciava mais os favores que o Senhor a ele outorgara, do que se os tivesse concedido a mim. Julgava-me mais obrigada para com o Senhor e desfazia-me em louvores por verificar que Sua Majestade atendera à minha súplica e satisfizera os meus desejos de incitar semelhantes pessoas a servi-lo com fervor.

Estando em tanta alegria que já não me continha, minha alma ficou enlevada e perdeu-se, para ganhar mais. Cessaram para ela as considerações, e ao ouvir aquela língua divina, pela qual o Espírito Santo parecia falar, entrei em grande arrebatamento. Quase perdi os sentidos, embora durasse pouco. Vi Cristo, com imensa glória e majestade, mostrando sumo contentamento do que ali ocorria. Assim o disse, dando-me a entender claramente que está sempre presente a semelhantes colóquios. Muito lhe agrada que nos regozijemos em falar dele.

De outra vez, o citado religioso estava longe deste lugar, e vi que os anjos o elevavam da terra com muita glória. Por esta visão compreendi que sua alma progredia muito. Assim era realmente. Suportou com muito contentamento que uma pessoa a quem fizera grande bem e remediara, não só na alma como na honra, levantasse contra ele um falso testemunho muito aviltante. Fez outras diversas obras do serviço de Deus e padeceu várias perseguições. Não me parece conveniente agora declarar maiores coisas. Se Vossa Mercê julgar necessário, pois as conhece, poderei escrevê-las para glória de Deus.

18. Todas as profecias feitas a mim se têm cumprido, quer referentes a este mosteiro, quer sobre diversos acontecimentos, alguns já citados e outros dos quais falarei. Alguns fatos, três anos antes de se realizarem. Uns me foram revelados pelo Senhor mais cedo, outros mais tarde. Sempre os comuniquéi ao meu confessor, e àquela viúva, minha amiga, com quem tinha licença de me abrir, conforme já disse. Soube que ela os referia a outras pessoas, e estas sabem que não minto. Nem Deus permita que em coisa alguma deixe de usar de toda verdade, quanto mais em matéria tão grave.

19. Morreu subitamente um de meus cunhados<sup>[6]</sup>. Fiquei penalizada porque ele não tinha o cuidado de se confessar frequentemente. Durante a oração me foi revelado que minha irmã<sup>[7]</sup> morreria da mesma forma e que eu procurasse convencê-la de estar sempre preparada. Contei o ocorrido ao meu confessor. Este não me deixou partir, mas tendo eu recebido o aviso várias vezes, disse-me que fosse, pois nada haveria de perder.

Minha irmã vivia numa aldeia. Cheguei sem nada dizer do que me levava a sua casa. Conforme podia, fui, pouco a pouco, esclarecendo-a em todas as coisas. Induzi-a a se confessar frequentemente e que em tudo fosse cuidadosa com sua alma. Como era muito boa, assim fez. No fim de quatro ou cinco anos, continuando sempre neste costume e tendo a consciência muito bem disposta, morreu sem que ninguém a visse, e sem se



poder confessar. O que lhe valeu foi que não havia mais de oito dias que se confessara, segundo costumava.

Esta circunstância consolou-me, quando recebi a notícia de sua morte. Esteve muito pouco tempo no purgatório. Menos de oito dias depois, tendo eu acabado de comungar, o Senhor me apareceu e quis que eu visse como a levava à glória. Durante os anos decorridos entre a predição e a morte, não me saía da memória o que me tinha sido revelado, nem o esquecia também minha companheira. Esta, ao saber que minha irmã falecera, veio a mim espantada de ver como tudo se havia cumprido. Seja Deus louvado para sempre que tanto cuidado tem pelas almas para que não se percam.

## CAPÍTULO 35

**Prossegue a narrativa da fundação do mosteiro de nosso glorioso pai São José. O Senhor dispõe que nele se viesse a guardar a santa pobreza. Regressa de Toledo deixando a companhia daquela senhora. Refere outras coisas que sucederam**

1. Estando eu em companhia daquela senhora, em cuja casa passei mais de meio ano<sup>[1]</sup>, o Senhor ordenou que uma associada de nossa ordem tivesse notícia de mim. Essa pessoa residia a mais de setenta léguas daqui. Devendo vir por estes lados, fez um rodeio de várias léguas para me falar. Fora movida pelo Senhor, no mesmo ano e mês que eu, a fundar outro mosteiro de nossa ordem. Para fazê-lo, vendeu tudo quanto tinha e foi, a pé e descalça, a Roma, a impetrar o breve para a fundação<sup>[2]</sup>.

2. É mulher de muita penitência e oração, a quem o Senhor fazia muitas graças. Apareceu-lhe Nossa Senhora e mandou-lhe dedicar-se a essa obra. Comparada a mim, ela havia de tal maneira progredido no serviço do Senhor, que eu me sentia envergonhada na sua presença. Mostrou-me os despachos que trazia de Roma, e, nos quinze dias que passou comigo, combinamos o que havíamos de estabelecer nos dois mosteiros.

Antes de conhecê-la, eu não tivera notícia de que nossa regra, antes de ser mitigada, prescrevia que nada possuíssemos de próprio. Nunca pensei em fundar sem rendas. Era meu intento não termos cuidado com o necessário para viver. Não considerava as muitas preocupações que traz consigo o possuir. Esta bendita mulher não sabia ler, mas, ensinada pelo Senhor, conhecia muito bem o que eu ignorava, embora lesse constantemente as Constituições. Assim que me falou, pareceu-me bem. Contudo tive receio de que não o haviam de consentir. Diriam ser desatino e que eu não devia dar ocasião de outras padecerem por minha imprudência.

Tratando-se de minha pessoa, nem pouco nem muito me detivera. Pelo contrário, teria por grande regalo a perspectiva de observar os conselhos de Cristo, senhor nosso. Sua Majestade já me havia dado grandes desejos de pobreza. Para mim não duvidava ser o melhor. Desde algum tempo, andava desejando pedir esmola de porta em porta por amor de Deus, se fosse possível ao meu estado, sem ter casa nem coisa alguma.

Temia, contudo, não só que as outras vivessem descontentes, se o Senhor não lhes desse iguais desejos, mas que daí resultasse alguma distração. Conhecia alguns mosteiros pobres e pouco recolhidos. Não compreendia, então, que eram pobres devido à falta de recolhimento. A pobreza não é causa das distrações, as quais não trazem consigo a riqueza. Deus jamais falta a quem o serve. Enfim minha fé era pouca, o que não acontecia àquela serva de Deus.

3. Como em tudo costumava fazer, comecei a consultar outras pessoas. Quase ninguém, nem o meu confessor, nem os teólogos, aos quais me dirigi, aprovaram o meu intento. Alegavam tantas razões, que me punham perplexa. Sabendo que a pobreza era ponto de

nossa regra e conhecendo ser ela de mais perfeição, não me podia convencer de ter rendimento. Quando acontecia persuadir-me com os argumentos, ao voltar à oração e considerando a Cristo tão desnudo e pobre na cruz, não suportava a ideia de ser rica. Suplicava-lhe, com lágrimas, que providenciasse de maneira a me sentir pobre como ele.

4. Achava muitos inconvenientes em ter rendimentos, via ser isto causa de tantos desassossegos e mesmo dissipação, e só fazia discutir com os teólogos. Escrevi o que se passava ao religioso dominicano que nos assistia<sup>[3]</sup>. Respondeu-me por escrito, em duas folhas cheias de teologia e argumentos, em oposição à ideia. Queria fazer-me desistir, assegurando-me que tinha estudado muito o caso. Respondi, por minha vez, que não queria aproveitar-me da teologia e renunciava ao benefício de sua ciência. Preferia seguir minha vocação, cumprir o voto que tinha feito de pobreza, assim como o de obediência e os conselhos de Cristo com inteira perfeição.

Alegrava-me quando achava alguma pessoa do mesmo parecer que eu. Aquela senhora, com quem estive<sup>[4]</sup>, muito me ajudou. Enquanto aos outros, alguns no primeiro momento diziam parecer-lhes bem o que eu pretendia, mas depois de melhor considerarem, achavam tantos inconvenientes, que voltavam atrás e insistiam muito comigo para que não o realizasse. A estes eu respondia que, visto mudarem de opinião tão depressa, preferia guiar-me pela primeira opinião.

5. Neste tempo aprouve ao Senhor que, atendendo aos meus rogos, o santo frei Pedro de Alcântara viesse à casa daquela senhora, que nunca o tinha visto. Como era verdadeiro amante da pobreza, que observava havia tantos anos, e sabia bem os tesouros nela encerrados, ajudou muito e ordenou que de nenhum modo deixasse de levar avante o meu intento. Com este parecer e apoio, de quem melhor o podia dar, por ser fruto de larga experiência, decidi não andar mais consultando outras opiniões.

6. Certo dia, encomendando o caso ardentemente a Deus, disse-me o Senhor que de nenhum modo deixasse de estabelecer o mosteiro em pobreza. Tal era a vontade de seu Pai e a sua. Ele viria em meu socorro. Foi isto num grande arroubamento e com efeitos tão poderosos, que absolutamente não pude duvidar de que fosse obra de Deus. Em outra ocasião o Senhor me disse que a confusão estava na renda. Acrescentou várias coisas em louvor da pobreza, assegurando-me que o necessário para viver não falta a quem o serve.

Esta falta, como já disse, nunca a temi por mim. O Senhor mudou também o coração do padre apresentado<sup>[5]</sup>, isto é, do religioso dominicano que me escrevera aconselhando-me a não fundar sem renda, como acima referi. Já eu estava muito contente com o que ouvira e com tais opiniões. Parecia-me possuir toda a riqueza do mundo desde o momento em que me determinei a ser mendiga por amor de Deus.

7. Nesse tempo meu provincial levantou o preceito sob obediência, que me havia imposto, de fazer companhia à citada senhora, permitindo-me, conforme fosse de minha vontade, partir ou permanecer em sua casa ainda algum tempo. Estavam próximas as eleições em meu mosteiro, e fui avisada de que muitas religiosas queriam dar-me o cargo de prelada. Para mim, só pensar nisso era tão grande tormento, que facilmente me

determinaria a sofrer por Deus qualquer martírio, mas este de forma alguma podia aceitar. É que, a meu ver, havia perigo para a consciência, sem falar no enorme trabalho por serem numerosíssimas as religiosas, além de outras coisas de que nunca fui amiga. Minha aversão a exercer cargos era grande e sempre os recusara. Louvei, pois, a Deus de não me achar lá e escrevi às minhas amigas que não me dessem voto.

8. Estando muito contente em me achar longe daquele rebuliço, disse-me o Senhor que absolutamente não deixasse de ir. Se eu desejava cruz, uma cruz excelente lá me esperava e, portanto, não a desprezasse. Fosse com ânimo e sem demora, que ele me ajudaria. Fiquei muito aflita e só fazia chorar pensando que a cruz era ser prelada. Não me podia convencer de que isto, por algum modo, fosse bom para minha alma, nem achava razoável semelhante coisa.

Contei-o ao meu confessor<sup>[6]</sup>. Mandou-me que procurasse partir imediatamente, pois claro estava ser maior perfeição. O calor era fortíssimo. Bastava que me achasse lá para as eleições. Por conseguinte, podia deter-me alguns dias para que a jornada não me fizesse mal. O Senhor, no entanto, havia ordenado outra coisa, e forçoso foi obedecer. Era grande o desassossego que sentia e não podia ter oração. Parecia-me faltar ao que o Senhor me ordenara, permanecendo onde estava a meu gosto e com regalo, não querendo oferecer-me ao trabalho. Pensava eu que evidentemente meus protestos para com Deus eram só palavras.

Por que razão, podendo estar onde era mais perfeito, não o havia de fazer? Se fosse preciso morrer, morresse! Além de tudo, sentia a alma apertada e o Senhor me tirava todo gosto na oração. Acabei ficando em tal estado, e era tão grande meu tormento, que supliquei àquela senhora que houvesse por bem deixar-me ir. Já então meu confessor, vendo o que eu sofria, e, movido por Deus, mandou-me partir.

9. A senhora sentia tanto minha partida, que me causava novo sofrimento. Custara-lhe muito obter licença do provincial, depois de o importunar por todos os modos. Foi extremo seu pesar, e considero imensa graça ter consentido. Além de muitas outras coisas, convenci-a dizendo que poderia prestar serviço de muita importância para o Senhor. Dei-lhe grande esperança de ainda nos revermos. Como é muito temente a Deus, finalmente o teve por bem.

10. Entendendo que era maior perfeição e serviço de Deus, eu já não tive desgosto de partir. Com a alegria de contentar o Senhor, superei o pesar de deixar aquela senhora, que eu via tão sentida, assim como outras pessoas às quais muito devia, especialmente meu confessor, que era da Companhia e com quem me achava muito bem. Quanto maiores consolações eu perdia pelo Senhor, tanto maior contentamento achava nessa perda.

Não podia entender estes dois sentimentos contrários: regozijar-me, consolar-me, alegrar-me daquilo que me pesava na alma. Efetivamente, estava consolada, sossegada, podia ter muitas horas de oração, mas ia meter-me num fogo. Bem o via, porque já o Senhor me tinha dito que me esperava uma grande cruz. Nunca a imaginei tão grande como depois experimentei. Parti alegre e ansiosa por entrar na batalha, pois o Senhor assim queria. Deste modo Sua Majestade me enviava a força, e alentava minha fraqueza.

11. Não podia, repito, entender o que se passava em mim. Ocorreu-me a seguinte comparação: possuir uma joia ou qualquer coisa que me desse grande prazer, e vir a saber que a deseja uma pessoa a quem amo e quero contentar mais que a mim mesma. Para satisfazer o seu desejo, dá-me grande prazer ficar sem o que me é caro. Esse prazer excede meu próprio contentamento e desvanece o pesar que deveria sentir, quer da falta da joia ou do objeto amado, quer da perda da satisfação que achava em possuí-lo. De igual modo, agora por mais que quisesse, eu não podia ter pena de deixar pessoas tão pesarosas pela minha partida. Em outros tempos, grata como sou, naturalmente ficaria muito aflita.

12. Não me deter sequer um dia foi de tal importância para o negócio desta bendita casa, que não sei como se teria concluído, se eu não tivesse partido sem demora. Oh! grandeza de Deus! Espanto-me muitas vezes quando relembro estas coisas e vejo quão particularmente Sua Majestade queria ajudar-me para que se fizesse este cantinho de Deus, pois assim considero. É morada em que Sua Majestade se compraz. Certa vez disse-me o Senhor, na oração, que esta casa era para ele um paraíso de delícias. De fato, Sua Majestade parece ter escolhido as almas que trouxe para cá, em cuja companhia vivo com grande, e muito grande confusão. Eu mesma não as saberia desejar tão boas para vida de tanta austeridade, oração e pobreza. Levam tudo com imensa alegria e contentamento. Cada uma se acha indigna de haver merecido o lugar que ocupa.

Há em especial algumas às quais o Senhor chamou do meio de muita vaidade e gala, arrancando-as do mundo onde poderiam viver contentes, seguindo suas leis. Aqui se veem imersas em tal abundância de consolações, que reconhecem claramente terem recebido cem por um do que deixaram e não se fartam de dar graças a Sua Majestade. A outras, o Senhor mudou de bem para melhor. Às muito novinhas dá fortaleza e luz para que não possam desejar outra coisa e entendem que, humanamente falando, quem está separado de tudo que há no mundo, vive em maior descanso. Às mais velhas e de pouca saúde, o Senhor tem infundido forças para observarem a mesma austeridade e penitência que as outras.

13. Ó Senhor meu, como se manifesta o vosso poder! Não é preciso buscar razões para o que vós quereis. Transcendendo toda razão natural, tornais todas as coisas possíveis e dais a entender claramente que basta amar-vos deveras e deixar absolutamente tudo por vós, para que, Senhor meu, torneis tudo fácil. Calha bem dizer neste ponto, que fingis trabalho em vossa lei (SI 93,20). Não vejo, Senhor, nem sei como se diz ser estreito o caminho que a vós conduz (Mt 7,14). É estrada real e não vereda. Estrada que leva com a maior segurança quem verdadeira e intrepidamente a segue. Nada de precipícios, nada de tropeços que façam cair. Estão longe, porque as ocasiões também estão longe. Vereda e vereda ruim, chamo eu o caminho estreito ladeado à direita por um vale profundíssimo, onde se pode cair, e à esquerda por um despenhadeiro. Haja um pequeno descuido, e logo os viajantes se despenham e se despedaçam.

14. Quem vos ama de verdade, Bem meu, anda seguro, trilha caminho largo, estrada real. Longe estão os despenhadeiros. Ao primeiro tropeço, Senhor, dai-lhes a mão. Não se perderá, por alguma queda, nem mesmo por muitas, se tiver amor a vós e não às

coisas do mundo. Anda pelo vale da humildade.

Não posso entender que temor é esse, o de entrar resolutamente pelo caminho da perfeição. Dê-nos o Senhor a entender, por quem ele é, quão erradamente andam seguros em tão manifestos perigos os que seguem as leis e exemplos do mundo. Dê-nos a entender como a verdadeira segurança está em esforçar-se por ir adiante no caminho de Deus. Nele ponhamos os olhos! Assim fazendo, não haja medo de que este Sol de Justiça tenha ocaso! Não nos deixará caminhar nas trevas para nos perdermos, se antes não o houvermos abandonado.

15. Os mundanos não temem andar entre leões, que ameaçam tirar-lhes um pedaço. É isto que o mundo chama suas delícias e satisfações. Entretanto, no serviço do Senhor, dir-se-ia que o demônio mete medo até de insetozinhos inofensivos. Mil vezes me espanto, e dez mil vezes quisera abundantemente chorar e clamar a todos, publicando minha grande cegueira e maldade, para ajudá-los de algum modo a abrir os olhos. Aquele, que tudo pode, lhes abra por sua bondade e não permita que me torne a cegar. Amém.

## CAPÍTULO 36

**Prossegue no mesmo assunto. Concluiu-se e fundou-se o mosteiro do glorioso são José. Grandes contradições e perseguições causadas pela tomada de hábito das religiosas. Sofrimentos e tentações que sobrevieram. De tudo o Senhor a fez sair vitoriosa para honra e glória de Deus**

1. Tendo partido de Toledo, vinha muito contente pelo caminho, determinando-me a sofrer com o maior amor quanto aprouvesse ao Senhor. Na mesma noite em que cheguei a Ávila, chegaram também os despachos para o mosteiro com o breve de Roma. Fiquei admirada. Os que sabiam como o Senhor tinha apressado a minha vinda, igualmente se espantaram, compreendendo a grande necessidade que havia disso, e em que conjunturas o Senhor me trouxera. Com efeito, encontrei aqui o bispo, o santo frei Pedro de Alcântara e outro fidalgo, grande servo de Deus, em cuja casa se hospedava frei Pedro, por ser pessoa em quem os servos de Deus achavam apoio e acolhimento.

2. Estes dois conseguiram que o bispo admitisse o mosteiro sob sua jurisdição. Não foi coisa fácil, por tratar-se de convento sem rendas. Este prelado era tão amigo de pessoas que via determinadas a servir ao Senhor, que logo se afeiçoou à nova casa e resolveu favorecê-la. A aprovação do santo velho e o muito que insistiu com uns e com outros para que nos ajudassem, foi o que tudo aplanou.

Se eu não tivesse vindo em tal ocasião, não sei — repito — o que teria acontecido, porque este santo homem pouco se demorou aqui, talvez menos de oito dias. Estava bem enfermo e daí a muito pouco tempo o Senhor o levou consigo. Parece que Sua Majestade o tinha guardado até se concluir a fundação, pois andava muito mal, havia bastante tempo, não sei se mais de dois anos.

3. Tudo se fez debaixo de grande segredo. A não ser assim nada se poderia ter feito, de tal modo estava o povo contrário ao projeto, como se viu depois. O Senhor ordenou que um de meus cunhados<sup>[1]</sup> adoecesse. Sua esposa estava ausente daqui. Em tanta necessidade, deram-me licença para sair do mosteiro e tratar dele. Desta maneira nada transpareceu. Algumas pessoas não deixaram de ter alguma suspeita, contudo, não acreditavam de todo. Coisa admirável! A doença não durou mais do que o tempo necessário para o negócio. Quando houve necessidade de sua saúde para que eu me desocupasse e a casa ficasse desembaraçada, logo o Senhor lha restituiu, tão prontamente que ele ficou maravilhado.

4. Tive bastante trabalho para alcançar aprovação de uns e de outros. Era preciso lidar, de um lado com o enfermo, e de outro com os operários a fim de acabarem a casa a toda pressa, dando-lhe forma de mosteiro, pois faltava muito. Minha companheira não estava aqui. Sua ausência nos parecia necessária para mais dissimular o que se passava. Eu via que todo o êxito dependia da brevidade, por muitos motivos, um dos quais era o receio de que, de uma hora para outra, me mandassem voltar ao meu mosteiro. Foram tantas as dificuldades, que pensei ser essa a grande cruz que me estava preparada. Apesar de tudo,

parecia-me pequena em comparação da que o Senhor me anunciara.

5. Finalmente, estando tudo pronto, foi o Senhor servido que, no dia de são Bartolomeu, algumas noviças tomassem o hábito<sup>[2]</sup>. Colocou-se o santíssimo Sacramento, e assim com todas as autorizações e formalidades requeridas, o novo mosteiro do gloriosíssimo pai são José ficou fundado no ano de 1562. Estive presente à tomada de hábito, juntamente com outras duas monjas de nosso convento, que por coincidência estavam fora da clausura.

Estava eu ali com licença, porque a casa em que se estabeleceu o mosteiro era a residência de meu cunhado, que segundo disse, a tinha comprado para melhor dissimular negócio. Aliás, para não faltar à obediência em coisa algum tomava sempre parecer de pessoas doutas que me diziam qu continuasse a realizá-lo, embora secreta e cautelosamente para meus prelados não o saberem.

A não ser assim, pela mínima imperfeição que achassem no meu modo de proceder, deixaria mil mosteiros, quanto mais um. Isto é certo. Desejava muito vê-lo estabelecido a fim de nele mais afastar-me de tudo e corresponder à minha vocação, levando vida de maior perfeição e inteira clausura. Contudo meus desejos eram acompanhados de tal desprendimento, que, se eu julgasse ser mais serviço de Deus abandonar tudo, logo o faria, com muito sossego e paz.

6. Foi para mim como que um antegoço da glória ver instalado o santíssimo Sacramento e quatro órfãs pobres, todas grandes servas de Deus, recebidas sem dote, porque este não se exigia. Nosso intuito desde o princípio fora, efetivamente, receber pessoas que, com seu exemplo, pudessem ser fundamento do edifício que pretendíamos elevar para nele termos vida de grande perfeição e oração. Eu via assim realizada, conforme os meus desejos, uma obra que sabia ser para o serviço do Senhor e honra do hábito de sua gloriosa Mãe.

Também era grande minha consolação por haver realizado o que o Senhor tanto me ordenara e por ter dado a esta cidade mais uma igreja, dedicada — como antes não havia — a meu pai, o glorioso são José. Não julgava ter feito alguma coisa por isso! Nunca tal pensei, nem penso. Sempre entendo que tudo é obra do Senhor. O que fazia de minha parte era com tantas imperfeições que — bem vejo — mais havia motivo para me culpar do que para me agradecer. Contudo era para mim grande o regozijo ver que, embora tão má, Sua Majestade havia-me escolhido para tão grande obra. Era tal meu contentamento, que estava fora de mim, absorta em profunda oração.

7. Acabado tudo, cerca de três ou quatro horas depois, o demônio arremeteu contra mim, num combate espiritual, que agora direi. Sugeriu-me que talvez tudo quanto fizera tivesse sido mal feito. Quem sabe se eu não transgredira a obediência, agindo sem ordem de meu provincial? Bem me parecia que este havia de ficar descontente vendo o mosteiro sob a jurisdição do ordinário, sem que lhe fosse dado aviso prévio. Por outro lado também pensava que talvez não se importasse. Ele mesmo não tinha querido admiti-lo, mas eu pessoalmente continuava debaixo de sua obediência.

Viveriam contentes as que estavam vivendo em tanta clausura? E se lhes viesse a faltar o pão? Não fora um disparate meu empreendimento? Se eu tinha meu mosteiro,



para que me meter a fundar outro? As ordens recebidas do Senhor, os muitos pareceres e as orações quase contínuas durante mais de dois anos, tudo se tinha apagado de minha memória, como se nunca houvesse existido. Parecia-me ter procedido de acordo apenas com o meu pensamento e desejo. A fé e as outras virtudes estavam suspensas na minha alma e eu me via sem forças para usar delas e para me defender de tantos golpes.

8. O demônio sugeria-me ainda outras coisas: como havia de suportar tanta penitência, deixando casa tão ampla e deleitosa, onde sempre vivera tão contente com tantas amigas? As que compunham o novo mosteiro talvez não fossem de meu agrado. Havia-me obrigado ao que estava acima de minhas forças e viria talvez a ficar desesperada. Não seria tudo ardil do demônio para me tirar a paz e quietude? Se eu vivesse desassossegada, não poderia ter oração e acabaria por perder a alma.

O demônio apresentava-me ao espírito estas e outras sugestões todas ao mesmo tempo. Não estava em minhas mãos pensar em outras coisas. Além de tudo sentia tão grande aflição, obscuridade e trevas na alma, que não sei como descrevê-las. Vendo-me assim, fui para diante do santíssimo Sacramento, em tal estado que nem me podia encomendar ao Senhor. Minha angústia assemelhava-se à de uma pessoa em agonia. Não ousava desabafar com alguém, nem ainda tinha confessor designado.

9. Valha-me Deus, que vida esta tão miserável! Não há contentamento seguro, nem estado permanente! Havia tão pouquinho tempo não trocava — penso — meu contentamento por nenhum outro da terra. Agora, o mesmo motivo que o causara, de tal sorte me atormentava, que não sabia o que fazer de mim. Se considerássemos com advertência as coisas da nossa vida, cada qual veria por experiência em quão pouco apreço se hão de ter os contentamentos e os descontentamentos. Certo é que tenho este por um dos mais duros transe que passei na vida.

Meu espírito parecia adivinhar os muitos sofrimentos que me esperavam, dos quais nenhum, no entanto, seria tão grande como este, caso tivesse durado mais. O Senhor, porém, não deixou que sua pobre serva padecesse muito tempo. Nas tribulações nunca me faltou com seu socorro, e assim me amparou também desta vez. Deu-me um pouco de luz para entender a verdade e ver que em tudo era o demônio que me queria aterrorizar com suas mentiras.

Comecei a lembrar minhas grandes determinações de servir ao Senho e meus desejos de padecer por ele. Pensei que, para os cumprir, não havia de andar à busca de descanso. Se surgissem trabalhos e sofrimentos, seriam fonte de merecimentos. Se me viessem tristezas, desde que as aceitasse por amor de Deus, servir-me-iam de purgatório. Que havia a temer? Já que eu desejava sofrimentos, bons eram estes, pois na maior contradição está o maior lucro.

E por que razão me havia de faltar ânimo para servir aquele a quem tanto devia? Com estas e outras considerações dominando-me, prometi diante do santíssimo Sacramento esforçar-me quanto pudesse por obter licença para ficar definitivamente nesta casa<sup>[3]</sup> e prometer clausura, desde que, em boa consciência, me fosse possível fazê-lo.

10. Mal fiz isto, no mesmo instante o demônio fugiu, deixando-me tranquila e contente, como desde então tenho estado. Tudo quanto o se observa nesta casa — a clausura, a

penitência e o demais — é para mim em extremo leve e suave. É tão imensa minha felicidade, que algumas vezes começo a pensar que coisa mais saborosa poderia escolher na terra? Não sei se em parte é por isso que gozo de mais saúde do que nunca, ou se é o Senhor que, vendo ser necessário e justo observar eu o mesmo que todas, quer dar-me o consolo de o poder cumprir, embora com certo custo. É coisa esta que faz pasmarem todas as pessoas que conhecem minhas enfermidades. Bendito seja aquele que tudo nos dá e cujo poder tudo torna possível.

11. Fiquei bem cansada de tal luta, mas rindo-me do demônio, ao ver que tudo fora obra sua. Creio que foi permissão do Senhor. Como eu nunca soube que coisa era descontentamento de ser monja, sequer por um momento, em mais de vinte e oito anos que o sou, quis ele não só me dar a entender a grande graça que nisso me fez e de que tormentos me livrou, mas também infundir-me experiência para que mais tarde vendo alguma tentada neste ponto, ao invés de me espantar, me compadecesse e soubesse consolá-la.

Passada esta tormenta, após a refeição, quis descansar um pouco. Não havia parado toda aquela noite, e nas anteriores tivera sempre trabalho e preocupações além do cansaço habitual. Já circulavam, porém, notícias do ocorrido, quer na cidade, quer no meu mosteiro. Neste reinava grande alvoroço, pelas razões já referidas, que não eram destituídas de procedência. Logo a prelada me ordenou que voltasse imediatamente. Ao receber a ordem deixei minhas monjas bem penalizadas e parti sem demora.

Compreendi que não poucos sofrimentos me aguardavam. Como a fundação já estava feita, muito pouco se me dava. Rezei suplicando ao Senhor que me favorecesse, e a meu pai são José, que me trouxesse de novo a sua casa. Ofereci a Deus o que ia sofrer e, muito contente de que se me oferecesse ocasião de padecer por ele e de lhe prestar algum serviço, parti, na certeza de que logo me lançariam no cárcere. Confesso que, se isso acontecesse, muito me agradaria. Exausta de tratar com tanta gente, precisava de não ter que falar com ninguém e descansar um pouco.

12. Ao chegar, dei conta de meu procedimento à prelada, e esta se aplacou um pouco. Mandaram chamar o provincial para julgar o meu caso. Tendo ele chegado, fui submetida a juízo, com grande contentamento de ver que padecia um pouquinho pelo Senhor. Não tinha consciência de haver ofendido a Sua Majestade na mínima coisa. Em nada tinha ido contra a minha ordem. Pelo contrário, com todas as minhas forças procurava engrandecê-la. Para isto sofreria de boa vontade a morte, pois todo o meu desejo era que se observasse a regra com a maior perfeição.

Recordei-me do julgamento de Cristo e vi que o meu nada era. Acusei-me como sendo muito culpada. Aliás, tal parecia a quem não estivesse informada de todas as razões de meu procedimento. Recebi do provincial áspera repreensão, embora não tão rigorosa quanto lhe aconselhavam muitas pessoas e quanto merecia o delito. Eu não me quis desculpar porque assim determinara fazer. Pedi-lhe, ao invés, que me perdoasse, castigasse e não ficasse descontente comigo.

13. Em alguns pontos bem via eu que me condenavam sem motivo. Diziam que o tinha feito para ser tida em grande conta, para dar que falar ao povo e coisas semelhantes. En-

tendia, porém, claramente que falavam a verdade, quando alegavam que eu era pior que muitas outras. Não tendo guardado perfeitamente a observância estabelecida no meu mosteiro, como pretendia guardá-la em outro com maior rigor? Era escandalizar o povo e introduzir novidades. . . Tudo isto não me causava perturbação nem pena, embora eu mostrasse tê-la, para não dar mostras de fazer pouco apreço daquilo que me diziam. Finalmente recebi ordem, diante das monjas, de justificar meu procedimento e fui obrigada a fazê-lo.

14. Como o meu interior estava em paz e o Senhor me ajudava, dei minhas razões de maneira que nem o provincial nem as que ali estavam, acharam em que me condenar. Depois que fiquei só com ele, falei mais claramente. Mostrou-se muito satisfeito e prometeu que, se fosse adiante o negócio, logo que se restabelecesse a paz na população, ele me daria licença para voltar ao novo mosteiro. Com efeito, a cidade em peso estava alvorotada, como agora direi.

15. Dois ou três dias depois, juntaram-se alguns dos regedores com o corregedor e alguns membros do cabido, e todos a uma voz disseram que de nenhum modo se havia de tolerar o mosteiro, pois daí resultaria manifesto prejuízo ao bem público. Por conseguinte, tratariam de tirar o santíssimo Sacramento, e absolutamente não permitiriam que a fundação fosse avante.

Convocaram todas as ordens, cada uma representada por dois teólogos, para que dessem seu parecer. Uns calavam, outros condenavam. Por fim concluíram que se desfizesse imediatamente a casa. Só um licenciado<sup>[4]</sup> da ordem de são Domingos, embora contrário à total pobreza em que o mosteiro fora fundado, ponderou que não era coisa que sem mais nem menos se desfizesse. Olhassem bem. Tempo havia para tudo. O caso era da alçada do bispo, e outras coisas deste gênero. Muito valeram estes argumentos, pois era tal a fúria, que foi felicidade não porem logo o plano em execução.

É que, em suma, o convento se havia de manter: o Senhor queria a sua fundação, e pouco podiam todos contra a sua divina vontade. Quanto aos nossos contrários, não ofendiam a Deus porque julgavam justas suas razões e eram movidos por bom zelo. Mas faziam padecer a mim e a todas as pessoas que nos favoreciam. Estas eram em pequeno número e foram alvo de muita perseguição.

16. Estava tão amotinado o povo, que não se falava em outra coisa. Todos só faziam condenar-me, indo ora ao provincial, ora ao meu mosteiro. Eu nenhuma pena sentia de quanto diziam de mim. Era como se não o dissessem, mas receava que desfizessem a fundação. Isto me causava sumo pesar, como também ver que as pessoas que me ajudavam perdiam crédito e passavam por muitos sofrimentos.

Do que diziam contra mim, julgo poder afirmar que antes me alegrava. Tivera eu suficiente fé e nenhuma alteração sentiria. Mas qualquer falta numa virtude basta para deixar todas as outras entorpecidas. Passei muito magoada os dois dias em que se reuniram na cidade as juntas de que falei.

Estando bem angustiada, disse-me o Senhor: “Não sabes que sou poderoso? Que receias?” E assegurou-me que o mosteiro não se desfaria. Com isto fiquei muito consolada. Os partidários do povo remeteram informação escrita ao Conselho Real, e

deste veio ordem para que se lavrasse e se lhe enviasse um relatório do ocorrido.

17. Estava assim iniciado um grande pleito. A cidade mandou seus representantes à Corte, e forçoso foi mandá-los também por parte do mosteiro. Não havia dinheiro, nem eu sabia como agir. Felizmente, por providência do Senhor, meu padre provincial nunca me ordenara que deixasse de tratar do negócio. É tão amigo de toda a virtude, que, embora não ajudasse, não queria ser contrário. Todavia não me permitiu vir para cá<sup>[5]</sup> até ver todas as coisas esclarecidas.

Estas servas de Deus estavam a sós, e faziam mais com suas preces do que eu com todas as negociações em que andava metida. Tive de empregar bastante diligência. Por vezes, tudo parecia falhar, especialmente no dia anterior à chegada do provincial, porque a priora me ordenou que não me envolvesse em coisa alguma, o que implicava ficar tudo abandonado. Voltei-me para Deus e disse-lhe: “Senhor, a casa não é minha: por vós foi feita. Agora, já que não há quem trate dos negócios, fazei-o Vossa Majestade”. Com isto fiquei tão sossegada e sem pesar como se tivesse o mundo todo a negociar por mim, e considerei o êxito como certo.

18. Um sacerdote<sup>[6]</sup>, grande servo de Deus e amigo de toda perfeição, que sempre me ajudara, foi à Corte tratar do negócio, e ali trabalhou muito. O cavaleiro santo, já citado, também fazia tudo o que estava a seu alcance, e por todos os meios nos favorecia. Nele, em tudo, achei sempre um pai e como tal ainda o considero.

O Senhor incutia tanto zelo aos nossos defensores, que tomavam a peito a nossa causa como se fosse negócio que de perto lhes interessasse, do qual dependesse a sua vida ou a sua honra, e isto só por julgarem que se tratava de servir ao Senhor. No número dos que mais trabalhavam por nós, estava aquele clérigo mestre em teologia<sup>[7]</sup>, de quem já falei. Viu-se claramente que Sua Majestade o ajudava. O seu bispo delegou-o como seu representante numa grande junta realizada a nosso respeito. Nela achou-se sozinho contra todos. Aplacou-os afinal sugerindo-lhes certos meios que bastaram para os entreter. Contudo, nenhum foi suficiente para que não dessem a vida, como se costuma dizer, pela destruição do mosteiro.

O servo de Deus a que me referi acima, foi quem deu o hábito às noviças e colocou o santíssimo Sacramento. Sofreu por nossa causa não poucas perseguições. A tempestade durou quase meio ano, e tomaria muito tempo relatar minuciosamente as provações que passamos.

19. Admirava-me de que o demônio pelejasse com tanto furor contra pobres mulheres. Era estranho que nossos adversários julgassem capaz de causar grande dano à cidade uma comunidade levando vida tão austera, e composta apenas de doze religiosas e a priora, pois não devem ser mais. Se houvesse prejuízo ou erro seria para elas próprias, mas o mosteiro causar dano à cidade era disparate. Entretanto, achavam tais inconvenientes, que lhe faziam oposição com boa consciência.

Finalmente propuseram o seguinte acordo: se houvesse rendimentos, tolerariam a fundação e permitiriam que fosse adiante. Já tão cansada de ver o sofrimento de todos os nossos amigos, maior que o meu, não me pareceu mau admitir rendas até se restabelecer

a calma, com a intenção de deixá-las mais tarde. Por ser ruim e imperfeita chegava a imaginar, outras vezes, seria esta a vontade do Senhor, pois de outro modo nada se conseguia, e já me inclinava ao acordo.

20. Começamos a tratar do negócio, e na véspera de ser concluído, estando eu à noite em oração, disse-me o Senhor, além de outras coisas, que não estabelecesse tal acordo. Se começássemos a ter rendimentos, não conseguiríamos depois licença para os deixar.

Na mesma noite apareceu-me o santo Frei Pedro de Alcântara, que já tinha morrido<sup>[8]</sup>. Sabendo da grande oposição e perseguição movida contra nós, escrevera-me antes de morrer que se alegrava em ver a fundação tão fortemente contrariada. Era sinal de que neste mosteiro se havia de servir muitíssimo ao Senhor, visto o demônio tanto se empenhar em nos combater, mas que eu não concordasse absolutamente em ter rendas. Por duas ou três vezes, renovava na carta as mesmas palavras de persuasão prometendo-me que, se eu assim procedesse, tudo se viria a fazer segundo minha vontade.

Eu já tinha visto frei Pedro duas vezes depois de morto, e contemplara sua grande glória, de modo que a visão não me causou temor, senão muita alegria. Aparecia sempre com o corpo glorificado, cheio de muita felicidade. Imensa era a glória que sua vista produzia em mim. Quando o vi pela primeira vez, recordo-me de que, revelando-me o muito de que se regozijava declarou, entre outras coisas, que fora dítosa sua penitência, pois lhe tinha alcançado tão grande prêmio.

21. Já tendo falado, se não me engano, a respeito destas aparições<sup>[9]</sup>, aqui só contarei que desta vez mostrou rigor, dizendo apenas que de nenhum modo admitisse rendas: e por que não queria eu tomar seu conselho? E logo desapareceu. Fiquei atemorizada, e sem mais demora, no dia seguinte, referi o ocorrido ao cavaleiro, a quem eu em tudo acudia como ao mais dedicado. Disse-lhe que absolutamente não consentisse em ter rendas, e deixasse o pleito ir adiante. Ele neste ponto estava muito mais firme do que eu, e se degrou muito. Confessou-me depois com que má vontade tratara do acordo.

22. Pouco depois, novo incidente. Outra pessoa, serva de Deus, movida de bom zelo, quando o negócio já ia bem encaminhado, propôs que se sujeitasse o caso ao critério de teólogos. Daqui surgiram numerosas inquietações, porque alguns dos que me ajudavam foram da mesma opinião. E de todas as ciladas do demônio esta foi a mais traiçoeira. Em tudo o Senhor me ajudou. Dito assim sumariamente, não se dá bem a entender o que se passou nesses dois anos, desde que se começou esta casa até que se concluiu. A primeira e a última parte do segundo ano foram os tempos mais penosos.

23. Já um tanto aplacada a cidade, o padre licenciado dominicano Pedro Ibañez, que nos auxiliava, usou de grande astúcia em nosso favor. Estava fora, mas o Senhor o trouxe a tempo de nos fazer muito bem. Parece que Sua Majestade só o trouxe para tal fim. Mais tarde ele me disse que não tivera motivo para vir. Por acaso tinha sabido o que se passava. Demorou-se aqui apenas o tempo necessário. Antes de partir obteve, por certos meios, licença de nosso padre provincial para que eu viesse a esta casa, acompanhada de mais algumas, a fim de dar começo à reza do ofício divino e ensinar as que já estavam aqui. Parecia quase impossível alcançar permissão tão depressa. Foi imenso o consolo que tive no dia em que viemos.

24. Estando a fazer oração na igreja, antes de entrar no mosteiro, num quase arroubamento, vi Cristo. Pareceu-me que me recebia com muito amor e me punha na cabeça uma coroa, agradecendo o que eu tinha feito por sua Mãe. Outra vez, estando todas no coro em oração depois de Completas, vi nossa Senhora cercada de grande glória e revestida de um manto branco, debaixo do qual parecia abrigar-nos. Entendi quão elevado grau de glória o Senhor daria às religiosas desta casa.

25. Logo que se principiou a rezar o ofício, o povo começou a ter muita devoção para com este mosteiro. Recebemos noviças, e o Senhor se pôs a mover, os que mais nos tinham perseguido, para muito nos favorecerem e nos assistirem com esmolas. Já aprovavam o que tanto haviam reprovado. Pouco a pouco desistiram do pleito, declarando-se convencidos de ser esta casa obra de Deus, pois Sua Majestade tinha querido que fosse adiante apesar de tanta oposição.

Agora ninguém julgaria acertado ter-se deixado de fundar o mosteiro. Todos são tão solícitos em nos prover de tudo, que, sem esmolarmos nem pedirmos coisa alguma, o Senhor os desperta para que nos socorram. Deste modo vamos vivendo sem nos faltar o necessário, e espero no Senhor que será sempre assim. Sendo tão poucas as religiosas, se fizerem o que devem — como Sua Majestade agora lhes dá graça para fazerem — segura estou de que não as abandonará. Assim não terão de ser pesadas ou importunas. O Senhor velará por elas como até agora.

26. É para mim grandíssimo consolo ver-me aqui entre almas tão desapegadas. Sua preocupação é achar meios de irem adiante no serviço do Senhor. A solidão lhes dá tal consolo e felicidade, que sofrem com o pensamento de verem alguém. Os seus parentes muito próximos contribuem para mais as inflamar no amor de seu Esposo. Assim é que não vem a esta casa quem não trata disto, porque nem as contenta nem acha contentamento. As monjas não sabem falar senão de Deus, de modo que só as entende e só é entendido quem tem a mesma linguagem. Guardamos a regra de nossa Senhora do Carmo, a primitiva, sem mitigação<sup>[10]</sup> como a redigiu frei Hugo, cardeal de Santa Sabina, a qual foi dada em 1248, no quinto ano do pontificado do papa Inocêncio IV.

27. Dou por bem empregados todos os trabalhos que passamos. Não obstante haver algum rigor, tudo parece pouco às irmãs, e por isso ainda se entregam a práticas que nos têm parecido necessárias para maior perfeição na observância da regra. Jamais se come carne, exceto por necessidade. Há jejum de oito meses e outras coisas prescritas pela regra primitiva. Espero no Senhor que irá muito adiante o que está começado, como Sua Majestade me prometeu.

28. O Senhor também favoreceu a outra casa fundada pela associada à nossa ordem, da qual já falei<sup>[11]</sup>. Fundou-a em Alcalá, e não lhe faltou bastante oposição, nem deixou de passar grandes sofrimentos. Sei que se guarda nela perfeita observância desta nossa regra primitiva. Praza ao Senhor seja tudo para sua glória e seu louvor, bem como para honra da gloriosa Virgem Maria, cujo hábito trazemos. Amém.

29. Penso que Vossa Mercê se enfadará com a larga relação que fiz deste mosteiro. É bem insuficiente em relação aos muitos sofrimentos que custou sua fundação e às maravilhas que o Senhor tem operado. De tudo há muitas testemunhas que podem



afirmá-lo sob juramento. Rogo a Vossa Mercê por amor de Deus que, se resolver rasgar o que aqui vai escrito, ao menos guarde a parte referente a este mosteiro para, depois de minha morte, dá-la às irmãs que nele estiverem.

As vindouras sentir-se-ão animadas a servir fielmente a Deus e a procurar que a perfeição observada inicialmente não decaia, antes vá sempre avante, vendo o muito que Sua Majestade fez por intermédio de criatura tão ruim e baixa. E, tendo querido o Senhor tão particular e claramente que, com a sua proteção, se fundasse este mosteiro, parece-me que agirá muito mal e será muito castigada aquela que introduzir algum princípio de relaxamento na perfeição por ele próprio estabelecida desde o começo e, pela sua graça, observada com tanta suavidade.

Bem se vê que é tolerável. Pode praticar-se com descanso. Proporciona grande felicidade para viverem nesta paz as que quizerem a sós fruir de Cristo, seu esposo. Sim, porque é isso o que hão de sempre pretender: viver a sós com o Só. Não serão mais que treze<sup>[12]</sup>. Tendo tomado a opinião de muitas pessoas cheguei à conclusão de que convém ser assim. Tenho visto por experiência que, para manter o espírito agora reinante, e viver de esmolas sem nada pedir, não podem ser em maior número. Deem sempre mais crédito a quem à custa de grandes sofrimentos e com oração de muitas pessoas procurou o que seria melhor.

O grande contentamento, a alegria e pouca dificuldade em praticar a observância, com que todas temos vivido nos anos decorridos desde que estamos nesta casa, as irmãs cuja saúde está melhor do que antes, tornam patente ser isto o que convém fazer. Pessoas delicadas e sem saúde o observam com tanta suavidade, porque são espiritualmente fortes. Se a alguém parecer áspero nosso gênero de vida, lance a culpa à sua falta de espírito, e não ao que se observa aqui. Vá para outro mosteiro, onde se salvará, segundo o espírito que a anima.

## V PARTE



## CAPÍTULO 37

**Efeitos produzidos por alguns favores divinos. Dá boa doutrina a esse respeito. Como devemos estimar e lutar pela aquisição de mais um grau de glória. Tratando-se de bens eternos, não nos detenha dificuldade alguma**

1. Custa-me referir outras graças do Senhor, já sendo tão grandes as que relatei. Dificilmente se poderá crer que Deus as tenha concedido a uma pessoa tão ruim como eu. Mas, obedecendo ao Senhor que o ordenou e a Vossas Mercês<sup>[1]</sup> direi algumas coisas exclusivamente para glória de Deus. Praza a Sua Majestade que alguém aproveite! Uma vez que o Senhor assim favoreceu a criatura tão miserável, o que não fará por quem o tiver servido de verdade? Que todos se animem a contentá-lo, pois já nesta vida Sua Majestade dá semelhantes provas de seu amor.

2. Primeiramente cumpre entender que há mais e menos nestas graças divinas. Em algumas visões, a glória, a felicidade e a consolação excedem tanto às que o Senhor dá em outras, que fico admirada com a diferença de graus na mesma alegria, ainda nesta vida. Às vezes, é tal a plenitude do regozijo infundido por Deus numa visão ou num arroubo, que parece impossível desejar mais na terra. E, de fato, a alma é incapaz de buscar ou pedir maior satisfação. Todavia, depois que o Senhor me fez compreender quão grande é a diferença que há no céu entre as alegrias de uns e as alegrias de outros, vejo que, também neste mundo, não põe limites em seus dons, quando lhe apraz.

Quisera eu, de minha parte, não ter medida em servir a Sua Majestade e gastar por ele toda a minha vida, minhas forças e minha saúde, de modo a não perder por minha culpa um pouquinho de maior felicidade. E assim digo: se me dessem a escolher entre padecer todos os tormentos imagináveis até o fim do mundo e depois subir um grauzinho na glória, ou sem sofrimento algum ir alegrar-me numa glória um pouco menor, de muito boa vontade tomaria todos os tormentos a troco de fruir um pouquinho mais da compreensão das grandezas de Deus. Vejo que mais o ama e louva quem mais o entende.

3. Não digo que não me contentaria nem me teria por muito venturosa de estar no céu, embora no último lugar. Tendo visto o que me fora preparado no inferno, compreendo a grande misericórdia que o Senhor nisto me faria. Praza a Sua Majestade levar-me para seu reino, e não olhar meus grandes pecados! O que digo é que eu não quisera por minha culpa perder o mínimo grau de glória, se isto estivesse a meu alcance, e o Senhor me desse graça para trabalhar muito, e a custa de imensos sacrifícios. Miserável de mim, que com tantas culpas tudo havia perdido!

4. Convém notar igualmente que, em cada graça — visão ou revelação — que o Senhor me fazia, minha alma ficava com grande lucro. Algumas visões deixavam muitíssimo proveito. Assim foram as de ver a Cristo. Sua grandíssima formosura ficou impressa em mim e assim o tenho sempre. Para isto bastaria uma só vez, quanto mais fazendo-me o

Senhor tão frequentemente esta graça!

Ficou-me outro proveito inestimável e foi o seguinte: tinha eu um grave defeito do qual me advieram danos consideráveis: começando a perceber que uma pessoa gostava de mim, e acontecendo-me também experimentar afinidade por ela, sentia-lhe tanta afeição que sua lembrança prendia-se demasiadamente à minha memória. Não tinha intenção de ofender a Deus, apenas gostava de ver, de pensar nela e em suas boas qualidades. Contudo era coisa tão prejudicial, que a alma perdia muito com isto.

Depois que vi a grande formosura do Senhor, nunca mais achei quem — comparado a ele — me parecesse formoso, ou pudesse ocupar meu espírito. Só com um volver de olhos à imagem que guardo na alma, fico neste ponto com tal liberdade que, desde então, tudo quanto vejo me parece digno de asco, em comparação das excelências e graças que acho em meu Senhor. Não há ciência nem regalo de espécie alguma que me pareça digno de estima comparados a ouvir uma só palavra daqueles lábios divinos, que me falaram com tanta frequência! A menos que o Senhor, por meus pecados, me tire esta lembrança, acho impossível que alguém ocupe meu pensamento. Basta lembrar um pouquinho este Senhor para recuperar minha liberdade.

5. A alguns confessores acontecia-me espontaneamente mostrar amizade. Sinto segurança e sempre quero muito aos que governam minha alma. Como verdadeiramente os considero representantes de Deus, é a eles que meu coração mais se afeiçoa. Por serem circunspectos e servos de Deus, eles temiam que houvesse apego e demasia nessa afeição embora santa, e usavam de rigor para comigo. Isto sucedeu depois que comecei a viver inteiramente sujeita à obediência dos diretores, pois antes não lhes tinha tanto afeto. Ria comigo mesma vendo-os tão enganados, e tratava de os sossegar, embora nem sempre lhes dissesse claramente até que ponto me sentia e estava desprendida de tudo. Dentro de pouco tempo, à medida que iam falando mais comigo, eles conheciam de quantas graças eu era devedora ao Senhor e deixavam-se dessas suspeitas, que, aliás, só ocorriam no princípio.

Vendo o Senhor e com ele conversando tão contínua e intimamente, comecei a sentir por ele maior amor e confiança. Compreendi que é Deus, mas é também homem e não se espanta das fraquezas dos homens. Conhece bem nossa miserável natureza, sujeita a muitas quedas em consequência do primeiro pecado que ele veio reparar. Embora seja senhor, posso tratar com ele como com um amigo. Verifiquei que não é como os potentados da terra, que fazem consistir todo o seu poderio no aparato exterior. Marcam dias e horas para suas audiências e só certas pessoas lhes podem falar em particular. Se um pobrezinho tem algum negócio a tratar à custa de quantos rodeios, empenhos e trabalhos chega a aproximar-se!

E que será falar com o rei! Aqui é proibida a entrada à gente pobre sem brasões. Não há remédio senão recorrer aos mais privados, que certamente não serão pessoas que tenham o mundo debaixo dos pés. Estes nada temem nem devem temer, e por isso dizem a verdade: não são feitos para os palácios onde não se usa de franqueza. Na corte é forçoso calar o que se desaprova, e nem sequer se ousa ter um pensamento contrário, pelo receio de ser desfavorecido.

6. Ó Rei da glória e Senhor de todos os reis, vosso im-pério não é uma armação de pauzinhos. É reino que não tem fim! Não há necessidade de intermediários para chegara vós! Só de contemplar vossa pessoa, logo se vê que sois o único a merecer que vos chamem Senhor. É tal a Majestade que mostrais que não há necessidade de séquito nem de gente de guarda para dar a conhecer que sois rei.

Um rei da terra, estando só, dificilmente se fará reconhecer como tal. Por mais que se queira dar a conhecer, não o acreditarão, pois em si mesmo não tem mais que os outros. É preciso que se veja aparato régio, para crer. É justo usar de certas pompas que conferem autoridade. Se não as tiver, não o respeitarão. É que não lhe vem de si a aparência de poderoso. A autoridade lhe vem de outros.

Ó Senhor meu! ó Rei meu! Quem saberia descrever agora a majestade que tendes! É impossível deixar de ver que sois imperador, por serdes vós quem sois. A vista de vossa Majestade enche de assombro. A par de tanta grandeza, Senhor, mais espanta ver vossa humildade e o amor que mostrais a uma criatura como eu. Em tudo podemos tratar e falar como quisermos convosco. Passado o primeiro espanto e temor de ver a Vossa Majestade, fica-nos um temor ainda maior, para nunca mais vos ofendermos. Não é por medo de castigo, Senhor meu. Este não conta comparado ao mal de vos perder.

7. São estes os efeitos desta visão, sem falar em outros bens consideráveis que deixa na alma. Se a graça é de Deus, logo se entende pelos benefícios que dela resultam, quando a alma está na luz. Como tenho dito muitas vezes, em certas ocasiões o Senhor quer que a alma esteja em trevas e privada dessa claridade. Então não é de admirar que tema quem, como eu, se vê tão sem virtudes.

Aconteceu-me, agora mesmo, passar oito dias de tal maneira, que parecia não ter noção do que se deve a Deus, nem lembrança de suas graças. Tinha a alma tão néscia e absorta não sei em que, nem como — não com maus pensamentos, mas incapaz de os ter bons, — que me ria de mim. Gostava de considerar a baixeza da criatura quando Deus não está continuamente agindo nela. Contudo a alma percebe que não está sem ele. Não é como nas grandes tribulações que me acometem por vezes, como já referi. Embora lançando lenha e fazendo o pouco que está a seu alcance, não consegue atear o fogo do amor de Deus. Por grande misericórdia divina, ainda há e aparece fumaça para que ela perceba não estar esse fogo totalmente extinto. Só o Senhor pode voltar a acendê-lo. Então, por mais que a alma se esforce a soprar e a dispor a lenha, parece que mais o abafe com seus esforços! Creio que o melhor é entregar-se inteiramente, reconhecendo que só por si mesma de nada é capaz, e ocupar-se, como já disse, em outras obras meritórias. Porventura o Senhor lhe tira a oração para que a ele se entregue, entendendo por experiência própria de quão pouco é capaz.

8. Certo é que me regalei hoje com o Senhor, e ousei queixar-me de Sua Majestade, dizendo-lhe: “Deus meu! Não basta que me conserveis presa nesta vida miserável, e que por vosso amor eu a aceite submetendo-me a viver onde sou forçada a comer, dormir, ocupar-me de negócios e tratar com todos? Bem sabeis, Senhor meu, que tudo isso é grandíssimo tormento para mim, que, entretanto, suporto-o por amor de vós. São embaraços que me impedem de me regozijar convosco. E será possível que nos poucos

momentos que me restam para estar convosco, ainda vos escondais de mim? Como conciliar isto com a vossa misericórdia? Como o pode sofrer o amor que me tendes? Creio, Senhor, que se fora possível esconder-me de vós como vos escondes de mim, jamais o consentiríeis, pelo amor que me tendes. Mas vós estais comigo e sempre me vedes... Não pode ser assim, Senhor meu. Reconhecei, suplico-vos, que isto é injuriar aquela que tanto vos ama”.

9. Estas e outras coisas aconteceu-me dizer, tendo sempre em vista, quão benigno era o lugar que me estava preparado no inferno em comparação do que eu merecera. Algumas vezes o amor tanto me desatina, que não sei mais de mim, e é com muita convicção que prorrompo nestas queixas, e o Senhor tudo me permite. Louvado seja tão bom Rei! Quem seria capaz de dirigir-se a pessoas da terra com este atrevimento? Ainda ao rei, não é de espantar que não se ouse falar, pois se lhe deve reverência, assim como aos senhores principescos. Mas já anda o mundo de tal maneira, que a vida é curta para aprender as etiquetas, novidades e fórmulas de polidez. O tempo não dá, se quisermos, por ou-tro lado, gastá-lo no serviço de Deus. Eu me benzo de ver o que se passa.

O caso é que eu já não sabia como lidar com o mundo, quando aqui me encerrei. Leva-se a mal o menor descuido no uso do tratamento muito superior ao que as pessoas merecem. Isto é considerado afronta tão grave que é preciso dar satisfações e justificar a intenção, quando ocorre alguma inadvertência. E ainda praza a Deus que o aceitem!

10. Torno a afirmar que, realmente, não sabia como viver. A pobre da alma chega a se cansar. Vê que lhe mandam ocupar o pensamento sempre em Deus e que é necessário assim fazer para se livrar de muitos perigos. Por outro lado, sabe que não há de se afastar uma linha das etiquetas do mundo, sob pena de causar tentações aos que puseram sua honra nestes melindres. Eu já vivia cansada, pois era um não acabar mais de dar satisfações. Não conseguia deixar de cometer numerosas faltas apesar de toda atenção e da máxima cautela, e no mundo essas faltas são consideradas graves.

E será que haverá desculpa nas comunidades religiosas, onde seria justo haver dispensa deste ponto? Não, pois dizem que os mosteiros devem ser corte e escola de polidez. Para dizer a verdade, não posso entender isto. Penso que talvez algum santo tenha dito que as casas religiosas hão de ser cortes para formar os que querem ser cortesãos do céu, e inverteram o sentido das suas palavras. Com efeito, quem por justiça deve estar continuamente ocupado em contentar a Deus e esquecer-se do mundo, como poderá andar com tais preocupações e com tão grande cuidado de agradar aos mundanos em coisas que variam tão frequentemente? Ainda seria suportável se de uma vez por todas pudéssemos aprendê-las. Mas até para o cabeçalho das cartas já é preciso, por assim dizer, haver cátedra onde se ensine a dar os tratamentos ou títulos. Ora se deixa a margem num lado do papel, ora no outro. A quem se costumava tratar de magnífico já se deve chamar ilustre.

11. Não sei onde isto há de parar. Ainda não completei cinquenta anos, e já tenho visto tantas mudanças, que não sei mais como fazer. O que será dos que nascem agora, se viverem muito? Por certo tenho pena dos que são espirituais e se veem, por algum santo intento, obrigados a viver no mundo. Que terrível cruz têm nesta matéria! Se todos

concordassem em se fingir de ignorantes nesta ciência, de muito trabalho se livrariam consentindo em ignorá-la.

12. Vejo agora em que tolice estou metida! Tratando das grandezas de Deus, vim a discorrer sobre as baixeiras do mundo. Já que o Senhor me fez a graça de o deixar, quero sair dele inteiramente. Deixemos isto por conta daqueles que com tanto trabalho sustentam essas ninharias. Praza a Deus que na outra vida, que é imutável, não tenhamos de as pagar caro! Amém!

## CAPÍTULO 38

**Vários grandes favores que o Senhor lhe fez, mostrando-lhe alguns segredos do céu. Visões que Sua Majestade lhe concedeu. Efeitos que produziam e o grande aproveitamento que lhe deixavam na alma**

1. Uma noite estando tão doente, a ponto de querer dispensar-me de ter oração, tomei um rosário para rezar vocalmente, procurando não recolher o intelecto. Estava retirada num oratório. Quando, porém, o Senhor quer, de pouco valem nossas diligências! Ao cabo de bem pouco tempo sobreveio-me um arrebatamento de espírito, com tanto ímpeto, que não houve resistência possível. Parecia-me estar dentro do céu, e as primeiras pessoas que lá vi foram meu pai e minha mãe. Contemplei coisas tão sublimes, em tão pouco tempo como o de uma Ave-Maria. Fiquei fora de mim, tendo por extraordinário tal favor.

Isto de ser em tão breve tempo não posso assegurar. Seria mais talvez. Todavia tive a impressão de muito pouco tempo. Temi alguma ilusão. Contudo não me pareceu engano. Não sabia o que fazer. Tinha grande vergonha de ir ao confessor relatar isto, não por humildade, creio eu, senão pelo temor de que zombasse de mim e me perguntasse se eu era são Paulo ou são Jerônimo para ver coisas do céu. Por haverem tido estes gloriosos santos coisas semelhantes, mais intimidada ficava eu e não fazia senão chorar abundantemente, porque me parecia disparate. Finalmente, embora sentindo muito, fui ao confessor. Jamais ousei calar coisa alguma, por mais que me custasse dizê-la, pelo grande medo que tinha de ser enganada. Ele, vendo-me tão aflita, muito me consolou com boas palavras, e tirou-me toda angústia.

2. Com o decorrer do tempo aconteceu, e acontece ainda algumas vezes, ir-me o Senhor mostrando maiores segredos. É impossível a alma querer ver mais do que se lhe representa. Não há meio algum. De cada vez eu só via o que o Senhor queria mostrar-me. Era tanto, que a menor parcela bastaria à alma para ficar deslumbrada e com muito proveito, estimando e tendo em pouco todas as coisas da vida.

Quisera eu poder dar a conhecer alguma parte mínima do que entendia nessas revelações e, pensando como o poderia exprimir, reconheço que é impossível. A diferença existente entre a luz que vemos e a que então nos é representada é tão grande, que apesar de ambas serem luz, não há comparação. Mesmo a claridade do sol parece desbotada. Em suma, por mais sutil que seja, a imaginação não é capaz de pintar nem de esboçar esse esplendor, nem coisa alguma das que o Senhor me dava a entender com uma felicidade tão soberana que não se pode descrever. Todos os sentidos se regozijam em tão alto grau, com tanta suavidade, que jamais se poderia encarecer suficientemente. Por conseguinte, é melhor calar-me.

Uma vez o Senhor me havia mostrado assim coisas admiráveis, durante mais de uma hora. Parecia não querer afastar-se de meu lado. Disse-me: “Vê, filha, o que perdem os que são contra mim; não deixes de lhes dizer”. Senhor meu, quão pouco aproveitam

minhas palavras aos que estão cegos com suas obras, se Vossa Majestade não os ilumina! Algumas pessoas às quais esclareceste, tiraram proveito da comunicação que lhes fiz de vossas grandezas. Mas vendo-as, Senhor meu, manifestadas a criatura tão vil e miserável, admiro-me de que me tenham dado crédito.

Bendito seja vosso nome e bendita vossa misericórdia! Ao menos no que me toca, sensível melhora constatei em minha alma. Depois de tais graças, quisera ela estar sempre junto de vós e não tornar a viver. Ficou-me grande desprezo de tudo o que há na terra. Parece-me cisco. Vejo quão baixo descemos, ocupando-nos em coisas que passam.

4. Quando fazia companhia àquela senhora<sup>[1]</sup>, já citada certa vez, sobreveio-me uma crise de coração com fortes dores que costumava ter, mas de que não sofro mais. Por ser muito caridosa, a senhora quis que eu visse suas ricas e valiosas joias de ouro e pedrarias, especialmente um adereço de diamantes muito apreciado. Ela supunha que assim me proporcionaria agradável distração. Mas eu me ria interiormente e ao mesmo tempo sentia pena, vendo de um lado o que os homens estimam, e de outro lado, o que o Senhor nos reserva.

Fiquei pensando que, mesmo com esforço, ser-me-ia impossível apreciar aquelas coisas, a menos que o Senhor me tirasse a lembrança de outras. Isso para a alma significa grande poder, tão grande, creio eu, que só o entenderá quem o possuir. É o natural e verdadeiro desapego que não nos advém de nosso esforço. É tudo obra de Deus. Sua Majestade mostra-nos semelhantes verdades de tal maneira que se gravam em nosso espírito. Vemos claramente que por nós mesmos não poderíamos adquiri-las em tão breve tempo.

5. Também fiquei com menos medo da morte que eu sempre temera muito. Parece-me ela agora coisa fácilima para quem serve a Deus, pois num momento se vê a alma livre deste cárcere e posta em descanso. Fazer Deus evolar-se o espírito nestes arrebatamentos e mostrar-lhe coisas tão sublimes, afigura-se-me muito semelhante ao que se passa quando sai do corpo uma alma que, num instante, se vê de posse de todo bem. Não falemos das dores do desenlace, que delas nenhum caso se há de fazer; tanto mais que os que deveras tiverem amado a Deus e dado de mão às coisas desta vida, mais suavemente devem morrer.

6. Penso que também me valeu muito este gênero de visão para me ajudar a conhecer nossa verdadeira pátria e ver que aqui na terra somos peregrinos. Grande coisa é contemplar o que há por lá e saber onde havemos de viver; porque, se alguém tem de ir de mudança para uma terra, de grande ajuda lhe é, para passar as fadigas da viagem, já ter visto que é lugar onde há de viver muito a seu descanso. Também deixa facilidade para considerar as coisas celestiais, e procurar que nelas esteja nossa conversação. Só o olhar para o céu produz recolhimento, porque, como aprouve ao Senhor mostrar uns vislumbres do que há por lá, a alma se põe a pensar no que viu. Frequentemente os que me acompanham e consolam são os que lá vivem, segundo me foi dado saber. Vejo-os como verdadeiramente vivos, enquanto os desta vida parecem-me tão mortos, que todo o mundo, sinto, não me faz companhia, principalmente quando tenho os ímpetos de que falei.

7. Tudo quanto vejo com os olhos do corpo é como se fora sonho ou farsa. O que já tenho visto com os olhos da alma, eis o que desejo, e sinto-me morrer por estar tão distante dessa realidade. Em suma, é imensa a graça que o Senhor faz a quem dá semelhantes visões. São de grande proveito e ajudam a alma a levar sua cruz, que é bem pesada. Nada a satisfaz, tudo a aborrece. Se o Senhor não permitisse que de vez em quando se esquecesse, embora volte a lembrar, não sei como poderia viver.

Bendito e louvado seja Deus para todo o sempre! Pelo sangue que seu Filho derramou por mim, praza a Sua Majestade não me aconteça como a Lúcifer, que por sua culpa tudo perdeu. Deus não o permita, por quem é! Algumas vezes tenho não pouco temor. Por outro lado e mui frequentemente encontro segurança na misericórdia do Senhor, pois se dignou fazer-me entender alguma coisa de tão grandes bens e fez-me também começar, de certo modo, a me regozijar neles. Sua Majestade não me soltará de sua mão para que eu me perca, depois de me haver tirado de tantos pecados. Isto rogo a Vossa Mercê que o suplique sempre.

8. A meu ver as graças que ficam ditas não são tão grandes quanto a que agora vou contar. Além de muita fortaleza, esta me deixou na alma bens inestimáveis. Aliás, considerada de per si, cada uma das graças é de valor tal, que não se podem comparar umas com as outras.

9. Numa vigília do Espírito Santo, depois da missa, fui a um lugar bem afastado, onde costumava retirar-me para ter oração. Comecei a ler no Cartusiano<sup>[2]</sup> o trecho referente à festa. Cheguei aos sinais que hão de ter os principiantes os proficientes e os perfeitos para entenderem se o Espírito Santo está com eles. Li o que se refere a estes três estados e pareceu-me, tanto quanto podia perceber, que por bondade de Deus, ele não deixava de estar comigo.

Pus-me a louvá-lo, recordando-me de que antigamente, lendo o mesmo trecho, via muito bem que estava destituída de tudo aquilo. Agora, pelo contrário, achava tudo em mim e conhecia as grandes graças que havia recebido do Senhor. Neste ponto comecei a considerar o lugar que havia merecido no inferno pelos meus pecados. Dava muitos louvores a Deus, pois quase não reconhecia minha alma, de tal modo se achava transformada.

No meio destas considerações, sobreveio-me possante ímpeto sem que eu entendesse a causa. A alma parecia querer sair do corpo, não cabendo mais em si. Não se achava capaz de esperar tanto bem. O ímpeto era tão excessivo e irresistível que, a meu parecer, era diferente das outras vezes. Não entendia o que se passava na alma, nem o que presentia, de tão alterada que estava. Busquei um apoio, porque, totalmente sem forças, nem podia ficar sentada.

10. Estando assim, vejo sobre minha cabeça uma pomba, bem diferente das daqui da terra. Não tinha penas nas asas, senão umas conchinhas que lançavam por toda a parte grande esplendor. Era bem maior que uma pomba ordinária. Parecia-me ouvir o ruído de suas asas. Durou talvez o espaço de uma Ave-Maria. A alma estava já em tal enlevo que, perdendo-se a si, perdeu de vista a pomba. Com a presença de tão bom Hóspede, acalmou-se o espírito. A graça era tão maravilhosa que a princípio a tinha desassossegado



e espantado. Mal começou a regozijar-se, logo perdeu o medo, e com a felicidade, entrou em quietude ficando em êxtase.

11. Imensa foi a glória deste arroubamento. Fiquei, o resto da Páscoa, tão embevecida<sup>[3]</sup> e estonteada, que não sabia o que fazer. Não podia explicar como, em minha baixeza, merecera tão alto favor, tão insigne graça. Desde esse dia percebo em mim grande aproveitamento. O amor de Deus cresceu em minha alma e as virtudes fortaleceram-se. Seja bendito e louvado para sempre. Amém.

12. De outra vez vi a mesma pomba sobre a cabeça de um padre da ordem de são Domingos<sup>[4]</sup>, com a diferença de que os raios e o resplendor de suas asas se estendiam muito mais. Foi-me revelado que ele traria muitas almas para Deus.

13. Em outra ocasião vi Nossa Senhora colocar um manto muito alvo no licenciado dessa mesma ordem<sup>[5]</sup> ao qual me tenho referido algumas vezes. Disse-me ela que lhe dava tal manto porque a servira auxiliando a fundação deste mosteiro, e como sinal de que para o futuro guardaria a pureza de sua alma de modo a preservá-la de pecado mortal. Tenho por certo que isso se deu, e tanto quanto se pode entender, é fora de dúvida, tal a sua penitência nos poucos anos que ainda viveu e tal a santidade de sua morte.

Um frade, que então o acompanhava, contou-me que antes de expirar ele dissera que era assistido por santo Tomás. Morreu com grande felicidade e desejo de sair deste desterro. Algumas vezes me tem aparecido com imensa glória, revelando-me várias coisas. Sua oração era tão sublime, que, próximo de seu fim, quis distrair-se em razão da extrema fraqueza. Não o conseguia porque tinha frequentes arroubamentos. Escreveu-me pouco antes de morrer, perguntando-me de que meio se valeria, pois, quando acabava de celebrar a missa, ficava arroubado por muito tempo, sem poder evitá-lo. Deu-lhe o Senhor, no fim, o prêmio do muito que o havia servido toda a vida.

14. Quanto ao reitor da Companhia de Jesus, o padre Gaspar de Salazar, do qual por vezes tenho feito menção, tive conhecimento de altos favores, que o Senhor lhe fazia, os quais não indico para não me alongar. Sofreu, de uma feita, grande tribulação: foi muito perseguido e viu-se em extrema aflição. Estando eu um dia a ouvir missa, vi Cristo na cruz, durante a elevação da hóstia. Encarregou-me de lhe transmitir algumas palavras de consolo e outras de aviso do que estava por acontecer, lembrando-lhe quanto havia padecido por ele e animando-o a se preparar para sofrer. Infundiu-lhe isso muito consolo e ânimo. Tudo se passou depois como Senhor me havia dito.

15. Tenho visto grandes coisas dos membros da ordem deste padre, que é a Companhia de Jesus, e de toda a ordem junta. Por vezes os vi no céu, com bandeiras brancas nas mãos, além de outras coisas verdadeiramente admiráveis que deles tenho entendido. Daí resulta que dedico a esta ordem grande veneração, porque tenho tratado muito com os seus membros e vejo que sua vida corresponde ao que deles o Senhor me deu a entender.

16. Uma noite, estando em oração, começou o Senhor a trazer-me à memória quão má tinha sido minha vida, dizendo-me algumas palavras que me infundiram grande confusão e pesar. Com efeito, embora não proferidas com severidade, suas palavras causam tal

mágoa e dor, que deixam a alma aniquilada. Uma só a faz progredir mais no conhecimento de si mesma do que muitos dias de meditação sobre a nossa miséria. Todas as suas palavras têm um cunho de verdade a que não se pode resistir.

O Senhor representou as afeições tão frívolas que eu tivera outrora. Disse-me que devia considerar grande graça a que me fazia querendo e admitindo que lhe fosse dedicado um amor, como era o meu, outrora tão mal gasto. Outras vezes recordou-me do tempo em que eu parecia pôr minha honra em ir contra a sua. E ainda em outras: que ponderasse quanto lhe devia, pois, quando ele estava a me conceder graças, maiores ofensas recebia de mim. Incorrendo eu em alguma falta, o que não é raro, de tal maneira Sua Majestade me infunde luz para a perceber, que fico, por assim dizer, aniquilada. Sucede isso frequentemente pois incorro em muitas. Acontecia-me ser repreendida pelo confessor, e, procurando consolo na oração, aí achava a repreensão verdadeira.

17. Retomo o fio do que estava dizendo. Como o Senhor começou a me trazer à memória minha ruim vida, pensei, no meio de minhas lágrimas, que talvez quisesse fazer-me alguma graça, pois na ocasião não me recordava de ter cometido falta recente. Digo assim porque, mui frequentemente, quando recebo alguma graça particular, isto ocorre após eu me ter aniquilado interiormente. Penso que o Senhor assim faz para que eu veja melhor quão longe estou de merecê-las.

Pouco depois meu espírito foi arrebatado com tal ímpeto, que me pareceu ficar quase totalmente fora do corpo. Com efeito, em tal estado, a alma percebe que continua unida ao corpo. Vi a humanidade sacratíssima com tão excessiva glória como jamais vira. Manifestou-se repousando no seio do Pai. Não saberei dizer como foi. Sem ver, sentia-me em presença daquela divindade. Fiquei tão fortemente abalada, que passei muitos dias, ao que me recordo, sem poder voltar a mim. Parecia-me ver continuamente aquela majestade do Filho de Deus, embora não fosse como da primeira vez. Por mais breve que seja, sua presença imprime-se na imaginação de maneira a não se apagar durante algum tempo. E daí resulta não só grande consolo, como também muito proveito.

18. Mais três vezes recebi a graça desta visão. Segundo me parece, é a mais elevada das visões com que o Senhor me tem favorecido, e são imensos os efeitos benéficos que produz. Purifica inteiramente a alma e tira toda a força aos atrativos dos nossos sentidos. É chama possante, que parece abrasar e aniquilar todos os desejos da vida. Conquanto, glória a Deus, já os não tivesse de coisas profanas, aqui me foi perfeitamente revelado como tudo é vaidade e como são vãs as grandezas da terra. É ensinamento profundo que eleva os desejos à pura verdade. Deixa impressa uma reverência que não sei explicar, bem diferente de tudo quanto se pode adquirir aqui embaixo. Causa à alma grande espanto ver que teve — e outros têm — a ousadia de ofender a majestade do Altíssimo.

19. Já tenho falado nos efeitos que as visões e outras graças causam, e afirmei haver maior ou menor fruto. O desta última visão é grandíssimo. Depois disso, quando me aproximava para comungar sentia que os cabelos se eriçavam em minha cabeça, recordando-me daquela majestade infinita que tinha visto, e considerando que é o próprio Deus que está no santíssimo Sacramento. Ficava quase aniquilada. Tanto mais que muitas vezes ainda permite o Senhor que o veja na hóstia.

Ó Senhor meu! Se não encobrisseis vossa grandeza quem ousaria ir tantas vezes juntar coisa tão suja e miserável com a vossa imensa Majestade? Bendito sejais, Senhor! Louvem-vos todos os anjos e todas as criaturas porque assim proporcionais vossas dádivas à nossa fraqueza para regozijarmo-nos de tão soberanas graças, sem ficarmos apavorados pelo vosso grande poder, como gente fraca e miserável, a ponto de nem ousarmos desfrutá-las.

20. Poderia acontecer-nos o que sei, com certeza, haver ocorrido a um lavrador que encontrara um tesouro. Viu-se inesperadamente possuidor de tantas riquezas, que muito superavam seu espírito mesquinho. Sem saber como as aproveitar, começou a se preocupar e afligir, a ponto de lentamente definhar e afinal vir a morrer. Se, ao invés de as achar juntas, as tivesse recebido aos poucos, ficaria mais contente do que quando era pobre, e não teria perdido a vida.

21. Ó riqueza dos pobres, quão admiravelmente sabeis sustentar as almas! Sem que vejam de uma vez tão grandes riquezas, pouco a pouco as ides mostrando! Desde aquela visão, quando contemplo majestade tão suprema dissimulada em coisa tão pequenina como é a hóstia, não me canso de admirar tão excelsa sabedoria. Não sei como me atreveria a me aproximar do Senhor, se ele, que me fez e ainda faz tão grandes graças, não me desse coragem e força.

Sem ele, tampouco poderia eu dissimular e deixar de dizer em altas vozes tão maravilhosos prodígios. Sim, que sentirá uma criatura miserável como eu, aproximando-se deste Senhor de tão imensa majestade nas ocasiões em que lhe apraz mostrar-se aos olhos de minha alma? Uma boca, que ofendera com tantas palavras o mesmo Senhor, como há de tocar naquele corpo gloriosíssimo, puríssimo e piedosíssimo? Eu, carregada de abominação tendo gastado a vida com tão pouco temor de Deus! Na verdade, ao ver o amor que aquele rosto de tanta formosura lhe mostra com suma ternura e afabilidade, a mágoa e aflição da alma, por não ter servido a Deus, é muito maior do que o temor que lhe causa a majestade que nele aparece.

22. Mas ah! como poderia expressar quais foram meus sentimentos em duas ocasiões em que vi o que agora vou referir? Realmente, Senhor meu e glória minha, quase me atrevo a dizer que, de algum modo mereci alguma coisa em vosso serviço pela imensa aflição que senti na alma. Ai de mim, não sei o que digo, e quase não sei quem fala enquanto isto escrevo! É que me acho perturbada e como fora de mim, por trazer à memória semelhantes coisas. Se o sentimento viera de mim, bem poderia alegar ter feito alguma coisa por vós, Senhor meu. Nada fiz de minha parte. Nem um só bom pensamento pode existir, se não o dais. Sou eu a devedora, Senhor, e vós o ofendido.

23. Uma vez, aproximando-me para comungar, vi com os olhos da alma, ainda mais claramente do que se vê com os olhos do corpo, dois demônios de abominável figura. Pareciam rodear com os cornos a garganta do pobre sacerdote. Na partícula que eu ia receber, vi meu Senhor, com a majestade de que falei, posto naquelas mãos, que conheci claramente serem criminosas. Entendi estar aquela alma em pecado mortal.

Que seria, Senhor meu, ver vossa formosura entre figuras tão abomináveis? Estavam os demônios como que amedrontados e aterrorizados diante de vós. Creio que de boa

vontade fugiriam se os deixásseis ir. Acometeu-me tão grande perturbação, que nem sei como pude comungar. Deu-me um grande temor. Pareceu-me que, se fora visão de Deus, Sua Majestade não teria permitido que eu percebesse o mau estado daquele infeliz. Disse-me o mesmo Senhor que rogasse por ele e que assim havia permitido para me dar a entender qual a força que têm as palavras da consagração, e como Deus não deixa de estar ali, embora seja mau o sacerdote que as pronuncia. Acrescentou que ponderasse sua grande bondade, que se põe em mãos inimigas só para bem meu e de todos.

Tive compreensão nítida de como os sacerdotes têm mais obrigação de serem bons do que os outros. Vi que coisa atroz é receber este santíssimo Sacramento indignamente e a que ponto o demônio é senhor da alma em pecado mortal. Essa visão foi de grande proveito para mim. Deu-me profundo conhecimento de quanto devia a Deus. Seja ele para sempre bendito!

24. Aconteceu-me, de outra vez, um fato semelhante que me deixou muitíssimo aterrorizada. Estando eu em certo lugar, morreu um homem que vivera bem mal durante mui tempo, como vim a saber depois. Havia dois anos que dava enfermo. Em alguns pontos dera mostras de se haver emendado. Morrera sem confissão, mas apesar de tudo não acreditava que seria condenado. Enquanto lhe amortalhavam o corpo, vi que muitos demônios o agarravam e pareciam divertir-se com ele, torturando-o, espetando-o com grandes garfos e lançando-o de um lado para outro, o que me causou enorme pavor. Quando vi que o levavam a enterrar; com as mesmas honras e cerimônias que os demais, fiquei considerando a bondade de Deus em não querer que fosse difamada aquela alma, nem conhecida como inimiga sua.

25. Eu estava meio atônita com o que tinha visto. Durante todo o ofício não avistei demônio algum. Depois, quando baixaram o corpo à sepultura, era tanta a multidão dos que estavam dentro para pegá-lo, que fiquei fora de mim com aquela vista. Tive necessidade de não pouco ânimo para dissimular. Considerava o que fariam daquela alma, pois de tal modo se assenhoreavam do triste corpo.

Prouvera ao Senhor que todos os que estão em mau estado presenciassem, como eu, espetáculo tão horripilante! Penso que contribuiria muito para que se movessem a bem viver. Tudo isto me faz conhecer melhor o que devo a Deus e de que males me livrou. Fiquei muito temerosa, até que dei conta do caso a meu confessor, suspeitando alguma ilusão do demônio para difamar aquela alma, embora não fosse tida por muito cristã. Verdade é que sinto temor sempre que me recordo deste fato e não o tenho em conta de ilusão.

26. Já que comecei a referir visões de defuntos, quero contar algumas coisas que o Senhor me revelou de várias almas. Direi poucas, para abreviar e por não haver vantagem, quero dizer, não me parece ter proveito.

Disseram-me que tinha morrido um antigo provincial nosso<sup>[6]</sup>, com o qual eu tinha tratado, recebendo dele alguns favores. Na ocasião da morte governava outra província e era pessoa de grande virtude. Com a notícia do falecimento fiquei perturbada e temi por sua salvação. Tinha sido prelado vinte anos, o que sempre me inspira temor, por me parecer muito perigoso ter encargo de zelar pelas almas. Com grande aflição entrei num

oratório. Dei-lhe todo o bem que tinha feito em minha vida — que pouco seria — e disse ao Senhor que suprisse com seus méritos o que faltava àquela alma para sair do purgatório.

27. Estando a pedir isto ao Senhor, do melhor modo que podia, pareceu-me vê-lo sair das profundezas da terra, a meu lado direito, e logo o vi subir ao céu com grandíssima alegria. Embora fosse bem velho, apareceu-me como tendo apenas trinta anos e até menos, com o rosto resplandecente. Esta visão foi rápida, mas deixou-me extremamente consolada. Não pude mais ter pesar de sua morte, embora visse muitas pessoas aflitas, pois era muito querido. Minha alma sentia tanta consolação, que nada me importava. Não podia duvidar de ser boa a visão, quero dizer, tinha certeza de não ser enganosa. Não havia mais de quinze dias que ele tinha morrido. Não me descuidei, todavia, de procurar que o encomendassem a Deus e também o fiz, embora não com o fervor com que faria se não o tivesse visto. Ele morreu muito longe daqui, mas depois eu soube da morte que o Senhor lhe dera. Foi de tão grande edificação, que deixou a todos admirados pelo conhecimento, lágrimas e humildade com que findou seus dias. Quando o Senhor me faz ver assim alguma alma e depois a quero encomendar a Sua Majestade, tenho impressão de que é dar esmola ao rico.

28. Uma religiosa, grande serva de Deus, tinha morrido no meu mosteiro, havia pouco mais de um dia e meio. Durante o ofício de defuntos que por ela se recitava no coro, uma das monjas estava lendo uma lição e eu de pé, ao lado, para dizermos juntas o versículo. No meio da lição pareceu-me ver a alma sair das profundezas da terra, do mesmo lugar que a visão precedente, e ir para o céu. Não foi visão imaginária como aquela do provincial, senão das outras sem imagem, das quais já falei, que deixam tanta certeza quanto as que se veem.

29. Outra monja morrera no mesmo convento. Desde há dezoito ou vinte anos tinha vivido sempre enferma e era grande serva de Deus, não faltando jamais ao coro e muito virtuosa. Eu estava certa de que não entraria no purgatório, porque tinha passado por muitas enfermidades, antes lhe sobriariam méritos. Durante as horas canônicas, antes que a enterrassem, havendo decorrido umas quatro horas depois da morte, vi que saía das profundezas da terra e ia para o céu.

30. Estando eu num colégio da Companhia de Jesus, atribulada com os grandes padecimentos de alma e de corpo que sofria algumas vezes, e ainda sofro, sentia-me de tal maneira, que me parecia incapaz de ter um bom pensamento. Tinha morrido durante a noite um irmão daquela casa. Estando eu, como podia, a encomendá-lo a Deus e ouvindo por ele missa de um padre da Companhia, sobreveio-me um grande recolhimento. Vi-o subir ao céu, com muita glória, e o Senhor ia com ele. Entendi que era particular favor ir acompanhado por Sua Majestade.

31. Um frade de nossa ordem, muito bom religioso, estava gravemente enfermo. Enquanto eu ouvia missa, sobreveio-me um súbito recolhimento. Vi que tinha morrido e subia ao céu sem entrar no purgatório. Como vim a saber depois, expirou na mesma hora em que tive a visão. Admirei-me de não ter passado pelo lugar de expiação. Foi-me dado a entender que, por ter sido religioso que tinha correspondido à sua profissão, havia

lucrado as Bulas da Ordem referentes ao purgatório. Não sei por que razão entendi isto. Penso que deve ser porque o fato de ser religioso não consiste no hábito, isto é, não basta vesti-lo para usufruir dos privilégios do estado de maior perfeição, que é a vida religiosa.

32. Não quero referir mais destas coisas, embora sejam muitas as que tenho visto por mercê do Senhor, pois — repito — não vejo utilidade. Mas de todas as almas que me foram mostradas, nunca entendi que alguma deixasse de passar pelo purgatório, exceto este religioso, o santo frei Pedro de Alcântara e o padre dominicano de que falei. De algumas almas aprouve ao Senhor mostrar-me os graus que têm de glória, revelando-me os lugares que ocupam no céu. É grande a diferença que há entre umas e outras.

## CAPÍTULO 39

**Prossegue narrando grandes graças que o Senhor lhe fez. Refere como Sua Majestade lhe prometeu favorecer as pessoas pelas quais intercedesse e como lhe concedeu este favor em algumas ocasiões assinaladas**

1. Estava eu certa vez importunando muito ao Senhor para que uma pessoa a quem devia obrigações recuperasse a vista. Sentia grande compaixão, pois ela a tinha perdido quase inteiramente. Tive receio de não ser atendida devido aos meus pecados. Apareceu-me o Senhor, como de outras vezes. Começou a mostrar-me a chaga da mão esquerda, e com a outra mão tirava um grande cravo que nela estava metido. Parecia-me que arrancava também alguma carne em volta do cravo. Bem deixava ver sua grande dor, o que muito me magoava. Disse-me que, havendo suportado aquilo por meu amor, sem dúvida, melhor ainda faria o que eu lhe pedisse. Prometeu-me nunca deixar de atender a meus rogos, pois já sabia que eu nada havia de pedir senão em vista de sua glória, e por isso me concedia o que lhe estava suplicando.

Fez-me ver que sempre atendia aos meus pedidos mesmo no tempo em que eu não o servia, e os atendia melhor do que eu saberia desejar. Quanto mais o fazia agora, estando certo do meu amor. Não duvidasse eu, por conseguinte, de suas promessas. Em menos de oito dias, penso, o Senhor restituiu a vista àquela pessoa. Meu confessor logo o soube. Bem pode ser que não fosse devido às minhas orações, mas tendo tido esta visão, fiquei certa de que Sua Majestade me fizera este favor e dei-lhe muitas graças.

2. Outra vez uma pessoa<sup>[1]</sup> estava passando mal, atacada de uma doença muito dolorosa, que não nomeio por ignorar a natureza da enfermidade. Havia dois meses sofria dores tão cruciantes que se despedaçava. Meu confessor, que era o reitor já mencionado, foi a sua casa, teve grande compaixão e disse-me que não deixasse de ir vê-la, porque era pessoa a quem eu podia visitar por ser meu parente. Fui e à sua vista senti tanta piedade, que comecei com muita instância a pedir sua saúde ao Senhor. Vi claramente, tanto quanto posso julgar, a graça que me fez, porque, logo no outro dia o enfermo ficou inteiramente livre daquela dor.

3. Em certa ocasião tive imenso pesar ao saber que uma pessoa, a quem eu devia muito, queria dar um passo contra Deus e a própria honra. Ela estava já muito resolvida a fazê-lo. Era tanta minha aflição, que não sabia que meio empregar para dissuadi-la. Parecia não haver solução. Supliquei a Deus, muito de coração, que ele mesmo remediasse. Enquanto não vi passado o perigo, minha mágoa não encontrou alívio. Neste estado fui a uma ermida bem afastada, como as temos neste mosteiro. Era a de Cristo atado à coluna. Supliquei-lhe que me fizesse esta graça. Ouvi que me falava em voz muito suave semelhante a de um murmúrio. Assombrada, arrepiaram-se os meus cabelos. Queria entender o que me dizia, mas foi coisa tão rápida que não consegui perceber.

Passado o assombro momentâneo, senti interiormente tal sossego, felicidade e

consolo, que me admirei do grande efeito produzido na minha alma. Só percebi a voz com os ouvidos corporais, sem entender as palavras. Compreendi que minha súplica seria atendida, embora por enquanto nada houvesse mudado. Deixei de sentir pesar, tal como se já visse realizado o que desejava, como foi depois. contei aos meus confessores, dois grandes teólogos e servos de Deus<sup>[2]</sup>.

4. Uma pessoa se resolvera a servir de verdade a Deus e durante algum tempo se dera à oração, recebendo nela muitas graças do Senhor. Soube que tinha deixado este santo exercício devido a certas ocasiões bem perigosas, das quais ainda não se afastara. Deu-me isto imenso pesar. Era pessoa a quem eu queria e devia muito. Durante mais de um mês, se não me engano, não fazia senão suplicar a Deus que atraísse essa alma para si.

Pondo-me em oração, um dia, vi junto de mim um demônio. Com muita raiva despedaçava uns papéis que tinha na mão. Isto me deu grande consolo, parecendo-me ter alcançado o que pedia. Assim foi, pois soube mais tarde que esta pessoa se havia confessado com grande contrição, voltando-se tão verdadeiramente para Deus que, espero em Sua Majestade, há de ir progredindo sempre. Amém.

5. É muito frequente nosso Senhor converter, a meu pedido, pessoas que estão em pecado grave, e trazer outras a mais perfeição. Quanto a livrar almas do purgatório e conceder-me outros favores assinalados, são tantas as graças que o Senhor me tem feito que, se houvesse de dizer todas, seria cansar a mim e a quem me lesse. É coisa muito notória, da qual há numerosas testemunhas. Não podia deixar de crer que o Senhor atendera à minha oração, sem falar em sua bondade que é o principal. Logo sentia muito escrúpulo. Contudo já são tantos os fatos e tão conhecidos por outras pessoas, que não me aflige crê-lo assim. Louvo, pois, a Sua Majestade e fico muito confusa reconhecendo-me por ainda mais devedora. Com isto, a meu parecer, o desejo de o servir cresce em mim e o amor torna-se mais vivo.

Tratando-se de coisas que o Senhor vê não ser conveniente atender, por mais que eu queira e me esforce, não consigo pedi-las com a mesma instância, o mesmo zelo e fervor com que peço outros favores que Sua Majestade me há de conceder. Isto muito me admira. Sinto que posso solicitar muitas vezes e com insistência graças que o Senhor me vai conceder. Se não ando com tal desvelo, ao menos tenho-as sempre presentes.

6. É grande a diferença que há entre estes dois modos de pedir. Não sei como explicar. Às vezes peço, pois não deixo de procurar interceder junto ao Senhor, mesmo não sentindo em mim o fervor ordinário. Mas algumas vezes, por mais que me interesse o assunto, sou como uma pessoa que tem a língua atada, quer falar mas não pode, ou se fala, é de modo que percebe não ser entendida.

7. Outras vezes é como quem fala em voz clara e distinta a quem vê que de boa vontade o está ouvindo. Do primeiro modo pedimos como que em oração vocal, digamos assim. Do outro, é em elevada contemplação, na qual o Senhor nos faz sentir que nos está ouvindo, que recebe nossas súplicas e se alegra de as deferir. Seja ele bendito para sempre, que tanto dá e tão pouco lhe dou eu. Com efeito, que pensa, Senhor meu, quem não se desfaz todo por vós? E quanto, quanto, quanto — posso repetir mil vezes — me falta para isto! Não vivo conforme o que vos devo. Só por esta razão não havia de desejar



viver, sem falar em outras muitas coisas. Com quantas imperfeições me vejo! Que frouxidão em vosso serviço! É certo que algumas vezes, quisera estar fora de meu juízo, para não ver tanto mal em mim. Praza àquele que tudo pode, remediá-lo!

8. Agora falando na verdadeira visão das realidades, penso nas grandes tribulações que sofrem em tratar com as criaturas, aqueles a quem Deus elevou ao conhecimento da verdade acerca de todos os bens deste mundo, onde ela anda tão encoberta. Assim o Senhor me explicou certa vez.

Quero deixar aqui declarado que muitas coisas das que escrevo não são de minha cabeça, senão ouvidas deste meu Mestre celestial. Particularmente quando digo: “Isto ouvi”, ou “disse-me o Senhor”. Tendo grande escrúpulo de pôr ou tirar uma única sílaba que seja. Quando não me lembro bem de tudo exatamente, escrevo-o como dito por mim, ou também porque algumas coisas serão minhas. Não digo ser meu o que é bom. Sei que nada há em mim que o seja, exceto o que, tão sem merecimentos de minha parte, o Senhor me tem dado. Chamo, pois, “dito por mim”, o que não me foi dado ouvir em alguma revelação.

9. Mas, ai! Deus meu, quantas vezes queremos, nas coisas espirituais, julgar por nosso parecer, torcendo e forçando a verdade, como se faz no mundo! Imaginamos que havemos de regular nosso aproveitamento pelos anos que temos de algum exercício de oração. Até pretendemos impor medida ao Senhor que sem medida alguma distribui seus dons quando quer. Em meio ano dá mais a uma alma do que a outra em muitos! Tenho-o verificado tantas vezes em muitas pessoas, que me espanto como possa haver dúvida a este respeito.

10. Bem creio que não cairá neste engano quem possuir talento para discernir os espíritos e tiver recebido do Senhor verdadeira humildade. Quem os tiver julga pelos efeitos, examina a generosidade e o amor. Iluminado pelo Senhor para que o conheça, medirá por estes sinais o adiantamento e o progresso das almas, e não pelos anos. Realmente em poucos meses alguém pode ter alcançado mais que outro em vinte anos. Como digo, o Senhor dá suas graças a quem quer e também a quem melhor se dispõe. Vejo agora umas jovens bem novas virem a este mosteiro. Mal as tocou Deus com sua graça e lhes deu um pouco de luz e de amor, quero dizer, mal provaram as suavidades, que por algum tempo lhes concedeu, corresponderam logo ao seu apelo. Sem se intimidarem com as dificuldades, nem se lembrarem sequer do pão de cada dia, encerram-se para sempre numa casa sem renda, como quem não receia arriscar a vida por amor daquele de quem se sentem tão amadas. Deixam tudo, não querem ter vontade, nem temem viver descontentes em tanta austeridade e clausura. Todas juntas se oferecem a Deus em sacrifício.

11. De boa vontade reconheço que nisso me levam vantagem! Eu deveria andar envergonhada diante de Deus. O que Sua Majestade não conseguiu de mim em tantos anos, decorridos desde que comecei a ter oração e receber graças, consegue delas em três meses — e de uma, até em três dias — com favores muito menores do que a mim. Boa paga lhes dá Sua Majestade. E, sem dúvida alguma, não estão arrependidas do que fizeram por ele.

12. Com o fim de nos humilharmos quisera eu que trouxéssemos à memória os muitos anos de profissão ou de oração que temos. Não para atormentarmos os que em pouco tempo vão mais adiante, fazendo-os voltar atrás para medir os passos pelos nossos. Não pretendamos fazer que andem, como pintos amarrados, os que voam como águias, com as graças que Deus lhes concede. Ponhamos, pelo contrário, os olhos em Sua Majestade, e se virmos humildade nessas almas, soltemos as rédeas. O Senhor, que lhes faz tantos favores, não permitirá caírem em algum precipício. Baseadas na verdade da fé que conhecem, abandonaram-se elas a Deus. Não as abandonaremos nós ao mesmo Senhor? Teremos a pretensão de as medir por nossa bitola, de acordo com o nosso ânimo mesquinho? Não seja assim. Ao invés de as condenar, humilhemo-nos, reconhecendo que, por falta de experiência, não conseguimos compreender e elevarmo-nos até seus generosos feitos e propósitos. Sem isso, pretendendo visar o proveito do próximo, ficamos sem o nosso. Perdemos uma ocasião, fornecida pelo Senhor, para nos humilharmos e entendermos o que nos falta, vendo quanto mais desapegadas e unidas a Deus devem estar essas almas, pois Sua Majestade tanto se aproxima delas.

13. Não entendo, nem quero entender outra coisa. Prefiro oração que produz grandes efeitos em pouco tempo a uma oração de muitos anos quando no último dia está como no primeiro, e nunca se resolve positivamente a fazer por Deus coisa que valha. Evidentemente os grandes efeitos logo se percebem. É impossível deixar tudo, só para contentar a Deus, sem muita veemência de amor. Não consideremos como sendo grandes obras e mortificações uns atozinhos tão miúdos como grãosinhos de sal, que por assim dizer, um pássaro os leva no bico. Digo isto porque às vezes fazemos caso de certas coisas insignificantes que empreendemos pelo Senhor. Seria lástima tomá-las em consideração, embora sejam muitas. É o que me acontece esquecendo as graças a cada passo.

Não digo que Sua Majestade, tão bom como é, não leve muito em conta esses pequenos atos. Quisera eu não fazer caso deles, nem saber que os faço, pois de nada valem. Perdoai-me, e não me culpeis, Senhor meu. Com alguma coisa me hei de consolar, já que em nada vos sirvo. Se eu vos servisse em grandes obras, não faria caso de ninharias. Bem-aventurados os que vos dão glória mediante feitos magnânimos! Se houvesse algum merecimento na inveja que lhes tenho e no desejo que sinto de os imitar, não ficaria muito atrás em vos dar gosto. Mas para nada presto. Ponde vós, Senhor meu, valor ao que há em mim, pois tanto me amais.

14. Aconteceu um dia destes que a fundação ficou inteiramente concluída, porque chegou de Roma o breve que autoriza este mosteiro a viver sem rendas. Parece-me ter custado algum trabalho. Estava consolada por ver assim tudo terminado. Lembrei-me de quanto tinha sofrido e louvei o Senhor que de algum modo se quis servir de mim. Comecei a pensar em tudo que se passara. Vi como em cada um dos meus atos de alguma importância havia numerosas faltas e imperfeições. Algumas vezes era pouco ânimo e mui frequentemente diminuta fé. Até agora vejo cumprido tudo quanto o Senhor me predisse acerca deste mosteiro, contudo, jamais conseguia crer inteiramente no que ouvira, nem tampouco podia pô-lo em dúvida.

Não sei como explicar. É que, muitas vezes, por uma parte me parecia impossível. Por outra, não duvidei, isto é, não perdi a confiança de que se havia de fazer. Em suma, cheguei à conclusão de que o bem foi obra só do Senhor, e o mal, obra minha. Assim deixei de pensar no passado, e quisera não o trazer mais à memória, para não tropeçar com tantas faltas que cometi. Bendito seja aquele que faz resultar bem de todas as faltas quando é servido. Amém.

15. Torno a dizer que é perigoso alegar os anos que se tem de oração. Mesmo havendo humildade, pode ficar algum ressaíbo ou ideia de que se merece alguma coisa pelos serviços passados. Não digo que não haja merecimentos e que não se receba boa paga. Qualquer pessoa espiritual, que imagine ter adquirido direito a estes regalos de espírito, pelos muitos anos de oração, tenha por certo que não chegará ao cume.

Não lhe basta ter alcançado que Deus a sustentasse para não o ofender como costumava, antes de ter oração? Ainda lhe quer intentar demanda pelos seus dinheiros, como se costuma dizer? Pode ser que seja assim, mas a mim não me parece humildade profunda. Antes considero atrevimento. Apesar de pouco humilde, creio que jamais ousei tal coisa. Será provavelmente porque nunca servi a Deus, e assim não lhe tenho pedido salário. Se, porventura, o tivesse servido, mais que ninguém quisera eu que o Senhor me pagasse.

16. Não digo que a alma não vá crescendo e que Deus não a recompense se sua oração for humilde. O que peço é que esqueça os anos de serviço. Tudo quanto podemos fazer é repugnante em comparação de uma só gota do sangue que o Senhor derramou por nós. Se quem mais o serve, mais devedor lhe fica, que recompensa é essa que lhe pedimos? Por um centavo com que amortizamos a nossa dívida, recebemos de novo mil ducados. Por amor de Deus, deixemos esses juízos, que só a ele pertencem. Sempre são más as comparações, mesmo nas coisas terrenas. Que será então naquilo que só Deus sabe! Bem o mostrou Sua Majestade quando pagou tanto aos últimos operários quanto aos primeiros (Mt 20,12).

17. Escrevi estas três últimas folhas em tão diferentes ocasiões e em tantos dias, por serem poucos os meus lazeres, que me ia esquecendo do que queria relatar. É a visão seguinte: estando, um dia, em oração, vi-me sozinha num vasto campo, rodeada de muita gente de todas as classes. Parecia-me que se preparavam para me agredir. Uns empunhavam lanças; outros, espadas; outros, punhais; e outros, estoques muito compridos. Não me era possível escapar sem me expor a perigo de morte. Estava a sós, sem ninguém que tomasse minha defesa. Cheia de aflição e não sabendo o que fazer, levantei os olhos ao céu e vi Cristo. Não estava no céu, senão no ar, bem alto, e estendia a mão para mim. De longe amparava-me de tal maneira que eu não temia toda aquela gente, nem eles, por mais que quisessem, podiam agredir-me.

18. Esta visão parece sem fruto. Entretanto causou-me um bem imenso. Foi-me dado compreender o que significava. Com efeito, pouco depois sofri assalto quase semelhante. Conheci então que aquela visão era uma imagem do mundo, onde tudo quanto há parece armar-se para atacar a triste alma. Não falemos naqueles que pouco servem ao Senhor, nem nas honras, riquezas, deleites e outras coisas semelhantes. Está claro, que enredam

ou ao menos procuram enredar os incautos. Refiro-me aos amigos, parentes e — o que mais me espanta — a pessoas muito boas. Por todos vi-me depois tão atormentada, que não sabia como defender-me nem que partido tomar. E eles julgavam proceder bem.

19. Valha-me Deus! Se me fosse dado contar os diferentes sofrimentos de todo gênero que tive nessa ocasião, isto é, depois do que atrás fica dito, como deveria servir de experiência para esquecermos totalmente o mundo! Foi, creio eu, a maior perseguição das muitas pelas quais tenho passado. Sim, repito, em certas ocasiões vi-me tão apertada, que só achava salvação em erguer os olhos ao céu e clamar por Deus. Recordava-me bem do que tinha visto na referida visão. Serviu para não confiar muito em pessoa alguma, porque ninguém é estável senão Deus somente. Como o Senhor me havia então revelado, nesses grandes sofrimentos sempre me enviava alguém que me desse a mão. Eu não me apegava a coisa alguma e só a Deus desejava contentar. Assim fizestes, Senhor, para sustentar meu pequeno cabedal de virtude, que consistia só em desejar servir-vos. Sede para sempre bendito!

20. Estava eu, uma vez, muito inquieta e atrapalhada, sem conseguir recolher-me, sofrendo grande batalha interior e lutando arduamente. O pensamento vagava entre coisas imperfeitas, a ponto de nem sentir o desapego que me é comum. Vendo-me tão ruim, comecei a temer que as graças recebidas do Senhor fossem ilusões. Em suma, estava, com a alma em completa escuridão. No meio deste sofrimento, o Senhor começou a falar-me. Disse-me que não me afligisse. Vendo-me neste estado eu avaliaria melhor a miséria que seria a minha se ele se afastasse de mim, e a pouca segurança que existe enquanto vivemos nesta carne. Foi-me dada a compreensão de como é bem empregada esta guerra e contenda em vista de tal prêmio. Pareceu-me que o Senhor tinha lástima dos que vivem neste mundo. Acrescentou que não me tivesse por esquecida. Jamais me abandonaria, mas era preciso fazer o que estivesse nas minhas mãos. Isto o Senhor me falou com muita benevolência e ternura, acrescentando outras palavras em que me fazia uma grande graça e que não há motivo para repetir.

21. Muitas vezes Sua Majestade me tem dito, mostrando-me grande amor: “Já és minha e eu sou teu”. A estas palavras correspondo dizendo, segundo me parece com toda verdade: “Que se me dá de mim, Senhor, senão de vós?” São graças que me causam imensa humilhação, como já afirmei de outras vezes e ainda agora o digo frequentemente meu confessor. Para receber tais favores é necessário mais ânimo do que para aguentar enormes sofrimentos. Na ocasião em que recebo essas graças, esqueço-me de minhas obras, e só aparece minha miséria, sem a atividade do intelecto. Por vezes tenho impressão de inspiração sobrenatural.

22. Há dias em que sinto tamanha ânsia de comungar que não sou capaz de explicar. Estando fora de meu mosteiro aconteceu, certa manhã, chover torrencialmente. Com tamanho temporal não parecia possível pôr o pé na rua. Contudo saí, sentindo-me tão fora de mim com aquele desejo, que se me apontassem lanças contra o peito, penso que me atiraria contra elas, quanto mais água!

Chegando à igreja, sobreveio-me um grande arroubamento. Pareceu-me ver os céus abertos, e não apenas uma só entrada, como tenho visto de outras vezes. Representou-

se-me o trono de que já falei a Vossa Mercê e que mais de uma vez tenho contemplado. Acima dele outro trono, no qual, por um conhecimento que não sei exprimir, entendi estar a divindade, embora nada visse.

Esse trono parecia-me descansar sobre uns animais, e sobre o que eles significavam penso já ter ouvido a explicação. Imaginei que seriam talvez figuras dos evangelistas (Ap 4,6-8). Não vi como era o trono e tampouco quem estava nele. Enxerguei apenas imensa multidão de anjos que me pareceram incomparavelmente mais formosos do que todos quando tenho visto no céu. Pensei que talvez fossem serafins ou querubins, porque a beleza e a glória destes é superior às dos outros. Pareciam inflamados. É grande — repito — a diferença entre os anjos.

A felicidade de que então me senti inundada, não se pode exprimir por escrito nem de viva voz. Dela só pode ter ideia quem a experimentar. Entendi estar ali, por junto, tudo quanto se pode desejar, todavia, nada vi. Disseram-me e não sei quem o disse — que ali nada havia a fazer senão compenetrar-me de que nada podia entender, e ver como tudo era nada em comparação daquilo. Com efeito, desde então minha alma se envergonha só de pensar que se poderia deter em alguma coisa criada, ou — o que seria pior afeiçoar-se a ela. Tudo é para mim como um formigueiro.

23. Comunguei e assisti à missa, nem sei como. Pensava que tivesse decorrido pouco tempo. Espantei-me quando, ao som do relógio, compreendi que eu tinha passado duas horas naquele arrebatamento e regozijo. Maravilhava-me depois ao ver como, ao contato desse fogo de verdadeiro amor de Deus, parecia que o homem velho se consumia com as suas faltas, tibiezas e misérias. Bem se vê que é fogo vindo do alto, pois, quando Sua Majestade não o dá, por mais que eu queira, procure e me desfaça, não consigo acender sequer uma centelha.

Conta-se a respeito de uma ave chamada fênix, que depois de queimada, renasce das próprias cinzas; assim também a alma se transforma com desejos diferentes e grande fortaleza. Não parece a que era dantes. Começa a trilhar com pureza inteiramente nova o caminho do Senhor. Suplicando a Sua Majestade que assim acontecesse comigo, e de novo principiasse a servi-lo, disse-me ele: “Boa comparação fizeste. Cuida de não a esqueceres a fim de que procures aperfeiçoar-te sempre mais”.

24. Estando uma vez com a mesma dúvida, que há pouco referi, pensando se estas visões seriam de Deus, apareceu-me o Senhor e disse-me com rigor: “Ó filhos dos homens, até quando sereis duros de coração?” Ordenou em seguida que examinasse se eu estava de todo entregue a ele e era sua, ou não. Se assim estava, acreditasse que ele não permitiria minha perda. Fiquei muito magoada com aquela exclamação.

Tornou-me a dizer, com grande ternura e carinho, que não me afligisse, pois já sabia que da minha parte não deixaria eu de me oferecer a todos os trabalhos e sofrimentos por seu serviço. Prometeu-me que atenderia a todos os meus pedidos e, com efeito, realizou-se tudo o que eu então solicitava.

Chamou-me ainda a atenção para seu amor, como aumentava em mim de dia para dia, o que era prova de não ser obra do demônio. Não pensasse que Deus concedia a este inimigo tanto domínio sobre a alma de seus servos, nem capacidade para infundir a

clareza de entendimento e a paz que eu sentia em mim. Deu-me a compreender que eu faria mal em não dar crédito a tantas pessoas e tão autorizadas que me diziam como estas graças eram de Deus.

25. Rezando eu, um dia, o salmo *Quicumque vult*<sup>[3]</sup>, recebi a compreensão do modo pelo qual Deus é um só em três pessoas, e tão claramente que muito me admirei e consolei. Fez-me imenso proveito para conhecer melhor a grandeza de Deus e suas maravilhas. Assim, quando penso ou ouço falar na santíssima Trindade, parece que entendo como pode ser isto, o que é para mim motivo de grande contentamento.

26. Num dia da Assunção da Rainha dos Anjos e Senhora nossa, dignou-se o Senhor fazer-me a seguinte graça: num arrebatamento representou-me sua Mãe chegando ao céu. Vi a alegria e solenidade com que foi recebida e o lugar onde está. Seria incapaz de dizer como ocorreu tudo isto. Foi grandíssima a exultação de meu espírito com a visão de tão imensa glória. Senti elevados efeitos, e tirei por fruto desejo maior de padecer graves sofrimentos, e também vivas ânsias de servir a esta Senhora, pois tanto mereceu.

27. Estando num colégio da Companhia de Jesus, enquanto os irmãos daquela casa comungavam, vi um pálio muito rico sobre suas cabeças. Isto aconteceu por duas vezes. Quando outras pessoas comungavam, não via o pálio.

## CAPÍTULO 40

**Prossegue narrando as grandes graças que o Senhor lhe fez. Algumas encerram excelente doutrina. Seu principal intento em escrever estas páginas foi primeiramente obedecer, e depois relatar os favores que podem ser de proveito para as almas. Com este capítulo termina a narração de sua vida. Seja para a glória do Senhor. Amém.**

1. Certa vez enquanto fazia oração, senti-me invadida por uma felicidade muito íntima. Todavia considerando-me indigna de tal favor, comecei a pensar que merecia, com maior razão, estar naquele lugar que me estava destinado no inferno. O modo pelo qual nele me vi nunca me sai da memória. Com esta consideração, minha alma começou a inflamar-se mais. Sobreveio-me um arrebatamento de espírito que não sei descrever. Parecia-me estar imersa e repleta daquela majestade que já de outras vezes tenho entendido.

Nessa majestade compreendi uma verdade que é a plenitude de todas as verdades. Não sei dizer como, porque nada vi. Disseram-me — não sei quem, mas bem entendi ser a mesma Verdade: “Não é pouco isto que faço por ti: é uma das maiores graças de que me és devedora. Todo dano que vem ao mundo é porque os homens não conhecem com clareza as verdades da Escritura, da qual nem um til se deixará de cumprir”.

Veio-me ao pensamento que sempre o havia crido e que todos os fiéis o creem. O Senhor voltou a dizer-me: “Filha, quão poucos me amam verdadeiramente. Se me amassem, não lhes encobriria meus segredos. Sabes o que é amar -me de verdade? É compreender que tudo quanto não me agrada é mentira. Claramente verás isto, pelo fruto que sentirás em tua alma e que agora não entendes”.

2. Assim tem acontecido, Deus seja louvado! Desde então tudo que vejo não ir endereçado ao serviço de Deus, de tal modo me parece vaidade e mentira, que não saberia exprimir até que ponto o entendo. Que lástima sinto pelos que vivem em trevas acerca desta verdade! Vieram-me, além disto, vários outros proveitos que relatarei aqui, e muitos outros que não saberei referir.

Disse-me ainda o Senhor uma palavra particular de grande benevolência. Não sei como foi, porque nada vi. Verifiquei em mim uma tal mudança que não sei dizer. Achei-me com invicta fortaleza e verdadeira resolução de cumprir, com todas as minhas forças, até a mínima palavra da divina Escritura, e para isto nenhum obstáculo se apresentaria, que eu não o superasse.

3. Dessa Verdade divina, que me foi representada, se meu saber como nem por quem, gravou-se em meu espírito uma verdade que me faz ter um respeito todo novo para com Deus. É um respeito que dá a conhecer sua majestade e seu poder de maneira inexprimível. Sei apenas que tal conhecimento é dom de alto valor. Tive uma vontade imensa de não falar senão palavras muito verdadeiras, elevando-me acima do trato que se usa no mundo. Assim comecei a ter pesar de viver nele.

Esta graça deixou-me grande ternura, consolação e humildade. Parece-me, sem perceber como, que o Senhor aqui muito me enriqueceu. Não ficou em mim suspeita

alguma de ilusão. Nada vi, mas compreendi o grande bem que há em não fazer caso de coisa que não sirva para mais nos aproximarmos de Deus. Compenetrei-me do que é andar uma alma na verdade em presença da própria Verdade. Por meio desta compreensão, o Senhor me deu a entender que ele é a própria Verdade.

4. Todas estas coisas, que referi, me foram manifestadas ora por palavras, ora sem elas. Quando é sem palavras, por vezes, essas coisas revelam-se com maior clareza. Relativamente a esta Verdade aprendi muitíssimas verdades, que muitos doutos não poderiam ensinar-me. Parece-me que estes nunca seriam capazes de as imprimir tão vivamente no meu espírito, nem conseguiriam dar-me tão claramente a entender a vaidade do mundo.

Esta Verdade que, como digo, me foi manifestada, é verdade em si mesma e é sem princípio nem fim. Todas as demais verdades dependem desta Verdade, como todos os demais amores, dependem deste amor, e todas as demais grandezas dependem desta grandeza. Entretanto é obscuro o que digo, em comparação da luz com que o Senhor quis dar-me a entender. É como resplandece o poder desta majestade, pois em tão breve tempo deixa tão grande proveito, imprimindo na alma tais verdades!

Ó grandeza e majestade minha! Que fazeis, Senhor meu, todo-poderoso? Vede bem a quem concedeis tão soberanos favores! Será que não vos recordais de que esta alma foi um abismo de mentiras, um pélagos de vaidades e tudo por minha culpa? Tendo recebido de vós natural aversão à mentira, eu mesma enredei-me em muitas coisas mentirosas. Como se tolera, Deus meu, como se compreende tão elevado favor e tais graças feitas a quem tão mal os mereceu?

5. Estando uma vez nas Horas<sup>[1]</sup> com todas as monjas, minha alma subitamente recolheu-se. Pareceu-me vê-la como um claro espelho, que não tinha avesso, nem lados, nem alto, nem baixo. Estava toda luminosa, e no centro foi-me dado contemplar Cristo, nosso Senhor, como costume vê-lo. Tive a impressão de que em todas as partes de minha alma eu o via com tanta nitidez como num espelho. Ao mesmo tempo, este espelho se esculpia inteiramente não sei dizer como, no mesmo Senhor, por inefável comunicação sumamente amorosa.

Sei que esta visão me foi de grande proveito, e ainda o é, sempre que me lembro dela, especialmente quando acabo de comungar. Entendi que numa alma em estado de pecado mortal este espelho cobre-se de densa névoa e fica totalmente negro, de modo a não refletir nem deixar ver este Senhor, embora ele continue presente, dando-nos o ser.

Em relação aos hereges, o espelho está como quebrado, o que é muito pior do que simplesmente obscurecido. É grande a diferença que há entre ver e exprimir estas coisas, porque mal se podem explicar. O certo é que tirei muito proveito. E que tenho grande pesar das vezes que obscureci minha alma, com as minhas culpas, de, modo a não ver este Senhor!

6. Parece-me útil semelhante visão às pessoas que se dão ao recolhimento. Ensina a considerar o Senhor no mais íntimo da alma. Esta representação interior prende mais e é muito mais frutuosa do que buscá-lo fora de si, como tenho dito outras vezes. O mesmo está escrito em alguns livros de oração, que ensinam onde buscar a Deus.



Em especial o glorioso santo Agostinho diz que nem nas praças, nem nos contentamentos, nem em parte alguma o achou como dentro de si mesmo<sup>[2]</sup>. E é muito claro ser isto o melhor. Não é preciso ir ao céu nem sair de nós mesmos, o que só serviria para cansar o espírito e distrair a alma sem obter tanto fruto.

7. Um aviso quero dar aqui a respeito do que ocorre nos grandes arrebatamentos, para quem os tiver. Passado o tempo de união em que as faculdades ficam totalmente arrebatadas — e isto dura pouco, — acontece que a alma permanece recolhida e incapaz de voltar a si, mesmo no exterior. As duas faculdades, memória e intelecto, quase em delírio, estão desatinadas.

Eis o que acontece algumas vezes, especialmente no princípio. Isto procede, porventura, de nossa fraqueza natural, que não aguenta tanta força de espírito, e a imaginação se enfraquece. Sei que isto se dá com algumas pessoas. Nestas ocasiões, acho melhor que se dominem e deixem provisoriamente a oração, recuperando em outro tempo o que tiverem perdido. Não insistam, porque daí lhes poderá vir muito mal. Disto há experiência. É necessário verificar o que a nossa saúde pode aguentar.

8. Em tudo há necessidade de experiência e de direção, porque, chegada a estes termos a alma encontra muitas dificuldades e precisa ter com quem as tratar. Se, tendo buscado diretor não o achar, creia que o Senhor não lhe faltará. Nunca me faltou a mim, sendo eu quem sou. Com efeito, poucos mestres se encontram, creio eu, que tenham chegado à experiência de graças tão elevadas. Quando não a tem, são incapazes de ajudar a alma sem a inquietar e afligir. Também isto o Senhor levará em conta. Como já tenho dito de outras vezes, o melhor é abrir-se com um confessor que seja digno.

Tudo vai talvez repetido, mas é que a memória não me ajuda. Especialmente para mulheres vejo que é muito importante dizer tudo ao próprio confessor. É muito mais a estas do que aos homens que o Senhor concede tais graças. Isto ouvi do santo frei Pedro de Alcântara e também o tenho observado. Dizia ele que neste caminho elas vão mais longe que os homens. Dava disto excelentes razões, que não há necessidade de repetir aqui, todas em favor das mulheres.

9. Uma vez, na oração, foi-me dado a entender, muito brevemente, sem representação visível, mas com extrema clareza, como se veem todas as coisas em Deus, e como ele as encerra totalmente em si. Descrever como foi isto, não o sei, mas ficou muito impresso em minha alma. É uma das grandes graças que o Senhor me tem feito e das que me têm causado mais confusão e vergonha, pela lembrança dos pecados cometidos. Creio que se o Senhor se tivesse dignado mostrar-me isto em outros tempos, e o revelasse aos que o ofendem, nem eles nem eu teríamos coração e atrevimento para pecar.

Tenho a impressão de ter visto o que vou dizer, sem poder, entretanto, afirmar que o tenha visto positivamente. Alguma coisa se oferece à vista, já que posso fazer a comparação que se segue. Contudo é de maneira tão sutil e delicada, que o intelecto não pode alcançá-lo. Talvez eu mesma não saiba entender essas visões. Não parecem imaginárias. Em algumas, deve haver imagem, ao menos até certo ponto. Como a alma está em arrebatamento, as faculdades depois não sabem reproduzir o que o Senhor lhes quis dar a ver e provar.

10. Digamos pois que a divindade é como um claríssimo diamante, muito maior que todo o universo. Ou como aquele espelho que representava a alma na visão já referida. Mas aqui é de modo tão superior e sublime, que não o posso encarecer. Neste diamante vê-se tudo quanto fazemos. É de tal natureza que encerra tudo em si, e nada há que subsista fora de sua imensidade.

Foi para mim um maravilhoso espetáculo ver neste claro diamante, em tão pouco tempo, tantas coisas juntas. Sinto grande lástima cada vez que me recordo de ter considerado coisas tão feias, como eram meus pecados, que se refletiam naquela claridade limpidíssima! O certo é que, a esta lembrança, não sei como posso resistir. Na ocasião, fiquei tão envergonhada, que não sabia onde me meter.

Quem pudera dar e entender isto aos que cometem pecados muito grandes e desonestos, para se recordarem de que não ficam ocultos! Com razão Deus os sente, pois os cometemos na presença de Sua Majestade, e com tanto desacato nos desmandamos diante dele! Vi com quanta justiça se merece o inferno por uma só culpa mortal. A extrema gravidade da ofensa excede toda compreensão. É pecar diante de tão excelsa Majestade, à qual tanto repugna coisas semelhantes. Também aqui resplandece mais a misericórdia do Senhor. Vê que sabemos tudo isto e, todavia, nos suporta.

11. Tenho pensado comigo mesma: se uma só visão como esta deixa a alma assim atemorizada, que será no dia do juízo, quando esta mesma majestade se manifestar claramente a nós e nos fizer ver as ofensas com que a ultrajamos? Valha-me Deus! Em que cegueira tenho vivido! Quantas vezes fico tremendo à lembrança do que acabo de escrever! Não se admire Vossa Mercê, senão de que eu ainda esteja viva, vendo tais coisas e pondo os olhos em mim! Bendito seja para sempre aquele que tanto me tem suportado!

12. Fazendo, uma vez, oração com muito recolhimento, suavidade e paz, pareceu-me estar rodeada de anjos e muito perto de Deus. Comecei a suplicar a Sua Majestade pela Igreja. Foi-me então dado a entender o grande proveito que determinada ordem religiosa havia de fazer nos últimos tempos e com que fortaleza seus filhos haviam de sustentar a fé.

13. Quando, em certa ocasião, eu rezava junto ao santíssimo Sacramento, apareceu-me um santo cuja ordem esteve um tanto decaída. Tinha nas mãos um grande livro. Abriu-o e deu-me a ler as seguintes palavras escritas em letras grandes e muito inteligíveis: Nos tempos vindouros florescerá esta ordem, haverá muitos mártires.

14. Outra vez, durante Matinas, no coro, vi diante de meus olhos seis ou sete religiosos, que me pareceram dessa mesma ordem, com espadas nas mãos. Significava isto, penso eu, que hão de defender a fé. Mais tarde, estando em oração, meu espírito foi arrebatado e pareceu-me estar num vasto campo onde lutavam muitos combatentes. Os desta ordem pelejavam com grande denodo. Tinham os rostos formosos e muito abrasados. Venciam, deixando por terra numerosos inimigos e matando outros. Tive a impressão de que a batalha era contra os hereges.

15. Ao glorioso santo de que falei acima, são Pedro de Alcântara, tenho visto várias vezes. Tem me dito diversas coisas, agradecendo-me a oração que faço pela sua ordem,

e prometendo encomendar-me ao Senhor. Não assinalo as ordens, para que não se ofendam as demais. O Senhor declarará os nomes, se lhe aprouver. Cada ordem, ou cada um de seus membros de per si, deveria esforçar-se para que, por seu meio, o Senhor faça a sua religião tão ditosa, que possa servir à Igreja em tão grande necessidade como agora. Felizes as vidas que se sacrificam por tão nobre causa!

16. Certa pessoa rogou-me um dia que lhe alcançasse luz para conhecer se, aceitando um bispado, agradaria e serviria a Deus. Disse-me o Senhor depois da comunhão: “Quando compreender com toda verdade e clareza que a verdadeira autoridade consiste em nada possuir, então poderá aceitar”, dando-me a entender que as pessoas destinadas às prelazias absolutamente não devem desejá-las, ou, pelo menos, não as hão de buscar.

17. Estas graças e muitas outras o Senhor tem feito e faz continuamente a esta pecadora. Penso que não há razão para as dizer todas. Pelas que ficam ditas se conhece minha alma e o espírito que o Senhor me deu. Seja bendito para sempre aquele que tanto cuidado tem tido comigo.

18. Uma vez, consolando-me com muito amor, disse-me ele, que não me afligisse, pois nesta vida não permanecemos sempre no mesmo estado. Umas vezes eu teria fervor e outras não. Ora sofreria desassossegos e tentações, ora desfrutaria grande paz. Pusesse nele minha esperança e não tivesse medo.

19. Comecei a pensar, um dia, se seria apego achar contentamento em estar com as pessoas a quem abro minha alma e ter afeição aos que considero servos fiéis de Deus, pois me consolava com eles. Disse-me o Senhor que se um enfermo, em perigo de morte, vê que o médico lhe restitui a saúde, não será virtude de sua parte ter-lhe gratidão e amizade? Que seria de mim sem a assistência dessas pessoas? A conversação dos bons não prejudica. Fossem minhas palavras sempre ponderadas e santas. Não deixasse de tratar com eles, pois acharia proveito, e não prejuízo. Estas palavras muito me consolaram, porque algumas vezes, temendo haver apego, penso em deixar todos esses relacionamentos.

Este Senhor me aconselhava sempre em todas as coisas, a ponto de me ensinar como devia proceder com os fracos e com algumas pessoas. Jamais se descuida de mim. Sofro algumas vezes vendo-me tão sem capacidade para seu serviço e forçada a perder tempo, mais do que quisera, com um corpo tão fraco e ruim como é o meu.

20. Estava eu, certa vez, em oração, e, chegando a hora de dormir, sentia-me com fortes dores e ameaças do vômito habitual. Vendo-me tão atada pelo corpo, e por outra parte o espírito querendo tempo para si, fiquei tão atribulada que comecei a chorar muito aflita. Não foi só esta vez. Acontece-me frequentemente sentir tédio de mim mesma, e aborrecer-me deveras. Geralmente, porém, vejo que não me odeio bastante, nem me privo do que me parece necessário. Queira Deus que eu não tenha muitas vezes alguma demasia neste ponto! É bem provável.

Na ocasião a que me refiro, o Senhor me apareceu, testemunhando-me grande ternura. Disse-me que fizesse essas coisas por amor dele e me resignasse, pois minha vida ainda era necessária. Assim é que, tanto quanto me recordo, nunca me vejo em aflição, desde que me determinei a servir com todas as forças a este Senhor e

Consolador meu. Quando me deixa padecer um pouco, depois me consola tanto, que não tenho merecimento algum em desejar sofrimentos.

Atualmente não acho outra razão para viver senão o padecer, e é o que peço a Deus com maior amor. Digo-lhe algumas vezes com todo o ardor da vontade: Senhor, ou morrer ou padecer. Não vos peço outra coisa para mim. Dá-me consolo ouvir o relógio bater, porque me parece estar um pouquinho mais perto de ver a Deus, tendo passado aquela hora de minha vida.

21. Outras vezes estou de tal maneira, que nem me sinto viver nem me parece ter vontade de morrer. É uma espécie de tédio e de acabrunhamento, que me invade frequentemente em consequência de grandes sofrimentos interiores. O Senhor permitiu que se tornassem públicas estas graças que Sua Majestade me faz, como ele mesmo o tinha predito há alguns anos atrás. Com isto padeci bastante, e até agora não é pouco o que tenho passado, como Vossa Mercê sabe. Cada um interpreta a seu modo. É consolo para mim não ter sido por minha culpa, pois tenho tido grande reserva e até escrúpulo de só falar a meus diretores ou a pessoas a quem eles o tenham comunicado. Faço assim não por humildade, mas pela repugnância que sinto de o contar, mesmo aos confessores.

Murmura-se muito de mim e com bom zelo. Alguns chegam a ter medo de tratar comigo e até de me ouvir em confissão. Outros me dizem coisas bem pesadas. Já agora, Deus seja louvado, muito pouco se me dá de tudo quanto dizem a meu respeito. Quando me lembro do muito que o Senhor passaria por uma só alma, entendo que por este meio Sua Majestade quer salvar muitas almas, segundo tenho visto claramente.

Não sei se contribui para esta paz haver-me Sua Majestade metido neste cantinho tão impenetrável<sup>[3]</sup>, onde vivo como se já estivesse morta. Pensei que não houvesse mais lembrança de mim, contudo, não foi tanto como eu quisera. Vejo-me forçada a falar a algumas pessoas. Mas como estou onde não me podem ver, parece-me que o Senhor já foi servido em me trazer a porto de segurança. Assim o espero de Sua Majestade.

22. Já estando fora do mundo, em pouca e santa companhia, olho tudo do alto, e bem pouco me importa o que se possa falar ou saber de mim. Dou mais importância ao mínimo proveito de uma alma, do que a tudo quanto se diz a meu respeito. Desde que estou aqui, aprouve ao Senhor que todos os meus desejos se encaminhem para este fim.

A vida para mim tornou-se como um sonho. Quase sempre me parece estar sonhando o que vejo. Não sinto em mim nem muito contentamento, nem muita pena. Se certas coisas me causam algum sentimento, passa com tanta brevidade, que é maravilha. Fica-me a impressão de um sonho. É a inteira verdade. Embora eu queira depois alegrar-me com algum contentamento, ou ter pesar de algum sofrimento, não consigo, não está em minhas mãos. É como se uma pessoa sensata quisesse ter pena ou glória por um sonho que já passou. O Senhor despertou minha alma e a arrancou daquilo que tanto sentimento lhe causava, quando não estava mortificada nem morta para as coisas do mundo. Sua Majestade não quer que ela se torne a cegar.

23. Desta maneira vivo agora, senhor e pai meu<sup>[4]</sup>. Vossa Mercê suplique a Deus que, ou me leve consigo, ou me dê meios para o servir. Praza a Sua Majestade que o presente manuscrito aproveite a Vossa Mercê. Em razão do pouco tempo de que disponho,

custou-me algum trabalho. Mas dou-o por bem empregado, se acertei em dizer alguma coisa pela qual alguém louve o Senhor uma só vez sequer. Com isto me daria por satisfeita, ainda que Vossa Mercê logo o queimasse.

24. Desejaria, porém, que assim não fizesse sem que ouvissem as três pessoas que Vossa Mercê sabe, pois são e têm sido meus confessores. Se é mau o que digo, convém que percam a boa opinião que têm de mim. Se é bom, sei que, virtuosos e doutos como são, vendo donde procede, hão de louvar aquele que se serviu de mim para o dizer.

Sua Majestade tenha sempre Vossa Mercê de sua mão e o faça um grande santo para que esclareça esta miserável com seu espírito e luz. Pouco humilde e muito atrevida, ela ousou escrever sobre assuntos tão elevados. Praza a Deus não tenha errado neste ponto, embora com intenção e desejo de obedecer e de acertar a fim de dar ocasião a que, por seu intermédio, se louve de algum modo o Senhor. Tal é o objeto de minhas súplicas, há muitos anos. Como para isto me faltam as obras, atrevi-me a pôr em ordem e relatar esta minha desbaratada vida, sem empregar mais cuidado nem tempo do que o justo necessário para a escrever. Narrei apenas o que se passou comigo, com toda a simplicidade e verdade que estava ao meu alcance.

25. Praza ao Senhor — pois sendo onipotente, se quiser, pode fazê-lo — que em tudo eu faça inteiramente sua vontade. E não permita a perdição desta alma que com tantos artifícios e de tantas maneiras Sua Majestade, inúmeras vezes, tem tirado do inferno e atraído a si. Amém.

JHS

O Espírito Santo esteja sempre com Vossa Mercê. Amém. Não seria mau encarecer a Vossa Mercê o serviço, que ora lhe presto, para o obrigar a ter muito cuidado de me encomendar a nosso Senhor. Desejo encarecê-lo, pois foi tal meu sofrimento ao me ver retratada e ao trazer à memória tantas misérias minhas. Com verdade posso dizer que mais senti escrever as graças que tenho recebido do Senhor, do que minhas ofensas contra Sua Majestade.

Obedecendo ao que Vossa Mercê mandou, fui extensa, mas com a condição de que cumprirá, de sua parte, o que me prometeu, rasgando o que lhe parecer mal. Não o tinha acabado de ler, e já Vossa Mercê o manda buscar. Pode ser que algumas coisas estejam mal explicadas e outras repetidas. Disponho de tão pouco tempo, que não foi possível reler à medida que escrevia. Suplico a Vossa Mercê que o emende e o mande copiar, no caso de o remeter ao padre mestre Ávila<sup>[1]</sup> porque alguém poderia conhecer a letra.

Desejo muito que se faça de modo que ele o veja, pois foi com esta intenção que o comecei a escrever. Se lhe parecer que estou em bom caminho, ficarei muito consolada, pois terei feito o que estava a meu alcance. Em tudo Vossa Mercê faça como lhe parecer e como vir que está obrigado a fazer por quem assim lhe confia sua alma.

Encomendarei Vossa Mercê durante toda a minha vida a nosso Senhor. Por conseguinte, apressai-vos em servir a Sua Majestade, para me fazer favor. Segundo o que escrevi, Vossa Mercê verá quão bem empregado é dar tudo e a si mesmo, — como já começou a fazer — a quem tão sem medida se dá a nós.

Seja ele bendito para sempre! De sua clemência espero que nos havemos de ver onde mais claramente, Vossa Mercê e eu, compreendamos as grandes misericórdias com que nos cumulou, e onde para todo sempre o louvemos. Amém.

Acabou-se este livro em junho, no ano de 1562<sup>[2]</sup>.

- *Amor não cansa nem se cansa (O)*, São João da Cruz
- *Ao sopro do espírito: oração e ação*, Maria-Eugênio do Menino Jesus
- *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus
- *Cartas (As)*, Santa Catarina de Sena
- *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
- *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- *Confissões*, Santo Agostinho
- *Conselhos e lembranças*, Santa Teresinha
- *Diálogo (O)*, Santa Catarina de Sena
- *Diário da alma*, João XXIII
- *Direção espiritual (A): pastoral do acompanhamento espiritual*, Tomás R. Miranda
- *Espírito de Santa Teresa do Menino Jesus (O)*, Carmelo de Lisieux
- *Espiritualidade do eneagrama (A): da compulsão à contemplação*, Suzanne Zuercher
- *História de uma alma*, Santa Teresinha
- *Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila: mestra de oração e doutora da Igreja*, Pedro Paulo Di Berardino
- *Itinerário espiritual de São João da Cruz*, Pedro Paulo Di Berardino
- *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus
- *Livro do Mestre (O)*, Rulman Merswin
- *Não morro... entro na vida: últimos colóquios*, Santa Teresinha
- *Quando você for orar... Guia e ajuda para iniciar-se na oração*, Maria D. López Guzmán
- *Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus*, Pe. Liagre
- *Santa Teresa de Jesus: mestra de vida espiritual*, Gabriel de S. Maria Madalena
- *São João da Cruz: doutor do “Tudo e Nada”*, Pedro Paulo Di Berardino

- *São João da Cruz: noite escura lida hoje*, Jesús M. Ballester
- *Surpresas pelo caminho: 50 caminhantes entusiastas*, Richard A. Hasler
- *Teu amor cresceu comigo: Teresa de Lisieux. Gênio espiritual*, Maria Eugênio do Menino Jesus
- *Uma espiritualidade para o nosso tempo à luz do apóstolo Paulo*, Valdir José de Castro
- *Vida de Santa Catarina de Sena*, João Alves Basílio
- *Virgem Maria*, Santo Agostinho



Coordenação de desenvolvimento digital:  
*Guilherme César da Silva*

Capa  
*Raquel Ferreira*

Imagem de capa  
*iStock*

Desenvolvimento digital:  
*Daniela Kovacs*

Conversão EPUB:  
*PAULUS*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Teresa de Jesus, Santa, 1515-1582

T-294L O livro da vida / Santa Teresa de Jesus [livro eletrônico]; (tradução das carmelitas descalças do Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro). — São Paulo: Paulus, 1983. Coleção Espiritualidade. 1,1Mb; ePUB

eISBN 978-85-349-4420-5

I. Teresa de Jesus, Santa 1515-1582. I. Título.

83-1466

CDD-922.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Santas: Igreja Católica: Autobiografia 922.22

Tradução da Serva de Deus Maria José de Jesus, do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro, segundo a edição crítica de frei Silvério de Santa Teresa, O.C.D.

---

© PAULUS – 1983

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#)

eISBN 978-85-349-4420-5

# NOTAS

## VIDA DA SANTA MADRE TERESA DE JESUS

[1] O padre dominicano, frei Garcia de Toledo.

[2] Estas expressões e muitas outras encontradas nos escritos de santa Teresa, devem ser atribuídas à sua humildade e à dor que lhe causava a lembrança das resistências opostas por muitos anos às graças extraordinárias do Senhor. Seu coração grato em extremo, seu espírito altamente iluminado sobre o que Deus merece das criaturas — pelo que é em si mesmo e depois pelos seus benefícios e particulares graças — compreendia que não é muito chorar toda a vida a mínima infidelidade. É fato averiguado e incontestável que nunca perdeu a inocência batismal. Não só o atestam unanimemente todos os seus biógrafos e confessores, mas o santo padre Gregório XV, na própria Bula de canonização, dirimiu todas as dúvidas com as seguintes palavras: “Entre as demais virtudes em que, como esposa adornada do Senhor, se avantajou esta serva de Deus, resplandeceu de modo particular sua inteiríssima castidade, a qual tão excelentemente guardou, que não só conservou até à morte o propósito de guardar virgindade que tinha feito desde menina, senão também na alma e no corpo teve uma pureza angélica, livre de toda mácula e pecado”.

## CAPÍTULO 1

[1] Chamou-se o pai de santa Teresa dom Afonso Sanchez de Cepeda; embora fidalgo da antiga nobreza espanhola, tinha ascendentes judeus. Nasceu em Toledo, mas viveu em Ávila, cidade de Castela, a Velha, chamada Ávila dos santos e dos cavaleiros, em razão dos filhos ilustres que deu à Igreja e à Pátria, dos quais o mais célebre foi certamente a grande reformadora do Carmelo. Casou-se duas vezes. De seu primeiro matrimônio com dona Catarina dei Peso y Henao teve três filhos: João, Maria e Pedro. Do segundo, com dona Beatriz de Ahumada, mãe da Santa, nasceram-lhe: Fernando, Rodrigo, *Teresa*, Lourenço, Antônio, Pedro, Jerónimo, Agostinho e Joana.

[2] Rodrigo, quatro anos mais velho que a Santa.

[3] Tendo a Santa sete anos de idade, tentou realizar seus desejos de martírio. Esquiva-se da casa paterna, juntamente com seu irmão Rodrigo, atravessa parte da cidade, transpõe uma das portas do Sul e a ponte do rio Adaja e lá vai pela estrada de Salamanca, em busca da “terra de mouros”. Tendo sido encontrados por dom Francisco Alvarez de Cepeda, seu tio, são restituídos à casa. Teresa, acusada pelo irmão como autora da aventura, longe de se desculpar, chora inconsolavelmente vendo frustrados seus planos de martírio.

[4] Aqui há engano. Santa Teresa tinha então de treze para quatorze anos.

## CAPÍTULO 2

- [1] Dona Matia de Cepeda, filha do primeiro matrimônio de dom Afonso.
- [2] O mosteiro de Nossa Senhora da Graça, das religiosas de santo Agostinho.
- [3] D. Maria Briceno y Contreras, de grande santidade e nobreza de sangue.

## CAPÍTULO 3

[1] D. Joana Soares no mosteiro da Encarnação de Ávila.

[2] D. Pedro de Cepeda.

## CAPÍTULO 6

[1] Domingo de Ramos.

## CAPÍTULO 7

[1] Liberdade para saírem e passar temporadas em casa de parentes, como acontecia antes do Concílio de Trento.

[2] Refere-se a conversações exteriores nos locutórios, muito frequentados naquele tempo em que os seculares não tinham outras distrações e prezavam-se de mostrar-se espirituais.

[3] Padre frei Vicente Varrón.

## CAPÍTULO 10

[1] O cuidado de estar alguém recolhido a pensar em coisas espirituais.

[2] Frei Garcia de Toledo.

[3] Convento de São José, de Ávila.



## CAPÍTULO 11

[1] Frei Garcia de Toledo.

## CAPÍTULO 12

[1] Obra do padre franciscano frei Afonso de Madri.

[2] A Santa diz: bobos.

## CAPÍTULO 13

[1] O original diz: devociones a bobas.

## CAPÍTULO 14

[1] O convento de são José de Ávila.

## CAPÍTULO 15

[1] O original diz “boba”

## CAPÍTULO 16

[1] Fala de si mesma

[2] Dirige-se a frei Garcia de Toledo.

[3] Pensa o padre frei Silvério de santa Teresa que seriam: o padre Mestre Daza, Francisco de Salcedo, dona Guiomar de Ulloa e o padre Ibañez. Julgamos que um destes deva ser substituído pelo padre frei Garcia de Toledo.

## CAPÍTULO 18

[1] O original diz “mantiene la tela”, termo de justa, jogo militar antigo, fig. ato de pleitear rivalidades.

## CAPÍTULO 19

[1] Padre frei Vicente Varrón.



## CAPÍTULO 20

- [1] Vigiei e tornei-me como pássaro solitário no telhado (SI 101,8).
- [2] Maça dura com forma de pêra.

## CAPÍTULO 22

[1] Dirige-se a frei Garcia de Toledo.

## CAPÍTULO 23

- [1] Capítulo 9.
- [2] O Mestre Gaspar Daza.
- [3] Francisco de Salcedo.
- [4] O Mestre Daza.
- [5] Francisco de Salcedo e Gaspar Daza.
- [6] O padre Diogo de Cetina.

## CAPÍTULO 24

- [1] São Francisco de Borja.
- [2] Dona Guiomar de Ulloa.
- [3] Padre Baltasar Alvarez, SJ

## CAPÍTULO 25

[\[1\]](#) Capítulo 7.

## CAPÍTULO 26

[1] A fundação do convento de São José, de Ávila.

[2] O padre Baltasar Alvarez, SJ.

## CAPÍTULO 27

[1] Aproximadamente 1,37m.

[2] SI 121. Alegrei-me com o que foi dito.

## CAPÍTULO 28

[1] O padre Baltasar Alvarez, SJ.

[2] Provavelmente Francisco de Salcedo, o cavaleiro santo.



## CAPÍTULO 29

[1] Capítulo 20.

[2] Assim como o cervo deseja as fontes das águas (SI 42).

[3] No capítulo 27.

[4] No original: abobada.

[5] Capítulo 2U.

## CAPÍTULO 30

[1] No fim do capítulo 27.

[2] Senhor, dai-me dessa água (Jo 4,15).

## CAPÍTULO 31

[1] É evidente que a Santa diz apenas o que lhe acontecia algumas vezes.

## CAPÍTULO 32

[1] O padre Ribera, S.J. na *Vida de Santa Teresa* diz que esse lugar era, não o que havia merecido, mas o que viria a merecer pelo caminho que levava.

[2] Regra da Ordem do Carmo mitigada pelo papa Eugênio IV em 1432.

[3] Tratava-se das franciscanas que se chamaram descalças, sob a inspiração de são Pedro de Alcântara. Saíram de seu mosteiro mitigado de Ávila Para estabelecerem-se em Valladolid, e depois em Madri, a fim de viver segundo a Regra primitiva de são Francisco de Assis.

[4] Dona Guiomar de Ulloa.

[5] O padre Baltasar Alvares, S.J.

[6] Frei Gregório Fernandez.

[7] O padre frei Pedro Ibanez.

[8] O mestre Gaspar Daza, cf. cap. 23.

## CAPÍTULO 33

[1] O padre Baltasar Alvarez, S.J.

[2] Padre Gaspar Salazar, SJ.

[3] Dona Joana de Ahumada, que residia em Alba.

[4] Dom Álvaro de Mendoza, bispo de Ávila.

## CAPÍTULO 34

- [1] Toledo.
- [2] Dona Luísa de la Cerda, viúva de Arias Pardo de Saavedra, um dos mais ricos senhores da Espanha.
- [3] O próprio frei Garcia de Toledo ao qual a Santa dirige o seu relatório.
- [4] Frei Pedro Ibauez.
- [5] Os padres Pedro Ibanez e Domingos Bariez.
- [6] Dom Martin de Guzmán y Barrientos.
- [7] Dona Maria de Cepeda.

## CAPÍTULO 35

[1] Dona Luísa de la Cerda, em Toledo.

[2] Chamava-se Maria de Jesus.

[3] Padre frei Pedro Ibanez.

[4] Dona Luísa de la Cerda.

[5] Este título, na Ordem de São Domingos, equivale ao de licenciado em teologia.

[6] Padre Domenach, S.J., reitor em Toledo.

## CAPÍTULO 36

- [1] Dom João de Ovalle, esposo de dona Joana de Ahumada.
- [2] Foram quatro, que se chamaram na religião: Antônia do Espírito Santo, Maria da Cruz, Ursula dos Santos e Maria de São José.
- [3] O convento de Ssão José de Ávila.
- [4] Frei Domingos Banez.
- [5] Para o mosteiro de São José.
- [6] Gonzalo de Aranda.
- [7] O mestre Gaspar Daza.
- [8] No dia 18 de outubro desse mesmo ano de 1562.
- [9] No capítulo 27.
- [10] A regra primitiva foi dada aos eremitas do monte Carmelo por santo Alberto, patriarca de Jerusalém, em 1209 mais ou menos. Inocên cio IV, depois de examiná-la e corrigi-la, aprovou-a em 1247 segundo o Bulário Romano.
- [11] Irmã Maria de Jesus.
- [12] Mais tarde determinou a Santa que houvesse vinte religiosas em cada mosteiro.



## CAPÍTULO 37

[1] Dirige-se aos padres Garcia de Toledo e Pedro Ibañez.

## CAPÍTULO 38

- [1] Dona Luísa de la Cerda.
- [2] A Vida de Cristo, por Ludolfo de Saxônia, monge cartuxo.
- [3] No original: obobada.
- [4] Frei Pedro Ibañez.
- [5] Frei Pedro Ibañez.
- [6] O padre Gregório Fernandez.

## CAPÍTULO 39

- [1] Pedro Mexia, primo da Santa.
- [2] Padres García de Toledo e Domingos Bañez, ambos dominicanos.
- [3] O símbolo chamado de santo Atanásio.

## CAPÍTULO 40

- [1] Partes do ofício divino que se rezavam pela manhã, todas juntas.
- [2] 1 Solilóquios, cap. 31.
- [3] O convento de são José, de Ávila.
- [4] Dirige-se a frei Garcia de Toledo.

JHS

[1] São João de Ávila.

[2] Nesta data santa Teresa terminou a primeira relação que escreveu sem divisão de capítulos. Copiou-a mais tarde, acrescentando fatos posteriores. Seja por inadvertência, seja deliberadamente, a Santa conservou no segundo manuscrito a data do original. O manuscrito foi enviado em 1566 a São João de Ávila.

Hildegarda de Bingen

## Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



# Scivias

de Bingen, Hildegarda

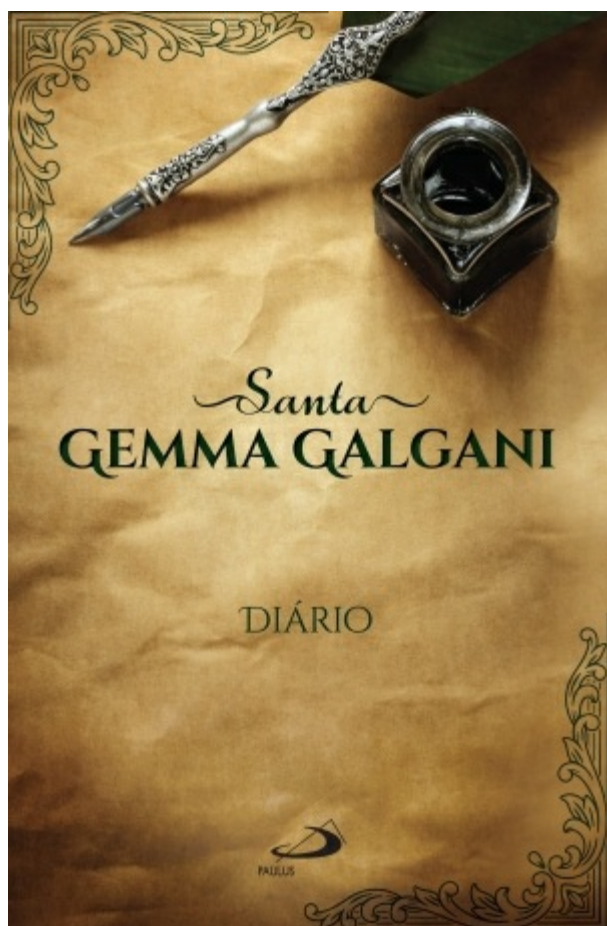
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)





# Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



# DOCAT

Vv.Aa.

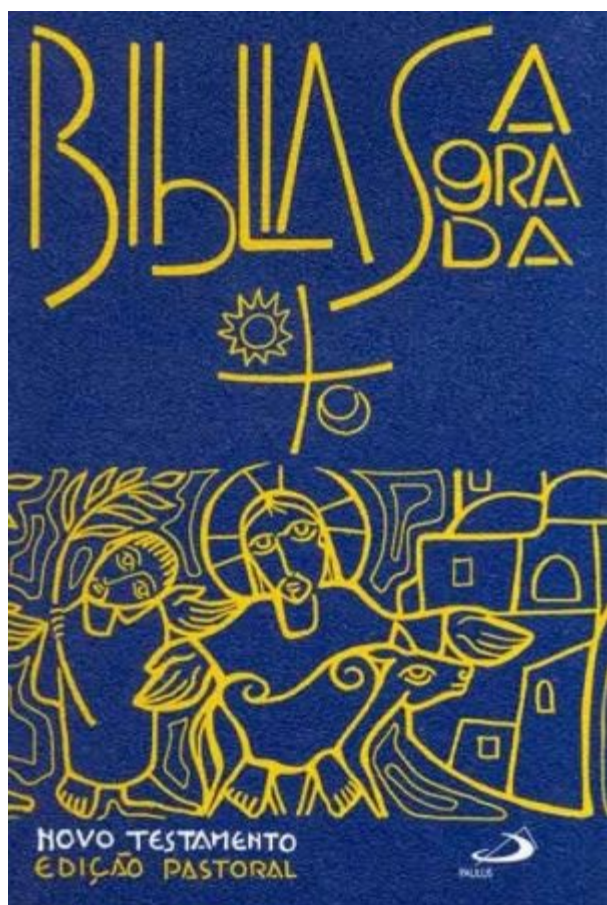
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



# Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

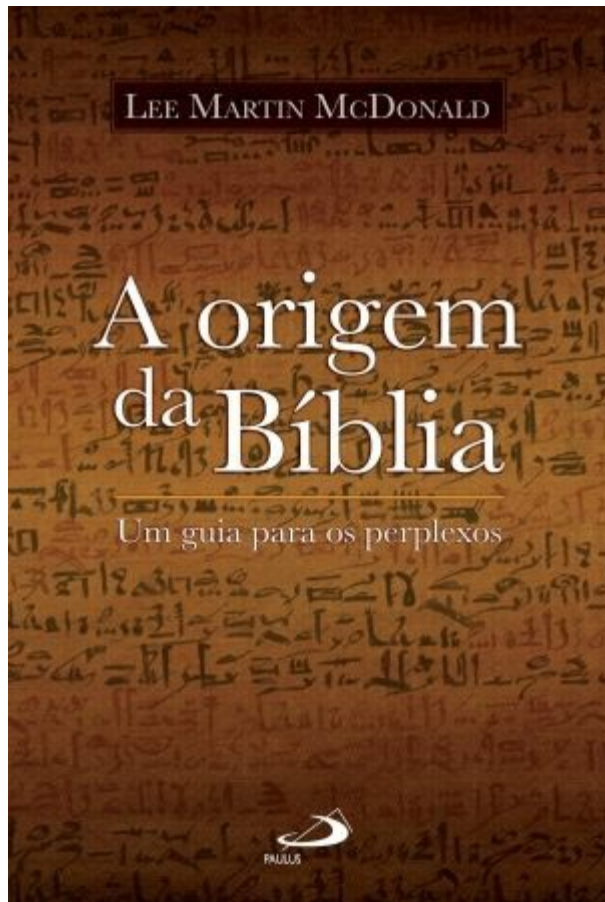
9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)



# A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

# Índice

Rosto	2
Apresentação	6
Vida da Santa Madre Teresa de Jesus	7
JESUS	10
Capítulo 1	11
Capítulo 2	13
Capítulo 3	16
Capítulo 4	19
Capítulo 5	23
Capítulo 6	28
Capítulo 7	32
Capítulo 8	40
Capítulo 9	45
Capítulo 10	49
1º GRAU DA ORAÇÃO	53
Capítulo 11	54
Capítulo 12	60
Capítulo 13	63
2º GRAU DA ORAÇÃO	70
Capítulo 14	71
Capítulo 15	75
3º GRAU DA ORAÇÃO	81
Capítulo 16	82
Capítulo 17	86
4º GRAU DA ORAÇÃO	90
Capítulo 18	91
Capítulo 19	96
Capítulo 20	102



Capítulo 21	110
Capítulo 22	114
Capítulo 23	122
Capítulo 24	128
Capítulo 25	131
Capítulo 26	138
Capítulo 27	141
Capítulo 28	148
Capítulo 29	154
Capítulo 30	159
Capítulo 31	166
Capítulo 32	175
Capítulo 33	181
Capítulo 34	187
Capítulo 35	194
Capítulo 36	199
Capítulo 37	209
Capítulo 38	214
Capítulo 39	223
Capítulo 40	231
Carta de Teresa	238
Coleção	239
Ficha Catalográfica	241
Notas	242